VANGA

SOBRE OS DESTINOS HUMANOS

Tradução: Amadeu António

Grok

VANGA SOBRE OS DESTINOS HUMANOS

«AS ALMAS SÃO TRANSPARENTES»

O nome da vidente e curandeira Vanga foi conhecido em todo o mundo durante décadas. Tanto pessoas comuns como aquelas que dirigem os destinos de países e nações pediram-lhe ajuda e conselho. Vanga partiu para o outro mundo aos 85 anos.

Vanga é chamada de vidente búlgara, mas na verdade era macedónia, nascida em 1911 em Strumica, na Macedónia do Vardar. Só se casou na Bulgária e foi lá que encontrou o fim da vida.

O nome completo de Vanga era Vangelija. Em grego significa «portadora de boas novas». E Vanga realmente o era, pois acreditava que o ser humano foi criado apenas para fazer o bem. A vidente começou a adoecer gravemente depois de, com o seu dinheiro, ter sido construída a igreja de Santa Petka. Os familiares afirmam que isso aconteceu porque uma parte da alma de Vanga ficou emparedada nas paredes do templo.

A futura vidente nasceu dois meses antes do tempo. As orelhas estavam coladas à cabeça e os dedos das mãos e dos pés grudados uns aos outros. A criança era tão frágil que a envolveram no estômago de um boi e em lã de ovelha não lavada e a colocaram ao calor junto ao fogão. Os pais aguardavam para ver se a menina sobreviveria até ao nono mês. Só então, segundo uma antiga crença popular, se podia dar um nome à criança.

Vanga cresceu em profunda pobreza, mas não se tornou nem má nem invejosa. Tinha uma enorme consciência do seu dever e da sua missão, assim como um admirável sentido de humor.

Já em criança, Vanga gostava de brincar aos cegos, e essa desgraça atingiu-a realmente aos 12 anos. Um tornado levantou a menina no ar e levou-a dois quilómetros dali. Os olhos ficaram cheios de areia. Operaram Vanga várias vezes, mas não conseguiram salvar-lhe a visão. As capacidades de vidência manifestaram-se cerca de dez anos depois.

Durante a guerra, Vanga casou-se com o soldado búlgaro Dimitar Gušterov. Sofreu muito por não terem filhos. Após a morte do marido, em meados dos anos 60, adotou duas crianças. Uma delas é hoje procurador.

Vanga anunciou a hora da própria morte com um mês de antecedência. Na noite de 10 de agosto de 1996, os médicos que a assistiam

constataram uma melhoria súbita do seu estado. Ela pediu pão e um copo de água. Depois pediu que a lavassem. Quando isso foi feito e a untaram com óleos e perfumes, Vanga disse: «Agora estou em ordem.»

Na manhã seguinte, por volta das nove, Vanga anunciou que os espíritos dos seus parentes falecidos tinham vindo buscá-la. Falava com eles e as mãos faziam movimentos como se acariciasse a cabeça de alguém. Às dez horas, Vanga, considerada a pessoa mais sábia do nosso planeta, partiu desta vida. Lutara três anos contra o cancro, doença que ela própria previra que a humanidade venceria. Vanga disse um dia: «O cancro será posto em grilhões de ferro.» Com isso queria dizer que o medicamento conteria muito ferro, cujo défice começará a manifestar-se no organismo humano. Haverá também remédios universais feitos a partir de hormonas de cavalo, cão e tartaruga, porque o cavalo é forte, o cão é resistente e a tartaruga vive muitos anos.

Vanga estava convencida de que a clarividência lhe fora dada por forças superiores, mas nunca disse quais eram essas forças. Apenas mencionou uma vez que elas lhe apareciam como figuras transparentes.

No fim da vida, Vanga profetizou que a humanidade viveria mil anos de paz e prosperidade. Oxalá esta profecia se cumpra tal como as outras!

Vinifreds Kraucis

O mundo de Vanga Rangels Ignatovs, escritor

Já passaram três anos desde a morte de Vanga, em 1996. À sua volta sempre fervilharam paixões: ganância, avidez por bens materiais e desejo de glória barata à sombra da sua aura, medo da sua clarividência, ânsia ardente de espreitar o próprio futuro e tentativas de a envolver na resolução dos problemas pessoais. Isso aconteceu porque Vanga viveu numa época em que o mundo assistia a uma luta apocalítica entre a doutrina estalinista da descrença, da intolerância e do ódio e a igreja do amor e da misericórdia de Cristo, num mundo dividido, ameaçado pela guerra nuclear.

Mas Vanga permanecia acima de tudo isso, misteriosa, incompreensível, inacessível aos nossos sentidos e razão imperfeitos. Talvez fosse um milagre da natureza que tirava o fôlego ou uma mensageira de Deus perante a qual se sente profunda reverência. Na aparência de uma mulher comum, vestida de negro, com um lenço preto na

cabeça, rosto pálido e olhos «sem vida» que nos observavam fixamente e viam distâncias incompreensíveis, Vanga encarnava algo sobrenatural e sobre-humano, um sinal enigmático de outros mundos. Contudo, não a conhecíamos, magoávamo-la e rejeitávamo-la, porque ela tomara forma humana como outro enviado de Deus, sobre o qual o Evangelho de João diz: «Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.»

Conheci Vanga na primavera de 1966. Tinha um serão literário marcado em Petrič e, já de tarde, uma vizinha pediu-me que levasse a Vanga um pouco de açúcar sobre o qual tinha dormido a filha dela e perguntasse se a filha se separaria do marido.

Apenas sorri com desdém. Já ouvira falar da «vidente de Petrič» e lera nos nossos jornais artigos de cientistas que a chamavam charlatã.

Perto de Petrič, entrou no meu compartimento um indivíduo barbudo, malvestido, que, ao saber que eu queria visitar Vanga, declarou que eu apenas perderia tempo. Era uma grande vigarista, com espiões em todo o lado, que enganava os crédulos.

Pelo meio-dia, aproximava-me da casa de Vanga por uma rua íngreme. Fiquei surpreendido com as multidões na rua e no terreno entre a casa nova de Vanga, a cozinha de verão e a vedação do vizinho. Entre os que esperavam predominavam pessoas simples, todas preocupadas, caladas, absortas em si mesmas, como quem aguarda um sofrimento atroz. Voltei a ver um barbudo, mas quando me aproximei para lhe perguntar qualquer coisa, o homem desapareceu. Encontrara em carne e osso aquela força obscura que lutava contra Vanga.

À tarde, havia ainda mais gente. Reinava um silêncio de templo. As pessoas conversavam em sussurros e pareciam dominadas por uma excitação febril. Naquele momento, do andar de cima da casa de Vanga ouviu-se uma voz estridente e desagradável.

– Já dormiu o suficiente – disse alguém. – Oxalá consiga lá chegar, já esperamos três dias – suspirou um velho de barba branca com um gorro de pele de carneiro gasta. Uma camponesa rechonchuda, embalando uma criança que choramingava, exclamou: – Meu Deus, o que será que ela me vai dizer?!

Na expectativa do mistério sacramental, as pessoas nem reparavam que falavam sozinhas, e só eu, no meio delas, me movia numa feliz despreocupação, porque não viera em busca de uma profecia. Podia ir-me embora a qualquer momento, mas não o fiz.

Passo a passo, aproximei-me da cerca de tábuas onde as pessoas entravam no quintal pelos portões. Vinham ao encontro aqueles a quem Vanga já dissera o seu veredicto. Uns vinham preocupados, outros perplexos, mas alguns voavam como se tivessem asas. A voz de Vanga agora era forte e sonora, sem vestígio do guincho anterior que me irritara. Notei como aquela voz me dominava imperiosamente e, embora tentasse rir de mim mesmo, sentia o medo que provoca o contacto com o desconhecido.

À minha frente estava um homem alto, com um sobretudo poeirento e uma boneca na mão. Perguntei-lhe por que viera. Contou-me que tinha estado ali recentemente com a mulher, porque não tinham filhos, e Vanga mandara-o voltar com uma boneca. – Sou funcionário de banco – explicou com um sorriso meio culpado e autodepreciativo.

Num estranho estado de embriaguez, entrei pela porta da casa, passei por um corredor estreito, ultrapassei a fila dos que esperavam e parei a dois passos de Vanga. De pequena estatura e muito gorda, vestida de preto com um colete, lenço preto na cabeça, estava à soleira da cozinha. Na cozinha havia uma mesa com uma lamparina de ícone acesa com chama tremeluzente, um ícone, um montinho de notas amachucadas e presentes. À mesa vi a irmã verdadeira de Vanga, Ljuba.

Fiquei ali uma ou duas horas, já nem me lembro bem. No crepúsculo que se adensava, as caras das pessoas mudavam como num caleidoscópio. Observava as suas expressões, ouvia as conversas, mas não conseguia tirar os olhos de Vanga, que se tornara o centro de uma poderosa força de atração. E eu, crente e descrente ao mesmo tempo, arrebatado pela fantástica mistéria de tudo o que via, lutava contra a corrente irresistível com que aquela mulher me dominava, até que de repente senti que flutuava no ar.

«O que é isto?», perguntei a mim mesmo, atónito. «Quem é ela para conseguir fazer algo assim?»

Agora já não consigo repetir literalmente o que Vanga disse. Foi gravada muitas vezes em fita magnética, mas nem a fita dá uma ideia completa da sua linguagem colorida, com a mistura do dialeto macedónio e palavras e expressões novas e frescas que ela colhia das pessoas que vinham de toda a Bulgária. Vanga não evitava expressões grosseiras; o que dizia podia ser categoricamente cortante ou sugestivamente impactante.

Vanga quase não gesticulava; ela era toda palavra e o olhar omnividente dos olhos baixos – sem pudor e terna, vulgar e compassiva… Parecia que à sua frente estavam crianças que era preciso curar, libertar das preocupações e do peso da alma, repreender ou afastar com raiva, para depois acolher no seu coração de mãe as suas dores e destinos. Vanga via como se estivesse na palma da mão a vida deles no passado, no presente e no futuro. Especialmente no futuro, até à fronteira do IMPREVISÍVEL e do INEVITÁVEL, inacessível à mente humana.

Num caso falava claro e dava conselhos sobre como tratar-se e o que fazer.

Quando já era tarde demais e o destino se cumpria naquele preciso momento, despachava o suplicante com poucas palavras: «Vai, o teu homem já está a morrer!»

O outro caso era o mais difícil, porque Vanga previa o que aconteceria nos anos seguintes e não estava ao seu alcance evitar. Nessas ocasiões falava em alusões vagas e omissões, para não destruir a vida das pessoas.

Pareceu-me ter descoberto o maior segredo de Vanga: ela nunca transgredia a fronteira do destino traçada pelo Poder Superior. Sobre isso Vanga já não tinha poder, e seria blasfémia se tentasse ultrapassá-la.

Agora tenho a certeza de que foi exatamente por isso que Vanga nunca revelou à filha do ditador comunista búlgaro Todor Živkov, Ludmila Živkova, com quem era amiga, o que a esperava. O destino de Ludmila já estava decidido.

Havia visitantes que Vanga despachava com poucas palavras, de mau humor e sombria. Ou não conseguia estabelecer contacto com eles, ou algo na vida deles lhe ficava oculto, ou – e isso parece-me mais provável – agia assim para não lhes dizer uma verdade insuportável. Eles saíam insatisfeitos e dececionados («não me disse nada, não viu o que me

atormenta»), mas os investigadores de Vanga registavam imediatamente isso como um fracasso dela. Acontecia na época comunista, quando se calculava em percentagem quantas profecias se cumpriam e quantas não. Como se fosse possível enquadrar Vanga numa classificação banal e sufocá-la nos moldes da ciência!

Ela estava e continua fora do círculo do conhecimento atual.

Enquanto isso, eu estava ao lado de Vanga e diante dos meus olhos corria o rio vivo do quotidiano – cómico, trágico e paradoxal como uma peça absurda.

Uma bela rapariga de Belgrado olha para Vanga com olhos cheios de medo e incompreensão, mas ela, com o pé firme no chão, repete tensamente as palavras da mãe falecida da rapariga. (Quantas vezes naquela noite Vanga já tivera de falar com os mortos!) Vanga menciona um grande dente de ouro que foi transformado em joia e brigas de familiares por causa da herança. Depois, já mais calma, aconselha a rapariga a não casar com aquele que anda atrás dela, porque é bêbado, mas sim com outro, chamado Mirko. Esse é mulherengo, mas Vanga declara firmemente: «Ouve o que te digo! A mulherenguice tem o seu tempo, mas a bebedeira vai até à beira da sepultura!»

A rapariga ainda não saiu quando Vanga já manda chamar Katerina, e entra a correr a camponesa rechonchuda com a criança ao colo. Vanga pega na criança e diz: – Ouve, Katerina, vais matar esse menino lindo com essas ervas de purga! – Mas o que é que ele tem, tia Vanga? – pergunta a camponesa a chorar. – É gripe com complicações. Vai já para casa e chama imediatamente o doutor Konstantinov! Têm bons médicos e eles têm bons remédios!

Um rapaz moreno e bonito, com um sorriso servil, aproxima-se de Vanga com um bloco e caneta na mão. Vanga explode: – Estás louco para me perguntar isso? Aqui há pessoas à espera com as suas doenças. Desaparece!

De repente, a voz de Vanga soa triste, numa compaixão comovente: – Vem, minha pobre mãe, eu sei que o teu filhinho morreu. Diante de Vanga ajoelha-se uma mulher vestida de negro, com o rosto lavado em lágrimas. Vanga acaricia-lhe os ombros e diz-lhe para não se entregar ao desespero, porque Deus ainda lhe dará filhos, e serão gémeos…

– Ai, querida Vanga, o meu marido bate-me! – queixa-se uma mulher magra. – Esse animal ainda me mata de vez! Devo separar-me dele? Mas e os filhos? Vanga olha para ela e pergunta: – Nenhum de vocês pensa neles! E tu também não és nenhuma santa, andas por aí com outros, por isso ele te bate!

O noite cai, e o fluxo de pessoas diminui. A uma mulher de casaco de pele e botas de couro Vanga diz com ironia que não precisava ter vindo ter com ela, mas sim com a parteira, porque a barriga inchada não é do marido, mas do amante.

A uma família angustiada cujo filho desaparecera há uma semana, Vanga anuncia com indizível compaixão que a criança se afogou. Vê a mão do menino entre as raízes das árvores no rio que passa pela aldeia deles.

A uma mulher coxa, Vanga dá conselhos sobre como curar o caroço no peito; a outra, gorda, de ténis e meias de lã descidas, quase a expulsa porta fora, gritando: – Andas com os trabalhadores da estrada e contagiaste-os com uma doença feia! A mulher, corada, estende um frasco de mel; Vanga hesita um momento, mas acaba por aceitar com um sorriso irónico e coloca-o junto aos outros presentes trazidos por pessoas honradas e desonestas, adúlteras e egoístas, mentirosas e fraudulentas. Vanga via a essência mais profunda e oculta de todos eles.

De repente, Vanga volta-se para mim. À volta dos olhos e da boca floresce-lhe um sorriso, e a minha tensão desaparece num instante.

– Rangel, porque estás a olhar para mim o dia todo? Dá cá o teu açúcar!

– Não é meu – disse eu, tentando escondê-lo, mas Vanga foi mais rápida. Esfregava um pouco de açúcar entre o polegar e o indicador e falou:

– Ela vai divorciar-se… Mas tu, se não tivesses tirado o apêndice, já estarias morto. (O apêndice já me incomodava há muito, e após mais um ataque de dores, fiel ao princípio de não adiar o que tem de ser feito, exigi que mo operassem.) Eh, céus! Vejo um carro a capotar, aqui passa uma mão… aqui uma perna. (Tinha sofrido um acidente perto da cidade de Vrana.) Ó céus! Quem são essas mulheres nuas no teu carro?

– Que mulheres nuas? – exclamei, enquanto os que estavam à volta riam alto. – Não havia nenhuma!

– Eu vejo-as! – retorquiu Vanga asperamente.

(Algum tempo depois encontrei no porta-bagagens do carro uma revista francesa com fotografias de mulheres nuas.)

– Tiveste um irmão – disse Vanga de repente.

– Nunca tive. Nunca!

– Eu vejo-o – repetiu Vanga.

(Mais tarde perguntei à minha mãe, e ela confessou que fizera um aborto antes de eu nascer.)

A conversa decorreu descontraída, em tom de brincadeira. Eu deixava-me levar facilmente pela tentação e era grande caçador de saias. Como todos os outros homens, considerava que tinha justificação por manter a família. Vanga apenas abanava a cabeça.

Vocês são todos mulherengos, homens e mulheres. Diz-me lá, como se cheiram uns aos outros? Piscam o olho?

– É difícil explicar. Sinto quando uma mulher… corre uma corrente entre nós.

Correntes demoníacas! Destroem famílias, e as crianças sofrem.

Vanga agarrou-me a mão e começou a contar o conteúdo do meu romance «Adeus, amor!», como se estivesse a ler o livro. Pouco depois, pareceu que a entidade que girava caoticamente diante dos seus olhos espirituais e o tempo real dos acontecimentos se fundiram com uma corrente cósmica. Tomada por uma excitação explosiva, Vanga bateu com o pé no chão e ergueu as mãos acima da cabeça. A sua voz tornou-se rouca e a linguagem incoerente. Observava-a espantado e, em febre, com um medo doentio, esforçava-me por não perder uma única palavra dela e por decifrar o seu sentido, porque pressentia que Vanga se lançara no meu futuro, e este corria a uma velocidade tão vertiginosa que ela não conseguia exprimi-lo em palavras.

O que está a acontecer, gemia eu em silêncio, o que é que ela está a dizer?! A irmã Ljuba observava atentamente os lábios de Vanga e traduzia: «Vais subir… em breve… um chefe qualquer… mulheres… vais sofrer muito… e a perna… viagens…» O resto não entendi, mas é para bem… para bem.

Basta, já chega – suspirou Vanga, já relaxada, e disse: – A minha alma está cansada.

Tenho a certeza de que depois, embora nos encontrássemos muitas vezes, Vanga nunca mais olhou para o meu futuro. Já o tinha visto e já me tinha avisado do bom e do mau. O bom acolhi com entusiasmo, mas no mau nem sequer prestei atenção. Considerava os meus deslizes conjugais algo perfeitamente normal e quotidiano. Afinal, muitos faziam o mesmo, portanto dificilmente seria algo condenável, quanto mais causador de desgraça!

A boa profecia cumpriu-se vários anos depois. Consolidei-me na literatura, ganhei reconhecimento e prémios. Ofereceram-me vários cargos de responsabilidade, pois demonstrara capacidade para liderar pessoas, inspirá-las e tomar decisões corretas. Veio o dinheiro, viagens ao estrangeiro, limusinas, villas e a consciência do próprio valor.

Mas o mau também se cumpriu, embora tenha chegido no fim. Há quatro anos, quando corria para apanhar um elétrico, choquei com uma jovem. Caímos os dois no passeio. Ela levantou-se ágil, eu também me ergui. Lágrimas corriam-lhe pelo rosto, e era bela como um anjo do mal.

– Machucou-se? – perguntei.

– Não tenho nada!

Só em casa descobri que tinha partido o colo do fémur. Seguiram-se sofrimentos e dores, oito operações, três limpezas de feridas, hospitais e muletas… E não havia o apoio, a compaixão nem o amor de uma mulher. Passei pelo inferno. Perdi também o meu dinheiro. Que maldição me perseguia? Que destino infeliz tinha Vanga visto ao anunciar que eu sofreria por causa de mulheres?

Não o sei. E talvez essa ignorância seja o segredo e a única justificação da nossa agitação e da nossa vida.

De manhã, Koce – um rapaz simpático, casado com a filha adotiva de Vanga e com quem eu também me tornara amigo – levou-me pelo pátio interior até Vanga para que me pudesse despedir dela. Ela, inclinada, varria um caminho pavimentado no meio de um jardim cheio de flores vistosas. Ia eu a fumar um cigarro quando, de repente, me atingiu um grito:

– Meu Deus, meu Deus, porque me impuseste esta cruz de ver as impurezas das pessoas? Já me enjoou, meu Deus!

Depois Vanga endireitou-se e perguntou:

– Vais-te embora?

– Sim, tia Vanga.

– Está bem… Só não voltes a ser mulherengo! Ouviste?

– Ouvi.

Um mês depois, tal como Vanga previra, fui reintegrado na patente de oficial do exército. Saiu também a segunda edição do romance «Adeus, amor!». Peguei num exemplar e fui levá-lo a Vanga de presente. Na página de rosto escrevera (tanto quanto ainda me lembro bem): «À tia Vanga, com a mais profunda reverência! És maior do que as célebres profetisas da antiguidade, Pítia e Cassandra. Uma falava de forma obscura e os sacerdotes interpretavam as suas palavras, a outra só previa desgraças. Tu falas claramente sobre tudo, todos os tempos te são acessíveis.»

Pouco depois, parti para a União Soviética com dois outros escritores para recolher material para um livro em coautoria. Percorremos aquele país incomensurável, vimos e vivemos muitas coisas. Nunca encontrei o forno de micro-ondas que Vanga me pedira, por isso comprei um ferro de engomar a vapor elétrico. Vanga gostava de presentes e alegrava-se com eles como uma criança.

Mal regressei a casa, entregaram-me uma revista ilustrada eslovaca chamada «Novo Mundo». Em duas páginas publicavam uma entrevista com o título «O radar secreto de Vanga» e fotografias dela. À pergunta da jornalista sobre como a vidente estabelecia contacto com pessoas que não estavam perto dela, Vanga respondeu mencionando-me. Naquele momento eu estava na União Soviética e «três vezes estive à beira da morte»…

Na costa do mar Cáspio, quando fotografava com água até aos joelhos entre erva alta, ouvi de repente um grito: – Não te mexas! Diante de mim balançava a cabeça dourada de uma víbora mortal. Mexeu-se, mexeu-se e desapareceu. – A cobra não o mordeu porque estava saciada e preguiçosa – explicou Vanga.

O nosso avião descia em Semipalatinsk. Naquela época era uma cidade fechada, pois nas redondezas faziam-se testes de armas nucleares. O avião perdeu o controlo, virou-se de cabeça para baixo e deslizou pelo campo relvado. Os pilotos disseram depois que as probabilidades de todos sairmos ilesos eram de uma em mil. Vanga disse outra coisa: – Salvaram-se porque era um dia bom.

Um dos maiores portos russos no oceano Pacífico é Nakhodka. Esta cidade de duzentos mil habitantes, nos tempos de Estaline, não passava de um único campo do Gulag, por isso viviam ali muitos ex-presidiários e os seus descendentes. Juntamente com a barmaid do clube internacional e duas amigas dela, bastante embriagados, fomos parar a um apartamento. Pela meia-noite, o meu colega decidiu ir-se embora e, para que não andasse sozinho, acompanhei-o. Num boulevard deserto à beira-mar, fomos de repente cercados por homens sombrios que gritavam: – Dá lá o dinheiro!

Hesitámos, e o chefe deles berrou: – Atirem-se a eles!

Mas naquele instante acenderam-se faróis e aproximou-se rapidamente um Volga preto com marinheiros da frota militar que nos procuravam por toda a cidade. Vanga disse depois que eu tivera sorte até com mulheres de vida airada.

Como recebera Vanga sinais do outro lado do planeta, com que recetores extraordinários os captara e qual era o seu fantástico campo de atração e memória quando uma pessoa era reconhecida apenas pelo nome, isso provavelmente nunca nos será dado saber.

Fui a Petrič levar a Vanga o presente e a referida revista. Lá soube que recentemente tinham chegado pessoas da Jugoslávia com uma proposta tentadora: em Belgrado construiriam um hotel, o andar nobre seria de Vanga e ela receberia honorários, enquanto eles ficariam com os lucros dos serviços, restaurantes e casino. Haveria grande afluência de estrangeiros. – Sou búlgara e o meu lugar é aqui – respondera Vanga. Embora evitasse criticar as autoridades e fosse leal ao sistema político búlgaro, por vezes admitia, amargurada, que a milícia a perseguia. Recentemente até tinham feito uma busca em casa dela à procura de não se sabe que prata. Além disso, obrigavam-na a receber personalidades importantes. – Arrancam-me do serviço religioso, mas esses… trazem as suas amantes para eu lhes ler a sina!

Em 1968, tinha ido visitar Vanga com o escritor Ivan Aržentinski. Sobre a mesa dela estava uma pilha de cartas de toda a Europa, mas não havia ninguém que as pudesse traduzir para saber o que as pessoas queriam dela. No estrangeiro não consideravam Vanga «um elemento parasita prejudicial ao socialismo». Bebemos uísque, e o rádio noticiava grandes manifestações de protesto em Praga. Sem a mínima reflexão ou tensão, espontaneamente, como se um clarão súbito a tivesse iluminado, Vanga disse: – Eles vão dividir-se em duas partes… Isso acontecerá pacificamente.

Cerca de vinte anos depois, a Checoslováquia dividiu-se em dois países – República Checa e Eslováquia.

As visões de Vanga eram claras e categóricas. Não usava símbolos como Nostradamus nas suas centúrias nem atormentava as pessoas com adivinhas, esperas e incertezas. Vanga nunca posava nem se deixava levar pela vaidade. Os problemas mundiais pouco a interessavam, pois dedicara-se por completo ao seu povo e considerava a sua vocação, a sua missão, prever para contar às pessoas as suas doenças e sofrimentos, animá-las e carregar a cruz delas. Parece que também ela chamava como o Salvador: «Vinde a mim todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.»

Vi a fé de Vanga, a sua convicção de que era uma mártir, a mãe de todos os búlgaros, manifestar-se quando, algum tempo depois, voltei a visitá-la. O quintal e a rua estavam vazios, só lá estava uma cabana onde montava guarda um miliciano. Do balcão ouviu-se a voz de Vanga: – Vem cá, Rangel! Vem ver o que os teus comunistas fizeram comigo! – Porque não há pessoas, tia Vanga? – Porque me proibiram de prever. – Não é bem assim – disse o miliciano pacificamente. – Há risco de epidemia. – E antes não havia? Eu quero falar com as pessoas, dizer-lhes das suas doenças! – gritou Vanga furiosa, entre lágrimas. Momentos depois acrescentou: – Hoje não estou com disposição. Vai ter com o Koce! Mas amanhã levas-nos a Melnik buscar cobertores de lã tecidos à mão.

Foi uma tarde sombria. O uísque não descia, a conversa não fluía. Pensava apenas em Vanga e em como era estúpida aquela decisão, tomada pelo menos ao nível do secretariado do comité central do partido comunista, de cortar as asas a Vanga, proibindo-lhe o contacto com as pessoas, que era o seu elemento. A motivação era clara: que desordem era

aquela, toda a Bulgária a falar de uma qualquer curandeira e a elevá-la aos céus?! Nós, comunistas, temos os nossos próprios ídolos: o primeiro líder, grande político de dimensão internacional e teórico do socialismo, que volume após volume publica as suas sabedorias. É a ele que se deve louvar, não a Vanga!

Os funcionários de Petrič, em vez de instalarem casas de banho para milhares de homens e mulheres se aliviarem, declararam risco de epidemia. Na capital inventaram que era preciso atribuir a Vanga um salário da Academia de Ciências e introduzir um sistema de marcações. Responderiam aos telegramas um conselho especial, e Vanga receberia apenas oito a dez pessoas por dia, para garantir a qualidade da «produção» de adivinhação. O movimento incontrolado, que se manifestava em quatrocentos, quinhentos visitantes à porta da casa dela, foi eliminado, e Vanga submetida ao imortal postulado estalinista de que as pessoas são apenas parafusos. Todos os trabalhadores da ciência, cultura, partido, agricultura, medicina e outros tinham de receber salário exclusivamente do Estado, para não abrirem a boca e serem obedientes. Abaixo o podre individualismo burguês!

As forças das trevas tinham vencido Vanga por um tempo, mas não conseguiram quebrar-lhe o espírito. O tempo mostrou que ela ficara para sempre no coração e na memória do seu povo. O nome e a obra de Vanga tornaram-se imortais ainda em vida.

Mais tarde encontrávamo-nos de vez em quando em casamentos ou batizados. – Nunca se deve recusar ser padrinho de casamento ou de batismo, é uma obra agradável a Deus – dizia Vanga. Sofria da vesícula biliar e provavelmente de outras doenças. O fardo que carregava aos ombros era demasiado pesado, mas ela suportava-o heroicamente.

Numa manhã de domingo, na cela do mosteiro de Rila onde encontrara solidão para escrever, entrou um jovem monge e anunciou que Vanga assistira ao ofício e agora me esperava junto à igreja. Encontrámo-nos, e ela mandou-me ligar o carro e ir atrás de um alemão que acabara de partir do mosteiro, para o procurar em Melnik. Vanga veio comigo. Perto de Pastra alcancei o Mercedes do alemão, onde ia também a intérprete, e Vanga tranquilizou o homem: a doença dele não era perigosa. No regresso perguntei: – Não me vais dizer nada a mim também? – Tu já sabes que isso se paga. – Outra vez a mesma coisa? – Outra vez…

Já me cansava que quase todas as vezes que nos víamos ela me repreendesse por causa das mulheres, por isso não me contive e disse friamente: – Então adeus, tia Vanga!

Ela não respondeu, apenas me olhou com aqueles olhos cegos, mas omnividentes.

Depois repreendi-me pela leviandade, mas faltaram-me forças para ir ter com Vanga e, de joelhos na estrada, pedir-lhe perdão. Contudo, nunca deixei de me interessar pela sua saúde e obra e a todos os amigos e familiares contava que fenómeno ela era. Acompanhei também a construção da igreja búlgara de Santa Petka no povoado de Rupite, pois Vanga erguia-a com o seu próprio dinheiro. O projeto fora desenhado pelos arquitetos búlgaros mais conhecidos, Lozanov e Tomalevski, e as paredes foram pintadas pelo grande artista Svetlin Rusev.

Cumpriu-se o antigo sonho de Vanga, e ela apressava-se porque sentia aproximar-se o fim. A esse respeito impressionou-me uma reportagem televisiva em que Vanga discutia com o metropolita local sobre a consagração da igreja. Pela primeira vez vi-a tão cansada e furiosa, mas ao mesmo tempo dignamente contida perante pessoas que não mereciam nem uma migalha do seu respeito. O metropolita era um homem jovem, deveria pensar de forma moderna, mas agarrava-se como um carrapato a cânones mortos e dogmas há muito apodrecidos: aqui algo não estava terminado, ali outro defeito. No conjunto, não lhe agradava nem a forma arquitetónica nem a pintura. Vanga disse então: – Tu, metropolita, consagra a igreja, que depois arranjamos tudo… Que fique como deve ser!

Nesse momento Vanga estava uma cabeça acima dos velhos da Igreja Ortodoxa Búlgara que, obcecados por rituais, hierarquias, mitras e escolástica, na sua impotência espiritual eram incapazes de compreender o sentido profundo que reside nas palavras de Cristo: «Quando orardes a Deus, não o façais como os hipócritas, porque eles gostam de orar nas sinagogas… para serem vistos pelos homens. Tu, porém… entra no teu quarto… e ora ao teu Pai em segredo.»

Com esta ferida sangrenta que os chefes ortodoxos infligiram a Vanga começou a cisão no seu reino de orgulho, intransigência e servilismo à letra, começou a sua queda e o nascimento de uma igreja búlgara moderna.

Lembrar-nos-emos de Vanga como santa, como profetisa e como curandeira, mas antes de mais como mensageira dotada pela providência divina, que veio lembrar-nos quem somos e o que nos espera. E ensinar-nos que é preciso amar o nosso povo e acreditar nele nos anos fatais.

A grande mãe búlgara deixou-nos o seu testamento: «Filhos, a Bulgária há de estar bem… As pessoas viverão bem!»

Acreditemos nela de todo o coração e trabalhemos para que estas palavras se cumpram.

Cura «Quero falar com as pessoas, dizer-lhes das suas doenças…»

A saúde é um dom precioso para o ser humano. Quando a tem, não valoriza especialmente esta riqueza e só percebe o erro quando a saúde se perde. Cedo ou tarde, as doenças atingem toda a gente…

Milhares, dezenas de milhares de pessoas vieram ter com Vanga com as suas maleitas em busca de ajuda. A doença era um dos principais motivos que levava as pessoas até à vidente. Para muitos, Vanga era a última esperança, o último raio de sol que prometia salvação.

Muitas vezes chegavam à casa dela com as forças esgotadas, frequentemente já à beira do desespero, e os sofredores aguardavam tremendo de medo as palavras de Vanga. Para eles soavam como uma sentença judicial, pois ela era a instância final. Diria o bem ou o mal, assim aconteceria. Ao chegar junto de Vanga, os doentes como que se colocavam perante a providência divina, tão grande e incontestável era a sua autoridade.

– Vais viver, não é cancro! – a omnividente afastava com a mão, e no coração do homem apertado por um terror negro subia de repente o sol, sentia-se como que regressado do além. – Não tenhas medo, eu curo-te! – consolava Vanga quem há anos se atormentava com a sua maleita. Dizia como se tratar, e – oh, milagre! – em poucos dias já se viam resultados. – Vão a Sófia e procurem o doutor Bratanov – dizia a vidente a pais desesperados que tinham percorrido muitos hospitais e médicos, mas não encontraram ninguém capaz de salvar o filho.

Os momentos mais difíceis para Vanga chegavam quando tinha de anunciar uma doença incurável ou algo que levaria a uma morte próxima. Essas visões impunham-lhe um fardo infinitamente pesado, e ela chorava

queixando-se: – A minha alma cansa-se de tanto tormento! – Como dizer a alguém que o espera uma vida inteira de sofrimento e dor? Como anunciar a uma mãe, com lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto, que o seu filhinho pode morrer a qualquer instante?...

Nessas situações complicadas, à clarividência de Vanga juntavam-se as suas notáveis capacidades de psicóloga. Em poucos segundos encontrava a forma mais acertada de transmitir a profecia, para que a pessoa não desabasse à sua frente ao saber da verdade insuportável.

Por vezes, contudo, não podia ocultar o estado do doente. Vanga via que os familiares estavam dispostos a dar tudo para salvar a pessoa querida, mas não haveria proveito, porque a doença era incurável e duraria anos. Para que não desperdiçassem dinheiro em vão, revelava a situação real e preparava-os delicadamente para as provações que os esperavam.

Acontecia que uma única palavra decidia se o visitante saía sorridente e cheio de esperança ou arrasado, mas conformado com o inevitável.

As capacidades curativas de Vanga ficaram, de certo modo, na sombra do seu fenómeno de vidente. Não foi por acaso que o povo a chamava de adivinha e não de curandeira ou ervanária. Contudo, quem olhasse mais atentamente para o seu dia-a-dia, preenchido pelas desgraças das pessoas, tinha de concluir que metade do seu tempo era dedicado à missão de curar. Vanga possuía o milagre da cura no sentido em que o conhecemos nos santos e nos profetas bíblicos. Mesmo que esse tivesse sido o seu único talento, já seria uma riqueza incalculável que oferecia às pessoas.

Quando acontece algo mau, quando a doença ataca, as pessoas estão dispostas a tudo para encontrar salvação. Até o incrédulo ou o ateu convicto se volta então para a fé e para Deus, que Vanga mencionava com muita frequência.

Nesta secção incluem-se vários testemunhos de pessoas que recuperaram a saúde graças às capacidades milagrosas de Vanga. Quase todos eles mostram pelo menos um episódio que comprova a sua incrível habilidade de curar. Tanto os curados como aqueles que Vanga não conseguiu salvar e a quem disse que o caso era desesperado falam dela com gratidão sincera e profunda reverência. Vanga é chamada enviada de Deus, dom do céu, milagre cósmico…

Havia várias formas pelas quais Vanga devolvia a saúde aos sofredores e os fazia regressar à vida. Em primeiro lugar, enviava-os a um médico concreto ou a um estabelecimento de saúde concreto; em segundo lugar, dava-lhes as suas receitas únicas, que à primeira vista pareciam conselhos de curandeiros de aldeia; e, em terceiro lugar, devolvia à vida doentes que os médicos já tinham «dado como perdidos», mas ela via que o diagnóstico estava errado e a doença não ameaçava a morte.

O testemunho de Marija Stefanova, residente em Pazardzhik, é prova de como o diagnóstico de Vanga diferia do dos médicos e de como indicou onde a doente devia procurar o médico que a salvaria. Pelas profecias de Vanga pode concluir-se que encontrar o «seu» verdadeiro médico também é um milagre.

«OS REMÉDIOS DO PROFESSOR»

Dizem-te que tens cancro, mas não é verdade Testemunho de Marija Stefanova, de Pazardzhik

Aos vinte e nove anos adoeci com uma doença difícil de tratar. Fossem quais fossem os médicos a quem recorria em busca de ajuda, tudo era em vão; ninguém conseguia chegar a um diagnóstico claro. Nas pernas e nos braços apareceram manchas horríveis que eu não conseguia esconder com roupa, e as pessoas perguntavam-me constantemente o que tinha.

Um dia li no jornal «Pogled» um artigo sobre Vanga e nasceu a esperança de que seria precisamente ela a dizer-me quem me poderia curar.

O meu marido telefonou para um amigo em Sandanski que conhecia Vanga, e este arranjou-me um encontro com ela. Peguei num pouco de açúcar e parti cheia de fé no coração.

Passámos pela fila de pessoas e entrámos em casa. Vanga começou a gritar de longe para o meu acompanhante: – Eh, onde foste arranjar essa mulher estranha?

O acompanhante aproximou-se de Vanga, beijou-lhe a mão, e a vidente disse-nos que esperássemos enquanto atendia mais algumas pessoas. Depois veria de mim…

Quando entrei em casa, as pernas tremiam-me de emoção. Só com esforço conseguia responder às perguntas mais simples: como me chamava, de onde vinha e porquê.

– Dizem-te que tens cancro de pele e capilares dilatados, mas não é, não é! – disse Vanga. – Vai já para Sófia, que lá encontrarás O TEU médico.

«Mas eu não sei como hei de encontrá-lo», pensei.

– Vai tranquila, vais encontrá-lo – disse Vanga, como se tivesse lido o meu pensamento, e acrescentou: – Quando estiveres de novo em casa, não te esqueças de tirar as amígdalas ao teu filho pequeno! Elas estão a estragar-lhe o coração, e as pernas também lhe doem.

O meu filho tinha cinco anos, adoecia frequentemente com inflamação das amígdalas, mas por causa da minha doença íamos adiando a operação. Agora cumprimos a ordem de Vanga. Depois de lhe tirarem as amígdalas, o menino ficou visivelmente mais forte e deixou de se queixar de dores nas pernas.

Naquela altura Vanga disse-me ainda outra coisa que quase já esquecera, porque passaram mais de dez anos.

– Porque cometeste esse pecado? Porque te livraste daquela criança? Teria sido muito inteligente.

Arrepiou-me um calafrio, porque aos dezanove anos fizera um aborto. Já tinha um filho, o marido estava no exército, e decidimos que naquela altura não teríamos outro.

Com esse meu pecado está ligado um acontecimento inexplicável. Na noite do dia em que fiz o aborto, estando acordada, tive uma espécie de sonho. Eu e a minha filhinha tínhamos o nosso quarto, e de repente apareceu no limiar uma mulher vestida de vermelho. Disse-me que eu pecara gravemente e que tinha de levar na Sexta-Feira Santa à igreja alguma oferenda, caso contrário Deus tirar-me-ia a minha filha.

Esta visão assustou-me muito. E assustei-me ainda mais quando pouco depois a minha filha começou a ter uma tosse feia. Só passou depois de eu cumprir o que a mulher do sonho me mandara.

Vanga lembrou-me isso. Perguntei pela minha mãe, como seria a vida dela.

– Não te preocupes, tudo correrá bem. Viverá muitos anos – respondeu Vanga.

A vidente tinha razão. A minha mãe tem oitenta e oito anos e vive saudável.

No dia seguinte fui a Sófia, onde morava o meu padrinho. Depois de lhe contar o que Vanga dissera, ele pegou imediatamente no telefone e começou a informar-se sobre os melhores especialistas em doenças de pele. Recomendaram-lhe o professor Ljuben Popov, consultor do Hospital Governamental.

Encontrei-me com ele já no dia seguinte. Examinou-me, pegou num livro da sua enorme biblioteca e escreveu uma receita que me salvou da doença aparentemente incurável.

– Guarda esta receita como se fosse o teu bilhete de identidade! – recomendou-me o professor.

Foi o que fiz, mas dei-a também a muitas pessoas para copiarem. Por fim, roubaram-ma juntamente com a carteira, e assim perdi essa receita preciosa.

Vanga abriu-me o caminho da salvação. Não só me devolveu a saúde, como me deu a fé em Deus. Essa fé que tem de crescer fundo nos nossos corações para sermos bons uns para os outros e conseguirmos suportar os sofrimentos que nos estão destinados na juventude, na meia-idade ou no fim da vida.

Lembro-me de um caso que presenciei enquanto esperava sentada à porta da casa de Vanga. Involuntariamente ouvi a conversa da vidente com uma visitante.

– Ai, Vanga…! – exclamou uma mulher num búlgaro quebrado. Devia ser da Jugoslávia.

– Eh, diz lá porque vieste e dá cá o açúcar!

– O meu filho está doente, vim perguntar por ele.

– Onde está agora o teu filho? – perguntou Vanga.

– No hospital – respondeu a mulher.

– E chamas àquilo hospital? Ele está num manicómio! Tem o cérebro doente. Não andes mais atrás de médicos e curandeiras, porque só Deus o pode ajudar! E agora vai!

A mulher começou a chorar e estendeu a Vanga uma nota amachucada de dez levs búlgaros.

– Não aceito, porque é o teu último dinheiro búlgaro – disse Vanga. – Guarda-o para a viagem de regresso.

Não acontecia muitas vezes, mas por vezes Vanga dizia a verdade dura de forma direta, clara e categórica, como acabámos de ler. Será porque a doença do rapaz era de natureza cármica, uma prova e um castigo para ele e para os familiares pelos seus atos? Mas que pecados poderia ter uma criança para carregar um fardo tão pesado de sofrimento? Por isso não foi por acaso que Vanga disse à mãe do rapaz que só Deus podia ajudar.

À primeira vista o caso parece desesperado. Mas não: a vidente indica o caminho da esperança, e esse caminho é Deus, embora pudesse ter dito à mãe do rapaz doente: – Nem Ele pode ajudar-te!

Portanto, a fé em Deus – não a fé ritual, mas a fé profunda do coração – possui um poder curador e milagroso imenso. Se a pessoa atingida pela desgraça, como neste caso a mulher com o filho gravemente doente, o compreender, mudar os seus pensamentos e ações, podem surgir hipóteses de ajudar o sofredor e, consequentemente, a si própria.

Vanga não comentava as doenças, apenas dizia o que a pessoa tinha de fazer. O grande mestre da vida búlgaro Petar Danov explicava-o assim: «Quando compreenderes que os sofrimentos são uma bênção com que Deus fala e age sobre ti, dentro de pouco tempo eles desaparecerão, mas tu ganharás grandes dons… Os sofrimentos despertam o pensamento, incitam o homem a pensar para encontrar as causas que o fazem sofrer. Então poderá eliminá-las.»

O cientista russo S. Lazarev escreve no seu livro popular «Diagnóstico do Karma»: «Quando o homem nega o amor a Deus, é a alma que mais se contamina, e essa negação é tratada no seu fundamento com doenças graves… A doença é remédio para a alma… Quanto mais pura for a alma do homem, mais rapidamente é punido pelos seus atos pecaminosos. Se for difícil purificar a alma e o homem não o conseguir, o castigo vem imediatamente e por muito tempo…»

A uma visitante preocupada com a saúde, Vanga inspirou coragem e esperança num instante: – Dizem-te que tens cancro, mas não é verdade!

Falando de uma mulher que morrera de cancro, Vanga caracterizou esta impiedosa doença moderna assim: – Aqui está o cancro!... Olhem onde ele está! Olhem, rasteja pela mesa! Saibam que o cancro é um bacilo!

O testemunho seguinte caracteriza mais de perto o poder da vidente de dizer a verdade cruel quando ela é inevitável. Vanga não enganava os familiares do doente com falsas esperanças, mas ajudava-os a reunir forças e preparava-os para a provação que os esperava.

Ele não se curará, mas viverá muito tempo Testemunho de Mara Taševa, de Nesebar

Tinha trinta anos quando o destino me deu um golpe terrível. Em 1973, o meu marido Stojan sofreu uma hemorragia cerebral que paralisou o lado esquerdo do corpo. Tinha apenas trinta e cinco anos e não conseguia conformar-se com aquele estado, repetindo todos os dias: – Tens de ir ter com a Vanga!

Em setembro fui a Petrič cheia de grandes esperanças. À porta da casa de Vanga esperavam pacientemente muitas pessoas. Segundo a lista, devia atender catorze, e só dependia dela aceitar mais alguém por exceção. Esperava que me dissesse algo consolador que alegrasse o marido e os filhos.

Por volta das duas da tarde terminou o atendimento para Vanga poder descansar, e as pessoas dispersaram. Eu, porém, fiquei, na esperança da sua compaixão. Os portões do quintal ficaram abertos por um momento, ganhei coragem e entrei. Encontrei a irmã de Vanga, Ljuba. Disse-me que naquele dia já não atenderia mais ninguém, mas a vidente chamou do jardim: – Eu sei porque vieste. O teu marido que fique onde está agora. (O marido estava no sanatório de Sveti Vlas, perto do resort Costa do Sol.) Foi por causa da tensão alta. Não o leves a lado nenhum nem gastes dinheiro. Não se curará, mas viverá muito tempo. Cuida dele e respeita-o, têm dois filhos.

Agradeci de coração a Vanga por, mesmo cansada, me ter dito aquilo. Tive a impressão de que ela, apesar de cega, me olhava. Vanga falava como se me visse. Sentia-me não diante de uma pessoa deste mundo, mas de uma santa.

Antes de me ir embora, decidi inscrever-me oficialmente na lista de Vanga. Teria de esperar muito tempo. Deram-me um número para outubro de 1974.

O tempo passou. Fui a Petrič tranquila, porque desta vez estava inscrita. Levei açúcar sobre o qual o meu marido tinha dormido e também os dois filhos.

Vanga apalpou o saquinho de açúcar e até deu um salto.

– Porque voltaste a vir ter comigo?! Não te disse eu há um ano que o teu marido não se curará, mas viverá muito tempo? Tens dois filhos. Cuida dele, respeita-o, mas não gastes dinheiro em remédios!

As palavras de Vanga deixaram-me muda, porque repetia literalmente o que dissera da primeira vez. «Então é este o meu destino», pensei, «e não vale a pena alimentar falsas esperanças. A minha vida daqui para a frente será o marido e os filhos.»

O meu marido doente viveu mais vinte e três anos.

Vanga era uma mulher nobre e generosa, sempre pronta a ajudar quem quer que fosse. Como uma santa, merece grande amor e reconhecimento.

Nem a todos a vidente revelava a má notícia. Sentia quem era e quem não era capaz de suportar a terrível verdade. No caso que acabámos de descrever, Vanga viu que não valia a pena esconder os factos. A esposa tinha de compreender claramente que o estado do marido não mudaria e que não fazia sentido gastar dinheiro em remédios. Com isso a vidente demonstrou a sua elevada moral.

O testemunho seguinte volta a comprová-lo.

Doente incurável Testemunho de Vasil Vasilev, de Pazardzhik

A vida envia ao homem várias provações, mas a mais difícil é a doença. Adoeci com esclerose múltipla, que provoca atrofia muscular. Sentia-me tomado pelo desespero e, em 1978, fui ter com Vanga.

Naquele dia esperavam à porta da casa da vidente centenas de pessoas, tanto inscritas como chegadas na esperança de serem atendidas. Entrei chamado por ela. Quando me queixei da doença, Vanga recomendou-me algo completamente insólito: que no verão expusesse bem as pernas ao sol e depois fosse a Sófia ter com o doutor Holevič.

Sabia que ele era ortopedista e estranhei que Vanga me mandasse ter com ele e não com um neurologista. (Mais tarde Holevič encaminhou-me para um neurologista, mas este já não pôde ajudar.)

Vanga disse ainda que aos trinta e oito anos eu seria promovido no trabalho.

Quando tinha trinta e oito anos, reformei-me por invalidez.

Tinha ouvido dizer que Vanga nunca revelava o mal que previa. Provavelmente por isso me enviou a um médico errado. Não por engano, mas para me fazer compreender que não existia especialista capaz de curar a minha doença.

Ou talvez quisesse preservar a minha esperança? Se nessa altura tivesse dito a verdade, como poderia eu viver sabendo que teria de estar doente toda a vida?

Esperança!

Quem não se ajoelhava diante da vidente com esperança no coração? Vanga era o símbolo da esperança e da salvação para todos os atingidos pela desgraça.

As pessoas acreditavam que ela as ajudaria, que não podia deixar de ajudar, porque era a própria encarnação da Esperança, da Confiança e da Salvação.

Muitos casos mostram, no entanto, que Vanga não era omnipotente. Não estava ao seu alcance mudar o destino, por mais terríveis que fossem os sofrimentos que esperavam a pessoa. Se era inevitável, tinha de acontecer. Vanga só podia alterar ou, mais corretamente, favorecer a mudança daqueles acontecimentos que o Supremo Intelecto – esse poder que, de acordo com a vontade de Deus, pode modificar o destino humano – lhe permitia.

Olhando para a essência das coisas numa profundidade inacessível ou inconsciente para nós, Vanga frequentemente refutava a ideia de que adoecer era fatal e anunciava que era tratável. Muitas vezes declarava também que o diagnóstico estava errado.

Nos momentos decisivos, por exemplo quando era preciso decidir sobre uma operação, Vanga ajudava o doente a fazer a escolha certa.

Vanga é o meu Deus e o meu salvador Testemunho de Miho Mikov, de Sófia

Em 1980 fui à policlínica de Sófia fazer o check-up anual. Com grande surpresa soube que tinha um aneurisma da artéria carótida, que não era tratável com terapêutica. A única salvação – uma operação.

Fui inscrito naquele hospital da capital onde só faziam operações ao coração e aos vasos sanguíneos, e mandaram-me assinar que concordava em ser operado. Não marcaram data, pois os médicos disseram que eu voltasse quando tivesse coragem.

A tensão atingiu o auge, abria-se o dilema: ou a operação, ou… Eu sabia muito bem que a artéria podia rebentar a qualquer momento como um balão de ar e uma hemorragia interna seria a minha morte certa.

Qualquer pessoa pode imaginar como me sentia na altura. À noite demorava muito a adormecer e pensava no que havia de fazer. Não era fácil tomar uma decisão, mas então, num sonho, surgiu-me a imagem da genial vidente Vanga. Só ouvira falar dela, mas decidi ir ter com ela.

No meu subconsciente acendeu-se uma faísca de esperança.

Naquele tempo, encontrar-se com Vanga era quase impossível. Contei a minha desgraça a uma colega, geóloga de profissão, e ela arranjou-me uma visita à vidente.

Vanga era exatamente como a vira no sonho. À porta da casa esperava uma fila de visitantes. Quando foram atendidos, abri a porta e perguntei se podia entrar. Seguiu-se uma resposta dura, em voz alta: – Entra, embora não seja a tua vez! Quem te manda? E porquê?

Senti-me culpado e calei que o encontro fora organizado por uma conhecida para eu não ter de esperar na fila.

– Dá cá o açúcar! – disse Vanga, e a sua voz inspirou-me respeito. Parecia que estava diante do tribunal do Senhor dos Céus.

Depois de apalpar os grãos de açúcar, Vanga, já mais calma, disse-me num tom mais suave: – Porque estás a sofrer tanto? – E continuou, como se visse todo o meu passado, presente e futuro: – Não é a artéria carótida, fica sabendo que não é… Terás outra doença, de homem, e serás operado.

Vanga disse-me ainda muitas coisas. No fim, ergueu as mãos ao ar e exclamou: – Vais viver muito tempo!

Naquele momento pareceu-me que ela dizia: viverás para sempre! Isso bastou-me de tudo o que dissera.

De regresso a Sófia não fui de carro, voei! Parecia-me que voltava como vencedor, como quem derrotara a morte para sempre e em definitivo! Decidi firmemente que não faria a operação.

Desde esse dia passaram dezoito anos e nunca mais adoeci. Isso confirmou brilhantemente a profecia de Vanga, pois eu, doente e quase condenado à morte, recuperei a saúde e a alegria de viver.

Há poucos meses adoeci com uma doença masculina – orquite – e foi necessária uma operação. Não hesitei um segundo, pois lembrei-me das palavras de Vanga. Tudo correu bem, cumpriu-se também esta profecia dela.

Não sei exprimir a minha gratidão a Vanga. Era dotada por dons de Deus. Era o meu Deus e o meu salvador. Falo dela com profundo amor, baixando a cabeça diante dela.

«Vais viver muito tempo!»

Palavras assim são como uma fonte que fortalece a fé e refresca a alma humana, ressequida pelo desespero mas ainda sequiosa de vida. A esperança transforma pensamentos maus em bons, e isso faz parte do poder milagroso da esperança. A uma pessoa em desgraça bastam poucas palavras boas, mas têm de ser ditas por Vanga, porque ela sabia e via tudo, e nunca se enganava.

Muitas pessoas, talvez sem se darem conta, iam ter com a vidente como quem vai a uma psicoterapeuta. Essas pessoas visitavam Vanga movidas pelo desejo de contacto, confiavam nela e queriam abrir-lhe e contar-lhe os seus problemas. É verdade que também havia quem, depois de pedir conselho a Vanga, nunca o seguisse. Mas Vanga, ao ver a pessoa, compreendia imediatamente os seus desejos e intenções ocultos. A vidente sabia de antemão quem seguiria as suas indicações e quem não o faria.

O que Vanga dizia tinha peso, mas por vezes as suas palavras eram ignoradas. Não davam ouvidos nem mesmo a ela, a Omnividente, embora

tivesse avisado que não se devia fazer isto ou aquilo, porque não resultaria. O testemunho seguinte comprova-o.

Vão a Praga, mas não servirá de nada Testemunho do pintor de Sófia Ljuben Bojadžiev

Há muito, muito tempo, em 1946, nomearam-me professor de desenho no liceu Javorov de Petrič. Ouvi muitas histórias sobre Vanga e parecia-me algo impossível. Mas um dia um conhecido levou-me a casa dela e fiquei completamente convencido das suas capacidades únicas.

Naquela época Vanga estava no auge dos seus poderes, com trinta e cinco anos. Era uma mulher bela, de rosto claro, testa alta e arredondada, cabelos castanho-claros, mas completamente cega.

Depois de uma longa conversa sobre a vida, que decorreu no seu quarto imaculado, Vanga virou-se inesperadamente para mim e pediu um grão de açúcar.

– Não tenho – disse eu, mas Vanga respondeu alto e convicta: – Tens, sim! Procura no bolso direito do casaco.

Fiz o que disse e, para meu espanto, lá estava um grão de açúcar. Vanga estendeu a mão e eu coloquei-lho na palma.

Vanga baixou a cabeça e apalpou o cubinho de açúcar com as pontas dos dedos. De repente atirou a cabeça para trás, cravou os olhos cegos no teto e gritou: – Ah, aqui foi assassinado um homem!

– Não, não, Vanga, esse açúcar é de outra família! – apressou-se a explicar o meu conhecido. – Nessa família foi mesmo assassinado alguém. Pus o açúcar no bolso do Ljuben às escondidas, sem ele saber.

– Está bem, está bem. Agora tu calas-te e ele ouve! – disse Vanga e começou a contar coisas que me deixaram de boca aberta.

Disse que eu estava em Petrič há pouco tempo e viera de Sófia. Que os meus pais viviam em Kjustendil. Que nesse momento via a nossa casa branca com um grande quintal e, perto, na rua, água a jorrar da torneira de um poço artesiano. Vanga disse que eu nascera em Bosilegrado, a quarenta e três quilómetros de Kjustendil, mas com a fronteira da Sérvia pelo meio. Que aos dez anos fugira de casa para estudar numa escola búlgara. Cinco anos depois toda a minha família se mudara para a Bulgária.

Tudo o que Vanga disse correspondia à verdade até ao mais pequeno pormenor.

– Sim, e posso alegrar-te, professor! Vais ser transferido para uma escola maior – anunciou Vanga no fim, sorrindo.

No outono desse mesmo ano fui realmente transferido para uma «escola maior». Tornei-me docente no Instituto de Formação de Professores de Kjustendil.

Passaram os anos. Casei-me e mudei-me com a família para Sófia. Mas então a minha filha de catorze anos começou a ter febre que não baixava durante meses. Foi tratada pelos melhores especialistas, receitaram-lhe antibióticos, mas não resultavam. Deram-me o conselho de a levar para o estrangeiro.

A minha mulher quis contudo que antes fôssemos ter com Vanga. E a vidente, no meio da multidão à porta de casa, disse à minha mulher: – Vieste por causa da filha? Mas vocês já têm passaportes estrangeiros. Vão a Praga, mas não servirá de nada. Daqui a um ano, em Sófia, o professor Bratanov ajudá-la-á.

Foi exatamente o que aconteceu. A minha filha esteve três meses a tratar-se em Praga, mas sem resultados. A temperatura mantinha-se nos trinta e oito graus.

Um ano depois lembrámo-nos do professor Bratanov que Vanga mencionara. Encontrámo-lo e trouxemo-lo a casa. Examinou a minha filha e deu-lhe o seu próprio termómetro para medir a temperatura. Estava normal.

– A partir de agora não precisa de tomar mais remédios nem medir a temperatura! – disse o professor em tom professoral. – Não estás doente, menina! Veste imediatamente a tua roupa mais bonita e amanhã vais para a escola!

Ao acompanhar o professor, expliquei-lhe como o tínhamos encontrado. Disse que fora Vanga quem nos indicara.

– Isso é muito interessante! – exclamou o professor. – Outros doentes também disseram que Vanga os mandara ter comigo, embora eu não a conheça. Essa mulher possui dons extraordinários!

Depois da visita do professor Bratanov, a nossa filha ficou completamente saudável. A febre desapareceu, a criança tornou-se alegre e sorridente. E tudo sem medicamentos! Talvez tenha atuado o poder da sugestão.

Nunca esqueceremos a ajuda que Vanga nos deu, essa personalidade fenomenal que tivemos a sorte de conhecer.

São incontáveis as situações em que Vanga enviou doentes a um médico concreto, indicando o nome e o local de trabalho. Como conhecia Vanga esses médicos? Quem lhe ditava que exatamente aquele médico determinado ajudaria a pessoa que estava diante dela?

A alguns visitantes Vanga explicava que a informação lhe era ditada pelos espíritos dos parentes falecidos dessas pessoas. Esse era um dos principais fontes do seu conhecimento, mas por vezes deixava entender, de forma indireta, que havia outros, dos quais sabia muito pouco ou nada. Vanga mencionava que entrava em contacto com certos «poderes», por vezes via cenas e outras tentava ler informação que era escrita num ecrã visível apenas para ela. Mas voltaremos a este tema mais tarde.

Ao enviar uma pessoa a um especialista concreto, Vanga costumava dizer: – Ele tem um dom de Deus.

É interessante notar que a maior parte dos médicos para quem Vanga enviava doentes ela não conhecia pessoalmente. Talvez visse as suas capacidades profissionais de forma telepática – em imagens, figuras e situações – ou recebesse a informação verbalmente, sob forma de pensamento. A sensoridade de Vanga era uma das manifestações mais complexas do seu talento, impossível de analisar com os meios do conhecimento atual.

Seguem-se mais alguns testemunhos interessantes sobre como a vidente enviava visitantes a um médico concreto.

Vão ter com o Dragoičev Testemunho de Marija Angelova, de Goma Orjahovica

Em 1979 nasceu-nos uma neta com insuficiência cardíaca. Durante dois anos a criança esteve em estado crítico e decidimos ir ter com Vanga.

À porta da casa havia uma multidão. Depois de dez dias fui atendida, e Vanga disse-me logo no limiar: – Eh, mulher, não tenhas medo, a tua

criança não morrerá! Precisa da ajuda de um médico. Vão consultar o Dragoičev!

Seguindo a indicação de Vanga, fomos ter com o professor Dragoičev, cirurgião cardiologista, e ele salvou a nossa neta. Agora ela tem já dezanove anos, saudável e de perfeita saúde.

O vosso filho será curado pelo doutor Marinov Testemunho de Vasil Kalčev, de Tărgovište

Eu próprio visitei Vanga em 1960, mas agora vou contar como o meu amigo Hristo se encontrou com a vidente. O que ele disse foi tão impressionante que o anotei.

«O meu filho adoeceu. Tinha dez anos. Todo o corpo se cobriu de feridas que coçavam e doíam dia e noite. Levei-o a dermatologistas, receitaram-lhe comprimidos, pomadas e loções, mas não melhorava.

Um dia meti o menino no carro e, o mais depressa que pude, dirigi-me a Petrič. Decidira pedir conselho a Vanga.

– Que venha aquele homem de Tărgovište! – ouvi-a dizer quando entrei no quintal. Pus-me diante de Vanga e ela começou a falar zangada: – Ouve lá, porque vieste ter comigo? Não sabes que na aldeia de Dragalevci vive o doutor Marinov? Ele não consegue falar porque não tem língua. Quando estudava na Alemanha disse que os alemães perderiam a guerra. Por isso prenderam-no, cortaram-lhe a língua e meteram-no num campo de concentração, mas ele sobreviveu. Agora o Marinov trata doenças de pele na Bulgária. Vai ter com ele, ele curará o teu filho!

Fomos imediatamente ter com o especialista indicado por Vanga. Era realmente mudo, mas ouvia e compreendia tudo. Escrevia as respostas num papelinho. Examinou a criança e receitou um remédio que ninguém antes sugerira. Era uma pomada.

Ao fim de três ou quatro aplicações as feridas começaram a sarar, as dores diminuíram e a criança voltou à vida normal. Hoje é um homem saudável, faz desporto. A sua cura deve-se em primeiro lugar a Vanga.»

Vão a Sófia ter com o doutor Nemski Testemunho de Ivan Stoikov, de Kresna

Em 1947 casei-me e nasceu-nos um menino, a quem pus o nome de Stojan. Viveu apenas quinze dias. Na altura eu estava em Petrič a tratar da minha reforma como inválido de guerra. A criança ficara em casa, na aldeia próxima de Caparevo. Quando telefonei para lá para saber como estava o meu filho, ouvi a resposta: – Estão neste momento a levá-lo pela praça da aldeia para a morada eterna.

As pernas fraquejaram-me. Não sei dizer quanto tempo fiquei dentro da cabina telefónica nem como regressei a rastejar a Caparevo.

Algum tempo depois nasceu outro filho, a quem batizámos de Vencislav. Infelizmente também ele começou a adoecer. Levámo-lo a médicos em Sandanski, Petrič e Blagoevgrad. Internaram-no no hospital de lá e eu regressei a casa. Mas o medo de perder também este filho atormentava-me, por isso a meio caminho virei noutra direção e fui a Petrič ter com Vanga.

Perguntando, encontrei a casa dela. Ficava no fundo do quintal, e todo o espaço livre desde a rua até à porta estava cheio de visitantes. Pus-me no fim da fila.

As pessoas falavam em voz baixa para não incomodar a vidente. Pouco depois calou-se até o sussurro, porque no alpendre aparecera uma mulher que levava a mão acima dos olhos. Ficou assim um momento e depois exclamou numa voz lamentosa: – Vão-se embora! Não vos posso atender!

Ninguém se mexeu. Eu disse: – Vamos à milícia pedir uma ordem para ela ouvir-nos!

Mas nesse instante ouvi a voz de Vanga: – Que venha aquele Ivan que tem um filho doente! Quero perguntar-lhe pelo meu afilhado Mozin.

Abri caminho por entre os que esperavam, que me olhavam com inveja. Quando entrei em casa, as primeiras palavras de Vanga foram: – Vieste por causa do Vencislav, Ivan? Respondi que sim, e Vanga continuou: – O primeiro filho morreu-vos. Mas não tenham medo, este será curado. Vão dar-lhe alta no hospital de Blagoevgrad e levá-lo-ão a Sófia ao pediatra Nemski. No caminho, na estação de Kočerinovo, entrarão na vossa carruagem três velhinhas que voltam do mosteiro de Rila. Uma delas levar-vos-á ao médico. No fim Vanga murmurou: – Espera-vos um caixão.

Na manhã seguinte fui a Blagoevgrad. Quando estava no cais, o correio entregou-me um telegrama. Com esforço consegui estender a mão para o receber, pois esperava o pior. Graças a Deus, não aconteceu!

O telegrama dizia que morrera a minha comadre Petra. Não sei se foi bem ou mal feito, mas alegrei-me. E nem fui ao funeral.

Deram alta ao filho sem quaisquer esperanças de que vivesse muito tempo. Juntamente com a mulher e a criança, metemo-nos imediatamente no comboio para Sófia. Na carruagem estávamos só nós os três. E então, para meu enorme espanto, na estação de Kočerinovo entraram as três velhinhas que Vanga mencionara. Começámos a conversar, perguntando uns aos outros para onde ia cada um. Uma das mulheres observava-me fixamente até que perguntou se eu não era da aldeia de Caparevo. Acontece que eu servira com o genro dela e ela reconhecera-me por uma fotografia em que estávamos os dois.

Foi essa mulher que nos levou ao doutor Nemski, que examinou o menino e o mandou para a ala pediátrica do hospital Aleksandar. Lá trataram-no e algum tempo depois deram-no como curado.

Temos agora filhos e netos, só não se percebe porque razão Vanga chamou ao nosso Vencislav «Mozin» naquela altura.

Esta profecia de Vanga é espantosa porque exprimiu o futuro na íntegra. Prova mais uma vez quão rica era, até nos mais pequenos pormenores, a informação de que a vidente se abastecia. Nada ficava desconhecido para Vanga, por isso indicava clara e precisamente às pessoas atormentadas o caminho que deviam seguir para resolver os seus problemas.

Houve também não poucos casos em que a vidente se exprimia de forma extremamente lacónica, mas o que dizia proporcionava uma ajuda inestimável às pessoas em desgraça.

A maior parte das receitas de Vanga é única. Vamos agora saber como Vanga curou uma criança com asma.

RECEITAS DE VANGA

«Não dou riqueza, só saúde…»

Folhas de malva contra a asma Testemunho de Anka Peizanova, de Belene

A minha filha Malina, quando era pequena, adoecia constantemente. Diagnosticaram-lhe asma e, além disso, a criança desenvolveu alergia a quase todos os medicamentos.

Em abril de 1989, a minha filha foi internada no hospital de Belene com pneumonia bilateral. Sofria de crises de asma e, por causa da alergia, os médicos não sabiam como tratá-la.

Tinha experimentado praticamente todos os remédios da medicina popular, mas sem sucesso. Quando deram alta a Malina do hospital, em maio fomos descansar a Sandanski. Alugámos um quarto a um casal mais velho.

Logo na primeira noite Malina teve uma crise de asma. Levámo-la à policlínica do balneário e o médico disse que o clima dali não era adequado para uma criança de cinco anos.

Os donos do quarto tiveram pena de mim e aconselharam-me a ir ter com Vanga. A irmã dela, Ljuba, morava ao lado e prometeu ajudar-nos. Embrulhámos numa toalha de papel uma colher de açúcar sobre o qual a minha filha dormira. A irmã levou-o a Vanga e depois informou-nos que a vidente nos receberia dois dias depois.

No povoado de Rupite, onde Vanga atendia na altura, estavam reunidas mais de trinta pessoas. Cada um esperava a sua vez conforme a lista. Alguns estavam ali há uma semana. Inscrevi-me e pus-me na fila.

Uma hora depois Vanga saiu e disse: – Que venha aquela criança de Belene!

Dentro do quarto, as primeiras palavras de Vanga foram que Malina não estava completamente curada. Contei-lhe a que médicos tínhamos ido e que medicamentos a filha tomara, mas a vidente cortou secamente: – Não lhe dês mais nenhum remédio!

Mandou-me colher cinquenta folhas de malva, secá-las e voltar em setembro.

Fiz o que mandou e no outono fui com a minha filha a Rupite. Vanga recebeu-me imediatamente, dizendo: – Que entre aquela criança de Belene! É a segunda vez.

Pediu as folhas de malva, colocou-as à sua frente, pôs as mãos em cima e assim ficou um bocado. Depois deu instruções: – Quando o tempo esfriar, durante quarenta noites seguidas coloquem uma folha na criança para dormir com ela.

Explicou ainda que cada folha devia ser embebida em aguardente aquecida e, numa noite, colocada no peito da criança e, na seguinte, nas costas. Por cima da folha punha-se jornal e um pedaço de tecido de algodão. Depois, com essas folhas devia fazer-se chá para acalmar a tosse.

Desde esse encontro já passou muito tempo. Malina tem agora quinze anos. Graças à receita de Vanga, não a atormentam nem a asma nem a alergia.

A mesma receita a vidente deu a muitas outras pessoas. É bastante conhecida, pois na medicina popular a malva é usada contra a asma. A diferença é que Vanga exigia que as folhas colhidas lhe fossem levadas e ela punha as mãos em cima delas. Talvez fosse exatamente isso que, em cada caso concreto, dava à planta um poder curativo especial?

Algumas receitas, por seu turno, causam profundo espanto pela sua singularidade irrepetível, pois, segundo os doentes, a vidente usava não só ervas, mas também palavras mágicas que conferiam aos vegetais capacidades milagrosas e transformavam água comum em água da vida…

Mel e violetas contra a prostatite Testemunho de Stefan Demirev, de Nova Zagora

Sofri durante muito tempo de prostatite crónica. Os meus sofrimentos duraram anos e tornaram-se cada vez mais intensos. Tratei-me em vários hospitais, mas sem resultados. Fui também a um curandeiro popular que me recomendou ervas, mas também não ajudaram. Estava à beira do desespero, pois de dores não conseguia dormir à noite.

Um dia o meu afilhado decidiu ir ter com Vanga porque na família dele não havia filhos. A vidente mandou-os a um médico de Stara Zagora e a mulher do afilhado ficou grávida pouco depois.

Mas isso foi mais tarde. Ao regressar de Petrič, o meu afilhado veio imediatamente ter comigo e disse-me algo que me deixou de boca aberta: – Quando Vanga me explicou o que fazer para terem filhos, disse de repente: «Tens um parente próximo chamado Stefan. Ele não está bem. Que venha ter comigo sem falta!»

Foi por volta do Natal de 1976. Eu estava a tratar-me em Hisarya, mas a minha mulher, professora, foi nas férias a Petrič. Depois de vários dias de espera, Vanga recebeu-a e começou logo a falar: – O teu marido está agora em Hisarya. Fez bem, mas o tratamento não ajudará muito. Têm de fazer o seguinte: na primavera colhe cem flores de violeta-do-campo, arranja cem gramas de mel puro de abelha e no início de maio o teu marido que venha ter comigo com essas coisas!

No início de maio fui ter com Vanga. Ela perguntou-me porque viera, eu disse-lho e ela pediu o mel e as violetas. Estávamos no quintal. Eu de frente para leste, ela de frente para mim. Pegou nas coisas, segurou-as nas mãos, virou-me as costas e começou a murmurar quase inaudivelmente numa língua incompreensível.

Alguns minutos depois virou-se novamente para mim e disse: – Quando chegares a casa, num dia qualquer ferve as violetas numa panela, despe-te completamente nu e deita essa água três vezes sobre ti. No mesmo dia come também o mel em três vezes.

Agradeci e fui-me embora.

Como não tinha uma fé verdadeira, hesitei em fazer o ritual que Vanga indicara. Mas ao fim de três ou quatro dias o estado piorou e decidi agir. E, milagre dos milagres, no dia seguinte estava completamente curado!

Para mim e para os meus familiares pareceu algo inacreditável. Quando contava, uns acreditavam, outros não, porque soava demasiado fantástico. Mas o facto é facto – fui curado de uma doença terrível.

Vanga conseguia salvar até quem não acreditava nela.

A vidente esforçava-se por ajudar os sofredores mesmo quando estes a tratavam com preconceito. Esses casos existiam e então ela ficava profundamente magoada. No caso do doente de prostatite, Vanga compreendeu que ele estava profundamente abalado pela doença e por isso não tinha consciência das dúvidas confusas sobre se o tratamento que ela sugeria daria resultado. A vidente via através das pessoas. Mas o mais importante para ela era ajudar, pois assim a pessoa tornava-se promotora do seu trabalho milagroso.

A este homem Vanga recomendou uma estranha combinação de violetas e mel, mas não uma receita pronta para ele fazer tudo sozinho; exigiu que os ingredientes lhe fossem primeiro trazidos. Só depois de ela ter «falado neles numa língua incompreensível» deu instruções concretas de utilização. Vanga praticava algo semelhante a um ritual, e também as ações que o doente tinha de realizar eram bastante enigmáticas. Tal como um alquimista que descobrira o segredo de transformar chumbo em ouro, também Vanga transformava mel e flores de violeta em remédio milagroso.

O que é invulgar é que a vidente mandou o doente comer todo o mel num só dia. Cem gramas é muito, e normalmente Vanga seguia outros princípios no uso deste produto curativo.

A uma mãe deu este conselho: – E não dês muito mel à criança! Nem manteiga em excesso! As nossas mães não nos mimavam com manteiga nem mel e não crescemos fortes e saudáveis? Mas o que sairá dos vossos filhos? Não falo dos teus, falo em geral. O que sairá deles?

A uma mulher a quem os médicos tinham dito que tinha cancro, Vanga disse: – Tu, mana irmã, não morrerás de cancro, não é cancro… Vais tomar mel, põe uma colherzinha de chá debaixo da língua e chupa devagar, devagar, não engulas logo como se fosse uma bola atirada ao estômago. Assim não, o mel faz mal. Pode ser muito saboroso e muito saudável, mas as pessoas nem sabem como se bebe água. É impura. Engolem um gole e acabou-se. Pega obrigatoriamente em mel de montanha, não de planície!

Muitos conselhos e receitas de Vanga surpreendem e despertam interesse. Aqui estão alguns que ajudaram doentes a curar insónias, nevralgias e outras doenças nervosas.

Coração de pombo e vinho contra insónias Testemunho de Elena Gruševa

Em 1954, a cunhada do meu marido, Taška, quando vinha de Strumica visitar-nos a Sófia, passou por casa de Vanga, com quem estudara na mesma escola e sentara na mesma carteira. Queria desabafar as suas mágoas e esperava que a vidente a ajudasse. O filho dela, Hristo, sofria de insónia total e andava pela casa toda a noite como sonâmbulo.

Vanga alegrou-se com a visita e, antes que a convidada conseguisse dizer uma palavra, disse: – Ouve, não chores nem te lamentes, mas em casa prepara depressa o que eu te mandar e dá ao teu filho. A doença passa, ele dormirá como um anjinho!

Taška chegou mais calma a Sófia, contou-nos o que Vanga dissera e no dia seguinte o meu marido começou a preparar o remédio. Foi a casa do amigo Čarli que morava ao lado e criava pombos de raça, explicou-lhe a situação e pediu-lhe um pombo cujo coração era necessário para o remédio indicado por Vanga.

Lembro-me bem como foi. Čarli arrancou a cabeça ao pombo no quintal junto ao bebedouro, tirou-lhe o coração e, ainda ensanguentado, meteu-o numa garrafa de vinho que a cunhada do meu marido levou no dia seguinte para Strumica.

Combinámos que ela começasse imediatamente a dar o remédio ao filho e nos escrevesse com os resultados.

Menos de duas semanas depois soubemos que o rapaz estava melhor, dormia, comia e estava mais calmo. Pouco depois o seu estado normalizou-se completamente. A profecia de Vanga cumpriu-se palavra por palavra.

A mesma receita Vanga deu também a Marija Dimitrova, de Sófia, que a visitou em 1963. Marija tinha os nervos em franja e Vanga mandou-a trazer um coração de pombo e duzentos gramas de vinho caseiro puro. Com isso a vidente prometeu fazer um remédio para acalmar o sistema nervoso. A visitante, porém, não obedeceu e não fez o que lhe mandaram.

A senhora Dimitrova contou, contudo, a receita de Vanga para tratar febre dos fenos.

Feno de montanha contra febre dos fenos, nevralgia e sustos O meu marido tinha um corrimento nasal incurável. Fizeram-lhe várias análises e

receitaram-lhe medicamentos, mas nada ajudava. Pedi conselho a Vanga e ela explicou que era febre dos fenos. No verão era preciso colher feno de montanha, cheio de plantas medicinais, e secá-lo. Quando o meu marido se sentisse mal, devia fazer inalações.

Vanga recomendou feno de montanha também a uma pessoa que sofria de nevralgia. Conta Ilija Mardov, da cidade de Goce Delčev, que visitou a vidente em 1969. Vanga disse-lhe: – Professorzinho, tens nevralgia e isso atormenta-te muito. A nevralgia não tem cura, mas não tenhas medo, dela não se morre. Costumas ir à montanha buscar lenha. Leva uma foice e corta lá erva! Ferve-a, espera que a água arrefeça e lava com ela a cabeça.

Fiz isso durante algum tempo e as dores de cabeça passaram-me.

O feno de montanha aparece em muitas receitas de Vanga para várias maleitas. Provavelmente porque contém imensas plantas medicinais cuja mistura cria um elixir milagroso. Com o caldo de feno de montanha Vanga curou também uma criança assustada que chorava à noite e não conseguia dormir. Conta Cvetan Genov, de Sófia.

O pequeno Kolo já não chorará No início de 1970, preocupado com o meu filho, fui ter com a famosa vidente a Petrič. Ao apalpar o cubinho de açúcar, Vanga repreendeu-me severamente: – Ouve lá, porque não esperaste a tua vez? Foram aqueles meus cães que te trouxeram, eu conheço-os… E sei também porque vieste, mas primeiro digo-te outra coisa. A tua mãe doente, Petranka, viverá muito tempo. Já o teu pai Koľo não está bem de saúde. É um ótimo sapateiro, mas eu preciso de sapatos baixos e leves, que se fechem só com uma fivela. Ah, os meus pés doentes há tanto tempo que anseiam por esse conforto! Quando chegares a casa, diz ao teu pai Koľo o que eu disse. Já não há muitos mestres assim…

Nesse momento Vanga interrompeu inesperadamente a conversa, o lábio inferior tremeu-lhe e num tom grave e zangado exclamou: – Lá fora estão duas madames muito compostas. Mandem-nas embora dos meus portões, que voltem para onde vieram! Eu não leio a sina a essas fifias!

Depois virou-se para mim e continuou no mesmo tom severo e professoral: – No trabalho lidas com crianças e jovens. Ainda bem que cuidas deles, não deixas que os insultem e batam. Por isso os chefes não te têm em grande conta, mas não tenhas medo deles… O teu pai casou-se

antes do irmão mais velho e deu-te o nome dele. Olha, aí está ele sentado ao meu lado, Cvetko ou Cvetan, e pergunta o tempo todo porque não foste ao túmulo dele há dois anos?

Tudo correspondia à verdade e senti um arrepio de frio naquela quente manhã de junho. A boca secou-me e por alguns instantes fiquei como que atordoado. Esta mulher fantástica sabia o que me acontecera desde a infância e, sem esforço, guiava-me através do tempo!

Enquanto eu tentava articular uma palavra, Vanga voltou a gritar: – Digam àquele rapaz da aldeia de Raždak que vá para casa! O seu potro morreu na ravina junto ao velho pomar. É lá que o procure!

Depois os olhos cegos semicerrados voltaram-se novamente para mim. – Ao teu filho, a quem deste o nome do teu pai, nada lhe acontecerá. Só tem medo de cães, de cobras e de fogo, mas isso passa. Vocês, pais e mães de hoje, tratam levianamente os medos das crianças… Tens de arranjar feno seco cortado em agosto. A tua mulher que ferva um balde de água, deite lá um punhado de feno e deixe ferver dez minutos. Lavem a criança e deitem-lhe por cima a água do feno já arrefecida. Façam isso sete vezes e o pequeno Kolo deixará de chorar.

Depois Vanga voltou a falar do meu trabalho e cada palavra era a pura verdade. Perdi a noção do tempo. Mas de repente Vanga baixou a cabeça, como se um peso a empurrasse para baixo. Pensei que queria ficar sozinha e só consegui dizer obrigado.

Já não me lembro como cheguei à rua, ao meio daquela multidão colorida e curiosa.

Em casa fiz tudo como Vanga mandara. Logo após a primeira sessão o menino dormiu mais calmo, tanto de noite como de dia, e já não chorava a dormir.

Infelizmente não cumpri o pedido da vidente. Ao meu pai faltaram forças e tempo para fazer os sapatos que Vanga encomendara na nossa primeira e última conversa. No outono ele morreu.

Figos torrados contra alergia Se quiseres, terás cinco filhos A tua carne está muito sequiosa Testemunho de Penka Caneva, de Silistra Ele está destinado a ser teu marido Testemunho novamente de Snežana Hristova, de Varna Na carta há uma cabana de pastor Vida fora da

clarividência Figos torrados contra alergia Testemunho de Penka Kraeva, de Kamares

O meu marido tinha manchas desagradáveis na pele por causa de alergia e perguntou a Vanga como se livrar delas. – Compra sementes de figo, torra-as como se fossem grãos de café e bebe uma chávena pequena. Serão os teus remédios. Não importa que sejam amargos, bebe!

Baste uma vez para as manchas desaparecerem para sempre.

Para cada maleita há a sua erva, costumava dizer Vanga.

Conservaram-se bastantes receitas de plantas medicinais recomendadas por ela, bem como outras que surpreendiam quer pelo seu envoltório ritual quer pelo conteúdo. Por exemplo, contra papeira Vanga dava estas instruções: furar com uma agulha papel azul de embrulhar e untar com pomada feita de mel, aguardente e incenso triturado. Colar os papelinhos atrás das orelhas e o doente ficaria curado em três dias.

Para rins doentes recomendava outro remédio. Deitar vinagre de maçã em argila de oleiro e amassar bem. À noite espalhar a argila num pano e colocar nas costas, mesmo por cima dos rins.

Contra infertilidade havia uma receita completamente invulgar. Na primavera pegar num punhado de terra levantada por uma toupeira e deitar água a ferver numa tigela. A mulher ajoelha-se junto ao recipiente e inala os vapores quentes durante 15-20 minutos.

Estas e muitas outras receitas não convencionais foram recolhidas durante longos anos pela afilhada de Vanga, Krasimira Stojanova. Estão compiladas no seu livro «A Verdade sobre Vanga».

Segue-se o testemunho de como a vidente curou uma alergia crónica de que um homem sofrera durante muitos anos e da qual já perdera a esperança de alguma vez se livrar.

Eu curo-te Testemunho de Kiril Batalski, de Izvora

Sofri mais de dez anos com uma alergia atroz. Todo o corpo se cobria de erupções, ficava vermelho como um lagostim, os olhos inchavam-me e sentia uma comichão insuportável. Percorri quase todos os curandeiros populares da Bulgária, experimentei as suas receitas, fui a especialistas em

doenças de pele, mas não melhorava. Estive internado na clínica da Academia de Medicina, onde me examinaram minuciosamente.

A última esperança era a vidente Vanga. Fui ter com ela a 27 de novembro de 1987 e fui recebido com as palavras: – Entra, Kiril, já sei porque vieste. Sofres de alergia, mas eu curo-te.

– Duvido que o consigas – disse eu. – Onde é que eu já não fui e o que é que já não tomei!

– Eu sei onde foste – respondeu Vanga e começou a enumerar os sítios que eu visitara. Parecia que me acompanhara o tempo todo.

Depois passou ao essencial.

– Sabes o que é um gral? – perguntou.

– Sei – respondi. – É um pedaço de madeira escavada onde os nossos antepassados moíam pimenta e sal.

– E sabes o que é soja? Pega em quinhentos gramas de soja e torra-a no forno até ficar dourada. Cuidado para não queimar! Quando os grãos arrefecerem, mói-os no gral até virar pó fino. De manhã deita uma colher de sopa de soja em duzentos gramas de água e bebe uma hora antes de comer.

– Durante quanto tempo tenho de fazer isso? – perguntei, e Vanga explicou: – Ao fim de três dias vem a reação: os olhos fecham-se-te e durante dois dias não verás nada. Mas não tenhas medo! Continua a beber até estares curado!

Dito e feito.

Bebi a soja diluída durante três dias, os olhos fecharam-se-me, continuei mais três dias e… em uma semana fiquei curado com o remédio de Vanga!

Desde então passaram doze anos e nunca mais tive uma crise de alergia. A santa vidente fez um milagre comigo! Graças a ela estou saudável como um carvalho.

Este é um caso notável. Uma maleita que durava dez anos desapareceu em uma semana como que por encanto. Será que o fator principal foi mesmo a soja, cujas propriedades milagrosas depois foram procuradas

durante anos por curandeiros e cientistas sem as encontrar? Ou foi a fé que Vanga instilou no doente? Afinal ela disse: «Eu curo-te!»

O homem passa a vida à procura da sua felicidade e, quando a encontra ou a descobre dentro de si, percebe que era algo muito simples ou acessível, só que não soubera vê-la. O mais curioso em todos os enigmas insolúveis é que a solução acaba por ser elementar.

O mesmo acontece com a fé, mas pelo lado oposto. Quando o homem a desperta dentro de si, só então começa a compreender o seu poder imenso.

O poder curador da fé «Sem fé o homem é apenas sangue e depois satanás…»

Pode-se falar muito do poder inspirador de Vanga. A sua incontestável autoridade de fazedora de milagres, testemunhada por milhares de pessoas, levava-as a tomar as suas palavras ao pé da letra, a acreditar nela sem pensar no significado nem analisar o que dizia. Esperavam de Vanga uma cura extraordinária e sobrenatural «com a ajuda de Deus» e talvez por isso acreditassem tão cegamente nela.

Na Bíblia está indicado em muitos lugares que a fé é sagrada e possui um poder milagroso: «E eis que uma mulher que há doze anos sofria de hemorragia, aproximou-se por trás e tocou na orla do seu manto. Pois dizia consigo: «Se eu apenas tocar no seu manto, ficarei curada.» Então Jesus voltou-se, viu-a e disse-lhe: «Coragem, minha filha! A tua fé curou-te.» E a mulher ficou curada naquela mesma hora.»

Aos visitantes Vanga dizia: «Vocês não acreditam em Deus, mas querem que eu vos ajude. Não venham ter comigo sem fé, porque NÃO SOU EU, É ELE QUE VOS AJUDA.»

A fé pôs Ličo Sabev, de Razgrad, de pé no sentido literal da palavra. Conta uma testemunha do acontecimento.

Vais deitar fora as muletas Enquanto esperava a minha vez, entrou um jovem de muletas. Na conversa soube-se que era ex-cadete de uma escola militar, sofria de uma forma de paralisia e há cinco anos tentava sem sucesso curar-se. Vanga consolou-o: – Não tenhas medo, meu filho! As tuas dores acabam em breve! O médico a quem vais agora vencerá a

doença e tu deitarás fora as muletas. Não ficará nem sinal dos teus sofrimentos.

Não acreditava nos meus olhos quando o jovem saiu do quarto de Vanga com as muletas na mão. Andava, coxeando um pouco, mas no rosto trazia uma alegria indescritível. As palavras encorajadoras e cheias de convicção de Vanga tinham atuado mais forte do que qualquer medicamento.

Medo, pessimismo e descrença são os maiores inimigos da psique humana. Bloqueiam as forças de defesa do sofredor e agravam os seus problemas. Esse estado é conhecido de todos os que alguma vez adoeceram. Por outro lado, a fé, o otimismo, a confiança de que tudo correrá bem mobilizam a vontade do homem, carregam-no de energia positiva e dão-lhe uma força inimaginável.

A fé inspirada por Vanga curou os meus doentes Testemunho do médico Georgi Čemišanski

Era a primavera de 1981. No meu gabinete do Hospital Municipal n.º 1 de Sófia, onde dirigia a secção de terapêutica, irrompeu o meu doente e amigo major Stojanov. Trabalhava no Ministério do Interior, era saudável como um carvalho, apenas um pouco nervoso. Sentou-se na cadeira e disse muito sério: – Doutor, amanhã de manhã temos de ir a Petrič. Tens de examinar a Vanga.

Olhei para ele sem compreender e perguntei espantado: – Que histórias são essas? Desde quando é que a Vanga me conhece? Vão ter com ela todo o tipo de figurões e agora escolheria precisamente a mim?!

Stojanov explicou tudo rapidamente. Eu já sabia que ele era de Petrič, vivera ao lado de Vanga e a conhecia desde criança. Infelizmente os seus chefes do ministério também sabiam e muitas vezes exigiam que lhes arranjasse uma visita à vidente. À maioria ele recusava, mas aos chefes principais não podia dizer que não. Na véspera levara um general, ela atendera-o e, ao despedir-se, dissera a Stojanov: – Não tragas mais gente assim, vais adoecer-me! Daqui a uns dias traz-me aquele médico do Hospital Municipal n.º 1 que te examina e trata! Quero que ele, por sua vez, me examine a mim. Estou doente, dói-me tudo!

No regresso a Sófia, o meu amigo contara isso ao general e este ordenara que na manhã seguinte pegasse num carro e trouxesse o médico a Petrič. Era preciso cuidar da Vanga, pois muitas vezes precisavam dos seus serviços.

Quando cheguei ao trabalho, já estava um Volga à espera à porta do hospital. Pelo meio-dia entrávamos em Rupite, onde Vanga atendia na altura. Entrámos no quarto e o amigo anunciou solenemente: – Tia Vanga, este é o meu médico! Dito isto, inclinou-se e beijou a mão da vidente.

– Senta-te, doutor, senta-te! Agora vais examinar-me a mim – disse Vanga, apontando para uma cadeirinha. – Não precisas de te examinar a ti. Estás saudável e os teus familiares também, está tudo bem com eles. És boa pessoa, os doentes gostam de ti e tu ajuda-los muito. Examina-me a mim, doutor! Doem-me os ossos, canso-me depressa. Também me dói o coração e muitas vezes fico tonta…

Olhava com interesse para aqueles olhos azul-claros cegos que pareciam ver através de mim. Como se não fosse eu a examiná-la, mas ela a estudar-me.

Fiz o exame médico o mais cuidadosa e sistematicamente possível. Não é todos os dias que se examina um fenómeno psíquico assim num corpo de pessoa comum. Por fim disse convicto: – Tia Vanga, na minha opinião estás completamente saudável. Não precisas de exames especiais nem de médicos. Aquilo de que te queixas vem do excesso de trabalho e da tensão.

– Da tua boca fala o próprio Deus. És bom e crente, doutor, e eu confio em ti. Mas posso comer de tudo?

– Sim, só menos pão e doces. Falta-te exercício e estás um pouco gorda.

– Doutor, mas à noite posso beber um golinho de uísque? – perguntou Vanga sorrindo. – As pessoas trazem-mo.

– Podes, tia Vanga.

– Vive saudável e com saúde, doutor! Que o Senhor te guarde!

Nesse momento Stojanov, que voltara a entrar no quarto depois do exame, disse numa voz muito suplicante: – Tia Vanga, ao doutor e a mim

também nos apetecia um golinho. Diz à irmã Ljuba que traga qualquer coisa!

– Ljuba! Dá uma garrafa a esse vigarista! Já o conheces, é assim desde pequeno. Sabe sempre como se insinuar.

Bebemos uísque, beijámos a mão a Vanga e voltámos para Sófia.

Nos meses seguintes começaram a aparecer no meu hospital pessoas de todos os cantos da Bulgária, bem como da Macedónia e outras repúblicas jugoslavas. E cada um dizia: – Fui enviado pela Vanga. Ela disse que você me ajudará.

O tratamento destes doentes foi na sua maioria bem-sucedido, mas eu sentia – e depois fiquei absolutamente convencido – de que os bons, por vezes inesperadamente bons resultados não eram apenas fruto da minha competência profissional. Um papel enorme, talvez até decisivo, tinha a fé que Vanga instilara nestas pessoas e que também se transmitia a mim.

Chegou o outono de 1982. Através de Stojanov pediram-me novamente que examinasse Vanga. Contei à minha mulher e ela insistiu em vir comigo. Não me admirei. A minha mulher também era médica, ouvira falar muito da vidente única e queria aproveitar a oportunidade de a ver.

E lá estávamos nós novamente em Rupite. Cena conhecida: diante da casa de Vanga espera humildemente uma multidão. A minha mulher ficou no carro e nós, eu e Stojanov, entrámos. Mal tínhamos passado o limiar, Vanga exclamou: – És tu, Stojanito? Trouxeste-me o doutor. Mas não vieram só os dois. Onde está a mulher do doutor?

– Está à nossa espera lá fora, tia Vanga.

– Que malandro, não tens vergonha de deixar a mulher lá fora? Foi para isso que ela veio, para esperar no carro? Trá-la cá para dentro!

Vanga pediu à minha mulher que entrasse. Esta piscava os olhos nervosamente e estava visivelmente atrapalhada.

– Senta-te, minha querida, e não ligues a esses homens! Que fazes de bom? – perguntou Vanga numa voz maternal e carinhosa.

– Sou médica – respondeu a minha mulher.

– Stojan, sai! Vou ser examinada pelos dois doutores! – ordenou a vidente.

Sentei-me na pontinha do sofá conhecido, Vanga pegou-me na mão e disse: – Doutor, examina-me agora! Tu sabes o que tens de fazer.

Examinei-a o mais cuidadosamente possível e concluí novamente que estava completamente saudável. Disse-lho, que não havia mudanças, como se a tivesse examinado na véspera.

– Gosto do que dizes, doutor, e acredito! É o próprio Deus que fala.

Depois Vanga voltou os olhos cegos para a minha mulher, ergueu a mão e começou a bater lentamente com o pé no chão.

– És bonita, doutorinha. O teu marido é um felizardo. Têm filhos?

– Duas filhas, tia Vanga.

– Terão um novo doutor. Mas que a pequena cante, não a impeçam! E a mãe, porque chora tanto? Dói-lhe a perna, está partida. Mas que não se preocupe! Sofrerá muito tempo e queixar-se-á, mas no fim curar-se-á. E aqui está também o pai, olha onde está, vejo-o. Todo ensanguentado, dói-lhe. Assassinaram-no. Ele fala… fala. Era um grande médico e encontrou-se com muitas pessoas importantes. Pergunta pelo Petar… Quer que lhe mandem saudações. E que plantem uma cerejeira junto à villa… Vejo também o tio-avô da tua mãe. Caiu no primeiro dia da guerra…

Vanga suspirou, os traços tensos relaxaram e a cabeça inclinou-se um pouco.

– Não perguntem mais nada. Vão-se embora e que tudo vos corra bem!

Agradecemos e saímos.

Era início de outono. A natureza ainda estava viva e fresca, a tarde chegou com um belo pôr do sol. No caminho eu quebrava a cabeça a tentar perceber como Vanga conseguira olhar para o nosso passado, presente e futuro. Ela sabia que uma filha estudava medicina e a outra, ainda estudante, cantava no coro da rádio. Vanga mencionou o falecido sogro, que fora um médico ilustre e morrera de hemorragia logo após uma operação ao pulmão. Vanga viu também o amigo dele, Petar, com quem

combatera na Hungria, e o tio-avô da mãe, que morrera no primeiro dia da Segunda Guerra Mundial na sua primeira batalha.

Nos anos seguintes Vanga continuou a enviar-me doentes. Todos tinham em comum o facto de nos olhos se lhes ler a fé inspirada por Vanga de que melhorariam, se curariam e viveriam.

Alguns meses após a nossa última viagem, Stojanov morreu subitamente e os meus contactos com Vanga cessaram. Mas nunca esqueci esta mulher extraordinária e esforcei-me por explicar o seu fenómeno.

Sendo médico, sei que a medicina é ciência, arte e vocação. Um verdadeiro bom curador possui as três qualidades. Sei também que em qualquer cardíaco, e especialmente nos doentes crónicos, se acumulam por via psicogénica vários fatores desfavoráveis que agravam ainda mais a sua saúde. Se um bom médico, que goze da confiança do doente, conseguir eliminar esses fatores, o estado do doente melhora notavelmente mesmo que a doença crónica não seja curada.

Estou convencido de que para muitos que procuraram a ajuda de Vanga foi exatamente a FÉ que ela lhes inspirou que teve o papel decisivo. Normalmente as pessoas raramente refletiam sobre as capacidades de Vanga, simplesmente acreditavam nela.

Quanto aos cientistas, teriam de realizar muitos experimentos e analisá-los objetivamente. Talvez algum especialista em parapsicologia conseguisse desvendar uma parte do segredo de Vanga.

«…Porque em verdade vos digo: se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: “Passa daqui para acolá”, e ele passará. E nada vos será impossível.»

O próprio poder curador da fé é um mistério. A fé no bem, na cura, na resolução feliz de uma situação complicada é fé em Deus, união espiritual com Ele, e isso faz milagres. Há centenas de casos em que pessoas foram salvas de doenças mortais pela fé em Deus ou em algum santo. Muitas vezes essa fé só desperta depois de os médicos terem declarado a sua impotência para curar o doente. Então a esperança revela-se mais forte do que o desespero.

A fé nas capacidades fenomenais de Vanga e na sua missão de ajudar as pessoas era uma forma especial de fé no divino. Para muitos a vidente

era uma enviada de Deus, esperavam dela a salvação dada pelo céu. E obtinham-na…

O Novo Testamento está cheio de exemplos do poder milagroso da fé, por isso Vanga incentivava a procurar respostas para perguntas difíceis na Bíblia, pois esta é a fonte primária de todas as verdades. É preciso apenas saber ler a Bíblia, ou seja, compreender o sentido do que nela está dito.

«E eis que dois cegos, sentados à beira do caminho, ao ouvirem que Jesus passava, gritaram: "Senhor, filho de David, tem piedade de nós!"… Jesus parou, chamou-os e disse: "Que quereis que vos faça?" Eles responderam-lhe: "Senhor, que se nos abram os olhos!" Jesus, cheio de compaixão, tocou-lhes nos olhos e imediatamente recuperaram a vista e seguiram-no.»

A sua linguagem é irrepetível Jornalista Dimitar Šumnaliev.

É impossível reproduzir a linguagem de Vanga. Falava no dialeto local e um especialista em dialetologia poderia registar por escrito o som da sua fala, mas nunca conseguiria transmitir as entoações e a música áspera da expressão, quando a raiva de repente passava a um riso quase infantil e palavras que mais caberiam num púlpito se misturavam com linguagem popular. A linguagem de Vanga era a música da franqueza – sem falsidade, pose ou enfeites. Quando necessário, o que dizia era como um murro. Na fala de Vanga manifestava-se um modo de pensar que não pertence a um comum habitante deste mundo. Porque esse habitante está preso nas correntes da vida quotidiana e lhe é negada a liberdade da providência. Na vida quotidiana a entoação depende sempre do estatuto do interlocutor.

A vidente que diagnosticava infalivelmente Professor Čavdar Dragoičev

Ouvi falar de Vanga pouco depois de, em 1945, ter regressado à Bulgária. Várias pessoas contavam coisas incríveis sobre as profecias desta mulher. Na altura, ocupado com os estudos, a pós-graduação e o início da prática médica, não prestei especial atenção e também pouco acreditava no fenómeno de Vanga.

Mas no início dos anos sessenta, quando abriram o novo centro de doenças cardíacas e vasculares, começaram a aparecer cada vez mais

doentes que esperavam exame e operação e apresentavam como último argumento: – Fui enviado pela Vanga.

Aos poucos comecei a admirar o conhecimento desta mulher, pois quase sempre o que ela dizia coincidia com o nosso diagnóstico e a necessidade de tratamento cirúrgico. Vanga, no entanto, não era categórica e costumava enviar os doentes com a recomendação: – Procurem o doutor Dragoičev, ele resolver-vos-á tudo.

Vanga enganou-se apenas uma vez, enviando-me um rapaz que molhava a cama à noite, mas mesmo aí tinha razão de forma indireta, pois eu encaminhei o menino ao especialista adequado.

Mas depois aconteceu algo que me fez refletir seriamente.

Na minha secção havia uma jovem com asma grave. O diagnóstico era claro e eu estava convencido de que, mesmo que a examinassem os dez melhores cirurgiões do país, todos diriam que era necessária uma operação. Mas aconteceu uma desgraça. Durante a cirurgia, um cirurgião jovem cometeu um erro técnico e, antes que os outros pudessem intervir, a mulher morreu de uma hemorragia maciça.

No dia seguinte estava na ronda na enfermaria onde estivera internada a doente que morrera na operação e, de repente, uma das outras doentes disse-me: – Doutor Dragoičev, sabia que a Vanga tinha dito a essa mulher para não se deixar operar? Que morreria se o fizesse.

Contei o que ouvira aos colegas e brinquei: – Vamos ter de contratar a Vanga como consultora! Todas as sextas-feiras levamo-la connosco nas rondas para nos mostrar quem é candidato a morrer. Assim teremos a melhor estatística cirúrgica!

Passou mais tempo e, no início dos anos setenta, os pais de um rapaz de Petrič operado com sucesso disseram-me que eu tinha obrigatoriamente de ir visitá-los. A Vanga queria muito conhecer-me.

Movido pela velha curiosidade, fui. Em Petrič disseram-me: – A Vanga está na casinha dela em Rupite. Espera-te amanhã à tarde.

Fui à hora marcada a Rupite. Na casinha pequena e arrumada, rodeada de canteiros de flores, Vanga costumava viver no tempo quente. Estava sentada num banco no jardim e, ao reconhecer-me, chamou-me imediatamente. – Olá, doutor, já te conheço há muito tempo! – disse

Vanga. – Fizeste muito bem às pessoas, salvaste a vida a muitas crianças, por isso quero ver-te de perto.

Primeiro falámos devagar, depois cada vez mais animadamente. Fiquei espantado com os conhecimentos de Vanga em cardiologia. Usava até termos médicos como «insuficiência» e «estenose». Duas horas passaram sem darmos por isso. Surpreendeu-me também outra coisa. Pelo menos quatro vezes Vanga perguntou-me se eu não tencionava ir para muito longe e não voltar. – Para algum lado além-mar!

Pensei: «Meu Deus, será que os serviços secretos a convenceram a testar-me?» Eu de facto viajava duas ou três vezes por ano ao estrangeiro para congressos científicos e adorava viajar. Na Europa só faltava a Albânia, mas para não regressar…

Respirei fundo e disse: – Tia Vanga, és muito boa. Os médicos respeitam-te por enviares os doentes a especialistas conhecidos, sem lhes baralhar a cabeça nem os curar com água benta. Por isso, por favor, não me leias o futuro nem me digas o que me espera!

– Mas porquê, doutor? Porquê? Espera-te sucesso e novos países.

– Não percebeste. Eu acredito em ti e é exatamente por isso que não quero saber de antemão o que me espera. Senão a vida perde a graça.

E assim terminou o nosso primeiro encontro.

Sentia que Vanga me tratava com simpatia e voltei muitas vezes a visitá-la. Um dia perguntei-lhe: – Tia Vanga, onde obténs a informação sobre os familiares e parentes das pessoas que vês?

– Como hei de explicar-te, doutor? És muito culto e não acreditarias – respondeu. – Mas eu consigo falar com as almas dos mortos e elas contam-me tudo o que depois digo aos familiares.

– E como são essas almas? Vê-las?

– Sim, vejo. Há duas espécies: boas e más.

– Como são?

– As boas são brancas, quase transparentes, e flutuam lentamente acima da terra. Talvez a um ou dois passos de altura. Mas as más são completamente diferentes – são sombrias.

Na altura não me esforcei por refletir seriamente no que Vanga dizia, mas com o tempo, acumulando factos espantosos, formei uma hipótese sobre a clarividência que exporei no fim do meu testemunho.

Tenho registadas muitas profecias de Vanga, mas contarei apenas algumas das mais impressionantes.

No final dos anos setenta ou início dos oitenta conheci uma pessoa extremamente interessante. Era um búlgaro que vivia há muitos anos na América, enérgico e bem-sucedido. Tinham-lhe retirado o baço e ele temia como viveria dali em diante. Ao saber que eu conhecia Vanga, pediu-me que o levasse até ela.

Sentámo-nos à mesa no quarto de Vanga e ela perguntou ao meu amigo: – De onde és?

– De Nova Iorque.

– Ah, é aquela cidade onde as ruas vão assim e assim (Vanga começou a desenhar no ar linhas verticais e horizontais). Mas devias viver no Texas. – Calou-se um momento e perguntou: – Mas o que é esse Texas?

Mais tarde Vanga contou ao meu amigo quem eram a avó e o avô, como se chamavam e de onde vinham. Disse que a mãe dele era divorciada, mas não por culpa dela. – Ela é uma santa! – E acrescentou que ele começara a construir um restaurante e um pequeno hotel em Nova Iorque.

A conversa continuou nesse tom.

– Tia Vanga, queria perguntar-te pela minha saúde – disse o amigo.

– O que tens? Agora estás saudável, operaram-te há seis anos.

– Há seis meses – corrigiu o amigo.

– Sim, sim, há seis, há seis… – disse Vanga um pouco confusa e começou a desenhar seis no ar. – Para a operação mandou-te provavelmente um judeuzinho pequeno, careca e de óculos? Quando voltares a casa, beija-lhe a mão, porque ele salvou-te da leucemia.

O amigo disse-me depois que Vanga descrevera exatamente o seu médico e acrescentara: – Quando voltares à América, manda-me pó para limpar tapetes e sabonete perfumado. Se não mandares, amaldiçoo-te!

Não há dúvidas de que o desejo dela foi cumprido.

E depois chegou a minha vez de agradar a Vanga.

– Doutor, o que vais fazer na Grécia? – perguntou. Três ou quatro dias depois eu de facto ia a um congresso lá e disse-lho.

– Ótimo. Então traz-me uma árvore de borracha!

– Mas, tia Vanga, para que precisas disso? Posso trazer de Sófia.

– Podes, mas não será a que eu quero. Traz-me uma com tronco de nylon e folhas postiças. Quero uma assim!

(Andei três dias à procura em Atenas até encontrar num mercado o que ela pedira.)

De repente todos ficaram petrificados, porque Vanga exclamou: – O que é isto? Vejo aqui um caixão!

Já sabíamos que assim ela anunciava a morte de alguém próximo do visitante. Pouco depois morreu uma afilhada de alguém que estava presente, que sofria de leucemia há muito tempo.

Tenho um bom amigo em São Petersburgo, que antes se chamava Leninegrado. Desapareceu-lhe uma sobrinha bonita e jovem. Procuraram-na por toda a antiga União Soviética e não a encontraram nem viva nem morta. Antes de a mãe da rapariga se dirigir a mim, já tinha ido ter com Vanga. Esta escutou-a e disse: – Não a vejo entre os mortos. Se não a encontrarem, daqui a um ano mandem-me uma fotografia dela.

Deram-me a fotografia e voltei a ir ter com Vanga.

– Olá, doutor! Vens por causa de uma rapariga nova? – foram as palavras com que me recebeu.

– Sim, tia Vanga. É de Leninegrado.

– Lembro-me, lembro-me. É aquela cidade com muita água. Não apareceu?

– Não. Por isso trouxe a fotografia, como disseste.

Como cético endurecido, pus a foto na mesa virada para baixo. Afinal é cega, cega, mas talvez veja… Vanga não se perturbou. Tocou na fotografia, descreveu exatamente o aspeto da rapariga e disse pensativa: –

Então não apareceu… Mas não a vejo entre os mortos. Diz aos pais dela que nasceu uma pessoa…

– Um filho dessa rapariga? – exclamei.

– Não me interrompas! – atirou Vanga zangada. – Nasceu uma pessoa que um dia aparecerá diante deles e contará tudo.

Anotei cuidadosamente o que Vanga disse e enviei uma carta para Leninegrado. No ano seguinte veio a mãe da rapariga e fomos juntos a Rupite.

– Doutor, o que trouxeste desta vez?

– A mãe daquela rapariga.

– Ah, sim, daquela grande cidade russa. Não apareceu?

A mãe abanou a cabeça. Vanga disse: – Vamos ver outra vez… Bonita, cabelo castanho-claro, vestidinho azul. Saiu de manhã… mas porque sem mala?

– Já tinha feito os exames de admissão à universidade e ia ver as classificações.

– E porque sem relógio?

A mãe pensou um momento e respondeu espantada: – O relógio estava avariado e ela deixou-o na mesa de cabeceira.

– Olha, aqui a vejo – vai, vai e de repente desaparece debaixo da terra. Agora já não a vejo.

Trocámos um olhar com a mãe e percebemos que a rapariga entrara numa estação de metro. Mas Vanga continuou: – Não, não a vejo entre os mortos. Não percam a esperança! E quem é Leonid? (Na Bulgária este nome é muito raro.) Fica sabendo que depois de ti, do pai e da avó é ele quem mais ama a rapariga.

Quando saímos, a mãe disse-me: – Se soubesses o peso que me tiraste do coração! Leonid foi o primeiro namorado da nossa filha e até agora suspeitávamos que ele a tivesse matado!

A rapariga ainda hoje não apareceu, mas a mãe espera pacientemente.

Em Varna tenho dois bons amigos. I. é inteligente, bem-parecido e aos vinte e seis anos, depois da escola naval, já era terceiro oficial de capitão; o outro, E., é apenas um bom rapaz.

Uma vez os dois estavam de visita em minha casa em Sófia. Tinha de ir ter com Vanga e levei-os comigo. Fazia calor, ela recebeu-nos na casinha de verão em Rupite e disse logo a I.: – És um rapaz inteligente, mas não acreditas em mim. Contudo vou dizer-te que a felicidade não te espera no mar, onde andas sempre a navegar.

– Onde então? – perguntou o amigo.

– Como não acreditas em mim, não te digo. Mas o doutor é teu amigo, nele acreditas com certeza, por isso ouve o que ele te disser.

Também E. queria saber algo, mas Vanga limitou-se a dizer: – És um bom rapaz e vejo tudo muito bom para ti.

Regressámos a Sófia e o amigo I. ficou pensativo. Começámos a refletir onde poderia estar a sua felicidade. Depois de pensar um bocado, disse-lhe: – Ouve, és um excelente marinheiro, mas em terra não se navega. Tens de encontrar uma profissão onde a tua formação de marinheiro seja útil!

E de repente lembrei-me de que existia uma, muito rara e valiosa: direito marítimo! Na Bulgária havia apenas um especialista assim – o professor Jankov. Os seus pareceres eram respeitados até pela seguradora marítima mundial «Lloyd's».

– Tens de estudar direito! Provavelmente aí está a tua felicidade.

O amigo inscreveu-se no curso por correspondência da faculdade de direito, terminou-o com distinção e, pelo que sei, tem agora em Varna uma firma próspera.

Quanto a E., ficou apenas um bom rapaz.

No fim da vida Vanga investiu toda a sua energia e dinheiro na construção de uma igreja em Rupite. É pequena, com formas e planta típicas da Bulgária, mas ao mesmo tempo completamente invulgar, com uma espécie de corrente cósmica. As pinturas murais foram feitas pelo grande artista búlgaro Svetlin Rusev. Esta igreja é considerada o testamento espiritual de Vanga.

Vi-a pela última vez um ano antes da morte. Uma conhecida minha, senhora de idade respeitável, pediu-me que a levasse a Vanga. Logo no limiar começou a queixar-se das suas muitas maleitas. Vanga, cansada e envelhecida, escutou-a pacientemente e perguntou: – Mana irmã, quantos anos tens?

– Uns oitenta. (Na verdade tinha oitenta e sete.)

– Eh, és apenas velha – disse Vanga.

Há uns trinta anos, quando conheci a vidente, escrevi e depois destruí um conto de ficção científica. O enredo era mais ou menos este.

Cada criança ao nascer recebe um computador pessoal que «aprende» com ela e acaba por se tornar uma cópia computorizada dessa criança e, mais tarde, do adulto, porque assimilou os seus hábitos, pensamentos e caráter. Quando a pessoa morre, o computador fica e assim se resolve o problema da imortalidade.

Porque destruí o conto? Não conseguia imaginar que esse computador pudesse tornar-se vivo e possuir aquilo de inefável que habita em cada ser humano e que chamamos alma.

Em São Petersburgo há um instituto especial que estuda vários estados paranormais. Tentam explicar o fenómeno dos médiuns e sensitivos, bem como o mistério do campo energético humano. Fizeram muitas descobertas interessantes que provam sem dúvida a existência da alma. Mas o mais fascinante aconteceu quando colocaram num aparelho complexo com inúmeros sensores não uma pessoa viva, mas alguém que acabara de morrer.

Foi uma sensação!

As manifestações bioelétricas continuaram, alternando ritmicamente impulsos diurnos e noturnos. Em algumas áreas o campo energético do falecido era até mais intenso do que em vida. Mas aos poucos foi-se extinguindo e desapareceu completamente… no nono dia após a morte!

Não me dava paz a ideia da clarividência de Vanga e do seu contacto com as almas dos mortos, por isso tentei criar a minha própria hipótese científica.

Graças a Albert Einstein e aos seus seguidores, sabemos hoje que o Universo é um campo energético infinito, cujas diferentes formas de energia se transformam umas nas outras e até em matéria. (Lembremo-nos da lei da equivalência entre energia e matéria!) Se for realmente assim, cada objeto neste meio provoca uma deformação energética individual, algo como a sua própria impressão digital. Aceitando que a hipótese é correta, olhar para o passado já não apresenta dificuldades.

Mas e o futuro? Aqui entra o determinismo dos acontecimentos, baseado no cruzamento de duas leis diferentes. Nesse ponto surge o acaso, que se torna determinante. Mas este pode ser influenciado pelo fator da liberdade de vontade e, nesse caso, o futuro torna-se mais indeterminado, mais difícil para o cérebro de Vanga resolver a equação seguinte. Mas será que existe realmente liberdade de vontade? É uma questão complexa.

De alguma forma, Vanga e pessoas como ela possuem a capacidade de captar essas deformações do campo energético e «ver» algo que não está ao alcance da maioria das pessoas.

Será que nessas deformações ou «impressões digitais» está também presente a alma?

Vanga responde afirmativamente, embora a ciência moderna ainda não tenha descoberto esse tipo de energia. Mas o que fazer com a segunda lei da termodinâmica, que afirma que todas as formas de energia se transformam em calor e este, por sua vez, em entropia (o caos universal)? Talvez essa lei não seja universal e não se aplique à energia psíquica. Eu, por exemplo, desde os tempos de estudante nunca consegui aceitar essa lei, porque, existindo a infinidade no tempo e no espaço, o Universo já há muito se teria tornado uma substância inanimada.

O grande fisiologista alemão do século XIX, de apelido francês, Dubois-Reymond, tornou-se famoso pelas suas muitas descobertas, mas no fim caiu em desespero perante a infinitude e a harmonia absoluta das leis do Cosmos. Isso levou-o a exclamar: «Ignoramus, ignorabimus!» Que em latim significa «Não sei e nunca saberei!»

Vanga, com os seus recetores únicos, sabia ou, mais corretamente, captava o que estava vedado aos outros.

Muitos são os chamados, poucos os escolhidos. A iluminação divina vem apenas sobre estes, e as obras de Vanga mostram que ela pertencia ao número dos escolhidos. Fora-lhe dado o segredo da cura, com que outrora foram famosos profetas e santos; sabia fazer muitos milagres benignos e conhecia verdades ocultas para nós.

Uma dessas verdades diz respeito à vida e à morte. Com os seus recetores únicos, a vidente via até onde chegava o caminho da vida de uma pessoa, onde e como ele se interromperia. Essas cenas eram tão variadas como os destinos humanos. Acontecia que partir deste mundo estava destinado também por causa de uma doença incurável.

Doenças fatais «Vejo um túmulo! Mas isso espera por todos nós. O Senhor leva uns mais cedo, outros mais tarde.»

Pesado é o fardo da vidente. Diante dos seus olhos espirituais desfilam imagens sombrias de cataclismos, catástrofes, desgraças e infortúnios. Ela vê tudo, sabe quase tudo, mas nada pode mudar.

À porta da casa de Vanga muitas vezes estavam pessoas cujos entes queridos sofriam de doenças graves ou incuráveis. Esperavam dela apenas duas palavras – «ele viverá» –, mas nem todos os sofredores estavam destinados a curar-se…

Quando a clarividente via que aconteceria o pior, chegava também para ela um momento difícil, porque tinha de anunciar a proximidade da morte. Nessas ocasiões enfrentava uma prova dura, pois em poucos segundos precisava decidir como agir. Ou dizer abertamente a verdade devastadora (o que fazia raramente), ou disfarçá-la com uma resposta evasiva, uma meia-verdade, para que a pessoa não desabasse diante dela, atormentada pela dor.

Nessas situações costumava dizer: – Voltem daqui a dez dias! – ou – Voltem daqui a um mês! –, porque sabia que o inevitável já teria acontecido. A pessoa precisava então de consolo, e Vanga, com toda a sua enorme carga psíquica e as filas intermináveis de visitantes, estava pronta a dá-lo.

Ela morrerá de braços cruzados como uma santa Testemunho de Ljubka Todorova, de Sófia

Fui ter com Vanga apenas uma vez, no final de agosto de 1966, mas esse encontro deixou em mim marcas profundas e duradouras.

Na altura já era casada, tinha uma filha e vivíamos com a minha mãe e a minha irmã. A minha irmã Bistra, uma rapariga jovem e encantadora, terminara o instituto de formação de professores do ensino básico, mas adoecera gravemente com esclerose múltipla. A doença progrediu rapidamente e, ao fim de poucos anos, Bistra já estava acamada.

Fui ter com Vanga em busca de ajuda para a minha irmã.

Fomos a Petrič no carro do meu marido. Estava inscrita na lista e fui no dia e hora marcados. À porta da casa estava cheio de gente e, com o coração apertado, juntei-me a eles. As pessoas quase não falavam, estavam pensativas, cada uma com a sua dor. Quando chamavam, entravam e saíam em silêncio. Uns demoravam-se mais dentro, outros apenas um instante. Naquela época ajudava Vanga a irmã Ljuba, que traduzia o que ela dizia, porque a vidente falava no dialeto macedónio.

Ouvi o meu apelido. Entrei a tremer e, pela presença de Vanga e pela atmosfera do lugar, senti-me como que enfeitiçada o tempo todo.

Primeiro disse-me que eu viera de carro, que recentemente estivera no estrangeiro e que em breve voltaria a ir. Era verdade. Tinha tirado férias exatamente para cuidar da minha irmã.

Entreguei a Vanga um grão de açúcar sobre o qual Bistra dormira à noite. A vidente apalpou-o e disse que a minha irmã estava muito doente, paralisada do lado direito, e que não podia fazer nada por ela.

– Morrerá de braços cruzados como uma santa, mas não será já – disse Vanga. Na sua voz havia uma enorme compaixão e ternura; e isso lembrar-me-ei toda a vida.

Disse-me ainda que a minha avó, morta havia dez anos, velava por mim, mas que o meu padrinho estava muito doente e em breve partiria. A princípio não percebi de quem falava, mas depois compreendi que se referia ao irmão do meu falecido pai, que de facto morreu pouco depois de cancro.

A conversa continuou sobre a minha família. Lembro-me claramente de Vanga insistir: – Quero que tenhas um menino!

Em 1970 nasceu-me um filho, a quem chamámos Biser, e dois anos depois a minha irmã Bistra morreu após longa e penosa doença.

«Morrerá de braços cruzados como uma santa, mas não será já.»

Nas profundezas do tempo a vidente viu o inevitável – a morte de uma jovem ceifada por uma doença grave. Desta vez Vanga não escondeu a visão, porque não fazia sentido fazê-lo. Os familiares da doente já se tinham habituado à ideia de que o pior podia acontecer a qualquer momento e compreendiam que era melhor saber a verdade do que viver dia após dia em medo e tensão.

A desgraça aproxima-se, «mas não será já». É ao mesmo tempo uma esperança de vida e um aviso aos familiares da doente de que terão de carregar a sua cruz – a cruz da misericórdia e do sacrifício. Para cuidar anos a fio de um doente é preciso paciência e amor, compaixão e vontade. Essas qualidades só as têm pessoas de elevada moral e espírito forte.

O carácter espiritual da doente Vanga descreveu com uma palavra – «santa». Mas porque teve esta santa de deixar o nosso mundo tão jovem e inocente? Onde está a justiça e a lógica da vida?

Infelizmente é uma pergunta a que o homem, com o seu parco conhecimento sobre a vida, a morte e a ordem do mundo, não consegue responder. A resposta está envolta no mistério sacramental, como deve estar.

– Eu sofro todas as dores humanas – disse Vanga uma vez –, mas não posso nem devo explicá-las, porque uma voz muito severa avisa-me constantemente para não tentar explicar nada, pois as pessoas merecem a vida que têm.

Não chores, ainda não é hora Testemunho de Peňo Popov, de Ruse

Em 1972 operaram à minha mulher Bogdanka um tumor e, na mesma altura, a minha irmã Stojanka sofreu uma grave operação à mama. Queria ajudar estas pessoas próximas, fazia o que podia, consultei professores estrangeiros, mas a esperança esvaía-se.

Por fim decidi ir ter com Vanga. A minha irmã sentia-se um pouco melhor na altura e veio comigo. Sabíamos que Vanga previa com base num grão de açúcar e deixei um debaixo da almofada da minha mulher, outro da

minha e outro do meu filho de treze anos, que gaguejava desde que, no infantário, se assustara com uma cabeça de urso.

Chegados a Petrič, esperámos com centenas de outras pessoas. Um homem andava nervosamente de um lado para o outro, olhando constantemente para a porta da casa de Vanga. Pouco depois a vidente saiu e anunciou em voz alta: – Está aqui um tal e tal que quer saber o que será o quinto filho. Já tem quatro filhas e espera um menino. A tua mulher está neste momento a dar à luz um rapaz!

O homem agradeceu e saiu a correr. No dia seguinte voltou com presentes para Vanga, que anunciara o feliz acontecimento.

No terceiro dia de espera, a vidente chamou: – Que entre o irmão e a irmã! O irmão é de Ruse, a irmã de Bjala.

Primeiro entrou a irmã. Fiquei à porta do quarto e ouvi a conversa.

– De que sofres? – perguntou Vanga.

Stojanka contou tudo em pormenor e perguntou: – Vou curar-me? A minha filha vai ter um bebé em breve. Poderei passear com o meu neto?

– Poderás, poderás – respondeu Vanga. Depois disse algumas palavras de consolo e indicou-lhe um médico de Sófia a quem devia ir.

Depois chamou-me a mim. Entreguei-lhe os grãos de açúcar. Vanga pegou num e perguntou: – De quem é este?

– Da minha mulher – disse eu.

– O que tem ela? De que sofre?

– Tem um tumor no lado esquerdo do cérebro. Há dez anos um colega de trabalho bateu-lhe nessa zona – expliquei. – Tia Vanga, a minha mulher vai curar-se?

– Ela viverá… viverá – disse Vanga, absorta em si mesma. Pouco depois ouvi-a falar sozinha: – Ai, Bogdanka, Bogdanka, como te veio essa doença má?

Começaram a cair-me lágrimas, mas Vanga repreendeu-me: – Não chores, ainda não é hora!

Entreguei-lhe o açúcar do filho e a vidente exclamou já num tom mais alegre: – O que aconteceu à criança? Será muito dotado em todo o tipo de conhecimentos e capacidades, e na vida correr-lhe-á bem!

Disse-lhe que o menino gaguejava e Vanga retorquiu: – Daqui a dois ou três meses começa-lhe a puberdade e a gaguez passa!

Foi exatamente o que aconteceu.

Entreguei-lhe também o meu grão de açúcar. Disse-me que eu devia banhar-me frequentemente com água do rio e cuidar do coração. Na altura o meu coração estava saudável, mas agora está realmente doente.

No regresso a casa refleti sobre o que me dissera aquela mulher cega que via o passado e o futuro das pessoas.

Mal entrei no apartamento, a minha mulher já gritava: – Vou contar-vos já o que a Vanga vos disse!

Perguntei-lhe como sabia e ela respondeu: – Sonhei.

Para meu grande espanto, contou realmente tudo o que Vanga dissera.

Um ano depois a minha mulher morreu – aos trinta e seis anos. Dois anos mais tarde morreu também a minha irmã.

Mais tarde soube que Vanga o anunciara aos conhecidos em casa de quem eu e a minha irmã ficáramos em Petrič.

A mim poupou-me a essa notícia cruel, apenas deixou que eu a intuísse de forma confusa.

A última esperança. Vanga lembrava-se sempre desta verdade sagrada e, diante daqueles que nela viam a própria SALVAÇÃO, preferia calar-se, não querendo roubar a fé e a vontade de viver a estas pessoas destroçadas e atormentadas pelo desespero. A vidente via que a morte estava próxima, mas considerava mais sábio não o dizer. Quando não podia ajudar, deixava os cardíacos viver os seus últimos dias livres da consciência de que o seu estado era irremediável. Até ao último momento podiam sentir o poder sagrado da esperança.

Com sábio silêncio Vanga tratava também aqueles a quem não estava destinado escapar a um mau destino.

Voltem daqui a dez dias Testemunho de Boris Gucev, de Gabrovo

O meu filho mais novo, aos trinta anos, adoeceu com cancro do fígado. Esteve um mês internado e lá concluíram que as células cancerosas tinham bloqueado os dois ductos biliares a tal ponto que as aberturas eram do tamanho de uma agulha e a purificação do sangue era impossível. Via-se na radiografia.

Decidimos levá-lo a Atenas. Antes da viagem à Grécia, eu e o filho mais velho resolvemos ir ter com Vanga. Antes de lhe falarmos da doença do Krasimir, a vidente já me anunciou: – Ele tem os canais biliares obstruídos, decidiram levá-lo à Grécia. Levem-no!

Vanga não disse mais nada e mandou-nos embora.

Em Atenas examinaram o Krasimir durante dez dias e os médicos de lá prognosticaram que, no máximo, morreria dentro de um mês. Regressámos à Bulgária.

Na última esperança, voltámos a ir ter com Vanga. Desta vez foi curta e seca: – Vão-se embora e telefonem daqui a dez dias!

No décimo dia o Krasimir morreu.

«Telefonem daqui a dez dias!»

Assim agia Vanga nas situações mais graves, quando via a morte cara a cara, mas as pessoas diante dela eram demasiado frágeis para essa verdade.

Quando se tratava de uma morte próxima, a vidente falava de forma lacónica, apenas com algumas palavras, e pedia ao visitante que acreditasse nela. Essas visões eram-lhe visivelmente dolorosas, ela própria sofria e, como todos os humanos, guardava-o dentro de si, sem o dizer em voz alta para não destruir as esperanças do visitante. Mas esse silêncio destruía-a a ela própria, espiritual e fisicamente.

As cenas de morte e as conversas com os espíritos de pessoas recentemente falecidas, de que falaremos mais adiante, aparentemente consumiam a maior parte da energia psíquica de Vanga. Além disso, ela sabia que atrás da porta esperavam centenas e centenas de pessoas que precisavam da sua ajuda.

Vejo um caixão Testemunho de Ilija Mardov, da cidade de Goce Delčev

O meu irmão Georgij, seis anos mais velho do que eu, adoeceu gravemente e nos hospitais não o conseguiam ajudar. A cunhada insistiu que fôssemos ter com Vanga e, a 10 de julho de 1969, cheguei a Petrič.

Como todos os outros, pus-me na fila e esperei, mas havia um mar de gente, de toda a Bulgária.

Às três da tarde Vanga saiu e anunciou em voz alta: – Está aqui um rapaz da aldeia de Kornica. Que entre imediatamente!

O coração quase me parou, mas não sabia se o chamamento era para mim ou para outra pessoa da minha aldeia. Vanga pareceu captar essa dúvida, pois acrescentou: – Que entre Ilija Mardov!

Era eu.

Senti-me mal, vendo os olhares condenatórios das pessoas por quem passava na fila, mas não tinha culpa, pois fora a própria Vanga que me chamara.

No quarto dela havia uma mesa e, debaixo dela, uma bacia onde atirava o açúcar trazido pelos visitantes. Acima da cabeça de Vanga, na parede, estava um ícone da Virgem com uma lamparina acesa. Ao apalpar o açúcar, Vanga disse: – Vejo Marija e Elena, perguntam por vós.

Marija era a minha mãe e Elena a minha irmã, ambas já falecidas.

De repente Vanga mudou de tom e, triste, numa voz maternal e comovida, começou a falar num tom lamentoso: – Ai, Georgij, Georgij… És boa pessoa, professor… e estás muito doente… Vejo um túmulo! Mas isso espera por todos nós. O Senhor leva uns mais cedo, outros mais tarde.

Pouco depois o meu irmão morreu. Nesse dia diante dos meus olhos surgiu o encontro com Vanga, com esta mulher a quem foram dadas capacidades extraordinárias para ajudar as pessoas. Considero-a uma santa.

«Vejo um túmulo! Mas isso espera por todos nós…»

Será que esta verdade eterna sobre o fim da vida humana era uma tentativa de consolo? Ou talvez nestas palavras de Vanga esteja contido algo mais profundo e sábio?

Para a vidente, os conceitos de vida e morte eram diferentes dos que nós, pessoas comuns, conhecemos. Não se deve esquecer que durante o

meio século em que proferiu as suas profecias, Vanga viveu num ambiente marginal onde o Princípio e o Fim se fundem numa corrente comum que aparentemente é una e indivisível…

Às pessoas que choravam a perda de entes queridos, Vanga consolava muitas vezes dizendo que a partida espera todos nós, porque assim é este mundo. Ela sabia que nem a mais alta sabedoria supera a dor e que uma pessoa consumida pelo luto não compreenderia a lógica da morte. E contudo as pessoas precisavam do consolo, do conselho e da compaixão de Vanga.

Quando a desgraça atingia alguém, independentemente de acreditar ou não no sobrenatural, intuitivamente corria para Vanga para ouvir a sua voz, que vinha de outra dimensão invisível para onde todos estamos destinados a ir.

Dončo Končev, escritor Vanga foi a minha escola de vida

Agora já longínquo 1968, tive de trabalhar na região de Belasica e Ogražden. Era geólogo sénior do Departamento de Construção de Estradas do Ministério das Minas, estava hospedado no hotel do estádio de Petrič e todas as noites, antes de dormir, passava várias horas no restaurante local. Foi lá que encontrei Vanga pela primeira vez.

Jantava com amigos e ela estava sentada à mesa ao lado com a irmã Ljuba e um homem. Observava-a fixamente e, pouco depois, ela disse em voz alta: – Chamem-no cá!

– Quem? – perguntou o homem.

– Aquele picador de pedras com o martelinho.

O homem fez-me sinal, levantei-me e aproximei-me da mesa deles. Convidaram-me a sentar.

– Então? – disse Vanga. – O que andas aqui a fazer?

Fui tomado por uma forte e inexplicável emoção. E também por uma timidez que sinto extremamente raramente. Só consegui dizer: – Mas…

– O Gočo não te cobra, o Zoro trata-te de graça… Já construíste o comunismo em Petrič?

Ri-me. Vanga também começou a rir e perguntou se eu bebia um copo de vinho. Disse que sim e serviram-me imediatamente.

– Ouve, se te posso acreditar, os montes Belasica vão desabar no rio Strumešnica? – disse Vanga e riu-se alto.

As suas palavras só aumentaram a minha emoção. O gerente do hotel, Gočo, de facto não me cobrava a renda porque era parente de amigos meus próximos e eu ficava num quarto reservado a personalidades importantes. Quanto ao cozinheiro-chefe do estádio, tínhamos servido juntos numa companhia disciplinar – nem vale a pena explicar a força da amizade que aí se cria.

Mas o que coroou tudo foi o que Vanga disse sobre o deslizamento de Belasica. Eu inventara aquilo do nada. Aquela zona era realmente complicada e perigosa para a construção de estradas, e eu usara esse argumento com os meus superiores do ministério. Mas na verdade eram paisagens de uma beleza infinita, e eu adorava passar dias a vaguear por aquele canto da Bulgária belo como o paraíso, recolhendo impressões para o meu «Diário de um Geólogo», que ainda hoje me é querido. Assim prolongava a missão o mais possível e só regressava a Sófia pouco antes do Natal.

Se sobre o Gočo e o Zoro Vanga ainda podia saber – afinal Petrič não é assim tão grande –, como sabia ela do meu trabalho? Eu não contara a NINGUÉM!

– Ninguém acredita em ti! – atirou ela. – Mas protege-te o Kosta. Para ele és como um filho.

Kosta Delev era o diretor do departamento e defendia-me sempre. Ao ouvir da boca de Vanga o nome dele, até suei.

– Escreve, escreve – disse ela calmamente. – Escreve e não dês ouvidos a ninguém! O Evtim obedece, mas tu não deves obedecer. Só deves ouvir-te a ti mesmo!

Vanga falava do poeta Evtim Evtimov, nascido em Petrič. Depois perguntou: – Como está o Ljubčo? (Referia-se ao poeta e funcionário Ljubomir Levčev.)

– Hm… está a subir – respondi.

– Ele subirá ainda mais, e tu também avançarás. Mas tu seguraste mais vezes uma espingarda do que um bloco de notas. Observaste os animais que abateste? Não os deixaste feridos para trás? – Vanga começou a gritar. – Então?

Sorri atrapalhado e remexi-me na cadeira. Ela tinha razão.

Do meu pai herdei um anarquismo filosófico-pragmático-empírico com laivos de ateísmo. Da minha mãe recebi um EU categórico que por vezes me domina. Esse EU só aceita um mundo que, como é óbvio, esteja afinado com ele.

Como a todos os filhos da civilização moderna, também a mim a razão foi moldada pelas normas férreas do consenso social e encerrada, ou até forjada, nos clichés linguísticos habituais. A sólida formação que recebi na Faculdade de Biologia, Geologia e Geografia da Universidade de Sófia criara em mim uma representação esquemática clara do que são os planetas, a Terra e a chamada biosfera, à qual pertencemos também nós, humanos materialmente perecíveis.

Tentei resistir ao embaraço que o primeiro encontro com Vanga me causara. Inventei várias teorias idiotas só para proteger a minha lógica de «pessoa normal» e, por exemplo, concluí que Vanga tinha informadores. Em todo o lado e sobre tudo. Para uma vidente assim seria natural e até compreensível. Falei disso longamente com o meu amigo, o médico Murat Juzeirov, de Petrič, que Vanga praticamente criara, pois a mãe dele morrera cedo.

– Vou ter com a tia Vanga gabar-me do meu novo consultório e ela diz-me: «A lâmpada do teto está queimada, tens de pôr outra.» Respondo que de manhã já pus uma nova, mas ela expulsa-me. «Troca a lâmpada e depois volta!»

O leitor já percebeu que a lâmpada estava mesmo queimada.

A partir desse momento começaram a surgir fissuras na minha harmoniosa e inabalável visão do mundo. Foi lento, doloroso e, ao mesmo tempo, com uma esperança grande mas inconsciente. De repente dei-me conta de que nós não ouvimos ultrassons nem vemos raios infravermelhos, embora saibamos que existem. E que os morcegos e os golfinhos têm sistemas de orientação e comunicação completamente diferentes. O que

mais andará à nossa volta além das ondas de rádio e dos raios X já conhecidos?

A confusão na minha cabeça estudada foi-se dissipando aos poucos. Tentei habituar-me à ideia de que há infinitamente mais coisas que desconhecemos tanto no Universo como na Terra aparentemente já explorada e em nós próprios…

Voltei com o pensamento alguns séculos atrás, quando queimavam na fogueira quem afirmava que a Terra era redonda e girava. E o que aconteceria a quem dissesse que um dia haveria uma caixa com uma janelinha onde se poderia ver o que estava a acontecer em terras distantes? À fogueira! Ou, pelo menos, ao manicómio!

Porque é que o homem não consegue aceitar o incompreensível? A quem é que isso faz mal? Quem somos nós para, como papagaios idiotas, repetir o que querem ouvir de nós em vez de dizer o que nasce na nossa mente e o que vemos com os nossos olhos?

Lembrei-me de Mendeleev, que nunca conseguiu explicar O QUE lhe inspirara a genial tabela dos elementos químicos. Lembrei-me do investigador Kekulé, que sonhou de noite que uma cobra mordia a própria cauda e assim descobriu a fórmula estrutural do benzeno. E pensei também em Niels Bohr, cujos postulados se tornaram a base da física nuclear e da exploração real do cosmos.

Alguém talvez encolha os ombros ao ouvir a palavra «postulado». Na sua essência significa: «não sei porquê, nem consigo provar, mas é assim»! Foi o que me aconteceu a mim.

Numa dessas noites no restaurante do estádio de Petrič, entre kebabs e vinho branco, Vanga disse-me sorrindo: – Escreves sobre a košterica, mas ainda me perguntarás por ela.

Fiquei tenso. NINGUÉM vira o meu caderno nem sabia o que eu lá escrevia. Um dia, deitado numa pradeira encantadora junto à fronteira grega, escrevera o título «košterica» e rabiscara algumas frases. Gostava muito dessa palavra «košterica». Naquele terreno pedregoso chamavam assim a uma cobra rara, estranha, quase mística.

Vanga contou-me várias lendas sobre a košterica, incluí-as no conto e, quando publicado, surpreendeu leitores e críticos. O conto era uma pérola

entre os meus trabalhos. Ainda hoje «A Košterica» tem uma beleza misteriosa e imortal. Não é mérito meu. Fui apenas o «instrumento», a «ferramenta» que o colocou no papel.

Pouco depois transferiram-me para outro lado. Nos anos seguintes ia de vez em quando a Petrič visitar Vanga, conversar e oferecer-lhe alguma lembrança como sinal de respeito e amizade.

Mas em 1974 «derrubou-me» uma discopatia. Vieram médicos de todo o tipo, estive internado no hospital governamental, experimentei centenas de remédios populares, mas nada resultava. Estava tão mal que não conseguia tirar o pé da cama e pô-lo no chão. Vieram centenas de amigos visitar-me e a metade tinha nos olhos que já se despediam de mim. Perdi dezoito quilos e os meus filhos sofreram mais do que eu.

Sem eu saber, a minha mulher, desesperada, pôs açúcar debaixo da minha almofada e a irmã do doutor Murat Juzeirov, Emine – que estudara connosco e continua a ser nossa amiga próxima –, levou-o a Vanga.

– Dončo, Dončo – disse a vidente com o saquinho de açúcar na mão e o rosto voltado para o céu. – Como te deixaste cair assim na cama, Dončo? Ainda morres de medo! Levem-no ao doutor… doutor… Dimitrov, a Bankja. Que viva com saúde!

Meteram-me numa manta, levaram-me de carro e entraram comigo assim no consultório do médico. Dimitrov mandou-me pôr em cima de uma mesa dividida ao meio. Prendeu-me a bacia com correias de couro a uma metade e os ombros à outra. Depois puxou uma alavanca, a mesa esticou-se e eu alonguei-me. O médico soltou-me e disse que descesse. Sorri debilmente, porque só conseguia mexer os dedos das mãos sem sentir dores infernais.

– Desce! – gritou ele. Grandes gotas de suor corriam-lhe pelo rosto, os olhos tinham um brilho fanático estranho.

E eu desci mesmo da mesa! Saí sozinho do consultório do médico.

Cinco dias depois o meu irmão levou-me às escondidas do hospital para eu ver em casa o campeonato mundial de futebol. Era 7 de junho de 1974.

Um mês depois fui a Petrič beijar a mão a Vanga. Comprei numa loja de divisas um licor de anis francês Pernod, como Murat recomendara.

– Não sou nenhuma bêbada! – resmungou ela, mas via-se que estava contente. – E escreve o que começaste! Ouve só a ti mesmo, já to disse.

Uma onda quente percorreu-me o corpo. Eu começara o romance «Príncipes» e nem a minha mulher sabia.

– Tia Vanga, escrevo, sim, mas tenho medo…

– Não te farão nada! Escreve como decidiste. Deus vela por ti!

Foi exatamente o que aconteceu. Graças a Ele!

A Vanga posso agradecer a minha fé profunda, cada vez mais natural e real em Deus. Não falo do lado canónico e ritual da fé. Pode-se persignar numa loja ou num casino, em casa na cozinha ou ao volante do carro. Essa Substância Suprema Desconhecida que chamamos Deus dá alegria, esperança e paz de alma que nada mais consegue igualar. Deus no coração é, na essência, o único que nos distingue dos animais. Só a fé nos dá aquela força serena e grandiosa, virtude e coragem que permitem suportar esta vida terrena humana eternamente terrível.

A minha cunhada adoeceu com leucemia. Levei a Vanga açúcar sobre o qual ela dormira. Mal o apalpou, começou a gritar. Insultou toda a gente e disse que a cunhada tinha um mau marido. Não havia razão aparente para ela comportar-se assim, mas nunca a vira tão sombria e furiosa. Queixava-se do mundo inteiro e repetia que não queria ver ninguém. Eu estava com Murat e também ele ficou desconcertado com o comportamento de Vanga.

– Quero ir esconder a cabeça na serragem ou nos arbustos! Para não ver ninguém, nem uma única pessoa!

Durou uma hora inteira. Por fim mandou-me dizer ao meu irmão que tinha de acreditar na medicina e, literalmente, expulsou-nos.

Uma semana depois a cunhada morreu.

Aconteceu-me estar com Vanga após o atentado contra Ludmila, filha do líder comunista búlgaro Todor Živkov, no caminho para o aeroporto. A vidente estava num estado igualmente horrível. Gritava e praguejava descontroladamente e acabou por me mandar embora.

A desgraça de Ludmila abalou-me profundamente. De certa forma simpatizava com ela; tanto porque conhecia há muito o marido civil dela, Ivan Slavkov, como porque ela me defendera categoricamente (e de forma

decisiva) depois de os serviços secretos terem comprado toda a edição do então escandaloso romance «Príncipes» e eu estar ameaçado de cair em desgraça total. Só posso imaginar DE QUÊ Ludmila me salvou.

Pouco depois da morte da minha cunhada morreu também ela. Nunca se soube exatamente do que sofria.

Nessa altura eu já sabia que nos destinos humanos há coisas perante as quais até Vanga era impotente. Daí essas crises de descontrolo.

Por acaso encontrei um caderno com as anotações de um caçador de tesouros. Encontrei-o debaixo do colchão de palha numa cabana de pastores abandonada perto da fronteira turca, onde me surpreendera uma tempestade terrível.

Estavam descritas com minúcia um pote de ouro e o local onde estava enterrado, com precisão quase à décima de hectare. Fui contar isso a Vanga.

– Traz-me terra de lá! – ordenou ela.

Confiei essa tarefa ao meu irmão e a Murat. Era ouro suficiente para trezentas pessoas, quanto mais para três. Mas a terra levei-a eu próprio a Vanga. Ela pesou o saquinho na mão, sorriu e disse: – Um caldeirão cheio! Ouro amarelo como grãos de milho. Duas lajes. Não está à profundidade de um homem. Eu consigo pôr-me em cima dele.

– O quê? – exclamei, sem reconhecer a minha voz.

Murat ficou pálido e, sem fôlego, olhava-me de olhos esbugalhados.

– Consigo pôr o meu sapato em cima dele! Em cima do caldeirão! – gritou Vanga. – Olha onde está, debaixo das lajes de pedra! Cheio até acima.

Fiquei também sem ar, porque compreendi que falava de um grande caldeirão cheio de ouro. E que Vanga sabia EXATAMENTE onde estava enterrado.

– Mas não é para vocês! – anunciou secamente e pousou o saquinho de terra na mesa. – Se lhe tocarem, acontecerá uma grande desgraça! Grande!

Tentámos convencê-la de que não fazia sentido tanto tesouro estar debaixo da terra. Éramos pessoas sensatas e faríamos coisas maravilhosamente boas se…

– Deus não permite! – respondeu Vanga e empurrou o saquinho para o lado. – Isso é-me proibido. Senão agora entrávamos no carro e eu punha-me exatamente em cima do caldeirão. Mas agora vão-se embora e que tudo vos corra bem!

Fomos mesmo, e eu não senti o MENOR arrependimento. Esse episódio ensinou-me a respeitar a saúde e a vida quotidiana. Ensinei-me a alegrar-me com os caminhos e veredas para onde o destino me atraía de forma brincalhona e eu, mais de uma vez, lhe fazia piscadelas maliciosas.

Todo o ouro deste mundo não chega para se opor à vontade de Deus. Não chega!

O encontro mais alegre com a vidente de Petrič foi quando lhe levei uma pequena quantia para a construção da igreja de Santa Petka da Bulgária. Dei o que tinha na altura. Dos meus seis mil levs dei metade, três mil, porque nas Sagradas Escrituras está escrito que se deve dar e distribuir metade do nosso dinheiro.

Nesse dia Vanga «viu-me» já de longe, saiu rapidamente da casinha e convidou-me a sentar no quintal. Mandou trazer cerveja e disse que a minha mulher também se juntasse a nós. Era algo invulgar, porque Vanga costumava evitar criaturas do sexo feminino. E surpreendente foi também o seu humor radioso.

Entreguei-lhe o dinheiro e pedi desculpa por ser tão pouco.

– Vieste só por isso, Dončo?

– Sim.

– Não é pouco! – exclamou Vanga. – Dás metade do que tens e dizes que é pouco!

A minha mulher corou e lançou-me um olhar confuso.

Bebemos cerveja e conversámos sobre tudo e mais alguma coisa. Vanga não tinha pressa de se despedir de nós, embora uma enorme fila de gente esperasse que ela os recebesse. Havia lá também uma mulher da Califórnia e um casal do Canadá.

Quando por fim nos despedimos, Vanga disse que me esperava quando a igreja estivesse pronta.

No regresso parei de repente o carro, porque compreendi o que acontecera.

– Porque paraste? – perguntou a minha mulher.

– Vanga viu o açúcar no bolso da minha camisa, por isso sorria e prolongava a conversa. Queria ver se eu tirava o açúcar. Ou seja, teria vindo oferecer dinheiro ao templo para obter um benefício egoísta!

Por vários motivos a minha mulher pusera açúcar debaixo da minha almofada às escondidas. À ideia de que, juntamente com o dinheiro para a igreja, poderia ter tirado também o açúcar, quase vomitei. A minha mulher pediu desculpa e disse que eu era grande…

A pequena oferta para o templo é uma das ações mais luminosas da minha vida. Aquece-me o coração.

A igreja foi construída. É difícil dizer o que senti no dia da consagração, quando secretamente acariciei a parede. Está lá emparedado também o meu tijolo! Uma mulher olhou-me de forma estranha quando pus a mão na parede branca e já abria a boca para dizer algo, mas reconsiderou. Limitou-se a acender a sua vela na minha.

Durante a consagração Vanga chorou o tempo todo. De emoção estava encolhida. Beijou todos os que a felicitavam.

Ela sabia – e eu sentia – que aquele dia era o ponto culminante da sua vida terrena.

Espero que Vanga, no além, aceite com benevolência estas pequenas memórias. Escrevi-as com reverência e uma fé ainda mais profunda.

Conceção «Chegará o tempo em que só as virgens darão à luz, as mulheres casadas já não!»

Um dos maiores mistérios deste mundo é a conceção. Por mais descobertas científicas que se façam, o surgimento de uma nova vida é um enigma tão grande como a morte do homem. «Como podemos saber o que é a morte se ainda não sabemos o que é a vida?» exclamou o filósofo chinês Confúcio no século V a.C. Também no início do terceiro milénio a pergunta do antigo sábio continua atual.

Cada vez mais pessoas deixam de considerar mera invenção religioso-filosófica o facto de o homem ter alma. Cada vez mais investigadores de áreas muito diversas procuram as raízes da verdadeira compreensão da vida humana nos textos e testemunhos antigos.

No Antigo Testamento, ao narrar a criação do mundo, o profeta diz: «E o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente.»

A ciência oficial não consegue responder à pergunta sobre o que torna a carne viva e dotada de alma. Os manuais de biologia continuam a basear-se nas ideias de Darwin sobre a evolução do homem a partir do macaco, embora muitos cientistas considerem essa teoria da origem da vida inteligente incompleta e até ingénua.

Quem sabe se não chegará o dia em que toda a conceção da origem do homem se revelará DIFERENTE…

A ciência explica (mas explica mesmo?) a conceção apenas como um processo materialista e exclui a participação do espírito ou da alma, porque com os seus métodos não a consegue provar. A verdade enciclopédica de que a conceção é apenas uma reação biológica não satisfaz, contudo, aqueles que procuram a essência mais profunda dos fenómenos e processos.

Não é por acaso que os velhos dizem que a conceção é obra de Deus, e dificilmente isso será superstição ou ignorância. Em algumas hipóteses sobre o mundo e o homem encontra-se a ideia de que, quanto mais tempo passa, mais a humanidade se afasta do seu protótipo e da verdade sobre a sua origem.

Sobre o primeiro homem nascido de mulher, a Bíblia diz: «Então Adão conheceu Eva, sua mulher; ela concebeu e deu à luz Caim, dizendo: "Adquiri um varão com o auxílio do Senhor."»

Crentes e incrédulos, idealistas e materialistas conseguem contudo concordar que não há maior alegria do que o nascimento de uma criança. E que a infertilidade é um drama cruel.

Do ponto de vista médico, a infertilidade é uma perturbação dos processos fisiológicos e biológicos do organismo, que por vezes pode ser tratada, por vezes não. A omnividente Vanga via as coisas de forma

completamente diferente. Com os seus recetores radicalmente distintos, captava problemas ocultos para nós, as suas causas e consequências.

A um doente que contava que lhe tinham extraído pedras nos rins, Vanga disse: – Homem, não me mostres isso, eu própria sei! Vejo-te como tu me vês a mim. E vejo também toda a tua alma, homem!

Não há estatísticas, mas pelos testemunhos de muitas pessoas pode julgar-se que são milhares as mulheres a quem a vidente ajudou a ter um filho. Para com as visitantes que vinham na esperança de ouvir que seriam mães, Vanga comportava-se com grande amor e compaixão. Normalmente as mulheres vinham quando já esperavam anos pelo feliz acontecimento, tinham ido a médicos e tomado medicamentos, mas sem resultados. E então, desesperadas, sem fé, punham-se diante de Vanga com a última esperança escondida no coração.

Por mais incrível que pareça, Vanga na maioria das vezes não as desiludia.

O caminho para a maternidade era por vezes longo e cheio de provas. Até agora conhecem-se três formas como a vidente ajudava a obter o filho tão desejado: enviava as mulheres a um médico concreto; realizava um estranho ritual com uma boneca e fraldas; dava uma receita contra a infertilidade.

Quando Vanga via que os especialistas médicos podiam ajudar e que nesse caso concreto haveria resultados, enviava as visitantes a eles. Usava os seus próprios métodos para tratar ou eliminar a infertilidade quando sentia que os médicos, por mais que fizessem, não conseguiriam ajudar, porque a razão pela qual a mulher não tinha filhos estava fora do domínio da fisiologia.

A medicina convencional em geral não está orientada para a individualidade das doenças e não estuda as causas primárias que as provocam. Trabalha com métodos estereotipados, iguais para todos os doentes, afeta sobretudo o corpo e na maioria das vezes ignora a psique. Mas muitos especialistas modernos – psicanalistas, hipnoterapeutas, psiquiatras – consideram que é exatamente aí, na alma e no subconsciente, que está a chave para os problemas de saúde da maioria das pessoas.

Um novo rumo na cura mostra a homeopatia (medicina já chamada mensageira do futuro). Defende que as doenças são provocadas por muitos fatores, entre os quais os traumas da alma e o stress ocupam um lugar especial. Segundo os homeopatas, só o tratamento complexo pode ser bem-sucedido, ou seja, aquele que abrange o homem inteiro, composto por corpo físico, energético e espiritual. A homeopatia dá importância extrema ao tratamento do doente como individualidade e personalidade, baseando-se na consciencialização das suas funções emocionais, intelectuais, espirituais e físicas.

Vanga possuía exatamente essa visão e isso ajudava-a a encontrar a salvação. Pelos seus canais telepáticos captava o desconhecido e incompreensível para nós. Essa informação absolutamente completa permitia-lhe provavelmente usar também técnicas especiais, desconhecidas ou ainda não descobertas por nós, de diagnóstico e cura.

Impressionante é uma frase ou, mais corretamente, um conselho da vidente a uma cientista que se dedicava à psicologia: – Como se pode compreender o que quer a alma? Estudem o caráter do homem, a alma não tem fundo!

Vanga não duvidava da existência da alma e dessa convicção nascia também a sua resposta de que a alma é a vibração mais subtil e inefável do homem, o divino e eterno que tem de permanecer oculto e inexplorado. Exprimia-o nas palavras «a alma não tem fundo».

Como ajudava a vidente as mulheres sem filhos a conceber e a dar à luz?

Por vezes dava o conselho de acreditar nos médicos, porque eles ajudariam, e de ter paciência. Mas por vezes bastava a fé que Vanga instilava de que a mulher seria mãe… e assim acontecia!

«OUVE OS MÉDICOS»

Não te preocupes, terás filhos.

Testemunho de Marina Todorova, de Silistra

Casei-me a 13 de novembro de 1971. Passaram dias, meses e anos, mas o meu desejo de ter um filho permanecia não realizado.

Em fevereiro de 1974 soube pelos meus familiares que tinham estado com a vidente Vanga e que, depois de fazerem tudo o que ela mandara, lhes nascera um menino. Decidi imediatamente ir ter com Vanga e a 4 de março parti para Petrič. Nesse dia nevava muito, mas nada me podia deter. Fui sozinha, porque o meu marido estudava no regime presencial. E foi bom, porque queria ouvir tudo e refletir sozinha.

Em Petrič fiquei no hotel «Belasica» e decidi permanecer o tempo que fosse preciso até Vanga me receber. O hotel ficava perto da casa dela e lá se hospedavam quase todos os que esperavam vez para a vidente. Inscrevi-me na lista de espera extra.

Na manhã seguinte fui com outras mulheres, que também queriam saber o seu destino, à casa de Vanga. Esperava com impaciência o primeiro encontro.

Por volta das oito da manhã a vidente apareceu vestida à maneira típica daquela região sul. O cabelo apanhado numa rede, a cabeça bem alta – assim a guardei na memória para sempre. Logo ao primeiro olhar nasceu em mim uma forte confiança e uma voz interior dizia-me para estar calma, porque Vanga me mostraria o verdadeiro caminho da cura.

Assim todas as manhãs nos reuníamos diante da casa dela em semicírculo e esperávamos a nossa vez. Vanga atendia primeiro os que estavam inscritos há mais tempo e depois, se não se sentisse cansada, deixava entrar também alguns da lista extra.

A 16 de março estava novamente diante da casa de Vanga. Era um dia soalheiro e calmo. Dormira bem à noite e no coração reinava uma alegre intuição.

Enquanto a vidente atendia os da lista principal, chegou de Sófia uma família muito agitada. Tinham sabido que o filho sofrera um acidente e queriam saber como ele estava. Vanga mandou-os buscar o cadáver do

filho e vigiar a filha, porque ela sofreria muito com a morte do irmão. Foi uma cena deprimente.

Vanga anunciou que nesse dia atenderia alguns da lista extra e chamou também o meu nome.

No corredor da sala de atendimento ouvi-a dizer ao homem que entrara antes de mim: – Tirem o pai do hospital, não o deixem cortar. É melhor que morra em casa convosco.

Hesitei se devia entrar. Mas o homem já saía e eu passei o limiar.

Vanga estava sentada num banco de madeira. Ao lado havia uma grande bacia de alumínio acinzentada onde atirava o açúcar trazido pelos visitantes. A vidente gritou-me que me aproximasse. Aproximei-me timidamente, sentei-me numa cadeirinha, entreguei-lhe o açúcar embrulhado num guardanapo e esperei. Ela desenrolou lentamente os grãos de açúcar, apalpou-os e atirou-os para a bacia.

Depois começou a falar e as palavras ressoavam-me nos ouvidos como sinos. Vanga disse-me em tom professoral: – Vens de uma cidade longínqua. Foste a um médico na grande cidade vizinha e ele disse-te corretamente que tens o útero subdesenvolvido. Mas não te preocupes, terás filhos. Quando voltares, já te espera uma ordem para o sanatório de Pomorie. Faz tudo o que os médicos mandarem! Quando estiveres de novo em casa, vai imediatamente ao hospital Tina Kirkova em Sófia.

Escutava atentamente para não perder uma palavra. De repente Vanga juntou as mãos no colo, como se segurasse uma criança, e ouvi-a sussurrar: – Vem, meu querido, vem… Vejo-o…

A vidente repetiu isso três vezes e depois fez com uma mão movimentos como se acariciasse um bebé.

Não quis dizer mais nada, mas para mim chegava o que ouvira. Saí do quarto a transbordar de alegria.

Em Silistra contei tudo ao meu marido e fiz o que Vanga mandara. No hospital Tina Kirkova em Sófia recebi o doutor Tokins. Examinou-me e mandou-me para casa. Em Silistra devia fazer uma radiografia e, conforme o ciclo menstrual, voltar a ele.

Mas isso já não foi preciso. Fiquei grávida!

Sentia uma alegria indescritível, mas… pouco depois veio a desgraça. Em março de 1975 nasceu-me uma criança morta. Estava à beira do desespero, mas reuni todas as forças e não perdi a esperança. Pensava constantemente nas palavras de Vanga de que eu teria filhos.

E a felicidade esteve do meu lado! Um ano depois nasceu-me um menino forte e saudável e, em 1979, teve também um irmãozinho. Ambos já estudaram na universidade.

A vidente Vanga foi e é profundamente respeitada e amada na nossa família. Para mim está acima dos santos. Nunca esquecerei o dia do nosso encontro.

A esta mãe feliz estavam destinados duros provas. Suportá-las ajudou o que Vanga dissera, que o destino lhe reservava filhos. Não há dúvida de que a vidente viu também o primeiro, nascido morto. Mas como poderia ter dito à infeliz mulher que a esperava a morte do primogénito? Isso destrui-la-ia completamente! A fé, pelo contrário, faz milagres.

Lembremo-nos do que Cristo disse aos seus discípulos: «Em verdade vos digo: se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que foi feito à figueira, mas até direis a este monte: "Ergue-te e lança-te no mar", e assim acontecerá.»

Neste caso Vanga evidentemente compreendera que a base da infertilidade eram causas fisiológicas, por isso enviou a mulher aos médicos e mandou-a seguir as instruções deles.

A vidente nomeou um hospital concreto, mas não mencionou o nome do médico. Provavelmente a «voz» não o dissera. Noutras ocasiões dizia o nome do médico, mas não indicava onde encontrá-lo. Em ambos os casos a informação de Vanga, embora incompleta, tinha enorme importância e levava a um desfecho feliz.

Se quiseres, terás cinco filhos Testemunho do professor Genčo Cocov, de Červen Brjag

Na primeira vez que me encontrei com Vanga, observei os seus olhos que viam o passado, o presente e o futuro, alegrias e desgraças, dores e destinos humanos. Procurava neles aquela FORÇA que dava às pessoas a esperança tão desejada.

De 1960 a 1962 servi em Petrič. Parte do meu tempo militar passei no posto de controlo fronteiriço de Zlatarevo. Por lá chegavam muitos estrangeiros para se pôr diante do «raio X» da vidente Vanga e ouvir as suas mensagens e «palavras curadoras» que davam às almas atormentadas a verdade de que tanto precisavam. Ela era consolo e bálsamo para as feridas da alma. Lia-se isso nos olhos chorosos e vermelhos de noites sem dormir das pessoas que afluíam a Vanga de todos os cantos da Bulgária. Também eu tive de ir ter com ela várias vezes mais tarde.

No verão de 1970 casei-me. Durante quatro anos não tivemos filhos e, quando finalmente nasceu uma menina, morreu no hospital ao sétimo dia. Em casa reinava uma pesada depressão. Um ano depois a minha mulher, de lágrimas nos olhos, insistiu que fôssemos ter com Vanga. Sabíamos que era difícil chegar até ela e que se esperava muito tempo, mas não havia outro caminho.

Não estava em Petrič há doze ou treze anos. A cidade recuperara, fervia de vida como um «centro de festivais». A antiga vila tornara-se morada de fé e esperança.

Esperámos dois dias, mas o desespero destruía a paciência da minha mulher e decidi usar a última possibilidade. Fui ter com o oficial da unidade de guardas-fronteiriços que me conhecia, pois eu era correspondente do jornal «Guarda-fronteiras». Expus-lhe a minha desgraça, ele mostrou compaixão e imediatamente marcou o número de telefone de Vanga.

Depois de perguntar pela saúde dela, pediu que a vidente nos recebesse num dos dias seguintes. Ouvi na linha o que Vanga dizia e alegrei-me infinitamente quando respondeu: – Que venham já, paguem na bilheteira e entrem!

Após uma breve conversa com a segurança deram-nos o número 17. Eu e a minha mulher estávamos junto à cozinha de verão entre pessoas silenciosas e esperávamos.

Algumas palavras foram trocadas. Um homem de meia-idade queria saber quem destruíra a sua oficina. Uma mãe trouxera a filha, que há dez anos não tinha filhos. Um agricultor búlgaro da Austrália, já perto dos oitenta, queria esclarecer porque todas as quatro mulheres o tinham abandonado. As pessoas entravam e saíam silenciosas como sombras…

Chegou também a nossa vez. Eu já vira Vanga muitas vezes, mas a minha mulher tremia de emoção. Entregou-lhe o açúcar e a vidente perguntou-lhe asperamente: – Diana, porque vieste?

A minha mulher ficou ainda mais atrapalhada, porque Vanga a chamara pelo nome. Antes que ela se recompusesse, Vanga continuou:

– Sei porque vieste! Olha aqui o teu filhinho, é como uma bonequinha! – Inclinando-se, fez movimentos como se acariciasse a cabeça de uma criança que estivesse à sua frente.

– Mas, tia Vanga, já vai no segundo ano e estou tão angustiada…

– Porquê? Por não teres mais filhos? Não tenhas medo! Se quiseres, terás cinco filhos!

A minha mulher ficou como petrificada. Voltámos para casa como dois mudos, espantados com tudo o que víramos e escutáramos.

Passaram seis meses após esse encontro e voltámos a ser tomados pela ansiedade, porque a gravidez não chegava. A 4 de janeiro de 1976 fui novamente a Petrič. Tive sorte: no dia seguinte já estava com Vanga.

– O que procuras aqui? – perguntou ela mal apareci à porta do quarto.

– Já passaram seis meses, mas…

– Corre para casa e diz à tua mulher que não se preocupe, porque no outono ela dará à luz! – interrompeu-me Vanga. – Mas quando chegar a hora, vem ter comigo para eu te dizer o nome da criança.

Regressei atordoado, mas satisfeito. Contei à minha mulher o que acontecera, mas ela retorquiu irritada: – Era mesmo preciso ir tantas vezes? E o que quer dizer esse «no outono»?

A minha mulher estava nervosa e andava de um lado para o outro pelo quarto.

O milagre, contudo, aconteceu.

Em outubro nasceu à minha mulher um menino lindo e forte. Hoje tem vinte e dois anos, saudável e de perfeita saúde.

No verão, uns dois meses antes do nascimento do filho, telefonou-me o padrinho da minha mulher a queixar-se de que a filha do cunhado sofrera

uma desgraça. Tirara um dois a Matemática e ficara tão abalada que tivera perturbações psíquicas. O padrinho sabia que eu ia a Petrič e propôs que o cunhado me acompanhasse para Vanga lhe dar um conselho.

Partimos no dia seguinte. Ficámos espantados por não haver fila de gente à porta de Vanga. Descobrimos que lhe tinham proibido de prever. Fui à câmara municipal e a outras instituições, mas disseram-me que a proibição viera «de cima». Decidi contudo chegar até Vanga e pelo menos perguntar o nome da criança. Na guarita à porta da casa encontrei um antigo sargento dos meus tempos de serviço e ele aceitou ir buscar água à casa ao lado. Nesse intervalo consegui entrar.

De repente aproximou-se um oficial de ar arrogante com uma pasta na mão, disse ao guarda que também ia saber o nome da criança e entrou no quintal. Vanga estava sentada numa cadeirinha à porta da cozinha de verão, porque fazia calor. Quando o oficial estava a poucos metros, ela começou a gritar que ele voltasse para trás, que não viera por causa do nome e que ela não lia a sina a gente assim.

Entrei timidamente no quintal e cumprimentei. Vanga retribuiu o cumprimento, mas logo começou a ralhar porque eu viera tão cedo, ainda faltavam mais de dois meses para o nascimento da criança. Contei-lhe da desgraça da rapariga e disse que por isso viera com o pai dela. Vanga não me deixou acabar e disse que não éramos só dois no carro. Era verdade, porque vinham connosco duas afilhadas de uma conhecida minha.

– Eu já vos via vir de Sófia e queria ajudar toda a gente, mas não me deixam prever. O nome, contudo, digo-to. Se for menina, chamem-lhe Marija; se for menino, Mitko!

Agradeci e fui-me embora.

«Olha aqui o teu filhinho, é como uma bonequinha!»

Será que Vanga falava da menina que morrera no hospital ao sétimo dia? Ela conseguia ver espíritos e o mundo dos mortos e mantinha com ele um diálogo mental. Mas nem tudo o que sabia dizia…

Anunciou à mulher que poderia ter até cinco filhos, porque compreendia que lhe estava destinado ser mãe. Mas para receber esse precioso dom do destino era preciso também pagar, neste caso com

paciência, fé e confiança («diz à tua mulher que não se preocupe, porque no outono ela dará à luz»).

A vida não é um passeio fácil, muitas vezes exige sacrifícios, esforço de vontade, força e humildade. Neste mundo cada pessoa sofre alguma dor e paga algum preço. Uns esperam longos anos pelo nascimento de um filho, outros têm de suportar uma perda pesada, outros são perseguidos por fracassos no trabalho, e outros ainda não têm sorte no amor e na vida conjugal…

As provações atingem as pessoas para lhes ensinar algo de bom e oferecer-lhes os frutos da verdade.

– Nas dificuldades o homem cresce – disse o grande mestre búlgaro da vida Petar Danov. – Ninguém nasceu só para a felicidade – acrescenta e sublinha Vanga.

Em algumas famílias os filhos chegam tarde, após anos de vida em comum. Talvez seja para dar tempo aos pais de cultivarem as virtudes e características necessárias para educar uma criança.

– Quando nascem filhos, deveis saber que já não vos pertenceis a vós mesmos, mas a eles – dizia Vanga. – Dais a vida pela qual sois responsáveis. Não o esqueçais!

A vidente muitas vezes repreendia os visitantes por educarem mal os filhos. Na opinião de Vanga, não havia crianças más, só pais maus. – Como eles próprios são, assim formam também os filhos! – A uma mãe cujo filhinho adoecia frequentemente com pneumonia dos pulmões, repreendeu asperamente: – Não basta teres dado à luz uma criança! É preciso saber cuidar dela, e ele é extremamente sensível a doenças porque o mantêm em limpeza excessiva. E assim continuará até aos seis anos!

A tua neta não adotará nenhum filho Testemunho de Marija Angelova, de Goma Orjahovica

Fui ter com Vanga várias vezes, até sem motivo grave. Nessas ocasiões a vidente queixava-se de que ninguém perguntava como ela própria estava, pois também era um ser humano vivo!

Em 1991, contudo, fui a Rupite por um assunto sério. A minha neta mais velha, Ivelina, era infértil há nove anos. Pediu-me que fosse ter com

Vanga e perguntasse se teria filhos ou se deviam adotar um enquanto ela e o marido ainda eram jovens.

Antes que eu abrisse a boca, Vanga já anunciou: – A tua neta não precisa de adotar ninguém, terá o seu próprio filho!

Regressei a casa feliz com a boa notícia. Dois anos depois Ivelina deu à luz um menino.

A nossa família honra a memória da vidente e curva a cabeça diante das suas capacidades milagrosas.

Acontece também que se espera um filho onze anos. Não é fácil. Mas nas dificuldades o homem cresce espiritualmente e torna-se mais nobre.

Na Bíblia conclui-se que cada um, na vida ou depois dela, recebe o que merece pelos seus pensamentos e atos (o que semeias, isso colhes). Infelizmente não é possível explicar a natureza dos problemas pessoais que atingem as pessoas. As suas causas estão fora do campo da nossa razão e não se encaixam no sistema habitual de causa-efeito. O homem muitas vezes pensa: – Não é justo que Deus me castigue assim. – Sim, mas é a nossa lógica subjetiva deste mundo.

– Cada um de nós é guiado pelo Universo como uma célula do seu organismo – diz o cientista russo Lazarev. – Somos parte do Cosmos, do Incompreensível, e só Deus conhece toda a verdade sobre a nossa existência.

A uma mulher sem filhos a vidente mandou-a ir a um especialista e disse: – Ele ajudar-te-á. Mas acredita em Deus!

Talvez porque Ivelina já se resignara à ideia de adotar uma criança, o que testemunhava nobreza de espírito e abnegação, o Senhor, após a provar, deu a esse casal um menino. Vanga dissera apenas que a jovem teria «o seu próprio filho» e essas palavras sustentaram a sua esperança durante longos dois anos!

A vidente apoiava e incentivava sempre as famílias que decidiam adotar uma criança. Ela própria tivera dois filhos adotivos. – A mãe que aceita e cria o filho de outrem não é menos digna do que aquela que o deu à luz – costumava dizer Vanga.

A provação de Ivelina talvez fosse necessária para despertar nela o amor pelos outros, e a sua paciência foi recompensada.

Não terás filhos teus Testemunho de Marija Dimitrova, de Sófia

Em 1951 o meu futuro marido Ivan foi enviado pelo Ministério do Interior para trabalhar em Petrič. Algumas semanas depois os colegas disseram que iam ter com a vidente Vanga para ela lhes dizer algo sobre os seus destinos. Convidaram também Ivan a ir. Ele tinha medo de ir, para não ouvir algo mau, mas acabou por acompanhar-os.

Naqueles anos era proibido a Vanga dedicar-se à cura. Mal os homens entraram no quintal, Vanga começou a ralhar. Não podia atendê-los, senão teria problemas com as autoridades. A vidente limitou-se a dizer: – Ivan, o que procuras aqui? Tens problemas em casa. A mulher do teu irmão Marin e o filho Ljubčo estão internados no hospital.

Ivan correu imediatamente ao telefone, ligou ao irmão e perguntou se estava tudo bem em casa. Marin queixou-se de que a mulher e a criança estavam no hospital. Ivan ficou mudo.

Casámo-nos em 1953 e tivemos dois filhos – um menino e uma menina. Já estavam crescidos quando eu e o marido decidimos ir a Petrič. O marido queria encontrar-se com antigos camaradas de serviço. Na verdade havia um motivo mais sério para ir ter com Vanga. Vinha connosco uma colega de trabalho do marido que, após doze anos de casada, não tinha filhos.

Ela levou-nos no seu carro. Chegámos a Petrič já tarde. Era 1963. Hospedámo-nos num hotel e decidimos que as mulheres dormiriam num quarto e os homens noutro. Eu não trouxera açúcar e a colega do marido deu-me um dos dela.

Na manhã seguinte fomos cedo a casa do camarada de serviço de Ivan. Este disse que Vanga nos receberia com certeza, pois éramos amigos dele. No quintal havia uma cozinha de verão e uma casinha pequena, com um portão na vedação. Fomos só nós, as mulheres.

Vanga estava a varrer à porta da cozinha. Falava no dialeto macedónio e era difícil entender. Começou a ralhar com o nosso acompanhante por trazer gente, quando lá fora já esperavam cinco visitantes. E de qualquer

modo estava novamente proibida de prever. Por fim atirou: – Então é por tua conta e risco!

Ali mesmo no quintal começou a falar. Perguntou se tínhamos açúcar. Dissemos as duas em coro que sim. Mas Vanga virou-se para mim e gritou que eu devia ter trazido o meu, não o da outra mulher. Falava alto e os que estavam à volta ouviam.

A colega do marido disse que não tinha filhos e perguntou se os teria. Vanga respondeu direta, sem rodeios, que não teria filhos próprios, embora os médicos a tratassem e a mandassem para o balneário de Varna. Podia ir lá melhorar a saúde, mas nunca se curaria para ter filhos.

Eu estava encostada à parede da cozinha e chorava baixinho, tão doída fiquei com as palavras ditas à conhecida. Vanga deve ter-me notado, porque gritou: – Porque estás aí a fungar? Tu tens um menino e uma menina que neste momento a tua mãe está a tomar conta! Vais adoecer dos nervos se sofreres assim por cada desgraça alheia!

Tenho agora sessenta e cinco anos e o tempo confirmou a verdade das palavras de Vanga. A nossa conhecida nunca teve filhos nem adotou nenhum.

Vanga era uma mensageira dos Céus enviada à nossa terra pecadora. Vinda do Cosmos, teve a sorte de nascer na Bulgária e ajudar os sofredores toda a vida. (Aqui manifesta-se o nacionalismo búlgaro, pois Vanga nasceu na Macedónia – nota do tradutor.) Foi um fenómeno extraordinário tanto na vida da Bulgária como do mundo inteiro.

Raros eram os casos em que Vanga anunciava diretamente a verdade devastadora. Especialmente para com as mulheres que vinham queixar-se de infertilidade e ansiar por um filho. Para elas mostrava compaixão genuína, consolava-as, encorajava-as e na maioria das vezes conseguia ajudar.

Quanto à senhora Dimitrova, não estava ao alcance de Vanga mudar o destino desta mulher sem filhos. Ela nem sequer adotou uma criança. Mas nessas ocasiões a vidente costumava aconselhar: – Se não podes dar à luz o teu, aceita outro! A natureza recompensa igualmente quem gera os seus e quem cria os de outrem.

Um acontecimento notável é descrito por Veselina Sotirova, de Burgas:

«…Há algum tempo uma amiga minha casou-se pela segunda vez. Durante cinco anos não teve filhos e ela e o marido decidiram ir ter com Vanga. Ajudei a arranjar o encontro. A vidente disse-lhe zangada: – Porque te divorciaste de um homem bom (o primeiro marido)? Porque o abandonaste? E fizeste um aborto, não foi? – Depois acalmou-se e mandou a minha amiga ir a Sófia ao doutor Dimitrov no Segundo Hospital Municipal. Mas antes de terminar o atendimento, Vanga aconselhou a família da amiga a adotar uma criança e só um ano depois tratar de ter a sua própria.

Infelizmente os meus conhecidos não seguiram o conselho de Vanga de adotar uma criança e por isso o casamento deles acabou. A amiga sofreu muito pelo tempo e oportunidade perdidos de ter dois ou até mais filhos. Agora é velha e está sozinha.»

São conhecidos muitos casos em que uma família sem filhos, após adotar, acabou por ter o seu próprio. Talvez o sentido oculto deste milagre esteja na sabedoria de que não se deve olhar para a vida humana do ponto de vista do proprietário privado e que os pais não são mais do que a possibilidade para o Espírito, a Alma, chegar à terra. Isso é expresso também pelo primeiro e maior mandamento de Jesus: «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento.» Com as suas leis morais, parábolas e comportamento, o Filho de Deus faz compreender que a alma não está ligada ao pó da terra, mesmo que tenha sido insuflada nas pessoas mais próximas e queridas.

Ritual com boneca e fraldas

Especialmente interessantes e comoventes são os testemunhos das mulheres que ficaram grávidas e deram à luz após um estranho ritual de Vanga. Como mostra o testemunho seguinte, à vidente não fora dada apenas a capacidade milagrosa de curar doentes, mas também lhe fora confiada a chave do mistério da conceção. Quando estava ao seu alcance ou, como a própria Vanga dizia, quando lhe era permitido, ela dava, com a ajuda de Deus, a felicidade a casais solitários. Por vezes de forma mística e inexplicável.

Aquela que perdeste, trazes-a debaixo do coração Testemunho de Velička Gogova, de Kardzhali

Em 1941 a minha mãe perdeu o filho tão desejado que finalmente nascera após quatro filhas e sofreu muito. Pôs um lenço preto na cabeça e chorava amargamente. Para a consolar, o meu pai levou-a a Vanga.

Mal Vanga a «viu», gritou: – Tira esse lenço preto! Aquela que perdeste, traze-la debaixo do coração!

A minha mãe ficou infinitamente espantada por estar novamente grávida. Nove meses depois nasceu um menino, o meu irmão, que agora vive em Sófia. Ainda hoje me admiro como aquela mulher viu o feto e até determinou o sexo.

Eu própria tinha dezoito anos quando me encontrei pela primeira vez com Vanga. O pai estava doente e fomos com a mãe procurar ajuda. A vidente disse que nem ela nem os médicos podiam fazer nada, mas que o pai, com as suas dores e maleitas, viveria muito tempo. E assim foi, morreu aos setenta e seis anos.

Nessa mesma vez Vanga previu-me que me casaria longe e teria dois filhos. Foi exatamente o que aconteceu. Casei com um homem da longínqua cidade de Kardzhali e tivemos um filho e uma filha.

Passaram os anos. A minha irmã mais nova não tinha filhos, mas depois, no quarto mês de gravidez, teve um aborto espontâneo. Quando contei isso a Vanga, ela mandou que a minha irmã, quando voltasse a estar grávida, viesse ter com ela ao quarto mês, trazendo uma boneca e fraldas.

Foi o que se fez e lembro-me muito bem dessa cena. De joelhos, Vanga ora embrulhava a boneca nas fraldas, ora a desembrulhava e, com o rosto suado, murmurava algo. Por fim ergueu-se e disse: – A criança não vai abortar! Será levada até ao fim e nascerá, e quando tiver quatro meses trazei-o aqui para eu o batizar.

Em dezembro de 1970 a minha irmã deu à luz um menino. Quando ele tinha quatro meses, levaram-no a Vanga. A vidente já esperava e tinha tudo preparado para o batizado.

Os milagres de Vanga são complexos e insondáveis. Mostram quão pouco sabemos sobre nós próprios e sobre os processos que ocorrem no

Universo e quão contraditórios e incompletos são os nossos conceitos sobre vida, morte, conceção e dores…

«Aquela que perdeste, traze-la debaixo do coração.» Será que Vanga queria dizer que a mulher guardava em si o espírito da criança recentemente perdida? E que, segundo leis que nos são desconhecidas, a alma humana chega a esta terra, morre e depois, renascendo, regressa pelo mesmo caminho?

As perguntas também suscitam o ritual de Vanga com a boneca e as fraldas, de que falaremos em pormenor no próximo capítulo. Recordam rituais que, em várias formas, praticam pessoas que, na sua superstição, assim tentam explicar o incompreensível.

Magia, rituais, feitiços, ofícios divinos… Talvez não seja apenas crença vazia e fruto da fantasia, mas a chave ancestral de uma verdade a que só raros têm acesso? Outrora o homem estava mais perto de Deus, conhecia os mistérios da Criação da Vida e da Eternidade, mas, ao afastar-se do divino dentro de si e afundar-se cada vez mais no material e transitório, perdeu esses conhecimentos universais…

O sacramento do batismo «Batizem as crianças para que tudo o mal fuja delas…»

O nome dado ao homem é parte do seu destino, influencia-lhe a vida tanto como a hora e a data do nascimento. O poder misterioso do nome sente-se em toda a nossa existência. Cada som é uma vibração e cada vibração tem um significado, é portadora de informação concreta. Se se altera uma única letra no nome, altera-se também a configuração do código e da mensagem. O nome do homem tem o poder de dirigir a sua vida numa determinada direção, trazer-lhe sorte e sucesso ou bloquear-lhe o caminho para a felicidade.

É notável que também o nome da vidente não seja casual. Em grego, Vangelija significa «boa nova». Desde o nascimento o destino clarividente de Vanga estava codificado no seu nome.

– Quando uma pessoa vem ter comigo, vem com o nome que Deus lhe destinou. Ou escreve-o na neve diante de si, ou está escrito no seu peito. Com as suas próprias letras. Nem sempre consigo ler a caligrafia, mas a inicial está sempre claramente visível – disse Vanga uma vez.

Muitas vezes perguntava aos visitantes porque não lhes tinham dado o nome destinado, mas outro com o qual «não tinham vindo a este mundo». A vidente considerava que cada um chega a esta terra com o seu nome dado por Deus. Se a pessoa não é chamada por ele, isso afeta a sua vida futura.

– Porque não és Elena? – perguntou Vanga a uma mulher. – Deviam ter-te dado esse nome. Nasceste Elena! Porque não batizaram o teu marido Spas?

Testemunho de Totka Rajčeva, de Sófia

Era junho de 1995. Preparava-me há muito para ir ter com Vanga e falar da minha vida privada. As complicações acabaram por se tornar tão graves que me decidi e parti.

Não a encontrei em Petrič, por isso fui ao povoado de Rupite. Recebeu-me após quatro dias de espera.

Entrei no quarto a tremer e a abanar, entreguei-lhe o açúcar e ela perguntou: – Como te chamas?

– Totka – respondi.

– Totka, nasceste para ser mãe dos teus filhos e os teus filhos nasceram para ter mãe. Não deves divorciar-te do marido! Pelo contrário – devem casar-se na igreja e o teu marido tem o dever de, no primeiro de junho, organizar o banquete ritual solene. É o dia de Spas e foi nesse dia que ele nasceu. Porque não o chamaram Spas, mas Hristo? Se fizerem tudo como eu mando, a vossa vida arranjar-se-á.

Em casa perguntei à sogra pelo nome do marido. Contou-me que alguns sugeriram chamar-lhe Spas – o nome do santo do dia em que nascera –, mas outros insistiram que fosse batizado Hristo, nome de Cristo, porque antes dela tinham morrido quatro filhos.

Obedecemos a Vanga. Convenci o marido a casarmo-nos na igreja. O banquete, contudo, ele não organizou, apenas distribuiu pelos vizinhos um pedaço de coelho.

Após esse procedimento, o fantasma do divórcio desapareceu e eu e o marido voltámos a ter uma vida normal. Ainda hoje não consigo

compreender como Vanga conseguiu tal milagre. Depois do encontro com ela comecei a celebrar as festas cristãs e a cumprir os rituais.

O batismo, tal como o casamento, é um sacramento que simboliza a renúncia ao pecado e a aspiração pelo bem e pela justiça. Vanga era uma cristã profundamente convicta e reconhecia as virtudes e tradições da ortodoxia. Disso testemunham não só as suas palavras, mas também as suas obras.

Nos tempos de falta de fé e apatia social, quando a Igreja Búlgara estava dividida e perdera as bases da espiritualidade, Vanga construiu em Rupite a igreja de Santa Petka. O objetivo dessa obra nobre era manter viva a fé nos búlgaros. Com a construção do templo, a vidente chamava-nos a entrar mais vezes na igreja, acender uma vela, batizar as crianças e entregar-nos a pensamentos sobre o que é verdadeiro e imperecível… O templo é símbolo do Amor de Deus, incita a bons pensamentos, ao amor pelo próximo, à paciência e à humildade. São as lições mais importantes neste mundo.

De forma especial, Vanga chamava os visitantes a viver de acordo com as normas morais de Cristo. Nos anos do totalitarismo comunista era-lhe difícil fazê-lo abertamente, mas na sua grande sabedoria e visão de futuro encontrava caminhos para instilar nas pessoas a convicção de que era preciso acreditar em Deus. Nos desejos de Vanga, nas observações e piadas aparentemente casuais, escondia-se um sentido profundo que ainda está por descobrir.

Impressionante é o que Vanga disse a uma mãe, perguntando-lhe se batizara o filho. Aconteceu num tempo em que a fé e os rituais religiosos eram reprimidos. A mãe explicou que o filho estava batizado, sim, mas fora a mãe dela que o fizera. Ou seja, a avó da criança. Vanga disse: – Mas porque não o batizaram abertamente? Os árabes têm religião, os turcos têm religião, mas nós não! Eu não sou contra o partido comunista. O partido é o partido e a política é a política, mas a fé é a fé. DO CONTRÁRIO O HOMEM É APENAS SANGUE E DEPOIS SATANÁS.

Vale a pena refletir sobre estas palavras…

Vanga aconselhava os pais a batizar as crianças e nunca recusava quando a convidavam para madrinha. Pelo contrário – são conhecidos inúmeros casos em que exigia que lhe trouxessem a criança para batizar e

era ela própria que lhe dava o nome. Segundo dados não oficiais, Vanga foi madrinha de cerca de cinco mil crianças.

O vosso bebé chamar-se-á Eva Testemunho de Penka Kraeva, da aldeia de Kamares

Em 1966 nasceu-me um menino que viveu apenas três dias. Dois anos depois, com cesariana, tive outro filho, mas também este morreu aos três dias. Os médicos não disseram porque me aconteciam tais desgraças e eu sofri muito com elas.

Um dia uma amiga disse-me: – Até quando pensas torturar-te assim? Vem comigo, amanhã vou a Petrič ter com Vanga!

Fui mesmo. A amiga estava inscrita há mais tempo e foi atendida imediatamente. Eu fiquei no hotel «Belasica», inscrevi-me na fila, recebi um número e no dia seguinte fui a Rupite.

– Porque vieste?

Respondi atrapalhada: – Porque, tia Vanga, não tenho filhos.

Ela pensou um momento e disse: – Como assim, não tens? Tiveste dois filhos, um menino e uma menina, mas não eram para vós. Nasceram no oitavo mês e Deus levou-os. Agora tereis outra criança, mas tem de ser batizada. Então viverá.

– Está bem, tia Vanga. Farei como disseres – respondi e comecei a chorar de alegria.

Vanga continuou: – Agora ainda não estás grávida. Quando estiveres de quatro meses, vem ter comigo com uma boneca e fraldas.

No início de 1971 engravidei. Em maio fui com a sogra a Petrič levar a Vanga o que pedira. Não sei o que ela fez, mas após um estranho ritual a vidente exclamou: – Agora sim, terás um filho! Diz-me, que cidade fica perto de Kamares?

– Kazanlak – respondi.

– Não, não, não!

– Plovdiv.

– Sim! Lá irás ao hospital, lá há bons médicos. Quando deres à luz, vinde ter comigo para o nome da criança.

No oitavo mês internaram-me na clínica do Instituto Superior de Medicina de Plovdiv e a 24 de setembro nasceu uma menina que pesava menos de três quilos. Quando me recuperei, os médicos perguntaram com que nome registar a criança. Pedi-lhes que não se apressassem, porque ainda não sabia o nome. Vanga batizaria a menina e depois diria que nome dar.

No posto de controlo da zona proibida, os guardas-fronteiriços pediram licença ao meu marido e à mãe dele, que tinham partido imediatamente para Petrič. O marido disse que não tivera tempo de a tirar. De repente um dos soldados disse: – Eles vêm buscar o nome da criança. Vanga telefonou e mandou deixá-los passar!

Os meus familiares entregaram à vidente a mesma boneca e fraldas e ela queixou-se: – Três dias e três noites andei atormentada com esse nome! Não conseguia descansar, não me deixavam em paz… A Penka tem uma filha. Não a podem batizar Tina, como a sogra, nem Ivana, como a mãe dela. Não, não, não…

Vanga começou a gritar alto, atirou a boneca para o canto do quarto e berrou: – Ela está a chorar, a chorar… Eva! Eva, Eva, Eva será o nome da vossa filha!

Em Plovdiv esperava-os com grande impaciência. Gostei do nome, porque me agradava muito. Quando Eva tinha quarenta dias, decidimos batizá-la.

Foi um acontecimento comovente. Vanga ofereceu a Eva uma boneca que abria e fechava os olhos. A filha adorava-a e guardava-a mesmo já grande. Ao despedir-se, a vidente recomendou-me: – Quando Eva tiver um ano, traz-ma para eu ver como a criança cresceu. Ela crescerá, estudará, formar-se-á, casará e terá dois filhos.

Um dia, quando Eva já tinha cinco anos, entrou em casa agitado um vizinho. No largo estava um carro com Vanga e perguntava por Eva. Que a levasse depressa até ela!

Alegre, deixei tudo e, descalça, com a filha pela mão, corri para o largo. Acontece que Vanga ia com os seus para o mosteiro de Troian,

lembrou-se de Eva no caminho e decidiu passar pela nossa aldeia. Ficou lá cerca de uma hora. Ofereci-lhe pepinos frescos, porque a vidente jejuava.

Entretanto reunira-se no largo quase metade da aldeia para ver Vanga.

Conversámos de coração aberto. A madrinha alegrou-se com Eva, abraçou-a. Acompanhei Vanga até ao fim da aldeia e ela disse-me: – Eva tem cinco anos, mas não a deves deixar sozinha! Por mais difícil que seja, não quero que ela fique sozinha. Terás outro filho!

Ri-me e disse: – Madrinha, se fosse um menino, encomendávamo-lo já esta noite! Uma menina já não quero.

Vanga também riu e disse: – Menino ou menina, mas não deixes Eva sozinha!

Pouco depois engravidei mesmo. Quando em Petrič anunciei a Vanga que estava grávida, ela alegrou-se muito.

– Também este filho eu batizarei, porque assim deve ser. Desta vez trarás uma bacia, fraldas e boneca. Já sabes que te abrirão novamente em Plovdiv. Vai para lá!

A 10 de julho de 1976, novamente com cesariana, nasceu-me uma menina. Vanga batizou-a Marina. A menina era rosada e branca, de cabelo preto e olhos azuis.

A vidente alegrava-se com os meus filhos como se fossem dela. Amava-os e queria sempre vê-los, acariciar e beijar. Quase todos os anos levávamos as filhas a Rupite e banhávamo-las nas águas minerais de lá. Agora já são mulheres jovens. Quando as filhas se casaram, Vanga quis ver os maridos. Fomos todos a Petrič.

O que Vanga previu para Eva cumpriu-se. Terminou o liceu em Stara Zagora com distinção, estudou cinco anos no regime presencial em Veliko Tărnovo e tornou-se professora. Eva é casada, mas ainda não tem filhos.

Contudo a fé em Vanga fortalece-nos, porque sabemos que o que ela diz se cumpre. E Vanga anunciou que Eva teria dois filhos. Que Deus lhe dê essa felicidade!

Também Marina terminou o liceu e começou a universidade, mas no terceiro ano casou-se. Quando comunicámos a Vanga o casamento próximo, ela não concordou. Pressentindo que eu também tinha objeções,

Vanga disse contudo: – Não te zangues, ela só quer cuidar de ti. Que vivam com saúde! Eva está longe, não poderá cuidar de ti, mas Marina estará aqui ao lado.

Marina já tem dois filhos. Tomo conta dos netos, mostro-lhes fotografias de Vanga e a cassete de vídeo da sua igreja para que os netinhos guardem quem batizou a mãe deles e quem foi a madrinha.

Testemunho de Eva

Quando eu e a minha irmã ainda éramos pequenas, Vanga punha-nos no colo e dizia: – Não esqueçam que em casa têm a mãe verdadeira, mas eu sou a vossa mãe espiritual. Eva, Eva, nem imaginas as tormentas que tive contigo e com o teu nome! Deus é minha testemunha do quanto sofri.

A tia Vanga lembrava-me muitas vezes: – Tens de estudar, e estudarás!

Uma vez no inverno pediu-me que lhe tricotasse um colete quente igual ao meu. A tia Vanga gostou muito. Mais tarde contou-me: – Como te posso esquecer, Eva, se todos os dias oiço na rádio que está frio e a passagem de Troian para Karnare está fechada? Digo a mim mesma – o que fará agora a minha Eva? Mas o colete é muito quente, uso-o com grande prazer.

E mais recordações. Por vezes repetia-me: – Não te cases antes dos vinte e dois anos! – Aqui não lhe obedeci. Quando fizemos o casamento, eu tinha vinte. Comunicámos também a Vanga e ela ofereceu-me um lindo xaile branco e deu-me a sua bênção.

A minha madrinha foi uma mulher santa.

O amor de Vanga pelas crianças tornou-se lenda. Não é por acaso que tinha dois grandes sonhos: construir uma igreja (que se realizou) e abrir um infantário em Petrič. Tentou fazê-lo nos anos setenta, mas as autoridades locais não permitiram. Nada nem ninguém conseguiu contudo apagar no coração da vidente os sentimentos maternais quentes. Adorava as crianças e alegrava-se sinceramente com os seus afilhados. Vanga nunca se esquivava de os ver, dedicava-lhes sempre tempo. E esses filhos são milhares!

Desperta interesse o facto de Vanga querer sobretudo ser madrinha das crianças a quem ela própria ajudara a nascer. Um grande mistério é

contudo o ritual que praticava amplamente com a BONECA E AS FRALDAS.

Avancemos algumas hipóteses, embora dificilmente revelem uma partícula da verdade.

Primeiro poderia supor-se que Vanga rezava. Uma oração profunda, sincera e extremamente poderosa a Deus para que desse um filho a pais solitários que ansiavam por descendência. A ligação de Vanga com os Poderes Superiores era mais forte do que a nossa, pessoas comuns.

Do ponto de vista cristão, o poder da oração é imenso. Pode e faz milagres se for verdadeira e vier do coração. Cristo diz aos seus discípulos: «E tudo o que pedirdes em oração, crendo, recebereis.»

A oração pela saúde – neste caso pela conceção – é um método de cura religiosa em que o desejado se alcança escrevendo ou pronunciando palavras especiais. Com orações os santos e profetas outrora curavam pessoas, ajudavam-nas a libertar-se de forças e espíritos malignos, salvavam-lhes a vida e por vezes até ressuscitavam mortos.

Ainda hoje alguns clérigos fazem milagres com orações. Exorcistas libertam pessoas possuídas por demónios que chegaram a perturbações psíquicas ou doenças graves, e fazem-no com orações especiais do dia de São Basílio. Por sua vez, as orações do dia de São Cipriano são remédio milagroso para os deprimidos, atormentados pela opressão, sofrimento e desespero.

É possível também outra explicação: que o ritual da boneca seja algo semelhante à magia, mas diferente do significado geralmente aceite dessa palavra. – Eu não faço magia nem me ocupo dessas coisas! – declarou Vanga uma vez categoricamente a visitantes que lhe pediam feitiços negros.

Os parapsicólogos estão convencidos de que só um número ínfimo de pessoas consegue realmente fazer milagres, porque isso lhes foi dado pelo Altíssimo. São os eleitos de Deus que não querem usar em vão os seus conhecimentos sagrados e desejam empregá-los apenas em boas obras. E Vanga não era uma pessoa comum. A sua missão neste mundo era ajudar os sofredores, curar as suas maleitas físicas e da alma e revelar-lhes verdades espirituais.

– Eva, Eva, que tormentas tive contigo e com o teu nome! – disse Vanga à sua afilhada. – Três dias e três noites andei atormentada, não conseguia descansar, não me deixavam em paz!

De que falava Vanga?

Dos anjos do Senhor? Dos espíritos dos familiares da menina que então nascera? De outras forças do além que nos são desconhecidas?

É difícil responder a perguntas como estas. São insondáveis. Mesmo que Vanga dissesse que estava em contacto constante com os mortos e transmitia aos vivos o que eles lhe diziam, isso era apenas uma pequena parte do seu mundo. Um fragmento daquela VERDADE em que viveu mais de meio século e que, muito provavelmente, levou consigo para o além.

Explicar os milagres de Vanga é uma tarefa sem esperança, porque as suas raízes estão muito além da lógica, da perceção e das capacidades cognitivas deste mundo. Qualquer explicação que dermos apenas nos levará a enganos e aumentará a confusão. Se nestas coisas houvesse algo que os humanos pudessem compreender, Vanga tê-los-ia ajudado.

Mas a vidente avisava repetidamente que não devíamos remexer em assuntos destinados a permanecer ocultos e desconhecidos, porque ainda não chegara a hora de os revelar. No Novo Testamento, Cristo diz: «Porque nada há oculto que não venha a ser revelado, nem escondido que não venha a ser conhecido.» Disso se deduz que toda a verdade neste mundo tem o seu tempo.

A vidente queixava-se de que os cientistas se atreviam a estudá-la: – Para que vêm com essa técnica e aparelhos, fazer experiências? Julgam que vão explicar alguma coisa! Como vos hei de dizer que é vontade de Deus?

A todos – pobres e ricos, honestos e mentirosos, bons e maus – Vanga tentava acima de tudo convencer da existência de Deus. Com o seu comportamento, a sua moral e as suas visões, revelava às pessoas a verdade eterna sobre a ligação universal que une o homem ao Criador e lembrava sempre que não se deve renegar a fé n'Ele.

– Deus é um só e habita em cada um de nós – ensinava a vidente. – Ele é uma enorme bola de fogo em que não se pode olhar por causa da luz. Só luz, nada mais se vê.

À mulher da aldeia de Kamares morreram os dois primeiros filhos. – Esses não eram para vós e Deus levou-os – anunciou Vanga. Com essas palavras dava mais um sinal de que a vida humana é um dom de Deus e que muito do que nos acontece não tem explicação, por mais que a procuremos e a desejemos. A experiência, as provas e os sofrimentos na vida do homem vêm com a providência de Deus e somos chamados a superá-los para crescermos espiritualmente, tornarmo-nos melhores e mais sábios, mais próximos do nosso protótipo. Na natureza, no Cosmos e na Vida, cada homem está sujeito a um determinismo rigoroso que mantém a harmonia geral do existente.

Às suas duas afilhadas Vanga deu nomes bíblicos – Eva (Ieva) e Marina.

É notável que Eva seja o nome feminino mais antigo e signifique «vida». O segundo filho de Penka, nascido a 10 de julho, a vidente batizou-o Marina, porque a 17 de julho, segundo o calendário ortodoxo, é o dia da grande mártir Marina.

Vanga dava frequentemente aos bebés nomes de personagens da Bíblia ou de santos. E, como já dissemos, o nome é destino. Marca o indivíduo e, de certa forma, determina também a sua vida.

Interessante é uma frase de S. Lazarev sobre o nome do homem no livro «Diagnóstico do Karma»: «O nome penetra no campo energético do homem e depende do karma da pessoa em cuja honra a criança é batizada. Não foi por acaso que antigamente os recém-nascidos recebiam nomes de santos… O seu karma luminoso e puro liga-se ao karma da criança e protege-os.

Ao batizar as crianças com nomes de familiares, arriscamos que elas herdem os seus erros e vícios, porque juntamente com o nome a criança recebe também uma parte do karma da pessoa em questão. Por isso, ao dar à criança o nome de uma pessoa comum, é preciso bloquear a parte negativa do karma, enviando previamente em pensamento uma oração ao nome para que venha apenas com o seu lado luminoso, voltado para a bondade, a nobreza e o amor de Deus.»

Ivan Dinkov, poeta. Encontrei-me com Vanga bastantes vezes, mas falarei apenas das perguntas que lhe fiz na primeira vez e das suas respostas.

«Tratas-me com grande desconfiança» – foram as palavras com que Vanga me recebeu nesse dia. Fiz-me de surdo e perguntei diretamente em que relação está o homem consigo mesmo e se é capaz de o esclarecer. Pareceu-me que Vanga não entendera a pergunta, por isso repeti-a. A resposta foi vaga, pelo menos eu não a compreendi. De repente a vidente baixou a cabeça para a mesinha e exclamou lamentosa: – Ai Deus, ai Deus, todos querem chegar a Ti vivos! Assim são os sofistas!

Não me atrevi a acender um cigarro e ela também não o teria permitido. Perguntei à famosa vidente se o sentido da vida coincide com a própria vida. Era ao estilo de Dostoievski. Vanga teve novamente dificuldade em responder. Ora a vida é maior do que o seu sentido, ora o sentido torna-se maior do que a vida… – O sentido da vida está guardado junto de Deus – disse Vanga, arranjando o lenço. – Ele guarda-o no ninho de um pássaro especial.

– Mas não há lá ladrões? – Só o Senhor é ladrão. Ele rouba, mas de Si mesmo, e distribui o roubado às pessoas.

É provavelmente assim, pensei em silêncio e sorri. O Senhor é uma infinidade indefinida.

– Não há nenhuma infinidade indefinida! – zangou-se Vanga. – O Senhor dos Céus é apenas luz!

Mais tarde escrevi num poema que a luz é mãe de muitos filhos, sem mencionar que também ilumina vários monstros.

Ainda hoje não entendo o que Vanga me quis dizer. Mas ouvi que muitas das suas respostas tocaram profundamente as pessoas. Aconteceu o mesmo com o grande escritor russo Leonid Leonov.

Preparava mentalmente a pergunta seguinte, sabendo bem que estava a cansar aquela velha senhora. De todos os búlgaros e búlgaras, Vanga tinha o dia de trabalho mais longo. – Sou a seguir aos vermes, que trabalham mais tempo – costumava dizer.

Perguntei à vidente se o homem tem realmente mais medo daquilo que pressente que virá. Vanga franziu o sobrolho e disse que eu era mesmo muito descrente, mas que, contudo, me diria que o meu falecido pai se chamava Dinko e que o meu filho mais velho se chamava Stojan. Olha, aí

está o pai sentado a sorrir num banquinho à janela e a perguntar pelo Stojan! E a tua mulher é artista e neste momento está a atuar na Roménia.

Fiquei um pouco atrapalhado, porque tudo correspondia à verdade. E o túmulo do teu pai fica ao lado do de Angel Popov, continuou Vanga. Agora fiquei completamente confuso, porque era mesmo assim.

Nesse instante a vidente cega abriu muito os olhos cegos e disse: – Tudo o que vês aqui à volta já existiu outrora. Não sei quando aconteceu, mas existiu. Mas não devemos voltar à conversa anterior. Ali espreitam cães maus!

À casa de Vanga vinham pessoas de todo o tipo da Bulgária e de outros países. Alguns continuam a espalhar mentiras de que lhe forneciam informação por via telepática. Só se pode lamentar profundamente que entre eles haja também representantes do mundo artístico.

Perguntei a esta mulher famosa se via também a morte e se era capaz de a descrever, ainda que aproximadamente. Da resposta deduzi que Vanga via a morte, mas não conseguia exprimi-la em palavras. Disse que também vira a morte do marido. Convém acrescentar que o marido, durante a vida em comum, não tratara Vanga com grande gentileza.

Perguntei-lhe muito a sério se a morte fala uma linguagem coerente e se tem ao menos algo semelhante a linguagem. Talvez a morte ladre, bale ou cante? Vanga respondeu agitada que não ouvira da morte uma única palavra. Se bem me lembro, disse que o último czar da Bulgária também lhe fizera essa pergunta. – Falo do czar Boris – esclareceu ela. – Ele assustou-se um pouco quando lhe disse que via o seu reinado como uma noz frágil. Mas o que podia eu fazer?

À porta da casa de Vanga em Petrič, na rua Zemessargu, havia sempre uma grande multidão. As pessoas calavam-se, mas a sua própria presença era opressiva. Cada um vinha com a sua dor e tragédia. Pedi à vidente que recebesse um escritor búlgaro gravemente doente que vivia ali perto. – Não! – retorquiu Vanga. – Esse não é um homem, é lixo humano!

Fiquei mais convicto de que as videntes não são nada misericordiosas, pelo menos Vanga não o era. Na vida nunca vira nada de bom e também não era especialmente indulgente com as pessoas. Observando Vanga, eu não conseguia acreditar que na infância tocara piano. Talvez esteja

enganado e seja injusto com ela. Provavelmente deixei escapar algum pormenor importante, mas o diabo só espera por isso.

De vez em quando tocava o telefone preto com o monograma do czar, que estava numa mesinha redonda. Vanga detestava que a interrompessem, mas a paciência das pessoas não era infinita, precisavam de conselho.

Anotei no meu diário que a palavra «vida» não tem sinónimos. O que acham que quis dizer com isso?

Sinónimo… Vanga apertou mais o lenço. – Dizes sinónimo? Eu vejo a vida como uma cruz milagrosa da terra até ao céu. Ou como uma árvore infinitamente alta. Estamos todos sentados nela. E depois? A árvore cresce constantemente para o céu e nós nos seus ramos somos cada vez mais. Então ninguém cai dessa árvore ou dessa cruz? Estás novamente a aproximar-te dos cães maus – suspirou Vanga profundamente. – Deixa-os em paz! Todos os cães enlouquecem. Até os dos livros. Nos teus poemas também há cães. Num deles é frequentemente mencionado o cão do distrito de Panagjurište.

Era certamente uma resposta, mas uma resposta de profeta, difícil de formular e traduzir para a linguagem comum dos humanos.

Lá fora triunfava a primavera. – Não, não triunfava, mas consolidava-se – costumava dizer Vanga. – O bom tempo fortalece o homem e cria-lhe ilusões de eternidade. Vejo que neste momento te alegras com as sementes fofas dos choupos – atirou a vidente. – É o maior que Deus nos pode dar. A minha almofada está cheia dessas sementes, mas também há muitos humanos.

Perguntei se também aos mortos cabem sementes fofas de choupo. A terra afinal não é confortável para dormir e por isso inventaram colchões insufláveis e todo o tipo de tapetes macios. – Mortos não há – estremeceu a corpulenta Vanga. – Os mortos são apenas turistas invejáveis. Digo turistas para que percebas.

De repente senti um frio insuportável. Ouvi-me dizer que não queria tornar-me um turista invejável. Preferia andar a pé pela Grécia ou pelas praias da Riviera. – Fraca publicidade – sorriu Vanga ironicamente. – Aprendi esta palavra com gente como tu. Um deles até queria que eu o mandasse em missão ao além. – Não pensava que fosses tão má-língua –

respondi-lhe. Fui eu que o pedi, mas no caminho mudei de ideias. Vanga calou-se.

A porta abriu-se de repente sem bater e entrou uma mulher bonita de bata branca. – Tia Vanga, há qualquer coisa que não percebo com o cadáver daquele turcólogo – disse ela. – Não sei o que escrever no protocolo da autópsia. – Com o corpo do morto está tudo em ordem – respondeu Vanga, contendo um sorriso. – Aquele professor teve muita sorte por não o terem deixado na Grécia. No carro ainda estava a mulher dele com o amante. Nenhum dos dois o agrediu. Ao professor simplesmente chegara a hora de morrer.

Tinha de me ir embora, porque na fábrica de processamento de algas medicinais já me esperava a sensitiva Stella Dimitrova.

– Vai – disse Vanga, que se deitara na cama – e amanhã volta com mais confiança. Mas não, não, ainda não vás! Quero dizer-te que podes escrever como tens escrito, mas nunca te compreenderão os que têm menos de trinta anos. Esse é o teu destino. E a tua mãe chama-se Todora. O pai dela foi morto na guerra algures perto de Bitola, junto a uma ameixoeira torta. Não me perguntaste isso de manhã? – Não, não perguntei, mas estou grato pela informação.

– Só vejo isso – disse Vanga – que o matou uma granada inglesa quando ele ia buscar água com muitas cantis de soldados. Diz isso à avó Mina. Mas não, já não podes fazê-lo, ela há muito está com o marido. E com a tua irmã Marija. Lembras-te de como ias descalço à frente do caixão dela, com um punhado de cominhos numa telha partida?

A julgar por tudo, Vanga via o que acontecia tanto no passado como no mundo dos mortos. Agora provavelmente vê o que acontece aqui, neste mundo. Será que por isso se pode invejá-la…

Conversas milagrosas com os mortos «Todos iremos para o além. Não tenho medo dos mortos, tenho medo dos vivos!»

Desde a mais remota antiguidade as pessoas acreditam na vida após a morte e na possibilidade de comunicar com os mortos através de médiuns. Os cientistas chamaram a essa crença misticismo e às pessoas que afirmam estabelecer contactos com os mortos – espíritas.

A capacidade de Vanga de contactar com os espíritos dos falecidos espantava até as mentes mais conservadoras. Investigadores e intelectuais de várias áreas da Bulgária e do estrangeiro registavam com profundo espanto como ela se comunicava com eles. Vanga mencionava pormenores da vida dos mortos que os familiares muitas vezes perdiam o controlo e consideravam um verdadeiro milagre, porque a vidente não tinha a menor possibilidade de saber os factos mencionados. Portanto obtinha a informação de forma sobrenatural, mística, telepática, diretamente dos próprios mortos!

Um acontecimento que ganhou ampla notoriedade foi com o ator russo Viatcheslav Tikhonov. No encontro de 1979, a vidente búlgara disse-lhe: – Porque não cumpriste o desejo do teu amigo Yuri Gagarin? Antes do seu último voo de teste, ele veio visitar-te e disse-te: «Eu próprio não tenho tempo, por isso peço-te muito que compres um despertador e o ponhas na tua secretária. O despertador lembrar-te-á de mim!»

Sabe-se que Tikhonov desmaiou após estas palavras e lhe deram valeriana. Ao recuperar, confirmou que tudo fora exatamente como Vanga dissera. Abalado pela morte de Gagarin, esquecera-se de comprar o relógio.

Vanga fez milagres espantosos milhares de vezes. As suas conversas com os mortos levaram até os ateus mais convictos a mudar a atitude perante a vida e a morte, a corrigir as suas «verdades categóricas» e a formar uma nova visão do mundo.

Vanga foi uma das maiores testemunhas vivas do século XX de que existe um mundo além e almas dos mortos. É pena que os cientistas tenham ignorado este lado do fenómeno de Vanga, bem como a sua personalidade cheia de conhecimentos incompreensíveis para as pessoas.

É verdade que há também o outro lado. A vidente dissera muitas vezes que os cientistas podiam fazer o que quisessem, estudá-la com vários aparelhos e avançar várias hipóteses, mas nunca descobririam a verdade, porque as suas capacidades «vêm de Deus». E será que o homem consegue estudar o seu Criador? Explicar o insondável e o infinito?

– Como hei de explicar se são obras de Deus? – reagia assim a vidente às tentativas de a estudar. E costumava acrescentar: – Estas capacidades vêm-me de Deus. Ele tirou-me a visão humana, mas deu-me outros olhos com que vejo tudo junto, tanto o mundo visível como o invisível.

Como fonte das profecias, Vanga apontava mais frequentemente os espíritos dos mortos. Eram eles que lhe ditavam o que dizer às pessoas que vinham ter com ela e escreviam palavras ou letras que ela lia ou decifrava e transmitia aos visitantes. A um colaborador científico do instituto de filosofia, Vanga disse: – Digo o que vejo e oiço. Os espíritos primeiro anunciam-me o nome: «Diz-lhe que ele é Petar, Nikola, Ivanka…» Por vezes vejo o nome escrito inteiro ou pelo menos a inicial.

A vidente queixava-se por vezes: – Esses mortos por vezes gritam tão alto que quase me rebenta a cabeça! E especialmente quando está para acontecer algo terrível, uma catástrofe, morte ou doença. Sei que não devo dizer nada, mas o coração só me incita – diz, diz, diz! Então viro-me um pouco de lado e falo baixinho para a pessoa não ouvir, para que vá embora. Senão morro, o coração rebenta-me!

Ao escritor russo Valentin Sidorov, a vidente disse: – Os espíritos são transparentes e incolores como água num copo. Mas brilham, emitem luz. Comportam-se como pessoas – sentam-se, andam, riem e choram… não me deixam em paz! Mal adormeço, acordam-me e chamam: «Levanta-te, está na hora de trabalhar!»

O realizador Nevena Toševa, que fez o filme «Fenómeno» sobre Vanga, também foi influenciada pelas declarações da vidente sobre os mortos: – Mal os meus visitantes em Petrič descem do autocarro, vejo que vêm acompanhados também pelos mortos. À noite entro em casa e vejo que está cheia de defuntos. Sentados, acocorados em todos os cantos. Olho, olho e deito-me.

Conversas milagrosas com os mortos «Todos iremos para o além. Não tenho medo dos mortos, tenho medo dos vivos!»

Desde a mais remota antiguidade as pessoas acreditam na vida após a morte e na possibilidade de comunicar com os mortos através de médiuns. Os cientistas chamaram a essa crença misticismo e às pessoas que afirmam estabelecer contactos com os mortos – espíritas.

A capacidade de Vanga de contactar com os espíritos dos falecidos espantava até as mentes mais conservadoras. Investigadores e intelectuais de várias áreas da Bulgária e do estrangeiro registavam com profundo espanto como ela se comunicava com eles. Vanga mencionava pormenores da vida dos mortos que os familiares muitas vezes perdiam o controlo e

consideravam um verdadeiro milagre, porque a vidente não tinha a menor possibilidade de saber os factos mencionados. Portanto obtinha a informação de forma sobrenatural, mística, telepática, diretamente dos próprios mortos!

Um acontecimento que ganhou ampla notoriedade foi com o ator russo Viatcheslav Tikhonov. No encontro de 1979, a vidente búlgara disse-lhe: – Porque não cumpriste o desejo do teu amigo Yuri Gagarin? Antes do seu último voo de teste, ele veio visitar-te e disse-te: «Eu próprio não tenho tempo, por isso peço-te muito que compres um despertador e o ponhas na tua secretária. O despertador lembrar-te-á de mim!»

Sabe-se que Tikhonov desmaiou após estas palavras e lhe deram valeriana. Ao recuperar, confirmou que tudo fora exatamente como Vanga dissera. Abalado pela morte de Gagarin, esquecera-se de comprar o relógio.

Vanga fez milagres espantosos milhares de vezes. As suas conversas com os mortos levaram até os ateus mais convictos a mudar a atitude perante a vida e a morte, a corrigir as suas «verdades categóricas» e a formar uma nova visão do mundo.

Vanga foi uma das maiores testemunhas vivas do século XX de que existe um mundo além e almas dos mortos. É pena que os cientistas tenham ignorado este lado do fenómeno de Vanga, bem como a sua personalidade cheia de conhecimentos incompreensíveis para as pessoas.

É verdade que há também o outro lado. A vidente dissera muitas vezes que os cientistas podiam fazer o que quisessem, estudá-la com vários aparelhos e avançar várias hipóteses, mas nunca descobririam a verdade, porque as suas capacidades «vêm de Deus». E será que o homem consegue estudar o seu Criador? Explicar o insondável e o infinito?

– Como hei de explicar se são obras de Deus? – reagia assim a vidente às tentativas de a estudar. E costumava acrescentar: – Estas capacidades vêm-me de Deus. Ele tirou-me a visão humana, mas deu-me outros olhos com que vejo tudo junto, tanto o mundo visível como o invisível.

Como fonte das profecias, Vanga apontava mais frequentemente os espíritos dos mortos. Eram eles que lhe ditavam o que dizer às pessoas que vinham ter com ela e escreviam palavras ou letras que ela lia ou decifrava e transmitia aos visitantes. A um colaborador científico do instituto de

filosofia, Vanga disse: – Digo o que vejo e oiço. Os espíritos primeiro anunciam-me o nome: «Diz-lhe que ele é Petar, Nikola, Ivanka…» Por vezes vejo o nome escrito inteiro ou pelo menos a inicial.

A vidente queixava-se por vezes: – Esses mortos por vezes gritam tão alto que quase me rebenta a cabeça! E especialmente quando está para acontecer algo terrível, uma catástrofe, morte ou doença. Sei que não devo dizer nada, mas o coração só me incita – diz, diz, diz! Então viro-me um pouco de lado e falo baixinho para a pessoa não ouvir, para que vá embora. Senão morro, o coração rebenta-me!

Ao escritor russo Valentin Sidorov, a vidente disse: – Os espíritos são transparentes e incolores como água num copo. Mas brilham, emitem luz. Comportam-se como pessoas – sentam-se, andam, riem e choram… não me deixam em paz! Mal adormeço, acordam-me e chamam: «Levanta-te, está na hora de trabalhar!»

O realizador Nevena Toševa, que fez o filme «Fenómeno» sobre Vanga, também foi influenciada pelas declarações da vidente sobre os mortos: – Mal os meus visitantes em Petrič descem do autocarro, vejo que vêm acompanhados também pelos mortos. À noite entro em casa e vejo que está cheia de defuntos. Sentados, acocorados em todos os cantos. Olho, olho e deito-me.

À pergunta da professora Cavdara Dragoiceva sobre onde obtinha a informação acerca dos familiares das pessoas que vinham pedir-lhe conselho, Vanga respondeu: — Doutora, és muito culta e não vais acreditar em mim. Mas eu consigo falar com as almas dos mortos, e elas contam-me aquilo que eu digo aos familiares delas. — E como são essas almas, vês-as? — perguntou o professor. — Sim, vejo-as — respondeu Vanga. — São diferentes: boas e más. As boas são brancas, quase transparentes, e deslizam calmamente acima da terra a uma altura de um ou dois pés. Mas as más são completamente diferentes, são sombrias...

Alguns fragmentos do livro do professor Veličko Dobrijanov «O Fenómeno Vanga» ajudam a espreitar o mundo enigmático de Vanga, que existia entre a Terra e o Além.

Transe V. (Vanga) — Quem morreu? Quem partiu? A. (visitante) — O meu marido. V. — Olha, está aqui, ao teu lado! Quando entraram, olha, ali está o teu marido! Morreu do coração? A. — Sim. V. — Aqui está o teu

marido. Quando entraram, virei-me, e ele gritava: «Sim, sim, eu também estou aqui!» Quero falar de outra coisa para ele não me distrair e eu não começar a falar com ele. Olha, ele sussurra-me ao ouvido e diz — deixa-a ir! Por que pergunta pelo irmão, ele não tem irmão nenhum? A. — Esse morreu um ano antes dele. V. — Olha onde ele está! «Diz-lhe por que perguntei pelo irmão. Agora não tenho irmão, mas na verdade tenho!» Olha, o irmão veio!

O que dizem e fazem os mortos, como parecem

V. — Vejo o morto incolor, tal como tu me vês a mim. Vejo-o de pé e a sentar-se. Doía-lhe a perna ao irmão, que ele se queixa comigo?

A. — Sim, mas a mim não disse. Dizia que era um calo...

V. — Olha como levanta a perna. Mas o que fazem o Jordan ou a Jordanka? Só me mostram J... Perguntam ou pelo Marči, ou pela ?nāti, ou pela Marija — mostram M... O irmão olha diretamente para ti. Pergunta pela rapariga, se estuda?

A. — Este ano acaba.

V. — O teu marido pergunta-me qualquer coisa, mostra-me qualquer coisa para eu te dizer, mas não consigo entender o que ele quer. O marido fumava?

A. — Não.

V. — Então por que tem um maço de cigarros?

A. — Sou eu que fumo, e ele guardava os cigarros consigo.

V. — Quem é Stojan?

A. — O meu marido era Stojan.

V. — Olha, escreve-te o nome na cara. Aqui está... Pergunta por um tal Georgi, mostra G.

A. — Tinha um colega chamado Georgi.

V. — Mostra a letra G e manda-me dizer: «Gostava-lhe de peixe?»

A. — Sim.

V. — Mostra-me um peixe, segura-o pela cauda e diz: «Digam à minha mulher que arranje os dentes.» Tens os dentes saudáveis?

A. — Agora vou arranjá-los.

«Não sei como as almas falam»

V. — O vosso apelido é Popov? Aqui dizem: «Digam-lhes que saibam que na família deles também há um pope.» Não sei qual é a alma que fala. Por que aparece com a letra V, por que é Vasil, por que é Hristo, mas por que não se vê nenhuma mulher? Pergunta-lhes a todos por que não há nenhum nome Maria?

A. — Diz-me qualquer coisa sobre o rapazinho.

V. — Quantos anos tem, é pequenino?

A. — Quatro anos.

V. — Muito pequeno. Tem de chegar aos oito anos para eu poder falar do futuro dele.

«O açúcar diz-me...»

V. — Ela está sozinha, sozinha ficará... Agora e ainda por algum tempo — sozinha! Tens família?

A. — Não.

V. — Certo? Já quando ela me deu o açúcar, este gritava-me nas mãos: «Ela está só e ainda estará por algum tempo...» Eu própria a vejo, meu Deus, e outra vez sozinha. Outra vez o açúcar grita: «Diz, diz que está sozinha...»

«Como esses mortos me atormentam»

V. — Quem foi assassinado?

A. — É isso que quero saber.

V. — Ah, olha onde ele está, também veio! Se eu cair em transe, arranco-vos os olhos a todos. Quem foi assassinado? Tu sabes disso? Olha como a morte anda à roda!

A. — Desapareceu-me o irmão.

V. — Quem é Mitko? É por ele que te perguntam. Mostra a letra S... Olha a tua madrasta, também veio.

A. — S quer dizer Simeão. Era assim que o pai me chamava.

V. — Olha onde ele está, olha! Escreve a letra S. A tua mãe pergunta onde está a tua mulher... A tua mãe só me mostra uma criança.

A. — Tenho um filho.

V. — Olha a mãe de pé ao teu lado, veio ver como estás. Diz, o que tiveste com o rim direito?

A. — Estive doente... tiraram-me pedras.

V. — Sei, sei. Vejo-te a ti e vejo também a tua alma.

Quando contactava com as almas dos falecidos, Vanga por vezes caía em transe. Os casos mencionados testemunham como são os mortos, o que perguntam, do que se interessam e o que mandam a vidente dizer aos seus familiares. Estão documentados e servem de argumento à afirmação de que uma das principais fontes de informação de Vanga foi o mundo dos mortos com as suas mensagens, imagens e sinais gráficos que a clarividente lia e traduzia para linguagem compreensível pelos vivos.

Por vezes, no que Vanga dizia, perdia-se a sequência e a lógica, porque se revelava que várias almas falavam ao mesmo tempo. Então Vanga não conseguia transmitir com precisão tudo o que ouvira.

Mãe e pai, eu não fui assassinado! Relato de Snežana Hristova, de Varna Encontrei-me com Vanga várias vezes, mas a primeira deixou as memórias mais profundas e inesquecíveis.

Foi em 1973, quando cheguei pela primeira vez a Petrič. Não sabia quanto tempo teria de esperar, mas Vanga, para minha sorte, acabara de voltar da igreja e anunciou que receberia mais pessoas.

À minha frente esperava uma família profundamente abatida, marido e mulher, da Jugoslávia do Sul. Quando entraram na pequena cozinha que servia de sala de consultas, eu estava apenas a poucos passos e ouvi tudo claramente. A vidente recebeu os visitantes com as palavras: — Enterraram há pouco tempo o vosso filho. Há muito queriam vir ter comigo, mas não conseguiam decidir-se. Ele já está aqui. De repente a voz de Vanga mudou, e eis o que ela disse: — Mãe e pai, já vos espero há muito.

Quando me encontraram em casa morto com uma ferida na cabeça, pensaram que alguém me tinha assassinado. Não é verdade. Regressado do exército, não vos encontrei, tinham saído. À noite bebi com amigos e voltei

tarde. Durante a noite quis beber água, ao levantar-me tropecei e bati com a cabeça na quina do fogão. Meio inconsciente, procurei a torneira, mas em vez de água abri o gás. Foi assim que parti desta vida. Os pais do rapaz choravam alto. Também a mim me corriam as lágrimas, porque tinha pena destas pessoas.

Vanga pediu-lhes que não chorassem para poder continuar a conversa com o espírito do jovem. Pela boca de Vanga, este disse: — Mãe e pai, não me deixaram casar com a namorada, e agora ela está comigo. A vidente perguntou aos pais se era verdade o que o espírito dizia, e eles contaram que a rapariga tinha morrido vinte dias depois da morte do filho. Então Vanga voltou a falar com aquela voz estranha: — Os pais enterraram-na como noiva, mas não conseguiram encontrar sapatos brancos e calçaram-lha com sapatos pretos.

Que comprem agora sapatos brancos e os coloquem na sepultura dela... Mãe e pai, não precisais chorar tanto, porque eu estou todo molhado (!). Pai, pensas que alguém te roubou o transístor, mas ele está no bolso daquela camisa que está pendurada na cave, junto à porta. E o meu fato novo, deem-no ao meu amigo, para que o use e se lembre de mim com boas palavras. Nesse momento a mãe sentiu-se mal. Vanga consolou-a e no fim disse: — O rapaz foi-se embora. Dói-lhe ver-vos chorar. Este é um daqueles casos em que Vanga, muito provavelmente, entrou num estado semelhante ao transe e falou com a voz do jovem morto.

Uma mensagem tão longa e tão coerente do Além é rara e diferencia-se das outras conversas dela com os mortos. Normalmente eram fragmentadas, a vidente falava ao mesmo tempo de muitas coisas e temas, fazendo constantemente perguntas retóricas aos visitantes, de modo que a conversa se tornava mais um diálogo com eles. Aqui, porém, trata-se de uma mensagem contínua, e além disso a voz de Vanga mudava.

O que o espírito do jovem disse é único. Demonstra que os mortos, especialmente os que partiram há pouco tempo, veem o que acontece na terra e sabem em que estado estão os seus familiares enlutados. O filho morto, na sessão telepática, repreendeu os pais por um pecado grave — a suspeita de que ele tivesse sido assassinado. Afirma que não é verdade e descreve toda a cena da sua morte trágica ou, nas palavras do espírito, como «partiu desta vida».

Desperta interesse também o pedido de colocar sapatos brancos na sepultura da namorada morta. Ela foi enterrada como noiva, mas com sapatos pretos. Será que os mortos veem também a morte de outras pessoas?

O momento mais impressionante da conversa é, no entanto, o pedido do rapaz para que os pais não chorassem tanto, porque ele estava todo molhado. Como pode um morto ou, mais corretamente, a sua alma sentir um fator físico, nomeadamente a humidade? Será que após a morte continua a existir, ao lado da alma, também o corpo sutil ou astral do ser humano e que este possui capacidade de sensação?

Em muitas culturas existe a crença de que o ser humano tem, além do corpo físico, outro corpo astral. Por exemplo, há a crença egípcia de que este é o reflexo espelhado do corpo físico, apenas feito de matéria mais subtil. A maior parte dos ocultistas fala de três tipos de corpos sutis: astral, mental e espiritual. Todos eles são constituídos de matéria em graus crescentes de rarefação.

Claro que são apenas hipóteses. Não é possível analisar coisas que diferem radicalmente das nossas conceções terrenas.

O pedido do jovem aos pais para não chorarem ressoa de forma estranha com o conselho que Vanga deu a uma mulher para que não chorasse pelo marido morto: — Não derrames lágrimas! Todos estamos destinados à morte, todos partiremos. Já não o podes ajudar. Se eu não consegui ajudar o meu marido, que morreu com quarenta anos, como poderás tu! Não chores, nem uma lágrima sequer à frente das crianças! À mulher que sofria dolorosamente a perda de um filho, a vidente ensinou com ternura maternal: — Não se deve chorar muito, ainda adoeces!

É difícil acalmar as dores daqueles que perderam os seus entes queridos. Nas palavras de Vanga havia sempre uma sabedoria especial, os seus conselhos tinham um sentido profundo e significado, bastava compreendê-los.

Ele diz que os visitará à noite Relato de Ličo Sabev, de Razgrad Em 1971 visitei os meus pais no campo. Eles viviam com a família do meu irmão mais velho, Petar.

Uma noite o irmão, como sempre, foi ao centro da aldeia e... não voltou mais. A cunhada ficou devastada. De manhã cedo fui à procura do irmão e, para meu grande horror, encontrei-o morto no ribeiro da aldeia. O médico local declarou categoricamente que tinha sido homicídio doloso. Aconselhou-nos a exigir autópsia e abertura de processo-crime.

Alguns conhecidos aconselharam-nos a ir ter com Vanga para ela revelar o que realmente acontecera. No sexto dia após o funeral do irmão, amigos conseguiram que ela me recebesse.

Era 11 de agosto. Ainda não me tinha recuperado da perda pesada e entrei em casa da vidente muito agitado, sem conseguir conter-me. Ela recebeu-me descontente por eu ter vindo sem fila. Fiz um esforço e expliquei por que viera.

Vanga despediu-me com as palavras: — Vens muito cedo. Agora vai para casa e volta daqui a seis meses. Depois veremos o que se pode fazer... No dia 7 de abril de 1972 voltei a Petrič. A cunhada soubera não sei onde que Vanga gostava muito de flores e cultivara num vaso uma flor rara e muito bonita para lhe oferecer. No último momento, porém, a cunhada mudou de ideias e trocou a flor por um tapete fino tecido em casa, porque durante a longa viagem a flor poderia quebrar-se ou murchar.

Tendo suportado o choque da morte e aprendido muitas coisas, subi o degrau da casa de Vanga com a firme determinação de perguntar abertamente quem matara o meu irmão. Mas logo à porta ela surpreendeu-me e confundiu-me: — Onde está aquela flor que a cunhada cultivou para mim? Por que não a trouxeste? Nesse momento amaldiçoei-me mil vezes por ter deixado a flor em casa e tentei atrapalhado explicar que trouxera um tapete em vez da flor. Mas Vanga insistiu e não quis aceitar mais nada.

De repente disse: — Olha, o teu irmão entra, vejo-o! Pergunta o que fazem o Mitko e o Danko. Quem são eles para ele? — Os dois filhos. — Manda-lhes dizer que fez por eles tudo o que pôde — continuou Vanga. — Doravante terão de cuidar de si próprios. Diz que de vez em quando os visitará à noite, andará pela casa e pelo quintal e depois irá embora...

Já tenho mais de sessenta anos, mas tudo o que vi e ouvi da vidente de Petrič ficou-me na memória até ao último pormenor. E não paro de me perguntar — quem era Vanga? Um fenómeno? Realidade? Fenómeno da natureza ou enviada de Deus? A sua capacidade de contactar com os nossos

familiares que partiram para o Além e a habilidade de prever o futuro eram únicas. Talvez no futuro se descubra o seu segredo.

Neste relato há dois pontos dignos de nota, e é possível que estejam interligados. Primeiro, Vanga despacha o visitante porque veio cedo demais e manda-o voltar daqui a seis meses. Segundo, exige categoricamente a flor que a mulher do homem falecido cultivara para ela.

Segundo algumas crenças, o espírito do morto permanece ainda na terra durante os primeiros seis meses, junto à sua casa, aos seus bens e ao seu ambiente, porque está muito ligado a eles. Encontra-se numa dimensão de transição entre dois mundos e vê o que acontece na terra com os seus familiares. O espírito observa-os e sofre com a sua tristeza, mas não consegue nem comunicá-lo nem mostrar a sua existência, porque é invisível e imaterial. Ou talvez seja feito de matéria invisível?

Quando vinham ter com Vanga pessoas com perguntas sobre mortos recentes, ela honestamente despachava-as com a indicação de voltarem mais tarde. Por vezes indicava até um ano após a morte.

É curioso que nestas situações a vidente mandasse trazer uma flor em vaso, uma vela de igreja ou um punhado de terra do túmulo do morto. Provavelmente isso ajudava-a na sessão de telepatia. Esses objetos podiam ter significado ritual e, com o seu especial poder vibratório, tornavam-se o canal por onde fluía a informação para a vidente e tornavam possível a ligação entre ela e o morto.

Eis o que Vanga disse a uma mãe sobre o seu filho morto: — Olha onde ele está, ao meu lado! Muitos vêm ter comigo em vão, mas eu quero flores, flores vivas ou uma vela... Não quero dinheiro, não quero comida nem bebida, tenho uma só alma. Quando agora me cansar, esse cansaço durar-me-á até amanhã.

Talvez a flor e a vela neutralizassem parte da energia que se acumulava à volta de Vanga enquanto falava com os mortos?

O certo é que eram momentos pesados, tensos e exaustivos que exigiam superconcentração, mas que inevitavelmente deixavam marca no médium. A própria Vanga confessou um dia a um visitante que os mortos a atormentavam muito e declarou perante as pessoas: — Quando vos morre recentemente um familiar, venham ter comigo com flores. Porque não

trazem vasos de flores? Essa informação sobre os mortos que vocês emitem com a vossa presença flui para as flores e salva-me do mal-estar, dos ataques e de cair em transe!

E ainda outra revelação de Vanga: — Quando é que é fácil ver! Com aqueles para quem não é difícil, tudo me corre como sobre rodas... O difícil oprime também a mim... Quando entra um visitante e diz — sou mãe, boa esposa, nunca ensinei nada de mal ao meu filho, nunca o ensinei a roubar nem a mentir...

Mas voltemos ao relato do senhor Sabev. O seu falecido irmão, através de Vanga, transmitiu aos filhos que fizera por eles tudo o que pudera e que doravante teriam de cuidar de si próprios. E acrescentou que de vez em quando os visitaria.

Isso indica que os espíritos dos mortos estão algures perto de nós, observam-nos, protegem-nos (serão eles os tão falados anjos da guarda?), guiam as nossas ações e desejam sinceramente que não pequemos nem soframos. Mas, como não há ligação direta entre estes dois nossos mundos, é necessária a mediação de médiuns para que as mensagens dos espíritos cheguem à terra.

Aprofundando-se nos contactos de Vanga com o Além e observando atentamente as suas sessões de telepatia, era possível chegar a uma conclusão surpreendente: para os mortos, Vanga era tão importante como para os vivos. Por isso, torna-se difícil determinar se ela pertencia mais a este mundo ou ao Além, e a quem deveríamos agradecer pelos seus dons extraordinários — aos vivos ou aos mortos?

Provavelmente, é preciso agradecer a uns e a outros.

A tua irmã tem muita sede Relato de Penka Caneva, de Silistra

Fui ter com Vanga em 1969. A minha irmã sofria de anemia, por isso queria perguntar à vidente sobre ela. Inscrevi-me por telefone para uma consulta, pois nessa altura era assim o procedimento, mas só recebi a notícia de que podia ir ter com Vanga depois da morte da minha irmã, que faleceu com trinta e seis anos.

Quando entrei, Vanga disse-me:

— Eu sei, Penka, por que vieste, mas à tua irmã estava escrito no destino. Não havia nada que se pudesse mudar.

De repente, Vanga pareceu escutar qualquer coisa e acrescentou:

— Que nova ela é! Está a chamar «Mara, Mara...» Olha, o que está esta mulher a chamar?

Respondi que na nossa família não havia nenhuma Mara. Então Vanga voltou a escutar, como se alguém lhe estivesse a falar, e disse:

— Ela estava a chamar mamã, mamã... Olha, aqui estão também dois filhos, e os dois estão bem.

Nesse momento comecei a chorar, mas Vanga continuou:

— Ela pergunta por toda a gente. Pela tua irmã Deška e pelo teu irmão. Mas alegra-se sobretudo por tu estares a educar bem os filhos dela.

Eu própria não tinha filhos, por isso ficara com os da minha irmã, um rapaz e uma rapariga.

Vanga prosseguiu:

— A tua irmã tem muita sede. Vai ao cemitério com uma garrafa e rega o túmulo dela. Tu regas as flores, mas fazes mal. Tem de se regar dos pés para a cabeça. Entendeste?

De repente Vanga ergueu a voz:

— Por que relógio pergunta a irmã? Por que não o usas? Ela manda-te usá-lo.

Expliquei que a minha irmã pedira a uns conhecidos marinheiros que lhe trouxessem um relógio. Quando o trouxeram, ela já tinha morrido, e eu nunca usara aquele relógio de pulso.

Segundo a tradição búlgara, os familiares levam água, flores e uma vela ao túmulo do falecido. Estes rituais passam de geração em geração, e as pessoas nem pensam no porquê de os fazerem. São praticados tanto por quem acredita na vida depois da morte como pelos que não acreditam, como forma de expressar respeito pelos que partiram e de encontrar consolação.

Mas as palavras de Vanga «a tua irmã tem muita sede» indicam que os mortos precisam dos nossos cuidados, e talvez sobretudo de que não os esqueçamos. Que os recordemos, para que permaneçam sempre na nossa memória.

«Por que relógio pergunta a irmã? Ela manda-te usá-lo.»

É mais um sinal de que os mortos desejam que não os esqueçamos. O relógio era para a falecida, e a sua alma queria que a irmã querida o usasse. Assim, a que partiu estaria sempre viva na sua lembrança.

«Ela pergunta por toda a gente. Pela tua irmã Deška e pelo teu irmão. Mas alegra-se sobretudo por tu estares a educar bem os filhos dela.»

São mensagens impressionantes que voltam a confirmar que os mortos nos veem da sua dimensão e acompanham os nossos passos. No entanto, nota-se que a informação deles é limitada, não sabem tudo sobre os vivos, e por isso a vidente tinha de interrogar os familiares.

Surge agora a questão: será que os mortos ouvem o que os vivos respondem às suas perguntas? Será que Vanga, com os seus recetores telepáticos ainda desconhecidos, transmitia-lhes a informação que ela própria recebera? O círculo fecha-se, pois a vidente, num único instante, tanto recebia como transmitia mensagens aos vivos e aos mortos.

As sessões telepáticas de Vanga permitem concluir que o mundo das almas é mais sensível, elas conseguem observar-nos e relatar de forma limitada os acontecimentos da nossa vida, enquanto nós não as vemos, não as ouvimos nem sentimos a sua presença.

Para os mortos, este encontro, ainda que mediado, com os familiares deste mundo seria uma aproximação esperançosa, tal como para nós o é, no coração, com os nossos que partiram?

Perguntas, perguntas, perguntas... Não há respostas.

Ele está à espera que lhe dês alguma coisa Relato de Angelina Atanasova, de Plovdiv

Encontrei-me com Vanga em fevereiro de 1980. Tinha então trinta anos. Vinha acompanhada por uma conhecida e colega de trabalho que precisava urgentemente do conselho da vidente.

Em Petrič ficámos numa pensão perto da casa de Vanga. Não nos tínhamos inscrito previamente, por isso todas as manhãs nos levantávamos e íamos até lá. Junto à casa dela faziam-se listas das pessoas que não se tinham inscrito antes.

Vanga recebia em Petrič entre vinte e trinta pessoas por dia, das oito às onze da manhã. Depois levavam-na num Volga da milícia até à aldeia de Rupite, onde descansava, e às nove da noite regressava a casa em Petrič. Era o que contava a dona da pensão.

Esperámos dez dias até ela nos receber, e aos poucos perdemos a esperança de que isso acontecesse. Tínhamos de partir, porque o dinheiro acabava e o período de férias também.

No último dia voltámos a estar à porta da casa de Vanga. Era um grande dia de festa religiosa — o dia de São Teodoro —, mas a vidente recebeu na mesma. Às dez da manhã anunciou que se sentia cansada. As pessoas dispersaram-se. Ficámos apenas nós, três mulheres. Estávamos ali, sem saber o que fazer.

Nesse momento chegou o Volga que a levava para Rupite. Para nossa sorte, passou um táxi. Parámo-lo, entrámos e pedimos ao motorista que seguisse a vidente.

Em Rupite, Vanga entrou numa pequena casa. À porta estava um guarda. Voltámos a discutir o que fazer. Perto trabalhavam uns operários da construção, fomos falar com eles. Os homens explicaram que àquela hora Vanga descansava e não recebia ninguém.

Passado um bocado, o guarda fez-nos sinal com a mão. Aproximou-se e disse que Vanga chamava uma de nós. Foi a minha colega, porque o assunto dela era mais urgente. Quando ela já ia a caminho pela alameda, ouvimos Vanga gritar lá de dentro:

— Essa não! Que venha a outra!

Referia-se a mim. Fiquei assustada, mas entrei. Na sala havia apenas uma mesa e duas ou três cadeiras. Numa delas, junto à mesa, estava sentada a vidente. Ao vê-la, comecei a chorar. Vanga perguntou:

— Por que choras?

Levantei a cabeça e vi que ela tinha os olhos fechados.

— Dá-me o açúcar e não chores — disse Vanga. Pegou-me nas mãos, segurou-as um pouco, depois tomou o açúcar e começou a falar:

— Quem é esse homem que te olha de braços estendidos, à espera que lhe dês alguma coisa? Chama-se Todor, é um homem jovem.

— Não tenho nenhum familiar com esse nome — respondi.

— Tens, tens, pensa bem! — insistiu Vanga.

Estava confusa, mas de repente lembrei-me de que o meu sogro se chamava Todor e morrera com vinte e quatro anos. Vanga continuou:

— Não sabias que hoje é dia de festa, por isso te é perdoado. Ele está à espera que lhe dês alguma coisa, de braços estendidos para ti, à espera. Quando saíres daqui, compra qualquer coisa e oferece-lha... Olha, dá um sinal de que é ele, o teu sogro, que tu nem conheceste. Sorri e alegra-se por te ver...

Comecei a chorar alto.

— És de Plovdiv? E aquelas mulheres lá fora vieram contigo, não é? Acalma-te, eu também as atendo.

Vanga lia-me os pensamentos. Quando ia a sair, quis deixar dinheiro, mas ela não aceitou e disse:

— Tu nem tens.

Tudo o que aquela mulher extraordinária me disse, a mim e à minha colega, se cumpriu. Vanga era um milagre da natureza. Viverá eternamente na memória das pessoas.

O mundo de Vanga estava cheio de maravilhas. Por um lado, era uma pessoa real deste mundo, tanto na dimensão física como espiritual; por outro, via as almas dos mortos e os seus corpos materiais ou então os seus corpos mais subtis — astrais.

O morto estendeu os braços para a mulher e espera que lhe deem alguma coisa... É o dia de São Teodoro, e o nome do falecido era Todor...

Parece um conto de fadas, mas para Vanga, no seu campo de visão hiper-sensível, tudo isso era realidade.

A vidente lembrava frequentemente que é preciso honrar os mortos. Nos dias de festa da sua vida terrena, nos seus santos e aniversários, é bonito preparar algum prato de que gostassem e que talvez lhes faça falta no Além. Mas as palavras de Vanga também podiam ser entendidas como indicando que lá se perdem as paixões e tentações terrenas, entre as quais a comida, uma boa refeição.

Segundo a tradição cristã, recordam-se os mortos em determinados períodos: ao terceiro, nono e quadragésimo dia. Mais tarde, ao terceiro, sexto e nono mês, ao fim de um ano, e assim por diante. No calendário ortodoxo búlgaro há três grandes festas por ano dedicadas às almas dos mortos, as chamadas «sábados dos pais» ou dias de memória dos mortos. Vanga era profundamente crente, por isso sublinhava sempre que não se deve esquecer os mortos, que é preciso guardá-los no coração. E é importante também a atenção que lhes dispensamos. A vidente disse um dia:

— Os mortos continuam a viver. Estão entre nós, amam-nos e ajudam-nos a ver as verdades eternas da vida. Por isso devemos honrá-los no nosso coração. Para os mortos, o principal é esse respeito e os sentimentos vivos, não a comida que muitos lhes oferecem nos dias de memória só para se mostrarem aos outros.

A uma mulher cujo marido tinha morrido, Vanga, em contacto com a alma dele, aconselhou:

— Quando deres alguma coisa em memória dele, dá café. Café, café — olha, ele leva a chávena à boca. Ele bebia café? Diz: «Diz-lhe que saibam que me têm de dar café.»

Eles protegem-te e velam por ti Relato de Ivan Hristov, de Sófia

Era 1953. Eu esperava pacientemente na fila à porta da casa de Vanga e ouvia as queixas de um homem idoso cujo cavalo desaparecera.

— O cavalo está vivo e amarrado a pastar no prado. Vai buscá-lo! — disse a vidente, indicando o lugar.

Chegou a minha vez. Entreguei-lhe os meus cubos de açúcar, e Vanga, sem me perguntar nada, disse:

— O teu irmão morreu de ataque cardíaco. À tua volta estão a Zlata e outros mortos. Eles protegem-te e velam por ti.

Eu fora ter com aquela mulher que tudo via por causa da dor pela morte súbita do meu irmão, no auge da vida, com trinta e oito anos, deixando viúva com dois filhos pequenos, casa e uma grande família. Enquanto isso, Vanga, como um médico, enumerou as doenças e fraquezas do meu irmão e avisou-me do que eu devia precaver-me.

Mais tarde na vida, muitas coisas que Vanga evidentemente quisera evitar aconteceram-me. Empurrado por uma mulher apressada, caí debaixo de um elétrico da cidade, mas não perdi a calma, tirei o pé dos carris e encostei-me ao chão. O vagão passou por cima de mim com grande estrondo. Fiquei assustado, mas ileso.

Fui ter com Vanga pela segunda vez em 1968. Nessa altura ela estava sozinha, a lavar roupa no quintal, e eu esperei. Como se me tivesse visto, Vanga disse de repente que eu me tornaria famoso. E acrescentou que eu perdera qualquer coisa e que nunca mais a recuperaria. Na juventude escrevera poesia, mas depressa deixara de o fazer. Talvez Vanga quisesse dizer que eu perdera esse dom? Ao despedir-me, ela disse:

— As portas da minha casa estarão sempre abertas para ti!

Muitas vezes me perguntei como aquela mulher cega via como se tivesse olhos de raio-X, como conhecia os nomes e cidades de tantas pessoas, os nomes de medicamentos e remédios. Parece que os cristais de açúcar irradiavam ou refletiam raios celestiais que só a ela traziam informação acessível. A natureza ainda guarda do ser humano inúmeros segredos.

«Eles protegem-te e velam por ti...»

Vanga repetiu várias vezes que os mortos nos protegem, embora não vejamos a sua ajuda oculta.

Segundo a Bíblia, as almas dos mortos não vão todas para o mesmo lugar. É comum a ideia de que as boas vão para o paraíso e as más para o inferno. Mas entre estes dois extremos há dezenas de graus intermédios. A hierarquia do mundo transcendente é complexa, e só Deus decide para onde irá cada alma após a morte — de acordo com as obras do ser humano. Talvez por isso nem todos os que partiram se encontrem no Além, e alguns visões de Vanga o confirmam. Os mortos perguntavam-lhe não só pelos seus vivos, mas também pelos familiares já falecidos com quem, aparentemente, não conseguiam comunicar-se no seu reino do Além.

Há quem acredite que os videntes estão próximos de Deus. Mas, se estão ao lado do Criador, também lhes será mais fácil pedir perdão pelos pecados dos homens da terra e rogar a Deus que os proteja e ajude.

A mim trouxe-vos Santa Ana Relato de Elena Uševa, de Smolyan

Era outono de 1986. Nessa estação sentia sempre emoções estranhas. Tanto melancolia como alegria e amor pela natureza e pelo mundo inteiro. Escutava o sussurro das folhas douradas e os suspiros pesados do meu marido à noite. Algo nas nossas relações estava a desmoronar-se e a perder-se, e ambos sentíamos que era para sempre.

Fomos tomados pelo desespero, porque não queríamos que assim fosse. Tentámos de tudo, tanto com bondade como com dureza, mas não conseguíamos voltar ao ritmo normal da vida.

De repente lembrei-me de Vanga e comecei a rezar à noite:

— Querida Vanga, manda-nos um sinal! Tu sabes que sofremos, chama-nos e ajuda-nos!

Esperava que entre nós se criasse uma ligação telepática e que de certeza nos encontrássemos.

Passado algum tempo, o meu marido, para minha grande surpresa, disse:

— Temos de ir ter com Vanga. O que ela disser, assim será!

Ter-lhe-ia a vidente dado um sinal nas longas noites de insónia?

Partimos à aventura, sem inscrição nem conhecidos. Chegámos a Rupite numa manhã cedo de outubro.

Pairava na região uma aura de grandeza misteriosa, tudo irradiava um poder magnético oculto — a relva, as árvores e os vapores que subiam das fontes termais.

Vanga chegou de automóvel. Quando caminhava para o portão da casa, todos ficaram petrificados, como se não fosse um ser humano, mas uma deusa.

Havia muitos que esperavam. Ficavam de pé ou sentados em toros de lenha da manhã até à noite, à espera da sua vez.

Esperávamos que a vidente nos chamasse, e confiávamos nisso, porque era a nossa última possibilidade.

E, de facto, na décima tarde, ouviu-se no quintal:

— Que entre a mulher de casaco vermelho de Smolyan! O marido espera lá fora.

Tremendo, entrei na pequena sala, ajoelhei-me diante de Vanga, beijei-lhe as duas mãos e entreguei-lhe o açúcar embrulhado num lenço. Vanga estendeu a mão e começou a falar:

— Aqui está a tua sogra Maria, que morreu com trinta e nove anos. Aqui está Todor — quem é Todor?

A vidente enumerava os nomes dos meus familiares mortos. Alguns lembrava-me vagamente da infância. Fiquei calada, sem conseguir dizer palavra.

— Diz-me, por que falas tão bem onde quer que vás e com quem quer que te encontres? Por que falas tão bem?

— Não sei. Talvez sejas tu a dizê-lo, tia Vanga.

— Sabes quem vos trouxe aqui?

— Não!

— Trouxe-vos Santa Ana, ela é a padroeira da vossa família. Mas tu nem sabes quem é Santa Ana, pois não?

— Realmente não sei.

— Como é possível não saber! Ela é a mãe da Santa Mãe de Deus. E eu digo-te: todos os anos, no dia nove de dezembro, quando no calendário ortodoxo é o dia da Conceição de Santa Ana, tu própria amassas a massa de jejum, fazes pãezinhos e distribuis pelo povo. É o que ela quer. E lembra-te ainda de que há de chegar o dia em que na vossa família haverá uma Ana.

Falámos mais de meia hora, embora eu soubesse que Vanga recebia as pessoas apenas por breves momentos. Desejava que aquela conversa nunca acabasse, tão purificada me sentia a cada palavra dela. A vidente perguntou pela nossa cidade e pelos montes Ródopes. Sobre o motivo concreto da minha vinda não se disse uma palavra. No fim, Vanga apenas declarou:

— Não te preocupes, tudo correrá bem. Que entre o teu marido!

Beijei-lhe novamente a mão e saí.

O meu marido saiu ao cabo de cinco minutos, completamente pálido. Naquele momento não perguntei nada e só mais tarde soube que Vanga lhe dissera:

— Tens uma boa mulher, bons filhos e uma boa família. O que mais queres?

O meu marido contou que a vidente lhe mandara voltar mais duas vezes, e uma delas obrigatoriamente a 25 de março, no dia da Anunciação de Maria. Pelo que eu sabia, nessa data Vanga recebia apenas pessoas com destinos complicados. Mandara-o trazer uma cadeira que ficaria com ela, e um pano branco do tamanho do portão do quintal. Desse pano teriam depois de se costurar forras para as almofadas onde ele dormia.

Cumprimos todas as ordens de Vanga, e as nuvens sobre a nossa família dissiparam-se.

Os filhos já cresceram há muito. Nunca lhes contámos o encontro com Vanga. O filho mais velho casou-se, e tem uma neta encantadora chamada Ana.

Embora fosse delicado perguntar, recentemente decidi perguntar à nora porque não tinham dado à criança o nome de Rositsa, que é a santa padroeira da família deles, e lhe deram o nome de Ana.

— Não sei — respondeu ela. — Já em rapariga sonhava que, se tivesse uma filha, a batizaria Ana.

Então finalmente descobri o que Vanga tinha profetizado. O meu filho e a nora ficaram longo tempo maravilhados.

Passaram muitos anos, mas a 9 de dezembro continuo sempre a fazer pãezinhos de jejum, vou à igreja, acendo uma vela em memória dos mortos e honro também o nome de Vanga. Ela é-me muito querida no coração, beijo as suas fotografias nos livros e peço-lhe que do Além nos ajude tal como um dia nos ajudou neste mundo.

Cada vez mais se fortalece a convicção de que para Vanga a religião foi uma força viva e a fonte dos seus milagres. Segundo a vidente, a pessoa que não tem fé — fé cristã — está condenada à desgraça tanto na terra como depois da morte. Não foi em vão que ela disse que o homem sem fé é apenas sangue, mas depois é satanás.

Com os seus ensinamentos e indicações, Vanga exortava-nos a viver de acordo com a moral cristã contida nos dez mandamentos da Bíblia e a preservar as tradições e os rituais mais importantes que permitem ao ser humano ser melhor e sofrer menos. Com as suas obras, a vidente provou que o que está escrito na Bíblia não é uma reflexão abstrata ou alegórica sobre a vida e a morte, mas palavra viva, mensagem de Deus e iluminação das nossas almas.

— Trouxe-vos Santa Ana, ela é a padroeira da vossa família — disse Vanga.

Teria a santa ouvido o pedido desesperado daquela mulher e criado as condições para a viagem daquela família até Vanga?

Não se sabe que rituais realizou Vanga com a cadeira e o pano que o marido lhe levou, mas as consequências são conhecidas. A família voltou a viver em harmonia, desapareceu a ameaça de separação.

Quem sabe quem lhes devolveu a felicidade — Vanga ou Santa Ana?

«Todos os anos, a 9 de dezembro, tu própria amassas a massa de jejum, fazes pãezinhos e distribuis pelo povo. É o que ela quer.»

É estranho que uma santa peça a uma mulher mortal comum que a recorde todos os anos. O dia da Conceição de Santa Ana, a 9 de dezembro, cai no jejum do Natal, talvez por isso tenha mandado fazer pãezinhos de jejum. E a profecia de Vanga de que na família haveria uma Ana cumpriu-se como se por acaso, mas mesmo assim...

Na natureza, no Cosmos, na vida do Universo e na vida deste grão de poeira da Incompreensibilidade — o ser humano — tudo está rigorosamente determinado. O visível e o invisível, este mundo e o além, pessoas e animais existem e obedecem às leis do Criador. Longe, ocultos aos nossos sentidos, profundamente escondidos nas suas causas internas, os processos e fenómenos cumprem inexoravelmente a sua missão. Isso acontece independentemente de compreendermos ou acreditarmos nesses acontecimentos.

Vanga sempre teve tanto negadores como adoradores, e o texto seguinte pode surpreender ambos. Nele conta-se que a vidente era capaz de abarcar o mundo com todas as criaturas que nele habitam.

Meu Deus, a vaca fala!

Este é um fragmento da gravação áudio do filme documental «Fenómeno», realizado em 1974 pela realizadora Nevena Toševa.

Uma mulher de meia-idade (S.) chegou a casa de Vanga (V.). Decorrem um diálogo ou, mais exatamente, um monólogo.

V. — Quem é Mitjo?

S. — Morreu.

V. — Ah, morreu. Olha onde está, veio. Vais ter mais vacas. Tens alguma?

S. — Não. A vaca morreu. Uma cinzenta, o lobo comeu-a.

V. — Não era cinzenta! Tinha nome de mulher. Olha, a vaquinha aproxima-se de ti e diz: «Aqui estou eu, levaram-me para longe e o pastor comeu-me.» Olha, ali a pontezinha... Havia dois lobos!? A vaca morreu por causa do lobo. Rasgada em três sítios. Encontraram o couro?... Eeeeh, os animais também falam! Olha, a vaquinha entra e diz (aqui Vanga levanta a voz): «Eu também estou aqui!» Uma vaquinha valente! É o teu terceiro bezerro? Também pergunta por ele. Diz-lhes que comprem outra vaca... O que faz o Bero? Será que eu sei quem ele é? O que faz a pessoa doente, o que faz o Evtim?... Olha, a vaca fala: «E eu sou vaca, mãe de três filhos. Tinha também um tourito, mas de madrugada os lobos atacaram terrivelmente. No prado rasgaram-no em pedaços, lá bem alto nas montanhas...»

Quem é esse Stojan!? Olha, também vem... Olha, olha, está aqui, e a vaca fala! (Vanga fica cada vez mais excitada.) Meu Deus, é a primeira vez que vejo um animalzinho falar! «Comeram-me. Os animais selvagens atacaram. Eram dois lobos. E o meu filhinho morreu...» Mas onde está o segundo bezerro, pergunta ela, onde está? Não consigo ver... Ai, coitadinha, está deitada e sofre... Meu Deus, a vaca fala!

Era bem conhecida a paixão de Vanga pelas flores. Alegava-se com elas como com crianças, acariciava-as suavemente e falava-lhes numa língua desconhecida — talvez a das flores? As pessoas próximas da vidente sabiam que ela percecionava as flores e as plantas em geral de maneira muito própria e recomendava que não as colhessem. Repetia muitas vezes: — Cada flor tem o seu saber e a sua vida. Quando a arrancais, não reparais que ela chora.

O único documento atualmente conhecido que regista a capacidade única de Vanga de penetrar no mundo oculto dos animais é o já referido filme «Fenómeno».

O facto de a vaca falar deixou a vidente chocada. Mas ainda mais impressionante é que ela via a alma do animal morto e conversava com ela.

Desde a antiguidade que os seres humanos se interrogam se os animais têm alma. Vanga confirmou-o; se acreditarmos no que ela dizia, ela era um cosmos inteiro de conhecimentos ainda não descobertos. Quando a humanidade os desvendar, provavelmente nascerá uma nova doutrina sobre o mundo.

Como testemunho em tribunal Professor Tončo Zečev

Se eu conseguir, gostaria de contar de forma objetiva e concreta, como um depoimento protocolado em tribunal, as duas vezes em que me encontrei com Vanga. A primeira foi especialmente longa e rica.

Começo por dizer que o primeiro do nosso grupo de escritores a ir ter com a vidente foi Zdravko Petrov. Regressou profundamente comovido, contou-nos todos os pormenores do que acontecera, repetiu muitas vezes o tema e incitou-nos a ir a Petrič. Lá veríamos nós próprios aquele milagre. A mim disse-me especialmente:

— Vai, e verás a tua mãe! Vanga é incrivelmente parecida com ela.

Antes de mim atreveu-se o poeta Krastyo Kuyumdžiev, e o encontro superou até a sua imaginação exuberante. Eu, com a minha habitual cautela, medo e ceticismo perante o inexplicável, ia adiando a viagem, até que um dia a própria Vanga me chamou.

É necessário um pequeno flashback para compreender o que se segue.

Era meados de maio de 1980. Esse mês revelou-se-me extremamente pesado e desagradável tanto na vida pública como na privada. Recebia constantemente golpes baixos de todos os lados. A minha paciência esgotou-se, e decidi dar um passo do qual sempre fugira. Isso aconteceu depois de, numa reunião de ativistas do Partido Comunista de Sófia, um colega meu, professor de filosofia e sociologia, ter feito um longo discurso difamatório, analisando do ponto de vista marxista os meus ensaios «O Mito de Odisseu». Tinham sido publicados em revistas e ainda não saído em livro.

Sentei-me à secretária e escrevi uma carta curta, mas invulgarmente dura, a Ludmila Živkova, que na altura dirigia o Comité da Cultura e era também membro do Politburo. Juntamente com Aleksandar Lilov, supervisionava a frente ideológica.

Na carta sublinhei que não tinha possibilidade de responder ou defender-me de ataques em reuniões fechadas às quais me era negada a honra de participar. Se eu era publicamente acusado, então também me devia ser dada a oportunidade de me defender. Alguns dias depois, a secretária de Živkova pediu-me que fosse ao Comité Central do Partido.

Tanto quanto me lembro, foi numa terça-feira, às cinco da tarde. Cheguei à hora marcada, e logo a seguir apareceu Kocev, então embaixador da Bulgária em Roma. Começámos a falar, porque Ludmila ainda não chegara. Kocev olhou para o relógio e pediu-me que o deixasse passar à frente. Teria apenas uma conversa de cinco minutos e depois tinha de correr para outra reunião.

Nesse momento chegou Ludmila Živkova. Nem olhou para os outros que esperavam, mas chamou-me diretamente ao gabinete. Eu disse que tínhamos combinado com Kocev que ele entraria primeiro. Mais tarde, na conversa com Ludmila, objetei categoricamente que o meu nome fosse difamado em fóruns fechados. Que o colega publicasse os seus repugnantes ataques, e eu responderia com argumentos e diria também o que pensava deles! A conversa decorreu nesse tom. Ludmila prometeu examinar o caso e comunicar a decisão.

Na manhã seguinte telefonaram-me e mandaram-me ir ao gabinete de Ludmila. Pensei que havia um engano e que se tratava da visita anterior, manifestei as minhas dúvidas, mas responderam-me que era outra reunião. Mal entrei, Ludmila disse:

— Sabes, a Vanga esteve aqui, veio falar da afilhada que trabalha no Comité da Cultura. (Era apenas uma desculpa, porque Ludmila encontrava-se frequentemente com Vanga.) E de repente perguntou-me quem era o homem que na fila aceitara deixar passar Kocev à frente. Contei-lhe em poucas palavras, e Vanga disse: — Diz-lhe que venha ter comigo, que venha sem falta, tenho coisas para lhe dizer! Homem de ouro, bom coração, mas queixa-se, está a passar por dificuldades. Que venha! — O meu dever era transmitir-te as palavras dela, agora decides tu o que fazer.

Não havia como fugir depois disso!

Para ganhar coragem, levei comigo o meu irmão e o escritor Plamen Conev, e fomos. Ficámos no hotel de Petrič e dirigimo-nos a Rupite, mas lá disseram-nos que Vanga nos receberia no dia seguinte na cidade.

Muita gente esperava a vidente, mas Plamen, com a ajuda da irmã de Vanga, conseguiu que me recebessem fora de turno. O meu irmão ficou no alpendre coberto de videiras, e eu, de pernas trémulas, entrei na sala ampla onde, no lado oposto, junto a uma grande mesa, estava sentada a vidente, batendo com a palma da mão na superfície da mesa. Realmente parecia espantosamente com a minha mãe, só que o rosto tinha os traços típicos de uma pessoa cega. Isso ainda mais engrossava a atmosfera já de si tensa e carregada das minhas superstições e medos.

— Dizem-te que eu me pareço com a tua mãe? Dizem? — foram as primeiras palavras com que Vanga me recebeu. — Mas senta-te, senta-te! Olha, aqui está ela, a tua mãe veio. O que se passa em Plovdiv, pergunta ela? E a vinha acima da aldeia, quem a trata? Quem é esse Petar, Petar?

Respondi às perguntas e senti que aos poucos me acalmava. Voltava o espírito crítico. A mãe pergunta por um parente longínquo chamado Petar de Plovdiv e pela vinha dele acima da aldeia, quando à porta está o seu querido filho mais novo e ela não sabe o que aconteceu ao nosso pai! A descrença trazia-me paz.

E então, sem transição, Vanga de repente agarrou a cabeça, soltou um suspiro cheio de sofrimento e começou a gemer:

— Meu Deus, que lobos tens à tua volta, aúúú, tantos e tão terríveis, lobos, lobos, lobos! Como conseguiste reunir tantos, porque são tão ferozes, o que querem de ti... Lobos, muitos lobos!

(De facto, durante a campanha contra «O Mito de Odisseu» eu sentia-me cercado por todos os lados, até os amigos mais antigos se voltavam contra mim. Teria sido extremamente interessante saber como tudo isso se refletia na imaginação da vidente.)

Soltando a cabeça, Vanga murmurou algo inseguro, indefinido, confuso, como se ela própria não soubesse:

— Gesso... gesso... gesso...

Eu não percebia nada.

De repente mudou de assunto:

— O que andas a fazer, estás a escrever alguma coisa sobre Deus? O que é isso? Não te metas a escrever contra Deus...

— Não, tia Vanga, escrevo sobre a igreja, sobre a sua história.

— Ah, então está bem, mas contra Deus não escrevas.

Dito isso, Vanga caiu numa espécie de leve torpor e repetiu: gesso... gesso... gesso...

— Tia Vanga, lá fora está o meu irmão — disse eu. — Em criança esteve muito tempo engessado. Talvez seja com ele.

— Ah, sim? — disse Vanga. — Não, não... gesso... gesso... gesso...

Isso foi no final de maio. À noite regressámos todos a Sófia, porque no dia seguinte eu tinha de voar para Viena para participar, com a escritora Vera Mutafčieva, numa conferência científica de teólogos e historiadores da igreja. Lá apareceram opositores que me acusaram de «meter a igreja de forma indigna na política». Mutafčieva, com o seu habitual sarcasmo, consolou-me: na pátria não agradamos aos marxistas, aqui não agradamos aos teólogos.

Mas agora o leitor saberá por que razão Vanga repetia tanto a mesma palavra...

Depois de regressar da conferência, passei por uma escola. No pátio corriam crianças, mas os portões de ferro estavam quase caídos. Se as crianças os mexessem, podiam cair em cima de alguém. Tentei endireitá-los, mas eram tão pesados que, infelizmente, parti a perna e tive de andar longo tempo de gesso.

Quando o meu irmão veio visitar-me ao hospital Pirogov, limitou-se a dizer: gesso... gesso... gesso...

A segunda vez que visitei Vanga, juntamente com os escritores Svetlin Rusev e Yordan Radičkov, foi no ano da sua morte. Um jovem muito próximo tinha problemas de saúde, e levei o relógio dele. Quando a vidente lhe tocou, pareceu que se queimara. Vanga disse:

— Olha que teimoso, mais teimoso do que doente! Mas vai curar-se, vai curar-se, aos vinte e cinco anos isso passa-lhe.

O jovem ainda não tem essa idade, mas espero que a profecia se cumpra como todas as outras.

Permito-me um pequeno comentário. Não há dúvida de que Vanga possuía a capacidade de profetizar ou, mais exatamente, um génio profético. Basta este caso do gesso. Ela «via» o que ainda não existia, mas estava destinado a acontecer. O poeta russo Tyutchev disse sabiamente que a visão e o aviso são «profeticamente obscuros». O génio de Vanga era evidentemente de natureza poética e próximo da inspiração. Mas o sofrimento das pessoas e o seu desejo de o aliviar, de ajudar o povo, fizeram com que a profecia se transformasse em «ver» (ela usava consistentemente este termo), se tornasse ofício e profissão. Vanga era grandiosa e incompreensível, embora na maior parte das vezes tivesse de fazer um trabalho rotineiro de consolar e salvar.

Parece-me que só a poucos sortudos foi dado encontrar a vidente nos seus momentos de iluminação divina. Ainda não se encontrou uma explicação convincente para o fenómeno Vanga, por isso, àqueles que se interessam por estas questões, recomendo que leiam atentamente o poema de Pushkin «O Profeta». Aí está descrita a clínica da profecia, que ressoa com a experiência genial do próprio Pushkin.

Os destinos das pessoas

«Se eu dissesse às pessoas tudo o que vejo e sei, elas imediatamente quereriam abandonar este mundo»

Pelos caminhos da vida

Durante mais de meio século, a extraordinária vidente búlgara deparou-se com os destinos das pessoas, com as suas alegrias e tristezas, dores e inquietações.

Vanga, com a sua fenomenal e insuperável força espiritual, podia ver o passado, o presente e o futuro de uma pessoa. A vidente ocupava-se menos das grandes questões da humanidade — os destinos dos povos, os assuntos da governação política, o futuro desenvolvimento do mundo — e mais da vida individual das pessoas, com os seus pesados complicados, crises e provações. Vanga dedicou o seu coração e a sua vontade às pessoas

do povo comum, porque cada ser humano é, afinal, um planeta inteiro de sentimentos, pensamentos, intenções e ações incompreensíveis. Só podemos imaginar aproximadamente o que acontecia na personalidade da vidente, dotada de hipersensibilidade e hipermemória, quando diante do «ecrã» dos seus olhos espirituais aparecia o visitante seguinte e ela tinha de falar do destino dele!

A missão terrena de Vanga era extremamente difícil e complicada. A cruz da profetisa é sofrer dentro de si os dramas de milhares de pessoas. E não só isso. Vanga encontrava-se frequentemente em situações delicadas, porque tinha de profetizar tanto a «verdade boa», que permitia que os acontecimentos se desenvolvessem da forma mais favorável, como a «verdade má», que feria profundamente, mas era inevitável e imutável. Essa, Vanga muitas vezes calava. Ela era chamada a profetizar sem alterar o curso cármico das coisas, chamada a ajudar preservando o que estava decidido, ou seja, a inabalável decisão de Deus sobre cada pessoa.

A vida é um sacramento sagrado. Não nos cabe saber o que nos espera no futuro, para não perdermos a grandiosa possibilidade de escolher livremente o caminho da vida e para que o alcançado seja resultado da nossa vontade e dos nossos esforços. Embora, por outro lado, filósofos, místicos, videntes e até alguns cientistas afirmem que o caminho do ser humano está rigorosamente traçado e segue princípios e esquemas previamente fixados.

Vanga costumava sublinhar: — Aquilo que profetizo, por mais mau que seja, não pode ser alterado. A vida do ser humano está rigorosamente condicionada e não é mutável.

Também o mestre búlgaro da Vida, Danov, ensina: «O caminho de vida de cada indivíduo está traçado e rigorosamente determinado matematicamente. De cada um se sabe o que sairá dele, como viverá e qual será a sua existência. É a lei permanente de causa e efeito.»

Assim — entre o escrito e o não escrito, o possível e o impossível — Vanga oferecia as suas mensagens às pessoas atormentadas por problemas sem solução ou que se encontravam em encruzilhadas decisivas da vida.

Mesmo que tivesse sido feita uma contagem estatística, ninguém conseguiria dizer com exatidão em quantos destinos humanos o seu olhar que tudo via se imiscuiu ao longo dos longos anos de profecia. Vanga via

não só o visitante, mas também a vida dos seus familiares, conhecidos, colegas e amigos. O ser humano era para ela uma fonte de conhecimento sobre o seu entorno, inclusive sobre os parentes já mortos, e Vanga decifrava os códigos dessa informação oculta para, de forma fulminante e para nós incompreensível, extrair notícias de dezenas de destinos e ver cenas do passado e do presente das pessoas.

Parte disso revestia de palavras, mas outra parte provavelmente não conseguia transmitir, porque os pensamentos e as visões corriam demasiado rápido para serem expressos. E havia ainda aquela parte que ou não lhe permitiam dizer ou que ela própria, por razões morais, decidia não revelar.

A Vanga não se ia por mera curiosidade; eram a desgraça e a infelicidade que levavam as pessoas até ela. Esgotada pelo sofrimento alheio, porque era profundamente compassiva, Vanga lamentava-se muitas vezes: — A minha alma desfaz-se em tormentos. Ah, se soubésseis o que se passa na minha cabeça! Vós sois felizes por não verem nem ouvirem nada.

Não é de estranhar, pois durante meio século a vida da vidente foi preenchida por lutos, doenças, catástrofes e morte...

Morte prevista Relato de Stanka Staneva, de Varna

Para alguns será apenas uma história, mas para mim foi um destino cruel.

Há vários anos, eu e o meu marido tínhamos uma família feliz. Tínhamos duas meninas encantadoras, uma de treze anos, outra de oito, e os vizinhos chamavam-nos a família bonita. A mais velha crescia saudável e inteligente, escrevia poemas, só que às vezes se queixava de dores de cabeça. Levámo-la ao médico, e este disse que a criança tinha um tumor na hipófise.

Fizemos seis exames especiais e scanner. Os médicos consideravam que era absolutamente necessária uma operação e deram-nos encaminhamento para Sófia.

Decidi ir ter com Vanga. Naquela época era muito difícil chegar até ela, mas tive sorte e encontrámo-nos no final de 1983.

Mal entrei no quarto, Vanga disse que a criança não tinha tumor nenhum. Não consegui acreditar e, de tão perturbada, esqueci-me de perguntar outra coisa que me era importante. Pareceu-me estranho que Vanga quisesse que nos encontrássemos novamente e marcou para 9 de março de 1984. A vidente mandou que eu levasse coisas estranhas: o coração de uma galinha abatida no dia anterior, metido num frasco, cera e azeite.

Naquela altura, no hospital de Sófia, estava internada ao mesmo tempo que a minha filha uma rapariga que realmente tinha um tumor. Algum tempo depois de a minha filha ter alta, aconteceu um incidente desagradável. Quando a minha filha vinha da escola para casa, um homem qualquer disse-lhe perto de casa: — Menina, tu vais morrer!

A criança ficou aterrorizada e em choque. E o que dizer de mim quando ela me contou... Chorei e pensei no que fazer. Afinal o tumor existia... No meu subconsciente via a minha filha num caixão adornado de flores.

Para o segundo encontro com Vanga fomos eu e o meu marido. A mãe daquela outra rapariga também trouxe açúcar, mas eu decidi que não me ia intrometer, pois a consulta era só para mim. Mas, mal entrei e entreguei o meu açúcar, Vanga exigiu «o outro açúcar», embora eu não tivesse dito que o tinha. Dei-lho, mas a vidente, sem sequer lhe tocar, já gritava:

— Ah, mãe desgraçada! Não desejo a ninguém andar de preto!

Pensei que se referia à outra mulher. Fiquei como muda, mas o meu marido lembrou-se de perguntar pelo homem que proferira as palavras fatais:

— Tia Vanga, um homem qualquer encontrou a nossa filha e disse-lhe que ela ia morrer.

Vanga respondeu calma e sem qualquer surpresa:

— Isso ele já disse a muitos.

Não perguntámos quem ele era, porque só nos interessava saber se a nossa filha se curaria. Vanga respondeu secamente:

— Agora não é altura para falar de doença!

Mas era exatamente por isso que tínhamos ido ter com ela!

Os dois encontros foram muito curtos. Tínhamos medo de perguntar, e ela disse pouco. Ainda assim, durante a segunda visita, Vanga passeou em imaginação pela nossa casa e descreveu com todos os pormenores o que via. Mandou que preparássemos grãos para oferta no dia do Spas, que os levássemos à igreja de São Constantino e Santa Helena e que nós, em família, celebrássemos santamente esse dia.

Ao sair do quarto, a conhecida de Vanga que nos levara até lá disse que era a outra rapariga que ia morrer. Não sei se Vanga lho dissera ou se ela o percebera pela expressão da vidente.

Tinha combinado com a mãe da criança doente que lhe diria a verdade. Mas como contar a uma mãe uma notícia tão terrível? Decidi falar com o médico da rapariga e dizer à mãe que a filha se curaria.

Do que Vanga mandara fazer, fiz algumas coisas, outras não. A vida seguiu o seu curso normal, mas não por muito tempo.

A 18 de janeiro de 1985, num dia frio, estávamos a jantar e o meu marido preparava-se para levar as crianças ao cinema, aconteceu o mais terrível da minha vida.

Fora um dia estranho. De manhã, quando ia para o trabalho, parecia que não andava, mas voava. Sentia-me infinitamente feliz e pensava que nada mais me faltava na vida. Mas durante o jantar, não sei o que me levou a dizer:

— Parece que afinal não vão ao cinema.

Momentos depois ouviu-se uma explosão terrível. Uma onda de ar quente atingiu-me, e instintivamente pensei que começara a guerra. Caíam objetos por cima de mim.

Quando abri os olhos, vi a minha filha deitada no chão numa poça de sangue!

O que acontecera foi que explodira uma botija de gás de cinco litros que tínhamos em cima do fogão elétrico. Alguém, por descuido, ligara o fogão, a botija explodiu, e um estilhaço, ricocheteando na parede, atingiu a menina na cabeça, matando-a no mesmo instante...

O que se seguiu é tão horrível que é difícil pôr em palavras.

Eu tinha a certeza de que Vanga vira o destino da minha filha e, em silêncio, censurava-a por não ter dito para tirar a botija de gás de casa. Mas talvez alguém a vigiasse... e ela não tivesse o direito de dizer o que sabia?

Nunca mais me foi dado encontrar-me com Vanga uma terceira vez. Mas a conhecida que arranjara as visitas anteriores veio a nossa casa e ficou chocada com o que acontecera. Levou o obituário da menina a Vanga. A vidente disse que eu daria à luz um rapaz.

Estava tão deprimida e sentia-me tão velha que nem pensava em ter mais filhos. No entanto, pressentia que esse era o meu destino e que ninguém foge dele.

Desde o momento em que soube que estava grávida, nem por um segundo duvidei de que seria um rapaz.

Mais tarde compreendi que a mãe desgraçada de quem Vanga falara era eu. E a autópsia revelou que a minha filha não tinha tumor nenhum.

O menino nasceu no início de janeiro de 1986. Não desejo a nenhuma outra mulher uma gravidez tão dolorosa...

O rapaz tem agora treze anos, estuda excelentemente e lembra muito a irmã que partiu. A minha filha Evgenia é o meu sol, tenho muito orgulho dela. Concluiu o Colégio de Música de Varna e, logo na primeira tentativa, foi admitida na classe de canto de ópera do Conservatório de Sófia. Agora está no terceiro ano.

O nascimento do filho salvou a nossa família e trouxe-nos de volta, a mim e ao meu marido, à vida. Não esquecemos o passado, mas sabemos que somos necessários aos filhos e vivemos para eles.

«Meu Deus, meu Deus, que tormentos!» Com este suspiro Vanga terminava muitas vezes o seu pesado dia de vidente. Ao sair para o quintal, via centenas de pessoas, centenas de destinos cruelmente atingidos, que dela esperavam salvação.

Não era raro Vanga calar o terrível futuro que aguardava uma pessoa. Essas visões eram as mais difíceis para ela, a inevitabilidade cruel dilacerava-lhe o coração, e ela dizia: — Vós vindes e pedis, pedis... Porque não perguntais como me sinto eu e quão pesada é a cruz que carrego? — Noutra ocasião confessou: — Se eu dissesse às pessoas tudo o que vejo e sei, elas imediatamente quereriam abandonar este mundo.

Não há perda mais dolorosa do que uma mãe perder o seu filho. Pelo visto, a morte da menina estava escrita no destino. Vanga, mesmo que quisesse, não podia evitá-la, porque a vidente via o inevitável. Mas essa verdade não podia ser revelada à mãe.

Vanga não era apenas vidente, era também uma psicóloga exímia. Usava o seu poderoso talento com sabedoria e discernimento, por vezes dando prioridade ao ético sobre o profético. Naquela ocasião, Vanga decerto recebera uma visão trágica, mas encontrou forças para a calar e poupar os pais ao pensamento do mais terrível. Mas o tempo passou, e o inevitável aconteceu...

— O mais difícil neste mundo é ver o bem no mal — diz o mestre Danov. Qualquer mãe, porém, diria: o mais terrível é ver o próprio filho morto.

As pessoas com destinos cruelmente condenados eram uma prova à resistência espiritual e humana de Vanga, à sua paciência e compaixão. Por vezes tinha de calar para poupar («agora não é altura para falar de doença!»), outras consolava como se fosse ela própria a mãe, ou dava uma explicação incompreensível para o intelecto humano.

Saber quando e em que ponto do tempo a vida de uma pessoa se interromperá deve ser um fardo infinitamente pesado. Só os maiores profetas o conseguem suportar.

Durante dezenas de anos, dia após dia, Vanga via essas cenas sombrias. Elas testemunhavam que a vida humana existe num campo temporal invisível para nós, rigorosamente codificado. Quando o indivíduo cumpre a tarefa para que veio ao mundo, o seu coração para de bater.

Dois interessantes ditos de Vanga a este respeito encontram-se no livro do professor V. Dobrijanov «O Fenómeno Vanga». Permito-me reproduzi-los em paráfrase livre.

Primeiro. Vieram ter com Vanga pessoas cujo filho morrera queimado. Os pais duvidavam se haveria algum culpado pela tragédia, mas Vanga explicou: — Foi da corrente elétrica! Ele próprio ligou, ele próprio se queimou! Não carreguem o pecado em ninguém! A mulher dele chora e não entende, porque não sabe a verdade. Eu vi isso há dias, porque desde sexta-feira a morte o guiava... E cá está a sexta-feira. Olha onde ela está!

Olha, diz: os dias acabam na sexta-feira. Morrerá na sexta-feira, e não é preciso culpar ninguém...

Segundo. A uma mulher cujo marido morrera no estrangeiro e que se culpava por não estar com ele naquele momento, Vanga disse: — Chegou aquele dia, e ele morreu. Não chores! Teria morrido mesmo que estivesse em casa.

Não é por acaso que o povo diz: «Os dias da vida estão contados.» Ou: «Quem está destinado a ser enforcado não se afoga.»

Nestes ditados que à primeira vista parecem supersticiosos esconde-se sem dúvida uma sabedoria profunda e comprovada pela experiência.

De Vanga ficamos a saber que a vida e a morte são fenómenos que ocorrem segundo uma rigorosa legalidade e, possivelmente, com precisão verdadeiramente matemática. («Chegou aquele dia, e ele morreu.» «Os dias acabam na sexta-feira.») Mas como explicar que neste cosmos rigorosamente condicionado, onde tudo está previsto e previamente decidido, haja também desvios?

Porque disse Vanga sobre a morte súbita de Ludmila Živkova:

— Ela não morreu da morte que lhe estava destinada? A vidente estranhava e não compreendia por que razão a vida de Ludmila se desviara para outro leito, diferente do indicado pelo destino. — Tudo à volta dela estava em ordem. Os poderes não me avisaram, não me deram a informação má — concluiu Vanga, perplexa.

Quem sabe, talvez não tenha sido por acaso que a vidente não conseguiu prever a morte de Ludmila Živkova. Talvez os «poderes» tenham poupado Vanga e lhe tenham negado o acesso aos bastidores desse acontecimento...

Embora raramente, na vida humana acontecem coisas extraordinárias, o destino sofre uma viragem brusca, e mudam radicalmente todos os dados da situação anterior. Que circunstâncias desconhecidas, que nem um vidente do calibre de Vanga conseguiu prever, possam perturbar o curso rigorosamente determinado dos acontecimentos é testemunhado pelo que disse o poeta Evtim Evtimov. Em 1969 a irmã dele morrera de forma absurda, e Vanga disse à mãe do poeta: — Ela poderia ter vivido ainda muitos anos. Aconteceu algo que nem eu consegui prever.

A vida está cheia de maravilhas e oferece tanto o mau como o bom.

O rapaz viverá, porque ainda tem dias Relato de Genčo Cocov, de Červen Bryag

Entrou um oficial com os olhos vermelhos de insónia. Há quinze dias, terminado o período de licença, regressara ao seu posto em Kula. Lá, o sobrinho sofrera um grave acidente e fora transportado inconsciente para Sófia. Perguntei-lhe como estava o ferido, e ele respondeu que os médicos não davam esperanças, mas que Vanga dizia que o rapaz viveria, porque ainda tinha dias.

Mais tarde soube que o jovem realmente se curara e se cumprira a previsão de Vanga, não a dos médicos. Isso encheu-me de alegria, cuja fonte era a santa vidente que vivia na pequena cidade do sul, Petrič.

Vanga era mãe, esposa e irmã para todos os que depositavam nela as suas esperanças, acreditavam nela e acorriam de todos os cantos da Bulgária. Vanga tornava-nos melhores e mais generosos. Era uma fazedora de milagres que vivia «no vale da escuridão», mas guardava na alma tanto calor e luz que chegavam para milhares de pessoas.

Vanga era vidente e ser humano fora do comum. Sabia compadecer-se e consolar, comportava-se como mãe com todos os que a desgraça atingira. O amor de Vanga pelas pessoas era profundo e verdadeiro, era o amor de uma santa que amava o seu próximo. Sofria com o sofrimento dos infelizes e alegrava-se com a alegria dos felizes. A sua casa era como um altar onde cada um podia chorar a sua dor e aliviar o coração para respirar mais livremente.

Mesmo quando acontecia o inevitável...

Os tormentos que Vanga vivia diariamente eram tão pesados e tantos que por vezes nem a sua psique sobre-humana os suportava e, sem querer, levantava a voz aos visitantes. Não seria porém correto chamar rudeza a essas reações momentâneas.

As dificuldades da maternidade Relato de Cvetana Timova, de Montana

Em 1963 nasceu-me o segundo filho, um rapaz bonito e cheio de vida. Infelizmente, verificou-se que ele não conseguia mamar porque tinha uma

fenda no palato, e era muito difícil alimentá-lo. Muitos achavam que o menino não cresceria como pessoa normal.

Quando a criança cresceu, fizeram-lhe duas operações ao palato, mas a anestesia afetou os rins. Encontrámo-nos com o médico Petar Dimkov, e ele afirmou que, usando frutos de rosa-silvestre, limões e mel, os rins se curariam com o tempo, mas que o cérebro da criança estava envolto numa membrana que impedia o seu desenvolvimento. — É preciso eliminar a membrana, mas é muito difícil — disse o doutor Dimkov.

Se há esperança, uma mãe faz tudo. A criança crescia, aplicavam-lhe constantemente compressas, davam-lhe chás de ervas e banhavam-no em águas minerais. A saúde do menino melhorou visivelmente, começou a frequentar a escola normal e mostrou especial interesse pela literatura e pelas abelhas. Em casa discutíamos se, depois da oitava classe, não o deveríamos mandar para uma escola de apicultura. Mas então eu teria de ir com ele, porque sem mim ele não recuperaria completamente. E foi nessa altura que decidimos ir pedir conselho a Vanga.

Fomos a Petrič e conseguiram que nos recebessem sem fila. Era um dia de festa religiosa, e Vanga chegava da igreja. Pouco depois saiu muito agitada pela porta e gritou:

— Porque estão aí especados à porta? Sabem como me atormentam com as vossas preocupações e problemas? Olhem, vejo aqui uma faca! — e começou a explicar a uma mulher quando tinha de ir a Sófia para ser operada.

Um jovem aproximou-se de Vanga e perguntou:

— Tia Vanga, regressei do trabalho na União Soviética. Devo separar-me da minha mulher? Foi-me fiel?

A vidente enfureceu-se e gritou:

— Vejo tantas dores aqui, e este vem perguntar-me se deve divorciar-se! Dois anos sem ver a mulher e agora quer divorciar-se! Vai embora!

Vanga, abalada, disse-me:

— Vêm perguntar também pelos números da lotaria! A cabeça parte-se-me com as preocupações das pessoas, e eles... Meu Deus, que tormentos!

Entrei no dia seguinte.

— Porque te metes à frente dos outros? — repreendeu-me a vidente.

— Tia Vanga, há anos que anseio encontrar-me contigo — comecei a explicar. — Tenho um filho doente e nunca o deixei nas mãos de estranhos. Agora finalmente tive oportunidade de vir ter contigo.

— Dá-me o açúcar! — Estendeu a mão. — Ao teu filho nada acontecerá, está são e salvo!

— Mas desenvolve-se lentamente. E fala devagar...

— Ele vai desenvolver-se, vai desenvolver-se — respondeu Vanga, já noutro tom, porque captara o sofrimento da mãe. — Ide aos médicos de Sófia, e a criança, devagarinho, mas vai desenvolver-se. Faz com que decore muitos poemas!

— Tia Vanga, ele lê muito sobre abelhas. Devo procurar uma escola assim e ir com ele?

— Não tens de ir a lugar nenhum! — cortou Vanga. — Fica em casa e educa o teu filho! Apicultor ele será aos cinquenta anos. E agora vai, que os outros já esperam!

Beijei-lhe a mão e saí. Durante horas não consegui acalmar-me, e na mente ecoavam as palavras da vidente: «Apicultor ele será aos cinquenta anos.»

Este encontro foi há vinte anos. As palavras de Vanga salvaram-me muitas vezes de depressões profundas nos momentos críticos, deram-me coragem e esperança. Assim é ainda hoje.

Quantas pessoas, tantos destinos. Cada um vinha ter com a vidente com o seu fardo, desejando que ela, a Que Tudo Vê, o salvasse e libertasse. Vanga não mandava ninguém embora e até às pessoas más, más mesmo, dizia algumas palavras nas quais talvez estivesse contida tanto uma mensagem humana como profética, que era preciso apenas decifrar. Isso faria ver os próprios atos sob nova luz, para que a vida tomasse outro rumo, mais luminoso. E esse impulso, essa avaliação das próprias ações, chama-se moral. Não é por acaso que Cristo nos deu os seus princípios morais, sobre os quais assenta toda a ideia do cristianismo. No Evangelho de Mateus está escrito: «Porque do coração saem os maus pensamentos, os

homicídios, os adultérios, as devassidões, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfémias. Tudo isto é o que torna o homem impuro.»

Só uma profunda tomada de consciência dos valores e uma mudança radical dos hábitos — mas isso é um processo complexo, porque o ser humano não muda em poucos dias — pode alterar o curso dos acontecimentos que o Cosmos lhe destinou e protegê-lo de alguma desgraça pesada. A sabedoria popular diz que há pecado e há perdão, mas no livro «Vida dos Santos», editado pelo Santo Sínodo da Bulgária, repete-se o que está na Bíblia: há grande alegria nos céus quando um pecador se arrepende dos seus pecados, porque o Pai misericordioso dos Céus não quer que a alma humana se perca.

Duas irmãs Relato de Živka Živova, da aldeia de Vasilovci

A 27 de agosto de 1981 fomos seis mulheres da aldeia ter com Vanga — cada uma com as suas preocupações. Eu fui com a minha irmã Zora, nove anos mais velha, que já morreu. Estávamos muito preocupadas com a nossa terceira irmã, Luiza, que fizera uma operação à mama, porque temíamos que fosse cancro.

Em Petrič tínhamos algum tempo livre, porque estávamos marcadas para o dia seguinte, e fomos passear pela cidade. Foi aí que vi pela primeira vez uma romãzeira no jardim e já estendia a mão para colher um fruto, mas a minha irmã disse:

— Živka, vais ter com a vidente e estás a roubar!

Eu só o fazia por curiosidade, para provar...

À porta da casa de Vanga, que era bastante simples, com muitos canteiros de flores, juntavam-se pessoas de toda a Bulgária — dava para sentir pelo sotaque.

Às nove e meia a porta abriu-se, e saiu Ela, a quem esperávamos. Vanga vinha toda de preto, com um lenço na cabeça que lhe cobria a testa e caía sobre os ombros. Vinha na nossa direção com passo tão seguro como se visse.

Ao meu lado estava uma mulher a chorar. A vidente aproximou-se dela e perguntou:

— Porque choras, mulher? Pelo teu filho? Para de chorar e vai para casa, ele já lá está! Só que da próxima não o batas tanto! Onde está o saco do pão?

— Não é isso, tia Vanga, e pão também não há.

Vanga disse:

— Onde está aquele saco, se ele o levou quando fugiu de casa! Não vai embora de barriga vazia. Mas agora corre para casa e lembra-te: não se bate nos filhos. Entendeste?

A mulher beijou-lhe a mão e quis dar-lhe dinheiro, mas Vanga disse:

— Não é preciso, não é preciso, fica contigo para a viagem! Tu vieste a pé. Vai, vai!

A vidente abençoou a mulher, e esta foi-se embora com lágrimas de felicidade nos olhos.

Nesse momento Vanga ergueu a cabeça e chamou:

— Que venha a mulher e o homem que estão junto ao carro branco!

Eles aproximaram-se, e Vanga ordenou:

— Liguem já o carro e vão para a vossa aldeia! O vosso filho foi atirado para um poço vazio junto ao faial na entrada da aldeia e ainda está vivo. Se Deus quiser, salvá-lo-ão.

O homem e a mulher, soltando grandes lamentos, correram para o carro. Vanga gritou-lhes:

— Ei, parem, gente! Olhem, os pneus estão soltos, ainda se matam! Ai, ai, gente má! Quem faz o mal não sai ileso!

Sem dizer mais palavra, a vidente entrou em casa. Pouco depois começou a chamar pelos números. Nós, as seis mulheres, estávamos marcadas uma a seguir à outra. A janela da sala de consultas estava aberta, e ouvia-se tudo. Vanga zangou-se com um homem que viera perguntar quais seriam os números da próxima lotaria. Expulsou-o e berrou:

— Eu não dou riqueza, só saúde! Desaparece já, idiota!

A uma de nós despediu-a com as palavras:

— Vai embora... Tudo correrá bem, se a alma aguentar.

No ano seguinte o filho único dela afogou-se no rio.

A seguir entrou Ceca — uma jovem bonita que ainda não tinha filhos. Vanga riu-se e disse em voz alta:

— Haverá, minha filha, haverá filho! Vai a Mihailovgrad (hoje Montana) ao doutor Andrejev, ele ajuda-te. E acredita em Deus!

Um ano depois Ceca, para alegria de todas nós, deu à luz um menino.

Chegou também a nossa vez. Entrámos as duas juntas. A sala era pequena, com uma cama onde Vanga estava sentada e uma mesa com uma pequena imagem sagrada e uma vela acesa. A minha irmã trazia um presente modesto embrulhado em papel: uma toalha de turco e sabonetes perfumados. Ambas ficámos caladas. Eu sentia-me como embriagada, parecia estar num templo. Vanga perguntou:

— Quem sois vós?

— Somos irmãs — respondeu Zora. Eu não conseguia emitir som.

— Dai-me o que trouxestes — disse Vanga. A minha irmã entregou-lhe o pacote. A vidente pegou nele, segurou-o um pouco e disse:

— Isto é para a pessoa se lavar e secar. Mas agora dizei por que viestes?

A minha irmã começou a contar.

— Dá-me o açúcar! — interrompeu-a Vanga. Depois de o ter na mão, ficou um pouco em silêncio e depois falou:

— Não tenhas medo, irmã, não é cancro. É mastite, inflamação da mama. Essa mulher é uma felizarda, espera-a grande riqueza. Quereis que chame a vossa mãe?

— Sim! — respondemos as duas ao mesmo tempo. Éramos quatro irmãs, e a mãe morrera em 1941, quando eu, a mais nova, tinha quatro anos. Nem me lembrava dela.

De repente Vanga ergueu os olhos para o teto, murmurou qualquer coisa durante alguns segundos e exclamou:

— Olha onde ela está! Pergunta como estais.

A minha irmã respondeu que bem, que tínhamos famílias, filhos e netos. Eu calava-me e chorava.

— A mãe pergunta como está a Maria, a Marijana, se a estais a educar bem — continuou a vidente, e nós olhámo-nos espantadas.

Marijana era a filha da nossa irmã Dena. Quando a mãe morreu, éramos todas crianças pequenas, e agora, olha, perguntava pela filha da irmã! Ficámos como petrificadas. Eu derramava lágrimas pela mãe que não lembrava e, com o coração dorido, repetia em silêncio «mamã, mamã!».

— Porque vos assustastes, é a vossa mãe! Olha como se alegra por vós! Está aqui mesmo ao vosso lado. Olhai, irmãs, ela dá sinal de que não deveis ter medo! Oh, vejo também um homem morto, vosso parente. Pergunta como estais.

— Não temos esse parente — disse Zora.

— Tendes, tendes, só não vos lembrais. Olhai como ele ri por estardes tão assustadas... Quando sairdes, à porta haveis de lembrar-vos! De onde sois, irmãs?

— Da aldeia de Vasilovci. Fica perto da cidade de Lom — respondeu a minha irmã.

— Oh! — disse Vanga. — Lá vive um afilhado meu que batizei aqui em Rupite. Não vos esqueçais de dizer à mãe dele que venha com a criança visitar-me. Se não puder, que compre um tapete grande e o ofereça à igreja. Ouviram? E agora ide e vivei com saúde, sois muito boas irmãs. Que Deus vos ajude!

Beijámos a mão à mulher que, quarenta anos depois da morte da nossa mãe, nos permitira falar com ela e provara que Deus existe e que existe o mundo dos mortos!

Ao sair, a minha irmã sussurrou-me à porta:

— Aquele que não conseguíamos lembrar era o primo do nosso pai, Petar Trokurski. Ele e o pai nasceram de duas irmãs.

Foi este o nosso primeiro e último encontro com Vanga, que nunca esquecerei enquanto viver. Tinha então quarenta e quatro anos, agora tenho sessenta e dois, mas as memórias desta mulher santa são vivas. Vanga

trouxe a minha mãe do Além, e eu, mesmo sem a ver, senti na alma o amor de mãe.

A senhora Živova recordou com grande precisão as palavras de Vanga, e agradeço-lhe por ter preservado a linguagem viva da vidente, tão impregnada do dialeto macedónio.

Casamentos e divórcios

Um dos poucos temas que conseguiam aliviar a tensão de Vanga e tornar mais luminosa a atmosfera de desgraça que a envolvia eram os assuntos matrimoniais. Por vezes a vidente chamava especialmente um visitante que viera com esse tipo de pergunta, para dissipar a energia negativa que a cercava. Outras vezes zangava-se porque as pessoas vinham com questiúnculas quando à volta havia tanta desgraça e morte...

Quem não se interessa por quem será e como será o companheiro ou companheira da vida e se a família será feliz? Para as mulheres é uma questão quase de destino, por isso eram elas que mais recorriam a Vanga. A vidente respondia muitas vezes com uma frase: — Não vejo divórcio. — Mas havia também longas e pacientes conversas em que Vanga explicava com gosto a sua visão da família.

Terás três casamentos Relato da Artista do Povo da Bulgária, cantora Stefka Sabotinova

Em novembro de 1965, eu e a colega, Artista do Povo Valkana Stoyanova, decidimos ir a Petrič ter com Vanga. Queria encontrá-la porque a minha vida chegara a uma encruzilhada e não sabia o que fazer. Estava divorciada, e já se desenhava outra família. Via vários candidatos sérios a marido e não conseguia decidir-me por nenhum.

Fomos de comboio. Só a minha mãe sabia que íamos ter com Vanga. No coração tinha a firme convicção de que faria tudo o que a vidente mandasse.

Em Petrič, eu e Valkana ficámos num hotel. Pensávamos que Vanga recebia cinco ou seis pessoas por dia e que seríamos atendidas na manhã seguinte. Andávamos pelas ruas, víamos carros, carroças, motas e bicicletas por todo o lado e perguntámos a um homem:

— Há feira aqui?

Mas ele respondeu:

— Que feira? As pessoas estão à espera de entrar em casa de Vanga!

Ao ouvir isso, Valkana começou a queixar-se de que tínhamos de ir para a estação e voltar para trás, mas eu objetei categoricamente. Enquanto não a encontrasse, ficaria ali!

Estávamos à porta da casinha de Vanga à espera. À nossa volta havia ainda umas cem pessoas. Eu e Valkana estávamos enroladas em enormes xailes para não sermos reconhecidas. Passado um bocado, uma mulher gorda e enérgica apareceu ao portão e começou a gritar:

— Não me irritem com as vossas desgraças! Não vos atenderei! Fora daqui!

E bateu com o portão.

Isso foi por volta do meio-dia. Valkana insistiu novamente que tínhamos de partir, mas eu disse que não! Ficávamos ali! Ficaríamos de pé à espera até encontrar Vanga.

Fomos para o fim da fila. Passavam as horas, e de repente apeteceu-me chorar. Lamentava-me em silêncio: «Meu Deus, porque assim? Vim com tanta vontade, e parece que nem chegarei a ver Vanga!»

As lágrimas corriam-me pela cara, e nesse momento o portão abriu-se de novo. Saiu a vidente e disse:

— Que venham as Artistas do Povo!

As pessoas olhavam à volta para ver onde estavam, mas nós estávamos tão embrulhadas que ninguém nos reconheceu.

No quintal tirámos os xailes e entrámos na sala de consultas. Além do açúcar, trouxera a Vanga presentes — uma grande toalha de banho da digressão à China e vários lenços floridos bonitos.

Logo à porta a vidente disse:

— Minha Stefka, que cabelo tão lindo! Ai ai ai... que cabelo tão lindo!

Naquela altura eu tinha uma trança muito comprida.

— Qual de vós atendo primeiro?

— Atende a Valkana — disse eu —, ela é mais importante do que eu.

Valkana entregou-lhe o seu cubo de açúcar. Vanga começou a apalpá-lo e a falar:

— Valkana, porque trouxeste o Stoyan (era o marido dela) do campo para Sófia e lhe deste estudos superiores para agora ele andar com outras? Sabes que ele se vai divorciar de ti? Tem uma amante. Com ela casará, e ela lhe dará filhos. Mas tem também outras amantes do ensemble, tuas amigas...

Vanga falou com ela uns vinte minutos e disse tudo o que aconteceria na vida privada e profissional de Valkana.

Eu ouvia a vidente e estava como muda. Esperava que começasse a falar comigo. Qual deles casaria eu: o solteirão engenheiro de Sófia, o advogado, o professor de Skopje ou o general?

Depois de apalpar o meu açúcar, Vanga virou-se para mim e disse secamente:

— Estás divorciada. Há dois anos?

— Sim.

— Porque não te divorciaste antes?

— Esperava que o marido mudasse.

— Esse há de mudar! Quando a coruja tiver cauda florida!

— Tia Vanga, vim ter contigo...

— Eu sei porque vieste! E sei também porque te lamentas no coração! O teu pai morreu, olha onde está, veio. Morreu num acidente. (O meu pai foi atropelado por um carro em 1963.) Ele diz para não chorar, porque tem a almofada sempre molhada. Ouve, Stefka, não se chora assim um pai! Olha, também a tua avó veio...

Vanga mostrava-me os parentes mortos, mas eu insistia no meu:

— Tia Vanga, estou num beco sem saída e não sei o que fazer. Vim pedir conselho!

— Sim, tens muitos candidatos... Quando uma mulher se divorcia não encontra marido, mas tu não consegues afastar os homens! Quem é aquele de fato castanho? (Disse o nome.) Advogado? Foge desse homem, ele há

de deixa-te cega! É mau, muito mau! E quem é aquele solteirão? (Disse novamente o nome.) Ele ama-te, e tu agradas à mãe e à irmã dele, ambas querem que ele case contigo. Se casares com ele, terás um filho. Mas tem em conta que ele será caçador de saias.

Eu teria escolhido aquele solteirão, mas mal o mencionei Vanga cortou-me.

— E quem é esse Dimitar? É dos nossos macedónios! (Referia-se ao professor.) Com ele viverás como rainha, passearás pela América, tudo será maravilhoso. Ele quererá um filho teu, mas não será bom para os teus familiares. (Vanga referia-se à minha filha e à minha mãe.) Sabes que ele agora te espera em Sófia? Veio com malas e documentos. Já foi cinco vezes a tua casa, quer casar contigo. Irias viver bem, mas não deves viver noutro país. Fica na tua terra!

No momento seguinte Vanga exclamou entusiasmada:

— E agora apareceu o militar! Homem grande, general! Viúvo com dois filhos. Olha, a mulher dele veio... Ai... ai, ai, ai, como ela chora... Morreu numa operação. Chora amargamente e tem pena da criança pequena. (Vanga disse o nome.)

Depois a vidente calou-se e, passado um bocado, começou a falar de outra coisa, menos importante. Falava e tricotava com uma rapidez inacreditável. As agulhas reluziam nas suas mãos, e eu não conseguia decidir se ela falava ou tricotava mais depressa. Mas eu esperava algum conselho e pensei para comigo: vai-se-lhe esquecer porque vim! Nesse mesmo instante Vanga disse:

— A seis de janeiro casarás com o general!

Eu nem o tinha considerado. Não gostava de militares e exclamei espantada:

— Como, por favor?!

— Casarás com o general! — repetiu Vanga. — O telefone dele já deve estar a ferver de tanto ligar à tua mãe a perguntar onde estás. Mas tu pediste à tua mãe que não dissesse. Quando regressares, encontrarás com ele.

No momento seguinte mostrou-me três dedos e disse:

— Terás três casamentos.

— O quê?! — gritei horrorizada.

— Calma, não te zangues! — disse ela para me tranquilizar e explicou que estava escrito no meu destino, e ninguém foge ao destino.

Quando cheguei a casa, a minha mãe, nervosa, disse-me:

— O general está a perder a cabeça à tua procura! À noite volta a ligar.

A minha filha também se meteu na conversa:

— Mamã, o tio Mitko de Skopje também te procurou, mas eu disse que estavas em tournée.

Tocaram à campainha, e era o Dimitar. Abraçou-me e gritava:

— Meu coraçãozinho, meu pedacinho de ouro, torna-te minha mulher!

Perdi a fala e não sabia o que fazer, embora tivesse decidido obedecer a Vanga.

Dimitar tirou cartas da malinha e leu-me como dois padrinhos sem filhos o convidavam para ir viver para a América. E escreviam que queriam que ele casasse com «uma búlgara muito bonita». Dimitar descrevera-me a eles em pormenor e enviara a minha fotografia. Os padrinhos responderam: — Se casares com essa búlgara, compramos-te um Cadillac e damos-te uma villa à beira-mar!

Não sei como aconteceu, mas casei com o general, e exatamente a seis de janeiro.

O dia do casamento estava marcado para o três, mas não conseguímos encontrar um padrinho a tempo, e a cerimónia foi a seis. O meu marido não acreditava quando eu lhe dizia que Vanga previra exatamente esse dia, mas mais tarde a Valkana confirmou-lho.

Vivemos juntos dez anos e depois divorciámo-nos. Seguiram-se o terceiro e último casamento. Com este marido vivi o mais feliz, até que, depois de uma tournée pela Suíça, o encontrei no caixão. Trabalhava no comércio externo e morreu em circunstâncias estranhas que ainda hoje não consegui esclarecer. Vivemos juntos treze anos, era um homem inteligente, bom e cuidadoso, mas o destino tirou-mo... Fiquei sozinha.

Vanga também me profetizara sucesso. Eu alcançaria grande fama como cantora, mas só mais tarde, depois de vários anos. Disse ainda que no fim da vida teria muito dinheiro e que a minha filha começaria a estudar uma coisa, mas terminaria outra escola. Assim aconteceu. A minha filha começou filologia inglesa, mas depois mudou para economia. E Vanga disse ainda que eu queria muitos filhos, mas estava-me destinado apenas um, e que a minha filha viveria o meu destino. — O que está gravado na pedra não se apaga — disse Vanga. A minha filha já se divorciou duas vezes.

Chegou a hora de pagar. Enquanto procurava dinheiro na mala, Vanga disse:

— Trouxeste uma coisa bonita. Dá-ma! Dinheiro não quero.

Entreguei-lhe a toalha de banho. Ela apalpou-a e descreveu com todos os pormenores como eu tinha a sala de estar arranjada e o que comprara na China. No fim acrescentou:

— Porque não trouxeste aqueles com que os chineses comem arroz? Tens dezoito!

Eu trouxera mesmo um pacote de pauzinhos, mas não sabia quantos eram. Em casa contei-os, e eram realmente dezoito. Ainda hoje não percebo como ela soube.

Mais tarde dei os pauzinhos ao desportista Stoyan Kitov para lhos levar, e Vanga ficou muito contente. A minha filha também foi ter com ela, e eu costumava mandar-lhe licor de menta caseiro, porque sabia que ela adorava. Mas uma vez a minha filha levou uma garrafa comprada na loja, e Vanga repreendeu-a: — Isso não quero! Amanhã traz-me o licor da tua mãe e diz-me a receita!

Tudo aconteceu como Vanga dissera. Casamentos, divórcios e o destino da minha filha... Fama mundial e o fim da carreira...

Mas o muito dinheiro nunca o recebi.

Só podemos admirar-nos com a precisão com que Vanga retratou a futura vida familiar da senhora Sabotinova. A vidente vê e descreve pessoas e acontecimentos que se desenrolam no momento da profecia, fala do que está prestes a acontecer e avisa sobre o futuro mais distante. Mais ainda: anuncia que a mulher casará no dia por ela marcado!

De que forma e de onde tirava Vanga a informação sobre pessoas e situações que se sucediam no seu «ecrã» que tudo mostrava, oculto aos olhos das pessoas? Isso dava-lhe, aparentemente, imagens visuais, conceptuais e seguramente de outro tipo, radicalmente diferentes das que conhecemos.

Parece que Vanga conseguia ver tudo, desde o destino de uma pessoa e da sua família até ao destino de nações, continentes e de todo o planeta Terra. Podia prever momentos importantes na vida de alguém («terás três casamentos») e ver pormenores insignificantes («porque não trouxeste aqueles com que os chineses comem arroz?»). Diante dos olhos espirituais de Vanga surgiam o passado, o presente e o futuro, e surge a pergunta: como conseguia ela, que afirmava que o tempo é um processo uno e indivisível, separá-los?

Não há resposta.

As profecias de Vanga levam a pensar que o destino está sob o signo da inevitabilidade. A vida de cada pessoa é claramente determinada por manifestações concretas — provações e momentos de felicidade — que, numa dimensão invisível, se estendem sobre a sua existência. E, como para a vidente o tempo era uma substância especial, ela via tudo em imagens e cenas em movimento, «só com direções diferentes».

— Entre passado, presente e futuro não há diferença. Vejo a cena: doença, morte, catástrofe, casamento, filhos. Tudo está em movimento, só as direções são diferentes — disse Vanga uma vez.

Ele está-te destinado como marido.

Relato novamente de Snežana Hristova, de Varna

Era 1973. Muitas desgraças me atingiram, e a pior foi dar à luz uma criança com uma deficiência congénita. A operação não correu bem, o estado piorou, e então apanhei o comboio e fui a Petrič ter com Vanga.

À minha frente estava a família de um jovem que morrera, e Vanga falava em nome dele palavras que partiam o coração, e as lágrimas corriam-me pela cara.

Entrei no quarto dela ainda a fungar, porque não conseguia acalmar-me. A vidente pegou-me na mão e mandou-me sentar na cama ao lado dela. Acariciava-me a mão e consolava-me. Quando me recompus, mandou-me sentar numa cadeira e pediu o açúcar. Nessa altura reparei que a expressão do rosto dela mudava, começava a irradiar luz e à volta criava-se uma espécie de claridade. Vanga falou:

— Estiveste casada com Petar. Tens um filho, protege-o de ferimentos. Tens caráter de homem, e os homens têm medo de mulheres assim. Até aos trinta e seis anos não devias ter casado.

Ia já perguntar pelo filho quando Vanga disse:

— Deixa a criança onde está (ele estava num hospital especializado), não há nada a fazer... Vais divorciar-te do Angel (era o nome do meu segundo marido). Quando tiveres trinta e seis anos conhecerás alguém cujo nome começa com S. Casarás com ele, porque ele te está destinado como marido. Ele tratar-te-á com cuidado.

Tudo o que Vanga disse cumpriu-se com precisão absoluta. Deixei o Angel. O menino morreu, e eu fiquei sozinha muitos anos. Exatamente no meu aniversário conheci o Slavčo, e no ano seguinte casámos.

A vida privada de uma pessoa é parte do seu destino. Cada um procura a sua felicidade conjugal e acredita nela, mas nem todos estão destinados a viver juntos em paz e harmonia.

Por vezes o caminho para o lar familiar passa por ligações casuais, erros e desvios do rumo certo. Provavelmente essas provações também fazem parte do destino individual. A sabedoria popular diz: «está-lhe destinado».

A uma mulher que fora perguntar se casaria em breve, Vanga disse:
— Casarás, mas não este ano!

— Mas tenho um namorado fiel — objetou a mulher.

— Eu sei — disse Vanga —, divorciado com filho. Mas ele não te há de querer.

É interessante notar que Vanga não recomendava casar com pessoas divorciadas que tivessem filhos. A uma mulher solteira deu este conselho:
— Virão muitos pretendentes, casarás, mas não vás para um divorciado. Queres uma divorciada? Com divorciado há enganos, com dois filhos há enganos. Um divorciado pode ter um pequeno motivo, mas outros têm motivos grandes, motivos de filhos, por isso não te enganes... Escolhe um homem livre.

O casamento entre homem e mulher é uma união sagrada, a sua preservação é acima de tudo uma questão de moral, especialmente quando nascem filhos. A vidente exortava a guardar a unidade espiritual e era contra o divórcio, porque dele sofrem as crianças. Mas os acontecimentos muitas vezes desenrolam-se contra a vontade e os esforços das pessoas, porque estão sujeitos a um curso oculto e inevitável do destino.

Se estás mal — divorcia-te Relato de R. V., de Sófia (Quis permanecer anónima, porque os familiares tinham uma atitude irónica perante Vanga)

Vivemos razoavelmente bem com o meu marido durante vinte anos. Ao contrário da maioria dos generais da era comunista, ele era bastante inteligente e culto. Mas todas as boas qualidades desapareciam quando bebia, e isso acontecia cada vez mais.

Numa manhã de primavera de 1987, quando eu não estava na Bulgária, o meu marido, sem qualquer motivo e sem me avisar, abandonou a família. Quando regressei a casa, encontrei os armários vazios, porque ele levara todas as suas coisas.

O ponto alto da desgraça veio no dia seguinte, quando o meu pai morreu subitamente. Pouco antes morrera também a minha mãe. Tive de enterrar sozinha as duas pessoas mais queridas, porque não tinha nem irmãos nem irmãs.

Durante dias senti-me completamente destroçada, os remédios não ajudavam, e os amigos também não conseguiam consolar-me. Sugeriram-me que fosse a um sanatório balnear militar. Deixei a filha pequena aos cuidados da vizinha e parti.

Todas as manhãs, às dez, os doentes reuniam-se na cafetaria com o pessoal do sanatório. Todos se espantavam com a atitude do meu marido. Uma médica sugeriu que fosse ter com Vanga e prometeu que uma conhecida arranjaria a consulta. Aceitei a proposta com sentimentos mistos.

Chegou a primavera de 1988. Chegámos a Petrič às quatro da tarde num Volga preto. Vanga estava sentada num banco no jardim. O meu companheiro de viagem era educado, mas reservado. Entrou pelo portão no quintal, demorou-se um pouco, e de repente Vanga chamou-me pelo nome. Aproximei-me dela, muito nervosa. As pernas tremiam-me, escurecia-se-me a vista. Ela sentiu que eu estava nervosa, e ainda hoje me soam aos ouvidos as suas primeiras palavras:

— Tens a nuca contraída?

— Sim, tia Vanga — respondi.

— Aaaah, não pode ser, não pode ser. Não é bom estares tão nervosa. Tens de te controlar muito, senão será mau.

Contraí-me, e a nuca começou a doer ainda mais. Vanga ficou um pouco em silêncio e mudou de assunto:

— És boa pessoa, fizeste muito bem, e isso fortaleceu-te. Veio a desgraça, e tu decidiste. Mas não te arrependas, ele é um canalha. Não importa que tivesse alto cargo! Respeitam-te pessoas muito maiores!

Vanga calou-se e ficou pensativa. Eu gravava na memória cada palavra dela e estava como hipnotizada. Pouco depois a vidente continuou:

— Ouve! Durante três anos terás azar, mas ele terá sorte três anos. Ele condenar-te-á. Depois perderá tudo, e tu encontrarás paz. E agora despacha-te para casa! O teu filho está doente, e tu és-lhe necessária! Se encontrares o ex-marido, diz-lhe que venha ter comigo. Tenho coisas para lhe dizer.

E nesse momento Vanga soltou algo que me escaldou como água a ferver:

— Ele tem uma mulher! Mulher má! Muito culpada, mas não durará muito. Traz-me o que encontrares do lado direito debaixo do limiar da porta. Ouviste? E agora vai!

As palavras de Vanga desequilibraram-me novamente. Nem me lembro como regressei ao sanatório.

No dia seguinte parti cedo para casa. Os médicos não me deixaram, mas eu não lhes dei ouvidos. Encontrei a filha deitada com febre alta, porque tivera uma crise nervosa. A filha espantou-se com o facto de eu saber da doença dela, mas eu não disse nada.

Durante muito tempo vivi como num pesadelo, cumpriu-se a profecia de Vanga. Contei aos amigos e conhecidos o encontro com ela, a maioria não acreditou, e eu senti-me ofendida. A filha mais velha até disse ao marido: — Coitada da mamã, deve ter-lhe dado um faniquito!

Depois do encontro com Vanga realmente mudei. Vivo com pensamentos nela e guardo as suas palavras na mente, elas obrigaram-me a refletir e a compreender de novo muitas coisas na minha vida.

O meu respeito pelas capacidades de Vanga tornou-se ainda maior depois de me fazerem uma radiografia às vértebras cervicais e eu perceber que estava gravemente doente. Um mês antes um professor não encontrara nada...

Chegou o dia 10 de dezembro de 1989. O meu ex-marido foi expulso do exército e perderam-se todas as regalias de general e de ativo combatente pelo socialismo. Durante muito tempo ficou sem abrigo, os amigos traíram-no, e sofreu uma pesada operação ao cérebro. Esse homem ficou ainda mais sozinho do que eu. Comigo estavam os filhos e os netos, por quem ainda hoje vivo.

Às vezes reunimo-nos todos, porque não somos inimigos e eu não odeio o meu ex-marido. Vanga ajudou-me a aceitar o destino com calma e naturalidade.

O seu desejo de que eu lhe trouxesse o que encontrasse do lado direito debaixo do limiar ficou muito tempo por cumprir, porque o limiar era de cimento.

Um dia reparei que o limiar estava rachado, tirei-o e encontrei debaixo dele uma moeda antiga suja de piche e outros objetos estranhos. Deitei tudo ao lixo.

Mais tarde compreendi que contra mim tinham feito bruxaria. Talvez fosse isso que Vanga quisera dizer quando me mandou trazer o que encontrasse do lado direito debaixo do limiar?

Ela também reconheceu a «mulher má» do meu marido e anunciou que os seus maus feitos não durariam muito. Assim aconteceu. A mãe dessa mulher morreu subitamente, e ela, que já tinha filhos, nunca casou com o meu ex-marido. Tornaram-se inimigos mortais e já nem se cumprimentam.

Em 1995 estava na igreja de Santa Petka Samardžijska em Sófia, quando lá casavam uma amiga minha. Cheguei um pouco antes e observava com interesse os ícones. Passou um padre, e perguntei-lhe:

— Padre, acreditas em magia negra? Existe?

Ele respondeu curto:

— Infelizmente existe. Desde que o mundo é mundo. Mas praticá-la é pecado grave.

Baixei a cabeça, porque me lembrei de Vanga e do seu aviso.

Nunca mais me foi dado encontrá-la, mas ela vive no meu coração. Fortaleço-me na minha fé e esforço-me por ser melhor.

Vanga não aprovava o divórcio. Sempre que era possível, ajudava a família a evitar essa solução desfavorável. Neste caso, salvar o casamento provavelmente já não era possível. O divórcio é um facto, e a esposa ofendida pela conduta do marido tem de o aceitar com sabedoria e paciência.

Vanga via também o perfil moral das pessoas («ele é um canalha», «mulher má»). O desenvolvimento dos acontecimentos mostrou que o mal não fica impune. Funcionava a lei de causa e efeito: se fazes mal a alguém, cedo ou tarde o mesmo te acontecerá.

No Novo Testamento este princípio ético é profundamente motivado. Cristo referiu-o muitas vezes e formulou-o laconicamente: «Tudo quanto,

pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas.»

O homem que abandonou a mulher e os filhos foi atingido três anos depois por várias desgraças.

Sobre magia, Vanga declarou categoricamente: — Com essas coisas eu não me meto!

(Nem sempre é claro o que é exatamente a magia. Num sentido mais amplo, entende-se por magia o conhecimento dos poderes secretos da natureza que o iniciado consegue dominar e utilizar. Na Idade Média distinguia-se magia negra e magia branca — dependendo se o objetivo era alcançado com a ajuda de espíritos malignos do submundo ou de bons espíritos celestiais. Os dominicanos Kramer e Sprenger, no século XV, definiam a magia como a manifestação visível da ação de Satanás no mundo. A antropóloga contemporânea Margaret Murray, por sua vez, afirma que a magia é um resquício das religiões pré-cristãs cujas raízes se perdem na pré-história.)

Vanga mencionava a magia com extrema raridade, mas o professor V. Dobrijanov registou uma frase dela sobre um doente psiquiátrico em que surge essa palavra. A vidente reconhece indiretamente que não nega completamente a existência da magia e o seu poder de atuação. Vanga disse: — Ele curar-se-á. Tem os nervos doentes. Não é magia. Não vem da mulher dele...

Ao longo da vida acontece de tudo — o bem e o mal, subidas e quedas —, mas parece que há mais sofrimento. «A Terra não é lugar de felicidade, viemos aqui para aprender», ensina o mestre búlgaro Danov. Todo o destino é marcado por complicações e provações que, juntas, formam a escola da sabedoria e da paciência da vida.

E, no entanto, a vida é uma bênção, porque é dom de Deus. Os problemas são-nos impostos para podermos testar as nossas forças e a capacidade de suportar as provações. Se não temos as nossas próprias dificuldades, somos arrastados para as dos outros, e essas revelam-se não menos pesadas.

Não terás sorte com maridos Relato novamente de Penka Caneva, de Silistra

Visitei Vanga em 1969. A minha irmã sofria de leucemia e morreu. Eu não tinha filhos próprios, por isso fiquei com os dois dela, um rapaz e uma rapariga.

A vidente levantou-se da cama onde estava sentada, aproximou-se de mim, abraçou-me e disse:

— És boa, mas não tens sorte. Diz-me, como se chamava o teu primeiro marido?

— Nikolay — respondi.

— E o segundo?

— Orhan.

— Podia ser Hasan, com maridos não terás sorte — disse Vanga. — Tu és o marido, tu és a mulher, e assim será a tua vida daqui em diante! Como te puseram no berço, assim te enterrarão... Tens a boca como pimenta picante, mas no peito um coração de ouro. Não há e não há felicidade.

Pedi a Vanga que dissesse alguma coisa sobre duas colegas minhas. A princípio recusou-se terminantemente, mas depois aceitou:

— Vou dizer! Afinal elas pagaram-te a viagem.

Ao sair, lembrei-me de que esquecera de perguntar se ficaria no meu emprego. O guarda não me queria deixar entrar, e tive de mentir que esquecera o nome do remédio que Vanga recomendara ao marido. Nesse momento a porta abriu-se e Vanga chamou:

— Não mintas! Entra! Trabalharás no mesmo sítio e lá te reformarás. Para o teu marido não há remédio.

Tudo se cumpriu. Vanga avisara-me do inevitável — nasci assim, assim morrerei.

Nasci numa aldeia dos Balcãs, perto da cidade de Tryavna. Vivíamos em pobreza, éramos três irmãs e um irmão. Desde pequena andei a pastorear, a tomar conta de crianças e a lavar loiça.

Aos dezasseis anos caí infelizmente numa ravina profunda e parti a coluna. Fiquei dois anos deitada sem me mexer, engessada. Uma noite

sonhei com Jesus Cristo, todo de branco, que se aproximou da minha cama e disse: — Se acreditares em Mim, curar-te-ei.

Durante seis meses andei com apoio, mas acreditava que me curaria, e assim foi — ainda hoje estou sã e salva.

Tenho vontade forte, sou bastante ambiciosa, só que não tenho sorte na vida familiar, como Vanga disse. Criei os filhos da minha irmã, dei-lhes estudos e casei-os, agora cada um tem dois filhos. A mim o destino não os deu, porque os médicos proibiram-me terminantemente de ter filhos.

O segundo marido era de Silistra. Turco de nacionalidade, mas homem bondoso e inteligente. Meio ano depois da morte da minha irmã teve epilepsia e esteve internado em vários hospitais em Ruse, Varna, Sófia... Mais tarde começou a beber. Não consigo dizer em que medos vivi durante dezassete anos inteiros! Nem todos os dias tinha ataques, mas aconteciam de repente e em qualquer lugar. Um dia caiu na rua e morreu ali mesmo.

Por isso Vanga me disse — «tu és o marido, tu és a mulher». Nunca tive um ombro masculino em que me apoiar, e assim foi toda a vida. Nas dificuldades e na solidão.

Reformei-me na mesma empresa «Mototehnika» onde trabalhara muitos anos. Hipotequei o meu apartamento e abri uma loja de peças auto. Já tenho setenta e cinco anos, estou cansada da vida, mas dou graças a Deus por me ter dado força e saúde para chegar a esta idade. Nos momentos difíceis sempre me sustentou a fé firme de que posso contar com a Sua proteção.

Sempre acreditei que seria feliz se fizesse bem às pessoas. E realmente ajudei muitas famílias a manterem-se unidas, salvando-as do divórcio com o meu exemplo infeliz. Dizia-lhes: eu não abandonei os filhos da minha irmã na desgraça, e vocês querem abandonar os vossos! Isso é pecado! Essas pessoas ainda hoje me respeitam, visitam-me nos dias de festa e trazem-me presentes como se eu fosse madrinha, portanto sou feliz com a felicidade alheia e infeliz por ficar sozinha e sem uma mão que ajude.

Quantas crianças cuidei e tomei conta! Deus tirou-me a felicidade de ser mãe, mas deu-me sentimentos maternos para amar todas as crianças.

Vanga viu o meu passado e o meu futuro. Alguns negavam-na porque a vidente dizia a verdade na cara e expulsava as pessoas más. Eu sou-lhe grata porque Vanga me disse o que me esperava e libertou-me das ilusões. Preparou-me para as desgraças e os golpes do destino.

«Como te puseram no berço, assim te enterrarão.» Nesta única frase Vanga resumiu toda a vida de uma pessoa.

A vida desta mulher não foi fácil. Conheceu pobreza e doença, sofreu a morte da irmã, criou os filhos dela e foi infeliz no casamento...

Uma pessoa mais fraca ter-se-ia deixado dominar pelas circunstâncias e encarado tudo como uma terrível injustiça. O forte aceita o destino com sabedoria e sem queixas, porque compreende que dele não se foge e que na vida de cada um há algo que, de acordo com as leis do Cosmos, tem de acontecer.

«O homem forte não se queixa nem se justifica», ensina o mestre Danov. «Aceita as suas feridas e segue em frente.» Segue em frente com bondade no coração.

Vanga ensinava que as dificuldades e as provações são naturais, acontecem a toda a gente, e não há destinos que sejam só alegria, tranquilidade e felicidade. Repetia muitas vezes: — Não há pessoa que nasça só para a felicidade! Um é excelente trabalhador, mas não tem sorte em casa. A outro é dado isto e aquilo, mas tem má saúde. O terceiro é saudável, mas são os filhos que adoecem... Em tudo o ser humano tem o seu bem e o seu mal. Assim é feito ele, e assim é feito o mundo.

É necessária paciência. A Terra quer tributos pelo facto de termos vindo viver nela. Pagamos à Terra uma renda como se fosse um apartamento... Pagamos todos, até ao último.

Na vida vejo-te só Relato de Raina Fumadžieva, de Belovo

Em 1974 divorciei-me do marido depois de doze anos de casamento. Ele tinha uma amante vinte anos mais nova, com quem depois casou. Fiquei sozinha com dois filhos.

Pouco depois adoeci gravemente e claramente comecei a apagar-me. Estive internada em várias clínicas de Sófia, mas depois colocaram-me no departamento de neurologia do hospital de Pazardžik. Fizeram-me várias análises, mas nunca chegaram a um diagnóstico.

Os médicos tentaram pôr-me de pé com choques elétricos, mas conseguiram apenas que eu ficasse cinquenta e cinco dias deitada como um tronco.

Das colegas de faculdade ouvira falar das capacidades fenomenais da vidente Vanga. Pedi à minha mãe que fosse ter com ela, mas a mãe não acreditava que servisse de algo. Finalmente lá foi a Petrič, mas nesse dia Vanga não estava em casa.

A mãe tirou-me do hospital, onde diziam que eu viveria talvez mais três meses, levou-me para casa e foi uma segunda vez a Petrič. Chorou o caminho todo no comboio. Uma mulher que conhecia bem Vanga viu-a, teve pena e prometeu arranjar uma consulta. Da estação levou-a diretamente a casa da vidente.

Logo à porta Vanga perguntou à minha mãe:

— Vens por causa da Raina, mas ela não está doente com doença. Porque demoraste tanto? Pergunta!

A mãe fez uma única pergunta: se a filha viveria e se conseguiria criar os filhos, um de doze anos e outro de seis.

Vanga respondeu:

— Ela viverá. Acalma-te! Agora não te posso ajudar porque estou com pressa, mas tens de ir à aldeia de Levunovo encontrar Atanas Džambazov.

A mãe foi imediatamente e preocupava-se com o facto de a noite chegar em terra estranha. A casa de Džambazov estava cheia de gente. Pouco depois saiu o dono, chamou a mãe lá para dentro, disse que já a esperava e tranquilizou-a de que chegaria a casa a tempo. A mãe deixou-lhe a minha roupa, e ele deu-lhe uma folha grande de papel com folhas mais pequenas embrulhadas. Eu tinha de dormir em cima delas.

Quando isso aconteceu, a mãe deitou a primeira folha numa encruzilhada, e depois, todas as terças-feiras, queimava uma. As folhas estavam dobradas, e nunca olhámos o que tinham dentro. Mas eu regressei à vida, e por isso tenho de agradecer a este homem dotado de estranhas capacidades que Vanga nos indicou.

Uma semana depois já estava de pé. Tinha uma médica conhecida que chamara inúmeras vezes em momentos difíceis. A mãe contou-lhe o encontro com Vanga. Quando a médica me viu curada, chorou e também ela foi a Petrič, porque tinha um irmão doente. Com os esforços da vidente e de um professor francês conseguiram prolongar a vida do irmão cinco anos.

A médica tornou-se amiga de Vanga e media-lhe a tensão. Quando entrou pela primeira vez no quarto da vidente, esta disse:

— Vens com o teu primeiro nome, Raina. Mais tarde mudaram-to para Nadka.

Realmente assim acontecera.

O meu filho mais velho estava na décima primeira classe quando o internaram no departamento de cirurgia do hospital de Pazardžik com apendicite aguda. O médico disse que o trouxeram tarde demais. Tinha quarenta graus de febre. Fiquei no hospital, mas a minha mãe foi imediatamente a Petrič.

Cansada, sentou-se à porta da casa de Vanga e adormeceu. De repente sentiu que alguém lhe acariciava a cabeça. Era a vidente. Disse-lhe:

— Vai para casa e não tenhas medo! Não há morte. Ajudá-lo-á o médico que a tua filha trouxe de Sófia. Que o neto beba calêndula. Uma pitada de calêndula em cem gramas de água, três vezes por dia uma chávena de chá. Quinze dias a beber, quinze a parar, e assim durante três meses.

Levámos o filho à Primeira Clínica Municipal de Sófia, ao doutor Angelov. Operou-o, e o rapaz curou-se rapidamente.

Queria muito encontrar Vanga, por isso um dia fui ter com ela. Enquanto esperava à porta, entraram no quintal um homem e uma mulher. A mulher trazia um cato num vaso. Ouvi a vidente gritar:

— Fora, fora do caminho dele! Ele vem! Diz, menino, como aconteceu? Ias de bicicleta na margem, escorregaste e caíste na água.

A mulher começou a chorar. Vanga continuou:

— Queres cortar a pereira no quintal. Não toques nela! Ele gostava muito dela. Faz um doce e leva-lha. Porque não lhe compraram os jeans que ele tanto queria? Compra agora!

Esta família acabara de saber por Vanga a verdade sobre a morte do filho. O espírito dele comunicara com a vidente, e ela repetia as palavras do menino.

Quando entrei no quarto, mandaram-me calar. Vanga segurava o vaso, levantava-o e baixava-o (parecia estar em transe) e falava:

— Vai, menino, já chega, deixa-me...

A nossa conversa foi curta. Já não tinha nada para perguntar quando ela disse:

— Ficarás sozinha. Na vida vejo-te só.

Assim aconteceu. Houve ainda duas relações infelizes. Agora tenho cinquenta e sete anos e estou sozinha. Trabalho como professora, sou feliz com os meus filhos e netos.

Nessa altura fui a Petrič com duas conhecidas. À cirurgia da mãe de uma delas suspeitavam de cancro. Vanga disse-lhe: — Os médicos dizem a verdade. — A outra conhecida tinha problemas nos nervos. A vidente mandou-a tomar banhos terapêuticos, e ela curou-se. O conselho ajudou.

Em 1994 adoeci novamente. Os exames deram mau resultado, esperava-me outra operação.

Cheguei a Petrič ao fim da tarde e, angustiada, pedia em silêncio a Vanga que sentisse a minha presença e me recebesse.

Nesse momento saiu de casa uma visitante e disse:

— Mandaram-me dizer que está aqui uma mulher a chorar que vai ser operada. Que entre!

Vanga deu instruções:

— Vai ao hospital Pirogov encontrar o teu parente! Ele escolher-te-á o médico, e tu aceitarás a operação.

Disse que tinha medo de morrer. Vanga pegou-me suavemente nas duas mãos e disse:

— Não tenhas medo, não morrerás. Deus protege-te.

É duro o destino das mulheres que não encontram uma alma gémea e ficam sem companheiro de vida. Muitas passam por uma série de casamentos, desilusões profundas e crises, até terminarem os dias sozinhas. Mas muitas vezes, como compensação, recebem consolo noutras áreas da vida — no trabalho, nos amigos, na boa saúde...

Normalmente o ser humano não vê nem sabe valorizar o que tem. E nem imagina quantos desejariam essa riqueza simples da vida que ele próprio não nota.

Mas é essa a natureza humana. Ele vê claramente os bens que lhe faltam e queixa-se de que o destino lhe virou as costas. Todo o bem e o belo que está ali ao alcance da mão permanece oculto aos seus olhos.

— Víamos Vanga demasiado perto e não víamos nela o celestial, o divino — confessou o conterrâneo de Vanga, o poeta Evtim Evtimov.

Porque acontece assim? Porque somos tão cegos para o que a vida nos dá?

Porque é como a luz do sol — não se nota.

Filha da sorte Relato de Lilija Caleva, de Sófia

Em 1964 tive oportunidade de ir com amigos a Petrič. Pusemo-nos na fila à porta da casa de Vanga e esperámos.

Ela saiu, queixando-se de que éramos demasiados e que isso a cansava, porque «o cérebro ficava como borracha».

Depois Vanga colocou-se junto à cozinha de verão e, para todos ouvirem, começou a fazer profecias. As pessoas iam-se embora, chocadas ou felizes com as verdades que ela dizia.

Chegou também a minha vez. O meu filho mais velho, Gošo, estava a cumprir o serviço militar, e nós, quando íamos visitá-lo, chamávamos-lhe carinhosamente Goška.

— Tu amas muito o Goška — disse Vanga a sorrir. — Ele dedicar-se-á à arte. Tornar-se-á famoso e viajará pelo mundo inteiro, mas casará uma segunda vez.

— E o que dizes do filho mais novo? Quer ser químico — perguntei.

— Nada de química! — cortou Vanga. — Ele também seguirá o caminho da arte.

Estas palavras foram proféticas.

Aproveitei a oportunidade e perguntei também por alguns familiares meus. À minha mãe, que tinha sessenta e dois anos, os médicos tinham diagnosticado cancro da mama, mas ela recusava a operação. Perguntei à vidente o que aconteceria à mãe, e ela respondeu:

— A tua mãe está numa casa grande com muitas janelas, e à volta dela há pessoas de bata branca. Não é como eles pensam.

E realmente a minha mãe viveu até aos noventa anos e morreu de ataque cardíaco.

Sobre a minha sogra, que estava em coma e deitada na cama, Vanga disse:

— Vejo uma sepultura fresca.

A sogra morreu quatro meses depois.

— És uma pessoa feliz — disse-me a vidente. — Também no futuro espera-te uma vida muito feliz. Todos te amarão, e mais do que ninguém o teu marido. Sobre ti vela um morto cujo nome começa com a letra M. (O nome do meu pai era Mladen!)

Perguntei a Vanga pelo marido. A vidente disse que ele era o melhor companheiro possível, elogiou-o de todas as formas. Isso correspondia à verdade, mas até então eu não o tinha percebido. Depois das palavras de Vanga passei a olhar para o meu marido com outros olhos e comecei a respeitá-lo.

Para Vanga as pessoas eram como um livro aberto. Via quem era bom e quem era mau, quem estava doente e quem estava saudável.

Vanga possuía um enorme poder de influência moral. O respeito gerado pelas suas capacidades fenomenais dava um peso especial a cada palavra de elogio ou de crítica. O que a vidente dizia era capaz de alterar o curso dos pensamentos de uma pessoa, de voltar o espírito e a consciência para avaliações invulgares de si própria e para a análise do próprio comportamento.

Era difícil contestar a crítica expressa por Vanga. Ela desmascarava os maus atos e características e não tolerava objeções. Mas até a pessoa mais pecadora, no fundo do coração, tem consciência das suas culpas, embora tente escondê-las e justificá-las de algum modo. Apanhado de surpresa por Vanga — porque ela olhava até aos recantos mais profundos da alma —, o indivíduo descobria o inesperado: tudo o que pensamos, fazemos e desejamos deixa, de forma desconhecida e em algum lugar, as suas marcas em nós e é registado. E por tudo se paga.

A reavaliação de valores e o regresso à consciência de uma pessoa que começara um caminho destrutivo para o espírito — para isso apelava Vanga — era uma das manifestações mais nobres e elevadas da sua missão. Merece também respeito o facto de a vidente incitar sempre as pessoas a bons atos e bons pensamentos.

O que é, afinal, a vida? São os nossos pensamentos e atos, os nossos desejos, valores e relações com os que nos rodeiam. Mas, tanto quanto os acontecimentos estão destinados e codificados, também dependem de nós próprios. Da nossa vontade. E o principal que podemos certamente mudar é a nossa escolha moral, para servir o bem. Só de nós depende se respondemos ao mal com amor, sabedoria e paciência ou se a resposta será um mal ainda maior. Mudando-nos na direção da bondade, mudamos tanto a nossa vida como a dos que nos são próximos.

A liberdade de vontade que o Criador nos deu não significa arbitrariedade. O pensador medieval Santo Agostinho disse que a liberdade «mostra o caminho da perfeição moral». E nesse caminho há tanto bons como maus desvios, que dependem dos atos do ser humano ao longo da vida e que alteram o curso da existência.

O mestre da Vida Danov diz: — As profecias podem ser adiadas ou canceladas. Se o pecador corrige a sua vida, o castigo é-lhe retirado. E se o justo se perde e começa a pecar, a bênção é-lhe substituída por castigo. Do próprio ser humano depende se torna o seu destino melhor ou pior.

Sofrerás muito Relato do cantor de variedades Emil Dimitrov

Uma vez fui ter com Vanga, mas ela não me recebeu. Para ser franco, expulsou-me.

Aconteceu assim. Ouvi uma mulher dizer:

— Aqui está o cantor Emil Dimitrov.

Vanga respondeu:

— O que hei de eu dizer-lhe? Este sabe mais do que eu! Que vá embora!

Assim falhou o nosso primeiro encontro. Talvez tenha sido por causa da minha mãe. Ela era médium, lia a sina pelas linhas da mão, e por isso Vanga disse que eu sabia mais do que ela.

Mais tarde, já no início dos anos oitenta, quando Vanga começou a receber na aldeia de Rupite, voltei a ir ter com ela. O meu pai estava gravemente doente.

Saído do carro, cedo de manhã fui a pé à casa de Vanga em Petrič, de onde ela partia para a aldeia. Consegui combinar com um guarda que era meu admirador e prometeu arranjar o encontro.

Às sete Vanga preparava-se para ir para Rupite, o carro já esperava. O segurança gritou-me:

— Salta para dentro do Volga! Vanga vem já! Pelo caminho podes perguntar.

Instalei-me no banco de trás. A vidente entrou e sentou-se ao meu lado.

— Há aqui uma pessoa! — disse ela.

Expliquei que era Emil Dimitrov, que cantava a canção «A minha terra, a minha Bulgária».

— Bonito — disse Vanga. — De onde és?

— De Pleven.

— És bonito e trabalhador, mas na vida sofrerás muito — disse ela.

— O meu pai viverá? — apressei-me a perguntar.

— Viverá — respondeu Vanga laconicamente.

Nesse momento os seguranças pararam o carro e mandaram-me sair. Tinha de me registar como os outros, e depois Vanga atender-me-ia com mais calma. A vidente acrescentou em despedida:

— Quando regressar de Rupite, recebo-te em primeiro lugar.

Mas não aconteceu assim. Esperei várias horas no meio da multidão e depois fui para casa.

O pai morreu um mês depois. A profecia de que viveria não se cumpriu, mas cumpriu-se o que me dissera a mim: que na vida sofreria muito.

Também às «estrelas» a vidente dizia verdades duras, e não se deixava intimidar pelo facto de serem pessoas famosas e respeitadas na sociedade.

Se uma pessoa lhe desagradava, Vanga não queria falar e declarava-o em voz alta. Por outro lado, a algumas cantoras pedia ela própria que entrassem e falava longamente, com prazer, sobre os seus destinos. Mas a Emil Dimitrov expulsou-o, e na segunda vez Vanga, forçada pela casualidade, disse-lhe apenas algumas palavras.

«Na vida sofrerás muito...» Foi conclusão ou aviso para este cantor de variedades? Ou talvez uma mensagem oculta de que ele devia mudar o «diagnóstico do destino», mudando o comportamento, os hábitos e os valores...

A casa será vossa Relato do compositor Tončo Rusev

Eu e a minha mulher, que nascera em Petrič, fomos uma vez ter com Vanga. No último momento acobardei-me e não acompanhei a minha mulher à consulta. Foi ela com a mulher do compositor Maurice Aladjem. Mais tarde contaram-me o que viram e ouviram.

A senhora Aladjem perguntou apenas coisas pessoais e no fim perguntou também pelo marido. Vanga disse palavras impressionantes:

— Ele não faz o que estudou. Mas digam-lhe que trabalhe apenas nas suas partituras.

Maurice era engenheiro de formação, mas na altura compunha música e estava no auge do talento.

Muito tempo depois, já em 1976, tivemos novamente de ir ter com a vidente. O então primeiro-secretário do comité municipal do partido em Petrič era parente da minha mulher e arranjou-nos o encontro com Vanga. Tínhamos graves complicações com a construção de um apartamento cooperativo.

O todo-poderoso secretário do partido telefonou, e fomos a casa de Vanga. Já lá esperavam umas quinhentas pessoas. Fomos embora e regressámos ao fim da tarde, depois do horário de consultas. Vanga pôs-se a repreender-nos:

— Não têm vergonha de se meterem sem fila! Aqui há tantos doentes e moribundos, e estes... E mandam-vos aquele que devia manter a ordem na cidade!

Faltou pouco para nos expulsar. Eu comecei:

— Tia Vanga...

— Que tia que eu sou tua! Tem de se estar na fila! — gritou furiosa.

Ainda assim a vidente pegou nos nossos cubos de açúcar, apalpou-os como se fossem dados e disse em voz alta:

— A casa será vossa. Ide!

E atirou os cubos de açúcar para uma taça.

Saímos envergonhados.

Embora com grandes dificuldades, o apartamento ficou nosso.

Com problema semelhante recorreu a Vanga uma jovem mulher. Embora tivesse ido perguntar pela irmã gravemente doente, decidiu também perguntar pelo apartamento. Conta a já mencionada Lyubka Todorova:

— Quando fui ter com Vanga, eu e o meu marido estávamos envolvidos na construção de uma casa cooperativa. Por intrigas dos vizinhos, a obra foi suspensa meio ano, e sofremos prejuízos morais e materiais. Vanga consolou-nos e disse que a casa seria construída. Pouco depois mudámo-nos para o novo apartamento, e um ano mais tarde nasceu-me um filho.

Pais curiosos ou preocupados incomodavam muitas vezes Vanga com a pergunta se os filhos entrariam na universidade. Outros queriam saber os temas dos bilhetes dos exames de admissão. Sobre Vanga circulavam todo o tipo de rumores nesta área — que por vezes dissera os temas, que outras vezes nada dissera. Mas isso era natural...

Vanga não costumava fazer esse tipo de profecias, porque a sua moral não o permitia. Quando muito, tranquilizava os pais dizendo que os filhos seriam estudantes. Acontecia quando estava bem-disposta e não muito cansada.

Tudo correrá bem.

Relato de Veselina Sotirova, de Burgas

A nossa filha tentou em 1975 entrar no conservatório, mas chumbou nos exames. No ano seguinte, quando se aproximava a admissão, o marido foi a Melnik, que fica perto de Petrič. O presidente da câmara dessa cidade era nosso amigo e conhecia pessoalmente Vanga. O marido pediu-lhe que ajudasse a arranjar um encontro com a vidente, porque queríamos saber se a filha entraria esse ano no conservatório.

O marido foi com o presidente da câmara de Melnik visitar a cunhada que lá vivia. O presidente ligou a Vanga, e ela disse logo:

— Diz ao doutor que está ao teu lado que prepare o magarich, porque com a filha tudo correrá bem.

Vejo-o a voar alto Relato de Angelina Atanasova, de Plovdiv

Queria pedir a Vanga que dissesse alguma coisa sobre o meu filho, que na altura tinha seis anos, mas, antes que eu abrisse a boca, ela disse:

— Vejo o teu lindo menino de cabelo castanho-claro a saltar e a brincar. Estás preocupada porque ele adoece muitas vezes. Não precisas de te preocupar, porque o teu filho tem um grande futuro à sua espera. Vejo-o a voar alto.

Nessa altura não percebi o que ela me dizia. Agora o meu filho tem vinte e cinco anos e formou-se piloto militar. Realmente voa alto!

Profissão

A escolha da profissão é um momento importante na vida de cada pessoa. Muitas vezes, porém, por coincidência de circunstâncias, a pessoa não chega à profissão que desejaria e é forçada a fazer algo completamente diferente. Só os mais persistentes e os mais convictos do seu chamamento

chegam ao ofício certo e se afirmam nele, enquanto a maioria se deixa simplesmente levar pela corrente da vida.

Dezassete anos antes ela previra que eu escreveria um livro Relato do prosador Vladimir Golev

Muito ouvira falar de Vanga por outros escritores e conhecidos, mas ainda não me calhara visitá-la. Tinha medo dela, temia confrontar-me com o sobrenatural. Além disso, naqueles anos o nome de Vanga estava envolto não numa aura de magia e fascínio, mas de desconfiança e até de negação total.

Nos anos sessenta do século passado, de que quero falar, Vanga para uns era vidente e adivinha, para outros charlatã e impostora. Corriam rumores de que, mal alguém chegava a Petrič, ela mandava os seus homens recolher informações sobre a pessoa, acrescentava qualquer coisa e depois contava tudo ao visitante.

Também os juízos dos muitos conhecidos de Vanga eram variados. O escritor Ivan Aržentinski, que durante longos anos fora próximo de Vanga, disse uma vez:

— Vanga, sabes que eu não acredito nas tuas profecias?

Vanga pensou um pouco e respondeu:

— Ivan, eu não invento nada. Digo o que vejo! E vejo tudo como num filme.

Os representantes das ciências exatas costumam aceitar factos precisos e comprováveis. Mas que precisão científica se podia aplicar a esta mulher incompreensível que era capaz de contar a uma pessoa toda a sua vida passada e muito do que estava para vir, falar com os seus familiares mortos e recomendar remédios ou até um médico concreto que o curaria? As profecias de Vanga e os encontros com espíritos contradiziam a visão materialista do mundo então vigente na Bulgária. Se se aceitasse que ela via a vida de uma pessoa como uma fita de cinema, havia que admitir que existia uma predestinação. Ou seja, que na vida tudo já está previsto e o ser humano nada pode mudar.

Parecia misticismo, que os comunistas detestavam. E que dizer então das afirmações de Vanga de que existe outro mundo, que além do nosso há outra matéria, bela, maravilhosa...

Por um lado, eram conhecidos os seus milagres; por outro, não havia explicação científica para eles. Ou melhor, ninguém se dispunha a explicá-los. O poder oficial negava Vanga publicamente, mas em segredo ia ter com ela pedir conselho ou mandava os seus ajudantes e secretários. Mais tarde o fenómeno Vanga começou a ser estudado pelo doutor Lozanov, e saiu o livro da afilhada Krasimira Stoyanova. Nos pensamentos e opiniões sobre Vanga foi introduzida alguma ordem. Mas isso foi mais tarde...

Não sei porquê, sempre acreditei em Vanga. Habitava em mim a convicção de que nesta mulher realmente residiam estranhas capacidades e dons invulgares de ver o mundo tanto no passado como no futuro. Uma vez disse a um amigo meu que ele viera com um relógio novo, mas recomendou-lhe que reparasse e usasse o antigo. Portanto Vanga via também o presente.

Uma manhã, na cafetaria da Casa dos Escritores, entrou o poeta Kostadin Kyulyumov muito excitado e contou que no Ministério do Interior desaparecera uma chave secreta e tivera de ir de noite a Petrič ter com Vanga. A vidente recebeu-os zangada:

— Porque me incomodam por uma coisa dessas? A chave está enfiada debaixo do tapete. Ide buscá-la!

E assim era.

O prosador Ivan Aržentinski, com quem partilhava gabinete e que muitas vezes me manifestava a sua descrença em Vanga, disse um dia, chocado:

— Esta noite tive de acordar Vanga. Os vizinhos tinham perdido uma criança e, desesperados, pediram-me que lhe telefonasse. Mal ouviu a minha voz, disse: — Ivan, diz a essas pessoas que perguntem ao amigo da criança, ele sabe...

Verificou-se que a criança caíra no rio Perlovska e se afogara. Foi ali que a encontraram.

Poderia escrever uma história inteira sobre a minha prima que foi de Kalofer a Petrič para curar uma pneumonia crónica. Quando entrou, Vanga disse-lhe:

— Curar-te-ás. Mas agora pega no telefone e liga ao médico que trata a tua mãe! Vejo-o deitado na cama, inconsciente. Se o médico não vier já, ela morre...

A prima ligou. Mais tarde soube-se que a mãe tivera um espasmo vascular, e o médico salvara-lhe a vida.

Naqueles tempos calhou-me ir a Petrič com o conhecido escritor russo Vladimir Soloukhin, mas não encontrámos Vanga, ela tinha ido não sei onde. Na taberna local ouvimos todo o tipo de histórias sobre ela, bebemos o excelente vinho de Melnik à saúde do conterrâneo de Vanga, Evtim Evtimov, e regressámos a Sófia.

Nessa altura filmava-se nos arredores de Petrič um filme búlgaro, e a assistente de realização, nossa boa conhecida, visitou Vanga. Depois veio ter connosco a tremer, tão impressionada ficara com o que a vidente dissera. Vanga chamara o espírito do pai dela, recentemente falecido. O pai perguntara-lhe por tudo e por fim: — Porque não veio o Vlado (ou seja, eu) ao meu funeral? — Estivera doente com gripe e por isso não fora ao cemitério. — Também não veio o menino Yasen — continuou o espírito, e mais uma vez tinha razão. O meu filho Yasen tinha nessa altura menos de quatro anos, e a mulher não se atrevera a levá-lo a um acontecimento tão pesado. E então Vanga disse: — O Vlado é uma casa velha... casa velha...

Na altura não percebi porque me chamara assim.

Dezassete anos depois escrevi um romance autobiográfico «Memórias da casa velha». Esquecera completamente as palavras de Vanga e inicialmente dera ao romance o título «Flores azuis», porque falava do meu avô, que fazia baús de noiva e os pintava de azul. Levei a obra à editora de juventude, cujo diretor era nessa altura o poeta Evtim Evtimov. Ele olhou para o título, ficou pensativo e perguntou:

— Não poderias inventar outra coisa?

Pusemos as cabeças a trabalhar. Eu disse que o subtítulo era «Memórias da casa velha». O diretor gostou.

Quantas vezes me perguntei o que realmente aconteceu. Teria Vanga visto e lido o meu livro ainda não escrito? E não só não escrito, mas que nem sequer existia na minha consciência! Dezassete anos antes!

E porque me chamara Vlado — casa velha?

Mais tarde, quando a filha do escritor russo Leonid Leonov, Nataša, me contou como a vidente «lhe lera em voz alta» um capítulo inteiro do romance futuro do pai (para enorme espanto do autor), compreendi que as palavras de Vanga anos antes não tinham sido acaso...

A pessoa seguinte conta algo semelhante: como Vanga traçou infalivelmente a carreira do outrora famoso caricaturista Todor Conev, antes que alguém o conhecesse.

Ele rouba as imagens das pessoas e põe-nas no seu livro Relato do jornalista Hristo Malinov, de Sófia

No verão de 1935 fui gravemente ferido por um legionário nacionalista. Fiquei vários meses no departamento de cirurgia do hospital Aleksandar. Quando tive alta, coxeava muito e estava condenado a uma cadeira de rodas. A minha mãe ia constantemente a adivinhos e curandeiros populares à procura de alguma receita de cura, mas não conseguia convencer-me a ir à Slatinska, que adivinhava com cera, nem ao curandeiro da aldeia de Izvora, que curava os doentes esfregando com a sua corcunda. Não queria ir nem à Guna do bairro cigano, nem à velha Kera do subúrbio de Draža, que curava feridas abertas, cortadas e infetadas aplicando penas de galo.

Coxeava com muletas, embora a mãe repetisse sempre que ir ter com uma pessoa escolhida por Deus dava sempre esperança. Desde os tempos mais antigos as pessoas procuram consolo e salvação junto de oráculos, xamãs e sacerdotes que dominavam forças secretas! Especialmente quando o seu destino estava marcado pelos céus. As sacerdotisas do santuário de Zeus em Dodona profetizavam o destino das cidades-estado gregas — as pólis — pelo sussurro das folhas do carvalho sagrado, e aos indivíduos adivinhavam pelo gorgolejar do riacho.

As pitonisas do templo de Apolo em Delfos entravam em transe pelos vapores de enxofre e pronunciavam palavras e frases que as pessoas interpretavam como profecias sobre o desfecho de guerras, a libertação de epidemias e catástrofes naturais. Cassandra previu que Troia seria destruída e que Eneias fundaria Roma, mas ninguém acreditou nela.

E quanto à nossa Vangeliya de Petrič — Vanga? Pessoa fenomenal, madrinha de mais de quatro mil crianças. Atingida pelo destino, cega...

Onde residia a sua capacidade de ver a vida de uma pessoa e o tempo apenas tocando num cubo de açúcar, num objeto ou numa mão?

Enquanto eu escrevia as minhas «Lendas da Trácia», o prosador Plamen Conev trabalhava no romance «Orfeu». Estabeleceu contacto com Vanga, participava nas suas sessões de clarividência e falava com ela sobre o desenvolvimento da trama. Vanga apoiava a sua ideia, olhava para o passado e explicava as particularidades da era helenística.

Uma vez Plamen levou-lhe uma fotografia não retocada do combatente pela liberdade da Bulgária Hristo Botev. Vanga pôs-lhe a mão em cima e disse:

— Este é o maior entre os búlgaros. Morreu baleado.

Depois surgiu na imprensa uma discussão sobre a verdadeira aparência de Botev: como na fotografia de Plamen Conev ou nas imagens retocadas padrão.

Uma vez um grupo inteiro de criativos foi ter com Vanga, e o encontro estava marcado em Melnik por ocasião da inauguração do monumento ao líder dos combatentes pela liberdade, o voivoda Yane Sandanski.

Domingo. As cerimónias tinham terminado. Na pequena cidade reinava o silêncio. Vanga apoiava-se no ombro da irmã e erguia a cabeça para o monumento de granito. Passado um bocado anunciou que havia grande semelhança com o homem vivo. Só que os olhos do voivoda eram mais severos, como os de um falcão.

O sol punha-se, mas Vanga via as grinaldas ao pé do monumento, abanava a cabeça em aprovação e dizia boas palavras sobre quem honrara a vida e as obras de Sandanski.

Sentámo-nos a uma grande mesa numa taberna ruidosa. Todor Conev fez um esboço, e Vanga comentava o trabalho e falava do próprio artista. Falava no dialeto macedónio cantado. Conev tinha um ofício estranho — roubava as imagens das pessoas e punha-as em madeira ou num livro. Era um trapaceiro de cabelo castanho-claro que, ao primeiro olhar, via nas pessoas tanto o ridículo como o repugnante.

Todor Conev fez o segundo e o terceiro esboço, e Vanga falava da casa dele e da desordem na oficina instalada na sala de estar do

apartamento. No chão havia aparas de madeira e bocados de barro. Na sala grande estava a escultura «Pátria Cantora» — uma mulher bonita com traje nacional ricamente bordado. — É a tua mãe — disse Vanga. A canção dela interrompeu-se por causa da desgraça. Mataram o teu irmãozinho aos oito anos. Vejo-o. Tem um violino, sai da aula de música, e um carro pesado atropela-o...

O desenho e o monólogo terminaram. Os habitantes de Petrič entraram num Lada russo. A minha filha, realizadora de televisão, recuperou do choque causado pela história da criança morta e ofereceu-lhe um vaso com uma planta florida. Fora plantada pela minha falecida mulher Margarita. Ela uma vez fora ter com Vanga e pedira a sua bênção para que, apesar de toda a minha impiedade, eu sobrevivesse à operação de cancro.

Vanga pegou no vaso, tocou na mão da minha filha, e o rosto dela estremeceu. Pousando o vaso nos joelhos, acariciou-lhe as duas mãos e disse:

— Ai, minha querida menina, também a ti será infinitamente difícil. Não nasceste só para a felicidade de ser mãe. Os gémeos, o irmãozinho e a irmãzinha, que estejam bem, deste-os à luz depois da morte do pai deles...

Depois Vanga pegou na mão da minha filha e disse que ela viera a Melnik com o segundo marido — cientista que contava estrelas (o marido era astrónomo). O marido, porém, regressara a Sófia porque tinha de ir urgentemente ao estrangeiro (em Heidelberg realizava-se um simpósio de astrónomos). Ela teria ainda um filho, mas no fim da vida ficaria sem filhos.

As palavras de Vanga cumpriram-se. A irmã gémea emigrou para Londres, e o irmão casou com uma judia e fixou-se em Israel com o filho. O filho mais novo está agora a terminar o liceu e olha com um olho para Inglaterra e com o outro para a Holanda.

As afirmações de Vanga mostram que os dons, a habilidade e o talento são algo que reside na pessoa desde o início e lhe é dado por Deus. Por isso a vidente por vezes prestava atenção aos visitantes que, segundo a sua visão, não faziam aquilo para que estavam chamados.

Vários casos assim estão registados no livro do professor V. Dobrijanov «O Fenómeno Vanga». Aqui vão alguns fragmentos.

Vanga pergunta a uma mulher:

— O que fazes? Pelo teu chamamento és professora, nasceste professora.

— Fui educadora de infantário.

— Esse é o teu chamamento. Poderias também ser pregadora, mas não seria o teu verdadeiro trabalho. Cada um tem a sua missão. A natureza tem as suas leis, para que foi criado cada um.

Vanga pergunta a outra visitante:

— O que faz a tua nora? Não é professora?

— Está a estudar, mas ainda não é.

— Deus destinou-a a ser educadora de crianças.

Uma visitante fala do marido:

— O meu marido é médico.

— Mas não lhe estava destinado ser médico.

— Então o quê?

— Talvez seja bom médico, grande especialista e capaz de tudo. Mas devia ter-se tornado historiador.

Vanga fala de um engenheiro:

— Faz bom trabalho, é capaz de tudo. Mas diz-lhe que não aprendeu o ofício que Deus lhe destinou.

Não é fácil ao ser humano encontrar o seu verdadeiro lugar na vida. Das palavras da vidente resulta que cada um vem ao mundo com dons próprios que deve desenvolver. Provavelmente Vanga intuía, especialmente nas crianças, que estão mais próximas do Criador, qual é o verdadeiro chamamento de cada um. Impelidas por circunstâncias externas ou pressionadas pelos pais, as crianças escolhem muitas vezes profissões modernas ou materialmente rentáveis nas quais não conseguem realizar-se plenamente. Também a ambição é um fator que afasta a pessoa do seu verdadeiro caminho.

Claro que, em primeiro lugar, é preciso permanecer humano. Não devemos esquecer as leis morais que sustentam este mundo. É preciso

preservar o amor, a amizade e a disponibilidade para o sacrifício, a generosidade e a honestidade. No século XX, saturado de agressividade e criminalidade, não era fácil fazê-lo...

Perseguida pelo poder Relato de Ivan Tatarčev

Conheci Vanga no verão de 1957, quando comecei a trabalhar como advogado em Razlog, no sul da Bulgária. Na maior parte das vezes encontrávamo-nos em segredo, porque não me davam autorização para entrar na zona fechada, e Petrič era uma cidade fronteiriça. Eu era um daqueles a quem proibiam visitar as regiões de fronteira. Quando a visitava ilegalmente, Vanga dizia sempre que eu podia ter problemas.

Da primeira vez recebeu-me imediatamente, porque conhecia o meu apelido (é muito comum na Macedónia) e começou a enumerar os nomes dos meus familiares mortos. Mencionou o irmão do meu avô e o meu avô Mihail Tatarčev. De repente perguntou:

— Quem é Idrizova?

Idrizova é a prisão mais cruel da antiga Jugoslávia. Lá esteve preso muitos anos o meu padrinho, doutor Asen Tatarski. Em 1945 foi condenado à morte.

Com este encontro começou a nossa amizade, que durou até à morte da vidente.

Ia ter com ela raramente, porque de outra forma não era possível. Mais frequentemente levava outras pessoas do que ia com as minhas próprias preocupações. Sentia-me desconfortável só com a ideia de poder aproveitar os seus dons. Vanga, porém, disse também coisas muito interessantes sobre mim e, mas são assuntos íntimos... Profissionalmente não me profetizou nada.

Há muito tempo disse uma vez que tinham querido mandar-me para um campo de trabalho, mas um velho me salvara. Foi em 1966, quando eu trabalhava em Razlog. Realmente nessa altura tiraram-me duas vezes a licença de advogado, e fui detido várias vezes.

Da primeira vez que fui a Vanga levei uma médica conhecida que trabalhava na estação sanitário-epidemiológica. Vanga recebeu-a com as palavras:

— Que médica és tu, se não curas pessoas mas andas com ratos! — E acrescentou: — Deixarás esta terra.

Agora essa mulher vive há muito na República da África do Sul.

Um ano chegou à Bulgária um conhecido meu que vivia no estrangeiro e lá lhe tinham operado um cancro. Estava muito preocupado com a saúde e queria encontrar-se com Vanga.

Ela recebeu-me, como sempre. Entrei em casa, e o conhecido ficou sentado lá fora num banco que ainda hoje lá está. Durante a conversa Vanga perguntou:

— Que caixão é aquele lá fora?

Respondi que pedira que o recebesse. Só que não dissesse o que o esperava. Em geral Vanga raramente transmitia más notícias.

À meu conhecido anunciou tudo: que sofrera um grave acidente de carro, que fora operado e o que lhe fizera mal. No fim acrescentou que ele teria netos.

Dois dias depois esse homem suicidou-se. Caso impressionante!

Houve um período em que Vanga foi cruelmente perseguida. Nos anos em que nos conhecemos, vivia em pobreza. A casinha de Petrič é apenas uma parte do que teve mais tarde. Prenderam-na e também a bateram. Mas nessa altura estava no auge dos seus dons! Talvez porque ainda era jovem? Ou porque quem sofre é sempre forte?

Deve ter sido em 1958, quando lhe enviei um telegrama de Páscoa a felicitá-la pela Ressurreição de Cristo. No encontro seguinte Vanga fez um escândalo:

— Como te atreveste a mandar-me um telegrama desses? Podias ter prejudicado tanto a mim como a ti!

A vidente ficara assustada, e compreendia-se. Era apenas uma mulher sozinha perseguida pelo poder estatal. Muitas vezes usavam também violência física. Vanga deixou escapar uma vez que eu não devia dizer nada nem aos familiares dela, porque não confiava neles.

O tempo passou, e as circunstâncias mudaram. Os chamados ateus do partido comunista acorriam em bandos à procura de conselho e indicações

para o futuro. A situação de Vanga melhorou, o poder começou a tratá-la de forma mais humana.

Num dos últimos encontros Vanga mencionou um apelido estrangeiro e disse que esse espírito perguntava por mim. Mais tarde descobri que se tratava de uma conhecida minha polaca que morrera. A vidente contactava com as almas dos mortos, e isso parecia-me infinitamente intrigante.

Vanga era uma pessoa maravilhosa. Dedicava-se aos outros. Criou dois filhos adotivos — a filha Veneta, chamada Venči, que na adolescência era uma verdadeira beleza, e o filho Dimitar. É meu amigo, estudou direito e trabalha como procurador do distrito de Petrič.

Com a morte de Vanga perdemos uma personalidade excecional e uma patriota fervorosa. Vanga estava muito bem informada sobre o movimento de independência macedónio e as lutas pela liberdade. Também eu venho da Macedónia e orgulho-me de ser da mesma linhagem de Vanga.

CRIMES

«Com roubos e política não me meto»

A Vanga recorriam as pessoas mais diversas. Boas e más, calmas e agressivas, honestas e mentirosas. A vidente via-as como a palma da mão, compreendia que não há pessoas sem defeitos, mas era extremamente intolerante com criminosos.

Uma vez, numa conversa com o professor V. Dobrijanov, exclamou:
— Se visses quem vem ter comigo! Quantos carros roubam e quantas pessoas matam! Não digo como foi roubado cada carro, digo apenas que o encontrarão e não denuncio o ladrão. Com roubos e política não me meto!

A relutância da vidente em lidar com manifestações de moral baixa e em revelar atos criminosos era bem conhecida. Compreendia-se. Vanga via tudo, por isso durante longos anos foi alvo de perseguição das autoridades comunistas. Mais de uma vez proibiram-na de receber pessoas. Há informações de que instalaram aparelhos de escuta em casa dela. Pelas palavras do antigo procurador-geral da Bulgária Ivan Tatarčev, Vanga também foi agredida.

Naqueles tempos, tanto direta como indiretamente, ordenavam-lhe que não dissesse tudo o que via, especialmente se fosse algo desagradável para o regime comunista. Para evitar conflitos e preservar a possibilidade de

cumprir a sua missão — ou seja, ajudar as pessoas —, Vanga escolheu sabiamente uma política de neutralidade e evitava envolver-se em assuntos criminais. Especialmente se o caso era complicado. Por isso os visitantes que vinham por esse motivo raramente recebiam a resposta exaustiva que esperavam.

Se se tratava de infrações jurídicas e morais menores, cometidas por erro, ignorância ou descuido e cuja resolução não punha em risco a segurança física de Vanga, ela ajudava sempre. Um perdera um documento importante, outro descobrira na revisão um défice de dinheiro, um terceiro procurava um soldado desaparecido... Quando a situação não encerrava risco injustificado, a vidente dava rápida e precisamente a informação necessária.

Mais frequentemente Vanga calava-se quando uma pessoa desaparecera em circunstâncias estranhas, não esclarecidas oficialmente pelas autoridades. Quando era envolvida em trabalho de procuradoria ou investigação, falava pouco e evitava tomar posição definida.

Alguém poderia objetar que assim também podia encobrir um criminoso. Mas é preciso ter em conta que na era comunista a vida era complicada e cheia de hipocrisia. Por trás da «ignorância» fingida de Vanga vislumbrava-se um cálculo diplomático. Vanga compreendia que era melhor alguém ir embora insatisfeito do que no dia seguinte lhe proibirem ajudar as centenas de pessoas que estavam à porta da sua casa.

Longe de roubos e política.

Primeiro diz o que fizeram as autoridades Continua a contar Ličo Sabev, de Razgrad

Superado o choque da morte do irmão, já tendo descoberto bastante, subi o degrau da casa de Vanga com a firme determinação de esclarecer a verdade.

— Diz quem matou o meu irmão? Ou pede-lhe que revele o segredo!

A isso Vanga respondeu:

— Primeiro diz o que fizeram as autoridades, depois veremos.

— Se as autoridades tivessem feito alguma coisa, eu não estaria aqui.

A vidente calou-se e depois disse:

— Se as autoridades não descobriram nada, também eu não tenho nada para dizer... Olha, o teu irmão entra, vejo-o. Pergunta como estão os filhos dele.

— Como podem estar sem pai... Pergunta pelo assassino!

Vanga respondeu que o irmão já não queria dizer mais nada e saía da sala.

Com isso deu-me a entender que o encontro terminara.

Ao sair ainda consegui perguntar o que me esperava no futuro. As únicas palavras da vidente foram:

— Que o Senhor te ajude.

Mais tarde verificou-se que ela tinha razão. Durante anos perseguiu-me uma doença grave.

Com o tempo soube que, quando um acidente envolvia as autoridades ou funcionários delas, Vanga, mesmo sabendo a resposta, por cautela nada dizia. Foi exatamente o que aconteceu no caso do meu irmão.

Nas duas visitas Vanga recebeu-me entre os últimos. A janela da sala estava aberta, ela falava em voz alta, e ouvia-se tudo. Algumas cenas ficaram-me gravadas na memória.

Nunca esquecerei como gritou aos que esperavam:

— Essa pessoa não atendo! — Vanga disse o apelido e a aldeia de onde o homem viera e acrescentou: — Ele insulta-me e não acredita em mim. Que vá embora, senão expulso-o!

Espantado, vi o camponês que estava perto de mim à frente na fila sair encolhido da fila e afastar-se.

Entrou uma família de Veliko Tarnovo. O marido era coronel do exército. O filho de dezasseis anos brincara com a pistola de serviço do pai e, por descuido, dera um tiro em si próprio. Os pais ainda tinham dúvidas, e Vanga dissipou-as:

— O amigo do vosso filho não tem culpa. O rapaz segurava a pistola e, por descuido, disparou contra si mesmo.

A mãe e o pai saíram de lágrimas nos olhos, mas livres do peso de pensar que outra pessoa era culpada pela morte do filho.

Uma mulher de meia-idade de Sófia pediu a Vanga que a ajudasse a ter um filho. A vidente tranquilizou-a dizendo que tudo correria bem e mandou-a a um professor de Varna. Disse o apelido e anunciou que o bebé nasceria em breve.

Uma jovem família do distrito de Lom sofrera uma grande desgraça — um dos gémeos de dez anos afogara-se no Danúbio enquanto nadava. Os pais queriam saber como acontecera. Foi um acidente. Vanga falou com o espírito do menino.

Destinos, destinos, destinos... E diante deles Vanga. Parecia vê-los como num ecrã de cinema.

O caso relatado pelo senhor Sabev é significativo porque Vanga encontrou uma saída para não se intrometer na competência das autoridades judiciais. Fiel ao seu princípio de delicadeza e contenção, não mencionou nenhum nome.

De forma semelhante agiu Vanga ao encontrar-se com uma mãe que procurava os assassinos do filho. Nesse caso descreveu com algum pormenor as circunstâncias do acontecimento, mas aconselhou a mulher a não tentar a todo o custo descobrir a verdade, porque estava destinado que ela permanecesse oculta.

O dinheiro foi atribuído, mas caiu noutro bolso Relato de Georgi Soldatski, de Pazardžik

Em 1980 o meu afilhado Nikola Vaštev, camionista de transportes internacionais, foi enviado com quatro colegas para o Afeganistão sem lhes dizerem que carga transportariam. Os chefes disseram que era segredo de guerra. No regresso os mujahidin fuzilaram-nos, crivaram os camiões de balas, mas os rapazes, com a ajuda de Deus, salvaram-se.

Duas semanas depois mandaram-nos novamente para o Afeganistão. O meu afilhado protestou. Disse que ainda acordava a meio da noite com os horrores do que vivera. Avisaram-no de que, se desobedecesse, seria despedido por indisciplina. — Camarada diretor, estão a mandar-me de propósito para a morte, porque eu sei que não regressarei — disse o meu

afilhado. — A minha mulher, dois filhos pequenos e a mãe doente ficarão sem sustento.

E aconteceu o pior. Nikola pressentira a própria morte. Os colegas que tiveram sorte e regressaram contaram que ele fora baleado de manhã cedo.

Toda a família começámos a tratar do apoio material à viúva e aos órfãos. Escrevemos cartas ao secretário-geral do partido Živkov, ao ministro da Defesa Džurov e ao responsável financeiro do exército, general Semerdžiev. Não obtivemos resposta. Pedimos conselho a um advogado, mas ele disse que não se podia abrir processo-crime porque o assassinato não ocorrera num país socialista.

Encontrei-me com Semerdžiev, que pessoalmente recebera a notícia da morte do meu afilhado. O general deu-me uma palmada no ombro e disse que o Conselho de Estado se encarregaria das crianças e que à mãe do morto seria atribuído o título de Mãe Heroína e a respetiva pensão.

Passaram meses e anos, mas as promessas ficaram em palavras vazias. Então decidi ir ter com Vanga. Foi em agosto de 1983. Ela saiu e sentou-se num banco no quintal. Eu era o primeiro dos cinquenta que esperavam. Sentei-me ao lado dela, e Vanga perguntou:

— Tens açúcar?

Disse que não. Alguém dos visitantes sussurrou que desse o relógio, mas nesse momento a vidente disse:

— Ah, queres saber do assassinado. Procuraram dinheiro e ajuda. O dinheiro foi atribuído, mas caiu noutro bolso. Sofreram muito.

Esperei que dissesse mais alguma coisa, mas Vanga apressou-me:

— Porque esperas? Já disse tudo. Levanta-te! Olha quanta gente ainda espera.

«O dinheiro foi atribuído, mas caiu noutro bolso.» Quando Vanga não queria revelar pormenores de um caso complicado, era lacónica. A vidente dizia apenas o que não podia prejudicar nem a ela nem às pessoas que tinham entrado em conflito com as autoridades. Desta vez envolvia figuras de alto escalão, e era claro que Vanga, mesmo sabendo tudo em detalhe, não daria nenhuma informação. Procurava evitar que nos corações dos familiares do morto nascesse ódio contra as altas esferas, das quais

dependia o pagamento do subsídio e nas quais alguém o apropriara indevidamente. Com as palavras «Porque esperas? Já disse tudo» o visitante devia compreender que não valia a pena ir a mais lado nenhum procurar. A família não receberia o dinheiro, o caso estava encerrado.

E afinal Vanga dissera que não se metia com roubos nem com política. Aqui havia os dois.

Nas pegadas de pessoas e objetos desaparecidos

Por vezes o destino envia provações que, no entanto, acabam bem. Muitas vezes isso acontecia com a ajuda única de Vanga. Muitos que a receberam confessaram depois: se não fosse a vidente, teria acontecido o pior.

Muitas vezes pediam a Vanga que colaborasse na busca de pessoas e objetos desaparecidos. E ela própria acudia sempre que via que os visitantes que queriam saber a verdade sobre a morte de um familiar alimentavam suspeitas erradas. A vidente apressava-se então a dissipar esses pensamentos maus, mesmo antes que o recém-chegado abrisse a boca.

Vanga estendia a mão a todos, desde que isso não lhe trouxesse problemas com as autoridades.

O soldado desaparecido Relato de Lyuben Boyadžiev, de Sófia

Em 1946 fui colocado como professor no liceu de Petrič. Desde os primeiros dias ouvia frequentemente mencionar o nome da vidente Vanga. Contavam vários casos em que as suas profecias se revelaram certas.

Lembro-me de dois deles.

O comandante da unidade militar estacionada em Petrič foi uma vez ter com ela queixar-se de que desaparecera um soldado.

— Não tenhas medo — disse Vanga —, vejo-o deitado nos arbustos atrás da vedação do quartel. Daqui a duas ou três horas acordará e regressará.

E assim aconteceu.

Também o segundo caso está ligado a essa unidade. Não conseguiam pôr um tanque a trabalhar. Os mecânicos estavam desesperados e não

encontravam a avaria. O comandante foi pedir conselho a Vanga, e ela disse que o defeito estava numa caixinha mesmo à frente do condutor do tanque. Lá se partira uma peça. Mais uma vez a vidente tinha razão.

O teu filho caiu num poço Relato de Vasil Kalčev, de Tărgoviště

Encontrei-me com Vangeliya, que o povo chamava Vanga, em 1960. Estava em casa dela na aldeia de Rupite, enquanto me tratava na estância termal próxima de Marikostinovo. Falei também com muitas pessoas que a conheciam, ouvi e anotei as suas histórias. Aqui vão algumas.

Na Bulgária estavam a criar kolkhozes, e muitos camponeses dos arredores de Petrič vinham pedir conselho e ajuda a Vanga. Era a época mais intensa dos trabalhos agrícolas, cada par de braços fortes era precioso, mas os homens juntavam-se à porta de Vanga. Os brigadeiros praguejavam, os chefes não sabiam como mantê-los nos pomares, hortas e campos de tabaco.

O chefe da milícia de Petrič reunia reunião atrás de reunião, e finalmente decidiram que Vanga tinha de ser deportada para o interior do país. O chefe chamou o sargento e ordenou:

— Traz-me já a Vanga!

O miliciano foi a casa da vidente e entrou. Antes que pudesse dizer algo, Vanga falou:

— Sei porque vieste. Vou contigo, mas primeiro corre a casa, porque o teu filho caiu num poço. Tira-o enquanto ainda está vivo, e depois podes prender-me.

O sargento ouviu de olhos arregalados, virou-se e correu para casa. Lá encontrou a mulher que saíra para a rua e olhava assustada à volta.

— O pequeno desapareceu! — disse ela, assustada, ao marido.

— Caiu no poço seco — respondeu ele.

A mulher gritou, e os dois correram para o canto do quintal onde estava o poço seco. Lá tinham atirado ramos, ervas e palha. Sobre eles jazia o filho. Só estava assustado e arranhado. O pai desceu uma escada ao poço e trouxe a criança para cima.

— Quem te disse que ele estava lá? — perguntou a mulher, já recuperada.

— Vanga — respondeu o marido. — Mandaram-me prendê-la e levá-la para a esquadra para a expulsar de Petrič.

De casa o sargento foi diretamente ter com o chefe.

— Trouxeste-a? — perguntou este.

— Não — respondeu o miliciano. — Não consegui fazê-lo. Podem despedir-me, mas não consegui. Ela prestou-me um serviço tal que o coração não me deixou prender aquela mulher.

E contou o que acontecera.

O chefe ficou pensativo e disse:

— Então Vanga é útil às pessoas e não merece ser mandada embora. Embora cega, vê melhor do que nós. Fica aqui! Informarei os meus superiores do que aconteceu. Podes ir!

Ele está nas águas do Struma Em Pernik desapareceu uma vez um soldado. Procuraram-no por todo o lado, mandaram patrulhas para as periferias e tabernas, mas nada. Uns pensavam que desertara e atravessara a fronteira, outros que se escondia em casa de alguma namorada ou fora para a sua aldeia no Ludogorie.

Finalmente alguém sugeriu ir pedir conselho a Vanga.

— Essa velha doida! — objetou o sargento da secção do soldado desaparecido. — Dela não vem nada de bom.

O sargento ainda insultou a vidente.

— Talvez venha — disse o tenente. — É a nossa única esperança. Já procurámos em todos os sítios conhecidos.

O sargento, o tenente e o motorista foram num jipe militar a Petrič. Entraram em casa de Vanga e contaram o que acontecera.

— Que saia aquele que me insultou! — ordenou Vanga severamente.

— Os outros podem ficar.

Profundamente espantado e envergonhado, o sargento saiu.

— O vosso soldado não desapareceu — disse Vanga. — Agora está calor, ele estava a pescar na margem e caiu acidentalmente à água. Lá enredou-se nas algas e afogou-se. Desçam a corrente, e encontrá-lo-ão debaixo das raízes da margem.

Os homens regressaram a Pernik e relataram o que ouviram. Deram o alarme em várias unidades militares, e ao fim de dias encontraram o soldado afogado junto a um grande salgueiro cujas raízes se estendiam para a água.

Procurem-no junto à estação de Romana Os alunos de um instituto técnico de Burgas foram uma vez em excursão com o professor. Junto ao rápido rio Iskar, um dos alunos gritou de repente:

— Dou cem levs a quem atravessar a nado e sair do outro lado!

— Eu consigo! — respondeu o colega e, para espanto de todos, atirou-se à água com a roupa vestida. A meio do rio desapareceu e nunca mais apareceu...

As buscas pelo cadáver não deram resultado. Na região reinava grande agitação. Chegaram os pais do rapaz afogado e lançaram uma grinalda ao rio. Interrogaram habitantes próximos e distantes da margem, mas ninguém sabia de nada.

Finalmente alguém sugeriu ir ter com Vanga a Petrič. A vidente anunciou:

— A corrente levou o corpo do rapaz muito longe. Para onde o rio faz uma grande curva e corre para o Danúbio. Procurem-no junto à estação de Romana. Lá o afogado está no fundo do rio, coberto de pedras, lodo e ramos.

Os pais foram imediatamente ao local indicado, pediram ajuda aos habitantes da aldeia próxima e realmente encontraram o filho...

Histórias pesadas e tristes... Mas Vanga tinha de responder todos os dias às perguntas de pessoas desesperadas e dar notícias assim ou semelhantes. Como conseguia suportar uma tensão psíquica tão indescritível e incompreensível para o espírito? Doentes, moribundos, assustados, perdidos, chorosos... E também os espíritos dos mortos. As pessoas enfileiravam-se diante dos seus olhos que tudo viam como contas de um rosário, e Vanga tinha de tranquilizar cada um, animar, dar algum

conselho. Quando a verdade era demasiado cruel, as respostas da vidente eram evasivas e de múltiplas interpretações.

Tão cedo não verás o teu filho Relato de Evdokiya Srabčeva, da aldeia de Vetreno

A 10 de março de 1994 desapareceu o meu filho, que acabara de regressar do serviço militar.

Quando quase um mês não havia notícias dele, fomos eu e o filho mais velho ter com Vanga. Pelo caminho eu disse:

— Viemos à aventura, não estamos inscritos na fila. E se ela não nos receber?

Chegámos a Petrič ao fim da tarde e ficámos num hotel. Deixei um cubo de açúcar e na manhã seguinte fomos os dois a Rupite. Caminhávamos devagar ao longo do rio que atravessava a aldeia e logo vimos a casinha branca de Vanga. Nessa altura construía-se a igreja de Santa Petka. Parámos junto a um bebedouro e observávamos a multidão de quem esperava. O filho disse:

— Mãe, não conseguiremos entrar!

Mas uma voz interior dizia-me que teríamos sorte.

Vanga realmente recebeu-me. Segurava o açúcar na mão e falava. Disse que o filho estava são e salvo e estava numa encruzilhada. Que era muito parecido comigo e muito bondoso. Sobre o meu pai anunciou que morrera e acrescentou pormenores da vida dele.

Segurando-me a mão, Vanga disse-me suavemente, como uma mãe:

— Agora segue o teu caminho! És boa, e o teu caminho é limpo.

Desesperada, perguntei:

— Voltarei a ver o meu filho?

Vanga respondeu:

— Tão cedo não verás o teu filho.

Desde esse dia passaram cinco anos. O coração pesa-me. São tormentos e dores indescritíveis quando desaparece o teu filho!

«Tão cedo não verás o teu filho.»

O que se esconde nestas palavras de Vanga?

Que mãe e filho não se verão «em breve» do ponto de vista do tempo deste mundo, ou seja, que não se encontrarão dentro em pouco? Ou a vidente insinuava que o encontro seria depois de muito tempo e noutra dimensão, isto é, no Além? Só podemos adivinhar. Se Vanga quisesse dizer algo mais concreto, tê-lo-ia feito, para que a mãe infeliz pudesse abraçar mais depressa o filho desaparecido.

A carta está na cabana do pastor Relato de Dimitar Ušev, de Sófia

Em 1963 era médico da seleção juvenil de futebol da Bulgária e estávamos num estágio em Petrič, a preparar-nos para o campeonato europeu em Inglaterra. Ficávamos num hotel no centro da cidade.

O responsável pela intendência da equipa era local e ofereceu-se para me levar a Vanga. Aceitei de bom grado, porque ouvira muitas coisas interessantes sobre ela.

À noite deixei vários cubos de açúcar debaixo da almofada, e na tarde do dia seguinte levaram-me à célebre vidente. Ela recebia apenas de manhã, mas dessa vez fez uma exceção.

Vi uma mulher de meia-idade com um vestido caseiro de camponesa, de bainha estreita, e um lenço na cabeça. Sabia que era cega. Dizia-se que punha núcleos de avelã nas órbitas dos olhos.

Vanga pegou nos cubos de açúcar, apalpou-os e disse:

— Há alguns anos estiveste... — Calou-se um instante e continuou: — ...em Xangai. E trouxeste à Elena um tecido para vestido.

Quase caí da cadeira. Em 1959, quando era médico da seleção nacional masculina de basquetebol, a equipa fizera uma tournée de um mês pela China, e eu trouxera à minha namorada Elena o tal presente. Vanga deixou-me completamente atónito, porque esse facto ela não podia saber.

Desde aquela tarde, todas as doze manhãs que passei em Petrič, às dez em ponto, a filha de Vanga, Veneta, vinha ao meu hotel e dizia:

— Mitko, a mamã chama-te.

A princípio não entendia porque me davam tanta atenção, mas depois soube que o falecido marido de Vanga também se chamava Dimitar.

Em casa da vidente passava uma ou duas horas. Já quando me aproximava da porta, ela avisava-me amigavelmente:

— Mitko, baixa a cabeça para não dares com ela!

A casa era bastante velha e de tetos baixos, e eu — um metro e noventa e quatro.

Vanga contou-me como perdera a visão. Em criança apanhara uma enorme tempestade que lhe enchera os olhos de areia. Na cidade de Strumica, na Macedónia, onde viviam, não havia oftalmologista, e levaram-na a Zagreb. Na longa viagem para a Croácia os olhos inflamaram-se muito, e já era tarde para salvar...

É sabido que a Vanga vinham sobretudo doentes e pessoas que procuravam familiares, animais ou objetos desaparecidos. Lembro-me de alguns casos curiosos.

Uma vez veio ter com Vanga um oficial da guarda fronteiriça a quem fora ordenado levar um pacote secreto para um posto de fronteira. Cavalgava, e nos montes uma javali atravessou-se-lhe à frente. O cavalo assustou-se, derrubou o cavaleiro, e este ficou inconsciente. Quando recuperou os sentidos, o cavalo estava ali, mas o pacote desaparecera. «Agora vão fuzilar-me», pensou o oficial. Que fazer? Foi ter com Vanga! Ela disse-lhe:

— Rapaz, a duzentos metros do sítio onde o cavalo te derrubou há uma cabana de pastor de ovelhas. O pacote está na cama, debaixo da almofada.

Em agradecimento o oficial ofereceu-lhe tecido para vestido e sapatos caros.

Chegaram um marido e uma mulher. O marido disse:

— Tia Vanga, a mulher quer que lhe leias a sina.

Vanga mandou o marido sair e gritou furiosa com a mulher:

— Queres que eu diga na frente dele com quantos homens dormiste?!

Uma manhã, enquanto conversávamos, Vanga chamou inesperadamente a filha e mandou-lhe mostrar os presentes que recebera de

diplomatas e das suas mulheres. Nas lojas búlgaras coisas bonitas eram uma raridade. Pensei: «Faz isto para ela própria também se alegrar!»

Vanga contou que recentemente viera ter com ela a Petrič um académico e dois professores da União Soviética que queriam levá-la para a estudar. Ela respondera-lhes: — Enquanto estiver viva, fico na Bulgária! Quando morrer, façam de mim o que quiserem!

No seu grande amor pelo ser humano Vanga não distinguia bons e maus. Se alguém estava em desgraça, a vidente não olhava se era honesto ou criminoso, hipócrita ou descrente, mas ajudava como podia e sabia. Bastavam a sua compaixão e consolo para a pessoa sair liberta do seu fardo, com o coração em paz e forças renovadas. Compreendia que, se nem Vanga conseguira ajudar, o sucedido tinha de ser aceite com sabedoria e o golpe do destino suportado.

É impossível exprimir em palavras a alegria e gratidão das pessoas a quem a vidente, com as suas capacidades extraordinárias, ajudara a resolver problemas incompreensíveis para o espírito humano. Muitos confessam que a sua vida pendia por um fio, e se não fosse Vanga tudo teria terminado em tragédia. Milhares lhe agradecem a salvação e chamam-lhe santa.

SEGUNDA PARTE

VANGA NAS MEMÓRIAS DOS CONTERRÂNEOS

Fui como o incrédulo Tomé diante desta mulher santa O poeta Evtim Evtimov

Já não me lembro quando me encontrei pela primeira vez com Vanga. Ouvira falar dela desde criança e encontrara-a inúmeras vezes nas ruas da minha Petrič natal.

Depois da Segunda Guerra Mundial, quando eu tinha onze anos, começaram a falar muito de Vanga. Durante a guerra uma das frentes ficava perto de Petrič, a menos de vinte quilómetros da cidade, na direção de Strumica, onde a vidente nascera, e eu ouvia em casa dizerem que vinham ter com Vanga pessoas para perguntar pelos familiares, se estavam vivos, feridos, se havia notícias deles. Os rapazes contavam-me que, quando alguém morrera na frente, Vanga não o dizia. Ficava maldisposta e desmaiava.

Muitos anos depois perguntei aos meus conhecidos se era verdade. Responderam-me que ou Vanga não tinha o direito ou lhe faltavam forças para dizer que a pessoa sobre quem perguntavam fora morta.

Lembro-me de que nos anos cinquenta chegou a Petrič um grande coronel francês. A filha desaparecera, e em vinte dias não a tinham encontrado. Toda a polícia francesa fora mobilizada, mas sem resultado. Então o coronel ganhou coragem e veio à Bulgária, porque ou lera nos jornais ou soubera na embaixada algo sobre Vanga. O nome da vidente era nessa altura frequentemente mencionado tanto na Bulgária como no estrangeiro.

Quando o coronel chegou a casa de Vanga, ela chamou uma colega minha de escola para traduzir do francês.

— Vens por causa da tua filha? — perguntou Vanga.

— Sim, por causa dela.

— A tua filha está em casa. Vai, telefona, e ouvirás a voz dela! — disse Vanga.

O estrangeiro, de espanto, não conseguia acreditar nas palavras da vidente. Já pensava no pior e duvidava se a filha ainda estava viva. Mesmo

assim foi com a tradutora ao correio, onde eu trabalhava nessa altura, e pediu uma chamada interurbana. Passado um bocado ouviu-se na cabina um grande grito de alegria... O coronel saiu da cabina como embriagado, cambaleava de felicidade.

Perguntei à minha conhecida o que acontecera, e ela contou-me este caso. A filha do coronel tinha um namorado, os dois tinham ido para uma villa isolada e esquecido o mundo. Ao ouvir a voz da filha no telefone, o pai quase perdera a razão. Agradeceu generosamente a Vanga e regressou feliz a casa.

Em 1953 estava no serviço militar e regressava de licença. Num compartimento comigo vinha para Petrič um homem de meia-idade. Começámos a falar, e verificou-se que era um alto funcionário do partido de Sandanski. No seu tempo fora condenado à morte e esperava no cárcere a execução. Perguntei-lhe para que ia a Petrič, e o funcionário contou-me algo muito estranho.

No distrito de Sandanski nesse ano houvera grandes inundações, o rio Bistrica arrastara casas e árvores, e na grande confusão desaparecera também o neto dele. Já há um mês não havia notícias do menino, se estava vivo ou morto.

E então este ateu ferrenho, que punira pessoas por irem à igreja, vira-se obrigado a ir ter com Vanga.

Mas a vidente era dura e cortante com esses. Disse-lhe claramente:

— Vens ter comigo, mas não acreditas que te diga alguma coisa.

— Sim, não acredito.

— Quando regressares a Sandanski, segue ao longo do rio Bistrica até onde ele desagua no Struma. Lá verás num canto de terra um pastor de ovelhas com um cajado curvo na mão. Cumprimentá-lo-ás e darás dez passos na direção que aponta o punho do cajado. Lá encontrarás o teu neto.

O homem do partido não acreditou nas palavras de Vanga, mas foi ao local indicado. Ao ver o pastor de ovelhas ficou muito atrapalhado, mas mesmo assim deu dez passos na direção indicada. A menos de dois metros da margem, na areia, via-se a mãozinha de uma criança...

Depois este ateu foi ter com Vanga para lhe agradecer. Este acontecimento, manifestação do incompreensível poder de Deus, fizera-o mudar completamente de ideias.

Era o fim de dezembro de 1965. Eu dirigia a biblioteca de Petrič, e trabalhava comigo também a filha de Vanga, Veneta. Um dia ela disse-me:

— Camarada Evtimov, vá ter com a minha mãe.

Disse-o timidamente, porque sabia que eu era bastante cético quanto aos dons da mãe dela. Embora Vanga estivesse ali mesmo ao lado, não conseguíamos sentir nela a inspiração divina...

Outra vez Vanga disse à filha:

— Diz ao Timčo (era assim que todos me chamavam) que está próximo o tempo em que ele será um grande homem. Diz-lhe que finalmente acredite em mim!

Respondi:

— Venče, agradece e cumprimenta a tua mãe por mim! Mas não vejo como poderia ser algo maior.

Tinha então trinta e dois anos, escrevia poesia e dirigia a biblioteca. O único e realmente enorme amor era a poesia... As coisas corriam-me bem, publicava livros, era membro da União de Escritores. Para onde mais poderia subir? Não entendia.

Duas semanas depois chegou um telegrama de Sófia: «Apresente-se no Comité Central da Juventude Comunista. Foi nomeado para trabalhar na editora de juventude.»

Fiquei de boca aberta. Eu nunca alimentara tais pretensões, porque estava bem ali mesmo, em Petrič! Mas lembrei-me das palavras de Vanga. Que vidente! Veio-me à mente outra coisa. Se eu quisesse tal promoção, poderia tê-la manifestado a algum dos grandes escritores, porque eles respeitavam-me. Mas como o imaginara Vanga? Nem eu lhe dissera, nem dera a entender.

Apanhei o comboio noturno para Sófia. O primeiro-secretário da Juventude Comunista era nessa altura o escritor Gercho Atanasov. Quando entrei no gabinete, ele disse:

— És uma pessoa talentosa. Avaliámos-te e nomeámos-te por seis meses para a editora de juventude. Serás vice-diretor da redação de poesia.

— Mas nunca fiz esse trabalho!

— Chamamos-te não só para dirigir, mas também para te roçares pelos colegas da capital e sentires a atmosfera literária.

Disse que daria a resposta dentro de dois ou três dias.

Regressei a Petrič. Veneta, radiante, disse:

— Agora entende que a minha mãe sabe tudo? Ela disse claramente que seria um grande homem!

Em meados de janeiro de 1966 mudei-me para Sófia. Vanga vira o meu futuro caminho de vida. Agora compreendia o que significava para ela «grande homem».

Nunca fui ter com Vanga para que me lesse a sina. A vidente conhecia a minha mãe, como conhecia qualquer outro habitante da pequena cidade. Em 1969 a minha irmã morreu de forma incompreensível, e a mãe foi nessa altura ter com Vanga. Também ela não entendera bem o que a vidente dissera e lembrava-se apenas das palavras: «Ela poderia ter vivido ainda muitos anos. Aconteceu algo que nem ela própria esperava, nem vós...»

Um ano chegou a Petrič com a mulher um dos grandes poetas soviéticos — Rasul Hamzatov. Estava também o conhecido poeta de nomenclatura Lyubomir Levčev — ambos com as mulheres. Rasul queria que Vanga os recebesse, a ele e à mulher.

Fomos a Rupite. Fiquei à porta da casa, Rasul entrou, e depois a mulher dele.

Rasul saiu agarrando a cabeça, cambaleando e completamente desequilibrado. Este homem robusto estava pálido e chocado. Perguntei o que acontecera, e ele respondeu:

— Espera um bocadinho, ainda não recuperei!

Nesse momento aproximou-se um dos guardas e disse que Vanga queria ver-me.

«Agora vai-me dar uma sova por ter sido tão Tomé incrédulo», pensei. Não pensava nada de mal da vidente, mas as suas reações assustavam-me.

Entrei timidamente na casinha e disse que ela deixara o meu amigo Hamzatov confuso e ele saíra agarrando a cabeça. Vanga anunciou que dissera ao poeta: — Despediste-te da tua mãe, organizaste-lhe um funeral muito digno, mas esqueceste o mais importante — pôr-lhe o cajado no caixão. Em que se há de apoiar no Além? O cajado ainda agora está atrás da porta...

— Onde foi ela buscar isso? — espantava-se Rasul e não conseguia compreender como Vanga o vira.

Muitas vezes me perguntaram por Vanga, uma vez em Moscovo perguntou-me também o escritor Leonid Leonov. Tinha um enorme respeito por Vanga, enviava-lhe cartas e presentes.

Da primeira vez que Leonov foi ter com Vanga, ela disse-lhe: — Vejo que escreves livros grossos, grandes livros. Mas tens uma peça antiga guardada em pastas velhas. Na peça fala-se de uma qualquer carruagem. Isso poderia dar-te mais do que todos os teus livros.

O título da peça mencionada era «A Carruagem Dourada». Quando Leonov regressou a Moscovo, procurou a peça, reescreveu-a, e realmente teve grande sucesso.

Chegou a Petrič também o conhecido ator búlgaro Stefan Getzov. Levei-o lá porque nessa cidade se podiam comprar as placas de mármore mais baratas para uma mesa. Não pensávamos ir ter com a vidente, porque nessa altura era-lhe proibido ler a sina. Pelo caminho, porém, começámos a falar de Vanga, e Stefan insistiu que o levasse até ela. Fomos ter com o presidente da câmara de Petrič e fomos juntos a casa de Vanga.

Recebeu-nos a filha de Vanga, Veneta, com o marido, e ofereceram-nos café. Palavra aqui, palavra ali, até que Vanga corou de repente — como uma pessoa cora de espanto — e exclamou:

— Ouve, Timčo, vejo o teu amigo no palco! No grande palco... Fica perto do teu local de trabalho.

Vanga descobrira que Stefan era ator, embora ninguém lho tivesse explicado.

— Tens razão, tia Vanga — disse eu.

Vanga disse a Stefan:

— Fizeste bem em arranjar outro apartamento à tua mãe, porque vais querer divorciar-te também da segunda mulher... Há vários anos cometeste um erro.

Stefan não entendia do que se tratava, mas Vanga continuou:

— Porque não aceitaste tornar-te médico quando te mandaram para França? Terias sido o mais famoso cirurgião.

Ao ouvir isso, Stefan empalideceu e não disse mais nada. A mim Vanga anunciou:

— Fizeste bem em ser transferido para Sófia. Aqui esses grandes homens e o próprio nosso presidente da câmara ter-te-iam comido!

Riu-se, porque o presidente da câmara de Petrič ouvia tudo, e acrescentou a brincar:

— És um querido pequeno que não gosta muito de se curvar aos outros!

Lá fora Stefan deteve-me e disse:

— Vou contar-te algo que só a minha mãe, eu e mais uma terceira pessoa sabem. Nos anos cinquenta veio ter comigo um coronel da Segurança do Estado e propôs-me colaborar com eles. Queriam mandar-me para França estudar medicina. Por isso Vanga disse que teria sido um famoso cirurgião, grande cirurgião. Mas ninguém sabe disso, ainda hoje é segredo!

Vanga via tudo o que estava profundamente oculto e íntimo na pessoa, e isso era impressionante.

Uma vez quase sofri por causa de Vanga. Foi um dos raros casos em que levei pessoas para que ela as recebesse. Normalmente evitava fazê-lo.

Aconteceu em 1964. Nessa altura ainda trabalhava na biblioteca de Petrič. Chegou à cidade um ensemble de folclore, cujo diretor e uma cantora queriam que Vanga lhes lesse a sina. A vidente tinha nessa altura muitos visitantes, e recebia-os por volta das cinco da manhã. As pessoas juntavam-se à porta da casa dela já por volta da uma ou duas da madrugada para não perder a vez.

Quando levei também os dois membros do ensemble, metade do quintal já estava cheia de gente, e até às cinco encheu-se completamente. Entre os que esperavam e a casa havia uma rede de arame.

Vanga saiu às cinco e meia e começou a falar com os que esperavam por cima da rede:

— Diz, porque estás aqui? E tu, de casaco vermelho?

Chegou a nossa vez. A cantora popular, mulher bonita, estava entre mim e o diretor do ensemble. Vanga começou a gritar com ela:

— E porque vieste tu? Há um mês e meio já estiveste aqui! Não queres voltar a perguntar pelo marido?

— Sim, quero que digas alguma coisa sobre ele.

Vanga ficou realmente furiosa.

— Não tens vergonha! Acabaste de sair da cama daquele que está ao teu lado, ainda cheiras a lençóis, e vens perguntar se o marido te trai?! Essas não quero ver nem pintadas!

Fiquei envergonhado. «Evtim, meteste-te numa boa», pensei. Pelo menos o diretor não abriu a boca...

Depois disso nunca mais levei estranhos a Vanga. Ficou-me na memória um caso que ela contou.

Veio ter com ela uma mulher com o marido. O homem ficou à espera lá fora. A mulher disse:

— Tia Vanga, o que hei de fazer? Lá fora espera o meu marido, mas estou grávida do meu amante. O que faço?

— Como se chama, assim se paga. Se não te precaveste, dá à luz.

— Como hei de dar à luz se já tenho um filho do marido!

— Então diz-lhe a verdade!

— Não consigo. Quero os dois!

— Não mereces nem um nem outro! Deus castigou-te porque mentiste! — disse Vanga e expulsou a mulher.

Depois entrou o marido, um jovem oficial, e disse:

— Tia Vanga, a minha mulher é muito boa, só que ultimamente está um pouco nervosa. Provavelmente irritou-te.

Nesse ponto Vanga disse-me:

— Fiquei ali a torcer as mãos! Como hei de dizer a este homem, que fala de como a mulher é boa, que ela anseia pelo amante de quem terá um filho? Isso não lhe consigo fazer.

Vanga era muito dura com mulheres devassas. No distrito de Petrič os velhos dizem: «A mulher é a casa.» Porque não dizem o mesmo do homem? Porque a mulher guarda a casa, os filhos, o marido, a virtude... Tudo.

Para as dores e sofrimentos das pessoas a vidente reagia com enorme compaixão e tentava ajudar com conselho útil ou palavra boa.

Da adivinha à profetisa Relato de Iliya Naumov

Desde o início dos anos quarenta do século passado, quando nos arredores de Petrič Vanga era conhecida como adivinha e vidente, até à profetisa Vanga e colaboradora científica da Academia de Ciências da Bulgária, famosa em todo o país, celebrada em muitos cantos do mundo e que morreu como celebridade, passou mais de meio século. Tenho agora sessenta e cinco anos, mas as diferentes viragens da vida, os locais onde vivi e trabalhei deram-me a feliz possibilidade de acompanhar o caminho de Vanga desde o próprio início.

Nasci na aldeia de Novo Konopladi — a quinze quilómetros de Petrič. Os rumores de que na cidade havia uma adivinha que via o futuro e o passado não se espalhavam como relâmpago, porque Vanga ainda não estava envolta em lendas, mas chegavam lentamente de aldeia em aldeia, de distrito em distrito.

Ouvi o nome de Vanga pela primeira vez quando ainda não ia à escola. Calhou-me ficar vinte e oito dias internado no hospital de Petrič. Quando saí daquele «cárcere», troquei rapidamente de roupa e corri para os amigos. No quintal dos vizinhos, meus padrinhos, estavam reunidas mulheres, e a jovem madrinha chamou-me para me mostrar às mulheres, para provar que realmente me curara. Fora o que Vanga lhe dissera. A madrinha fora ter com ela com as suas preocupações de mulher, mas também perguntara por mim, porque a minha mãe lho pedira. Agora

contava: — Essa Vanga vê tudo, tudo! Basta deixar um cubo de açúcar debaixo da almofada e dormir sobre ele antes de ir ter com ela. Quando se lhe dá o açúcar, algo como que lhe entra na cabeça e ela começa a adivinhar.

Eram anos de infância. Mais tarde estudei no liceu de Petrič com um rapaz cuja família era muito próxima de Vanga. E ainda vinte anos depois, quando trabalhava no Ministério da Cultura, usaram esses meus contactos para me mandarem levar estrangeiros a Vanga. A um alto político indiano Vanga disse, a respeito de Rajiv Gandhi: — Matá-lo-ão tal como à mãe dele.

Um mês depois Rajiv Gandhi foi assassinado pela própria escolta. Mas voltemos à ordem cronológica dos acontecimentos.

Para os adultos o tempo corria calmo e idílico, mas para nós, liceístas, eram tempos tempestuosos com comícios, slogans e espírito ateu que nos tornava surdos às histórias sobre as capacidades milagrosas de Vanga. Mas no último ano, quando se aproximavam os exames finais (era 1953), um amigo meu, a quem a língua russa correra muito mal, assustou-se com a possibilidade de chumbar e lembrou-se de Vanga.

Ela morava do outro lado da rua, duas casas mais adiante da nossa. A minha mãe ouviu o que eu e o amigo discutíamos, agarrou-nos pela mão e levou-nos diretamente a casa da vidente. Encontrámo-la à porta. À frente mulheres em fila, atrás em semicírculo, e aquilo lembrava uma auréola em volta de Vanga, que sentada no centro parecia uma santa.

Nessa altura Vanga ainda era uma figura de importância local. Gozava de respeito natural e genuíno, mas ainda não vinham ter com ela em multidões de outros cantos da Bulgária e da Jugoslávia. Para isso mais tarde construíram à porta da casa dela uma guarita com um miliciano e instalaram uma sala de espera com vários funcionários do conselho municipal que preparavam listas de visitantes com meses e anos de antecedência. Vanga estava disponível todos os dias tanto para conversa como para adivinhação.

— Que fazes de bom, querida Lenka?

Com esta pergunta recebeu a mãe do meu amigo, e as mulheres abriram-nos caminho.

— Ai, querida Vanga, estes rapazes vão ter exames, e tu poderias ajudar — respondeu a mãe e afastou-se, deixando passar o filho à frente. Vi que Vanga desabrochava, sorria e dizia animada:

— Ai ai, como cresceste! Já um verdadeiro rapaz! Que se passa?

— Tia Vanga, tenho medo do exame de russo. Se puderes, diz-me que bilhete vou tirar! — o amigo expôs claramente o seu pedido.

Vanga ergueu ligeiramente a cabeça, pensou um pouco e começou a falar:

— Vejo aqui duas pessoas... Vejo um poeta soviético homem e uma mulher que o ajuda...

Não disse o nome do poeta. Mas no programa de exames havia dezenas de clássicos russos — Pushkin, Lermontov, Gogol, Nekrasov — mas apenas um poeta soviético: Mayakovsky. O amigo agarrou-se a isso e decorou o fragmento do poema «Vladimir Ilyich Lenin» que vinha no manual.

Fomos juntos ao exame. O amigo tirou o bilhete mais próximo, e era sobre Mayakovsky! De gramática não sabia «nem bu nem mé», mas declamou pateticamente o fragmento do poema e conseguiu o três salvador.

Não precisava de mais nada. Nesse mesmo ano entrou na universidade.

Este caso, que depois contávamos em todo o lado, reforçou a nossa fé nas capacidades sobrenaturais da cega Vanga.

Mas o tempo passou. Estudei cinco anos em Sófia, trabalhei na minha profissão, e não me calhou encontrar Vanga. Em contrapartida ouvia falar dela cada vez mais, e não só dos conterrâneos, mas também na rádio.

Nos jornais, onda atrás de onda, começavam campanhas a favor e contra ela. Entretanto os meus colegas, ao saberem que eu era de Petrič, pediam-me encarecidamente que arranjasse encontros com a vidente. Mas isso não estava nas minhas mãos.

A minha geração, os meus colegas de escola em Petrič, iam ocupando pouco a pouco cargos de direção e queixavam-se de que vários burocratas de Sófia os aterrorizavam, a eles e às mulheres, para arranjarem viagens a Vanga. Mas é preciso acrescentar que, em troca, os funcionários locais de

Petrič recebiam facilidades no fornecimento de matérias-primas e materiais de construção e na resolução de questões de produção. A procura de Vanga crescia a proporções completamente absurdas e dominava como um pesadelo os ganhos dos burocratas. Por isso em algumas cabeças corrompidas surgiu em segredo a ideia de que seria melhor que uma tal Vanga nem existisse...

Tudo isso despertava o meu interesse por Vanga, mas noutro aspeto. Queria observar a sua evolução, por isso numa manhã fria de primavera do sul, em Petrič, estava à porta da casa da vidente. Mal despontava a luz, mas eu sabia que as pessoas começavam a juntar-se já de noite. E realmente, quando olhei para trás, vi na rua uma longa fila de quem esperava. Lançavam-me olhares cortantes, e compreendi porquê.

Tinha como justificação que vinha pelo bem comum, e não para ela me ler a sina ou inspirar. Com a experiência adquirida em muitos gabinetes ministeriais, avancei corajosamente para o portão da rede, abri-o e caminhei rapidamente pelo caminho do quintal. Nenhum dos que estavam na fila disse uma palavra de protesto...

Talvez fosse pelo meu traje elegante. Vestia um sobretudo preto de inverno, gravata ao pescoço, chapéu de aba larga. Contra o fundo dos visitantes modestamente trajados, realmente parecia um grande senhor.

Silêncio... Na cidade não se viam peões, não rangiam portões nem se ouviam os ruídos característicos da manhã. Provavelmente todos ainda dormiam. Também a porta da dependência de Vanga estava fechada. Decerto ainda dormia ou simplesmente não se levantava. Esperei quinze minutos, meia hora, uma hora...

De repente — bam! A porta de Vanga escancarou-se, mas ninguém saiu. Primeiro ouvi, depois vi uma vassoura a mover-se ritmicamente. Logo apareceram as mãos que a agitavam, e — finalmente a própria Vanga. Varreu também o quintalinho. Eu estava direito e imóvel como um poste. O primeiro trabalho da vidente foi repreender-me:

— Eh, vocês, jornalistas, jornalistas! (Trabalhava nessa altura no jornal «Campos Cooperativos».) As pessoas esperam desde a meia-noite, estão no frio, e tu queres entrar logo! Senta-te naquela cadeira! Vais ter de esperar um bocadinho!

Depois Vanga pegou num cajado e, brandindo-o, avançou sobre as pessoas que, sem serem chamadas, tinham corrido para o quintal.

— Quem faz isso? Que descaramento! Todos para fora! — A multidão recuou para a rua. — Hoje só vêm quinze da Jugoslávia e dez da Bulgária!

Não se percebe como as pessoas se entenderam, mas no caminho do quintal ficaram exatamente vinte e cinco.

Vanga começou a receber.

A palavra «receber» não é bem adequada. Não corresponde à atmosfera e ao conteúdo do que acontecia, porque ela não ouvia, era ouvida com respeito, reverência e humildade, submissão e medo, como se diante dos visitantes não estivesse uma pessoa, mas o próprio Deus.

Por isso também não serve o termo «audiência», e usarei o termo específico adaptado a Vanga: «ver». Portanto ela começou a ver.

Os que estiveram com Vanga no fim da vida dela, quando recebia em Rupite, lembram-se de que entravam na sala e falavam com ela sentados em frente. Já era um certo conforto, embora o mobiliário fosse muito simples.

Naqueles tempos de que falo, a vidente via apoiada ao batente da porta, e as pessoas estavam em fila muito juntas umas das outras. O que dizia a um, ouviam também parte dos outros. Não havia mistério nem sussurros.

Sentado de lado numa cadeira, observava e ouvia tudo clara e precisamente. Perguntas, respostas, confissões, indicações, conselhos, compaixão, acusações, consolações, maldições e juízos — tanto absolventes como condenatórios — estavam impregnados do espírito da rigorosa moral de Vanga. Para compreender plenamente o «ver» da vidente seriam necessários muitos outros termos.

O primeiro a entregar o açúcar foi um homem alto mas tímido da Macedónia.

— Porque vieste? — perguntou a vidente.

— Tia Vanga, a minha filha desapareceu, já há muito tempo. Não sei se está viva ou morta...

A vidente olhou-o com os seus olhos cegos cobertos pelas pálpebras, entrou numa espécie de transe e começou a falar:

— Vejo aqui dois caixões. (O homem encolheu-se.) Um grande e um pequeno. A tua mãe morreu?

— Sim.

— E esse caixãozinho? Morreu uma criança pequena?

— Era o meu único filho.

Vanga cortou:

— Não há terceiro caixão! A tua filha está viva. Não fugiu sozinha, mas com a amiga.

— É verdade, na aldeia desapareceu outra rapariga.

— Está viva. Voltará sozinha dentro de um mês. E agora vai!

A seguir veio uma mulher ainda jovem. Vanga perguntou:

— E tu o que queres?

— Tia Vanga, já tenho alguns anos e ainda não casei.

A vidente inflamou-se. É preciso acrescentar que mais tarde, quando lhe levavam estrangeiros de alto nível diplomático, aprendeu também o tom adequado, embora a moral decadente de alguns desses merecesse condenação severa. Mas até lá ainda faltava muito, e Vanga dizia o que lhe vinha à língua. Só que fazia tudo de coração puro.

Ensinava, repreendia, mas fazia-o para ajudar. Se achava necessário, dizia tudo na cara. Neste caso Vanga falou grosseira e até vulgarmente:

— Meter, meter é fácil, mas criar uma vida é difícil, hein?

A mulher ficou como petrificada, como se quem lhe apontasse os pecados fosse o próprio Pai Celestial. Mas Vanga continuou:

— No dia da Pequena Mãe de Deus vai e leva à igreja oito metros de tecido. Será a tua oferta. Lá encontrarás um homem que casará contigo. E agora desaparece!

Seguiram-se casos pesados e também trágicos.

— Lyubice, não esperes que o teu marido regresse — disse Vanga a uma mulher curvada e exausta. — Ele estava na Suécia em negócios comerciais, não estava?

— É verdade, tia Vanga.

— Pensam que os sócios lhe fizeram mal. Não! Mataram-no negros quando ele vinha para casa. Não regressará!

A mulher foi-se embora a chorar. Os que estavam na fila calavam-se chocados, como se o que fora dito os atingisse a todos.

Houve também mal-entendidos banais e casos duvidosos. A um visitante Vanga disse que não acusasse o vizinho de roubo de dinheiro, porque a carteira caíra no quarto atrás do roupeiro. A vários cardíacos recomendou que fossem ao médico e nomeou excelentes especialistas de Sófia. Com palavras encorajadoras infundiu ânimo e coragem aos desesperados.

Quando acabou a fila dos jugoslavos e metade dos búlgaros, Vanga estava cansada e apoiava-se ao batente da porta. Mas o cansaço, como se sabe, diminui a frescura da perceção. Os restantes visitantes já não queriam ser atendidos imediatamente.

O último na fila era um homem. Vanga ordenou-lhe grosseiramente que se fosse embora, mas o homem não queria perder tempo. Mostrou-lhe o açúcar embrulhado num lenço. A vidente pareceu ser atingida por uma radiação forte.

— Quem és tu? Militar? — perguntou ela, embora o homem estivesse à civil. — Porque não obedeces ao que te dizem os médicos? Se não deixares de fumar, acumular-se-ão dois litros de água no teu ventre! Vês o meu lenço? Também a tua mulher andará de lenço preto por tua causa. Morrerás se não deixares o tabaco!

Acompanhei o homem alguns passos e perguntei se era realmente militar.

— Sou tenente do Ministério do Interior! — respondeu secamente.

Vanga recebeu-me alguns dias depois. Não tinha perguntas concretas, por isso perguntei pelos meus pais, que já eram idosos. A vidente respondeu que ambos tinham saúde forte e viveriam muito.

— Mas porque anda a mãe tão curvada? — perguntou de repente. — Ai coitada, dói-lhe as costas!

Mesmo assim viverá muito. E tu viajarás muito por países estrangeiros.

A mãe realmente sofria de dores nos rins e andava curvada. O pai morreu aos setenta anos, mas a mãe sobreviveu-lhe um quarto de século e partiu ainda com saúde razoável. E eu realmente viajei pelo mundo em viagens privadas e de serviço. Na Europa só não estive na Noruega e na Albânia. Atravessei duas vezes o Atlântico e visitei o Canadá, os EUA, o México e Cuba, percorri os países mediterrânicos, o Norte de África e o Médio Oriente. Até então, nos anos de estudante, só visitara uma vez a comunista Alemanha de Leste.

Depois de deixar o jornalismo, trabalhei quase dez anos no Comité Estatal e Popular de Controlo. Considerava-se a instituição mais moralmente pura da época. As visões de Vanga pareciam mesquinhas, e as viagens da filha do ditador vermelho Živkov, Ludmila, a casa dela provocavam apenas sorrisos e comentários irónicos dos meus colegas educados na fé marxista. Por isso não só se romperam os meus contactos com Vanga, como desapareceu também a informação viva sobre ela. De vez em quando lia nos jornais que era estudada por cientistas, que lhe fora atribuído o estatuto de colaboradora científica sénior da Academia de Ciências da Bulgária ou algo semelhante.

Os contactos com Vanga retomaram quando, no verão de 1982, passei a trabalhar no Ministério da Cultura. Isso aconteceu um ano após a misteriosa morte de Ludmila Živkova.

A fama de Vanga crescia entretanto, e cada vez mais frequentemente e em maior número chegavam até ela personalidades de alto nível de todo o mundo. O acesso a Vanga costumava ser organizado através do Ministério da Cultura. Eu trabalhava no departamento cuja função era organizar praticamente as visitas a Vanga.

O ministério sabia que eu era conterrâneo dela e aproveitava isso. Levava à vidente attachés culturais de vários países, e a alguns servia de intérprete em inglês e russo, porque dominava bem o seu dialeto bastante peculiar.

Num único dia levei a Vanga o presidente da União de Artistas da URSS, Ñemenski, o académico Dmitri Likhachov e uma parente do piloto Valeri Chkalov. A vidente falou dos extraordinários feitos de Chkalov como se tivesse lido a sua biografia. Mas depois da tempestade ciclónica de 1923 ela já não conseguira ler nenhum livro!

Ñemenski soube pouco de si próprio. O académico Likhachov explicou-lhe, trocista:

— És um idiota! Como se leva a mulher quando se vai ter com Vanga?!

Gozoou com Ñemenski o tempo todo, mas este estava feliz por ouvir coisas boas sobre si, os seus sucessos e o seu trabalho científico.

Mandaram-me levar também o escritor soviético Leonid Leonov a Vanga. Deveria ser uma visita padrão, uma de muitas. Leonov adorava Vanga, porque ela, de certa forma, condicionara o seu destino literário. Sabe-se que pelo menos uma das obras de Leonov surgiu por indicação de Vanga.

Antes de irmos a Petrič, o então ministro da Cultura Georgi Yordanov organizou um almoço em honra de Leonid Leonov, mas este passou mal à mesa. O escritor já era muito idoso, falava hesitante e bastante confuso. A pele, já de si amarelada como pergaminho, tornou-se de repente cinzenta baça, denunciando a fraqueza e as doenças da velhice. O encontro com Vanga foi imediatamente cancelado.

Pouco depois Leonov morreu. Foi uma perda tanto para a literatura mundial como para mim próprio. Passar algumas horas com um «colosso criativo» assim era um dom do céu que doravante estava perdido! Ficaram apenas alguns livros onde lhe pedira dedicatórias para mim e para o meu filho.

Depois destas visitas ficava muitas vezes a sós com Vanga, e conversávamos. Ela perguntava-me por várias pessoas, como estavam e o que faziam. Sobre Ludmila Živkova a vidente contou que, quando vinha ter com ela:

— ...sentava-se sempre naquele banquinho macio ali. Quando estava muito cansada, deitava-se e descansava. E trazia sempre uma garrafa de

leite fresco. Era o seu único alimento. Será que uma pessoa tem força só com isso? Assim se foi o meu queridinho...

Antes de terminar estas memórias, quero voltar ao caso de Rajiv Gandhi, já mencionado. Até hoje censuro-me por não ter ido à embaixada da Índia avisar do perigo que se aproximava! Talvez isso lhe salvasse a vida?

Uma vez Vanga recebeu um alto dignitário indiano, cujo nome intencionalmente não menciono, e avisou-o várias vezes que protegesse Rajiv, porque pessoas próximas queriam matá-lo. Infelizmente o estadista só pensava na própria carreira política futura...

— Pergunte-lhe se conseguirei outro cargo, mais alto, na administração do Estado! — insistia ele.

O dignitário repetiu a pergunta de várias formas pela segunda e terceira vez, e eu traduzia as respostas educadas mas evasivas de Vanga. Era penoso e lamentável ver uma pessoa bem vestida e importante entregar-se à paixão carreirista e perder a compostura de homem inteligente. Eu esperara que, ao ouvir falar dos perigos que ameaçavam o líder indiano, o estadista só falasse disso e tentasse saber mais para evitar a tragédia iminente. Nada disso!

Não fui à embaixada por dois motivos. Primeiro, Vanga já dissera tudo a um alto representante indiano. Segundo, de acordo com as leis escritas e não escritas da época, eu não podia entrar numa embaixada estrangeira em Sófia sem informar previamente as autoridades competentes. Além disso a Índia era um país capitalista. A desobediência trazia castigo.

Quero dizer a Vanga algumas palavras de gratidão pessoal. Ela teve grande importância no destino tanto da nossa família como de muitas famílias de Petrič e arredores de Rupite, porque o seu conselho era facilmente acessível.

A minha irmã mais velha, depois de dez anos de casamento, ainda não tinha filhos. Vanga aconselhou-a a adotar um, e depois teria os seus próprios.

Foi o que a irmã fez. Escolhi um bebé no hospital do distrito de Sófia. A irmã e o cunhado queriam uma menina, e decidi que tinha de ser bonita.

Embora fosse proibido, usei as minhas prerrogativas de jornalista e entrei na enfermaria onde estavam sete ou oito mães que tinham renunciado aos filhos. Não olhei para os bebés, mas para elas, e escolhi a mais bonita. Não me enganei. A pequena cresceu uma verdadeira beldade, os rapazes batiam-se por ela. Agora tem três meninas lindas. Tal como Vanga dissera, a irmã teve também o seu próprio filho. Um ano depois da adoção nasceu-lhe um menino.

Lembro-me também da minha afilhada. Os anos de solteira prolongavam-se, e a mãe temia que ficasse sem marido. Através de terceiros pediram-me que fosse ter com Vanga pedir ajuda. A vidente deu as suas indicações, e agora a afilhada vive um casamento feliz, tem um rapazinho vivo.

Quando a minha mãe soube que Vanga construíra uma igreja em Rupite, quis a todo o custo vê-la. A mãe já tinha noventa e três anos, e não lhe foi fácil suportar a longa viagem e ficar de pé. Mas que alegria sentiu na igreja! Vanga ainda estava viva, mas não queríamos incomodá-la desnecessariamente.

TERCEIRA PARTE

O FENÓMENO VANGA

Dois ensaios de explicação científica

Oportunidade perdida Professora doutora Vrabka Orbecova, patobioquímica, ex-presidente da União de Extrasensoriais

— O que pensas daqueles lá fora? Daquelas pessoas?

— No mundo há muito sofrimento, tia Vanga. Sofrimento pesado. Ninguém vem aqui por brincadeira.

— É verdade. Mas será que uma pessoa consegue lidar com tudo isso? Não consegue. E eu já estou nesta fogueira há tantos anos!

Quando as pessoas se deparavam com dificuldades intransponíveis na vida, a única esperança era chegar até Vanga, porque ela sim ajudaria. Com que convicção pessoas de todas as idades, nacionalidades, estratos sociais e profissões costumavam usar o argumento final: — Estive com Vanga! Foi o que Vanga disse! Foi o que Vanga profetizou!

Compreendo perfeitamente a dor que a morte de Vanga causou às pessoas. Perdera-se o símbolo da esperança. As pessoas sentiam-se abandonadas e roubadas, e assim será ainda por muito tempo...

A quem poderão agora desabafar? Quem dará conselho, infundirá vontade de viver e avisará dos perigos?

Só posso lamentar que, na minha ocupação, não tenha conseguido encontrar-me mais vezes com Vanga. Não para a afastar dos sofredores, mas para lhe oferecer algo de mim: a minha compreensão na análise científica das suas capacidades invulgares. É triste que a ciência búlgara não tenha aprendido com o serviço desinteressado de Vanga às pessoas. Doente ou saudável, jovem ou velha, a vidente entregava-se às pessoas para viver com as suas preocupações e desgraças. A ciência búlgara da época, estrangulada por dogmas e cânones, deixou escapar uma oportunidade única de olhar para o fenómeno Vanga...

No nosso terceiro e último encontro Vanga, como que irritada, soltou de repente:

— Onde procuram isso, onde?! Está aqui. Aqui!

Dizendo isto, batia com a mão na cabeça, acima das têmporas direitas.

Ao escrever estas linhas, vem-me à memória uma cena da infância. Ainda não ia à escola quando na aldeia se espalhou o rumor de que uma mulher cega, vinda de outro lado, sabia tudo sobre os mortos e falava com eles. A curiosidade humana não tem limites.

Uma certa tarde bateram ao nosso portão. Lá fora estavam duas mulheres. Já corria a abrir, mas a mãe não as deixou entrar e mandou-as para a casa dos vizinhos. Com o coração aos pulos, segui-as, entrei no jardim e escondi-me atrás de um oleandro frondoso.

A vizinha disse às mulheres os nomes dos seus familiares mortos, mencionou vários acontecimentos, e elas escutavam de boca aberta. Passado um bocado a dona da casa disse:

— Esse menino que está atrás do oleandro pode ficar e não precisa de se esconder. Que diga à mãe dele que a mãe dela está bem e está com a Vani. (A minha avó e a minha prima Vane tinham morrido uma após a outra.)

Com o tempo o rosto desta vizinha mística esbateu-se na minha memória. Mas em 1989, quando me encontrei com Vanga, percebi que era a mesma mulher que excitara a minha imaginação na infância.

Os camponeses preferiam coisas claras e compreensíveis, por isso procuravam as fontes de informação da vidente cega na vida real, no seu entorno. Perguntavam uns aos outros e interrogavam também a nós, crianças, se não tínhamos por acaso revelado algo a ela ou a alguém que pudesse ser o seu informador secreto. Assim eram os camponeses «de pensamento saudável», e ainda me lembro dos seus olhares espantados ou mesmo assustados quando ouviam histórias sobre esta mulher enigmática. Ela conseguia desatar nós de parentesco há muito esquecidos e retratar pormenores da vida de familiares mortos que os próprios parentes próximos quase já não recordavam. Como poderia outra pessoa lembrar-se disso e trazê-lo à vidente!

O nosso outro vizinho, chefe de uma grande família, chamou a Vanga de mulher infeliz, e agora penso que tinha razão. Não é possível encontrar-se todos os dias com tantas desgraças e ser feliz. Mesmo sabendo que se dá esperança, saúde e justiça...

Como já disse, o meu primeiro encontro verdadeiro com Vanga foi em 1989. No ano anterior fizera uma especialização em Inglaterra, e nos cursos participavam pessoas de todos os cantos do mundo. Cada um tinha de representar o seu país, e fiquei muito espantada quando, entre outras coisas, me perguntaram também por Vanga. A mesma pergunta surgira na União Soviética. Em Inglaterra veio de um estrangeiro, se bem me lembro de um australiano, e senti-me profundamente embaraçada por não conseguir responder nada de concreto, apenas o que ouvira de outros. Mais tarde sonhei várias vezes com Vanga e acordava com a sensação de que precisava de me encontrar com ela. Finalmente, numa ensolarada manhã de janeiro, fui com uma amiga jornalista a Petrič.

Ainda hoje não sei qual era o objetivo daquela viagem. Se eu, cientista búlgara, queria observar pessoalmente um dos maiores enigmas da medicina, ou se era uma necessidade simplesmente humana de me apresentar à vidente com os meus e os problemas domésticos dos meus familiares? (Referia-se à minha prima mais querida, cuja família sofrera uma perda grave.) Ou talvez fosse um pressentimento vago de que se aproximavam mudanças fatais de caráter global? Não sei. Só sabia que a viagem já não podia ser adiada.

Chegámos a Rupite bastante cedo de manhã e vimos uma enorme multidão à espera que Vanga chegasse de Petrič. Fiquei um pouco para trás da minha amiga quando de um carro ligeiro saíram duas mulheres vestidas de preto. Não sei porquê, pensei que vinham de um funeral. Alguém sussurrou que uma delas era Vanga, e corri para a frente.

No caminho para a casinha Vanga perguntou quais eram as mulheres de Sófia e quem as mandara. Ouvi o fim da pergunta, mas antes que pudesse responder a minha companheira disse:

— Fomos enviadas por fulano e sicrano.

Vanga ficou muito zangada e começou a gritar:

— Não vos recebo! Não vos recebo! Não se faz assim! Porque não me telefonou?!

Os que esperavam olhavam-nos condenatoriamente. Ficámos o dia inteiro e ouvimos histórias cada vez mais sombrias. Alguns visitantes estavam ali havia uma semana.

Para pernoitar fomos a Sandanski, porque decidíramos tentar a sorte novamente no dia seguinte. Quase até de madrugada falámos de tudo, inclusive de política, e sentíamo-nos seguras de que seríamos recebidas.

Na véspera pedíramos ajuda à irmã de Vanga, Lyuba, e ela prometera-nos. Estávamos ambas extremamente excitadas com a expectativa do acontecimento invulgar e falávamos com absoluta franqueza.

Na manhã do segundo dia estávamos muito cedo à porta da casa de Vanga. Ela chamou primeiro a médica local, que provavelmente tratava da saúde da vidente, e depois gritou:

— E agora que venha a doutora de Sófia! (Ou seja, eu.)

Entrei na salinha tremendo e cheia de medo, como outrora nos exames da universidade. Não sei porquê tinha tanto medo.

Talvez fosse por causa da discussão do dia anterior? Possivelmente. Mas mais provavelmente temia que se destruísse a minha ideia de milagre da natureza, que ruísse algum mito búlgaro.

A vidente estava sentada à mesa, muito calma. Do aspeto zangado do dia anterior não havia vestígio. Ofereci-lhe uma boneca comprada no estado de Utah, feita no Bangladesh. Vanga acariciou-a suavemente e pô-la de lado. Levara os cubos de açúcar de todos os meus familiares, mas quando a vidente estendeu a mão, não sei quais lhe dei. Mais tarde ocorreu-me que poderiam ser os meus e os da minha mãe, porque Vanga falou sobretudo dos parentes da linha materna. Estive com ela cerca de meia hora. Também ela me fez perguntas, e primeiro sobre a minha saúde. Medi-lhe a tensão. Vanga estava muito meiga, tímida e dócil, completamente diferente da mulher que eu vira na visita anterior.

A conversa com Vanga foi um verdadeiro milagre que, infelizmente, não consegui nem captar nem memorizar. E não só porque falava em dialeto. Até hoje sinto que, ao ouvir Vanga, compreendia o que dizia mais com o espírito do que com os ouvidos. Não estava preparada para o seu tempo. Muito, muito depois desta conversa esforçava-me por decifrar o sentido do que dissera, e vinham-me à memória novas e novas nuances. Alguma coisa já esquecera, e alegrei-me por ter contado tudo a tempo a outras pessoas. Cada uma lembrava-se de pormenores isolados e depois ajudaram-me a reconstituir o quadro do encontro.

O mais importante e essencial nunca esquecerei. A conversa com Vanga estimulou o meu interesse por super-homens, clarividência e profecia, levou-me a dedicar-me ao lado filosófico destes conceitos e a pensar no que são realmente o tempo e o espaço, o sentido da vida, a bioenergia e o biocampo...

ESPAÇO

Fiquei o tempo todo imóvel em frente a Vanga, e ela também. Mas tanto nessa altura como depois nunca me abandonou a estranha sensação de que a vidente se levantava, caminhava ou pelo menos se mexia na cadeira. Parecia que o espaço na sala dela estava dividido em muitas células separadas, e que cada alma com quem falava estava no seu setor rigorosamente definido.

TEMPO

Foi no aspeto do tempo que me revelei mais despreparada. As suas conversas naturalmente fluídas com os que já estavam no Além entrelaçavam-se sem artificialidade com as conversas com os vivos e misturavam-se com notícias sobre pessoas vivas. Sentia-me completamente confusa e estúpida com as minhas perguntas involuntárias: — Está vivo? Está morto? — Isso atingiu o auge quando Vanga falava com a minha vizinha recentemente falecida, a quem eu sempre tratara pelo apelido, mas a vidente disse-me a forma diminutiva do nome dela, que eu esquecera. A vizinha perguntava pelos filhos (netos dela), cujo nascimento já não vivera, e queria saber se era menino ou menina. Sem perceber do que se tratava, pensei que perguntava pelo meu neto e disse que era menina. — Não, é menino! — corrigiu Vanga, e tinha razão. Mais tarde contou que a vizinha morta tinha um rosto santo e me amava muito.

Nunca consegui entender a sua exclamação alegre:

— Virá, virá! — ou talvez: — Haverá, haverá! — depois de ter falado de mim e da minha família. Ficou-se com a impressão de que temera por alguma coisa, se aconteceria ou não, e por isso reagiu alegremente quando percebeu que sim aconteceria. Era uma alegria pura e genuína de criança!

Modo de expressão Não estava preparada para a maneira de falar da vidente. Perturbava-me não só o dialeto, mas também o facto de ela falar muito depressa, como se tivesse uma pressa enorme e por vezes lesse de

forma bastante confusa um texto escrito. Parecia que falavam duas pessoas. A segunda voz intervinha raramente, após uma pequena pausa, e tinha um som metálico. Em todo o caso, já não era a voz de Vanga. O modo de falar era cortado e categórico. Mais tarde, ao analisar o que ouvira, concluí que assim eram transmitidos muitos factos precisos. A voz metálica anunciava quantos anos tinha a minha filha, disse que o meu filho falava cinco línguas e que no momento do acidente de carro do meu afilhado estavam três pessoas no veículo...

GRAU DE COGNOSCIBILIDADE

Seria exagero dizer que, ao encontrar-me com Vanga, me comportei como investigadora profissional. Estava confusa.

Refletindo depois sobre as conversas com a vidente, concluí que ainda assim havia em mim algo de investigador, embora infelizmente mais inconsciente. Com alívio posso dizer que orientei os nossos diálogos para a cognoscibilidade do presente, do passado e do futuro, embora para Vanga o tempo não fosse unidirecional como para nós. Para mim, cientista e médica, a percentagem de cognoscibilidade é extremamente importante, porque é nela que se baseia o diagnóstico. Além disso está ligada a outra questão cardinal: qual é a fonte (ou fontes) da informação e qual é a sua (ou a sua) fiabilidade.

Ao analisar a informação que Vanga deu sobre mim, posso dizer que o grau de fiabilidade tanto nos pormenores como no conjunto era muito alto. Dou vários exemplos.

— Trabalho, trabalho, trabalho... Ai ai, espera-te ainda muito trabalho. Trabalharás ainda muito tempo.

Realmente nunca fui preguiçosa e vivo com a sensação de trabalho inacabado.

— Trabalhas com sangue, com urina. Olha, e também com saliva! São muito importantes, vocês ainda não entendem bem...

Nesse momento Vanga começou a falar muito depressa, muito depressa, sobre por que é importante estudar a saliva. Especialmente em crianças e idosos!

— Mas porque trabalhas com a coluna vertebral, com nervos, com músculos? Com tantas coisas...?

Nesse instante começou com a outra voz a falar de uma doente a quem aparecera um tumor na hipófise. Descoberto tarde demais, quando as metástases já tinham descido pela coluna e subido para o cérebro grande. Vanga falava cada vez mais depressa e confuso, com grande insatisfação na voz. (Ainda hoje me zango comigo por ter perdido o fio da narrativa e não ter entendido do que realmente falava. Por mais que depois tentasse, não consegui reconstituir o sentido do que dissera.) O que Vanga dizia testemunhava a sua erudição, que era possível verificar.

Sou médica de laboratório, estudo sangue e urina, mas, como bioquímica, investigo também o mecanismo de outras doenças. Interessante é que pouco antes do encontro com Vanga lera um artigo intrigante sobre as possibilidades de análise da saliva no diagnóstico, e a ideia apaixonara-me. Queria ajudar vários pacientes que tinham vindo ter comigo com graves lesões da medula espinal, paralisia progressiva dos membros e alterações degenerativas graves do aparelho locomotor.

Depois Vanga perguntou de repente se a minha neta estava batizada.

— Batizei-a com o meu nome, só na versão mais moderna.

— A menina parece-se contigo, é bonita, e o nome assenta-lhe bem. É uma flor, e vocês escolheram-no juntas, tu e a filha.

Mais tarde descobri que verónica é uma planta ornamental. Tanto a mim como à minha filha gostávamos dela, por isso demos à neta este nome letão.

CONVERSAS COM OS MORTOS.

Após o grito de Vanga — Virá, virá! — seguiu-se algo que toda a vida considerarei um enigma e me perguntarei o que realmente experienciei. Como pessoa educada no espírito do determinismo materialista, que não conhece as ciências ocultas e não acredita na vida após a morte, senti-me, para dizer o mínimo, surpreendida, embora já tivesse ouvido sobre Vanga todo o tipo de milagres. As tentativas posteriores de análise irritaram-me mais do que satisfizeram, porque me perdia em selvas desconhecidas.

Ao escrever estas linhas, lembrei-me de que a vidente mencionou um nome feminino muito raro — Kraina. Na altura nada me disse, mas recentemente a minha mãe falou da infância e mencionou a madrinha Kraina, que morrera cedo. Alguns nomes Vanga disse tanto como

masculinos como femininos. Uma vez disse «Boris» e logo acrescentou que «perguntava por Raina». O nome feminino Boriska não é comum, mas eu tinha uma madrinha Boriska com uma filha Raina, que sofrera muitas desgraças. Talvez por isso na voz da vidente soasse inquietação quando falava destas mulheres.

Teria eu podido outrora admitir, nem que fosse por um instante, que tal conversa era possível? Foi exatamente durante este diálogo apressado e como que fragmentado que me invadiu uma sensação estranha de que percebia o espaço como dividido em setores, pequenas células, e que em cada uma delas estava uma alma com quem Vanga falava.

Dou alguns exemplos que caracterizam o que aconteceu.

— Todor, Todor, quem é Todor? — O meu avô. — É o pai da tua mãe? — Sim. — Pergunta por Mara e por Nada. Passou muito perto da tua mãe uma grande desgraça. Passou perto, passou. Não tenhas medo. A Nada já foi operada? Não. Mas será... Ivan, olha, o grande Ivan. Muitos parentes de Ivan e Ivankas. Todos perguntam pela tua mãe e por ti... Está tudo bem, tudo bem. (Fala algures no espaço.) Quem é Nikola, Kolyo, Koko, sim, Koko... Olha onde está. Bonito e jovem. Pergunta pela mãe. Não está. Foi-se embora. Porque foi para o estrangeiro... O quê?

Fico calada e penso estupidamente por que razão a minha prima se foi embora. Vanga responde por mim: — Com boa intenção, boa, para trabalhar. Não está doente... Pergunta também por uma rapariga, Maria... Ma...shiku. Sente muitas saudades dela. Porque vos esqueceis de celebrar o aniversário dela? Ela foi batizada em nome da Santa Mãe de Deus. A quinze de agosto. Nesse dia ela (Maria) e a mãe dela (ou seja, a mãe de Koko) devem dar qualquer coisa...

O meu avô chamava-se realmente Todor, mas o pai dele chamava-se Ivan, muito alto, e por isso era chamado o Grande Ivan. A minha mãe chama-se Maria, e o avô tratava-a por Mara. Mas o mais interessante é que só ele e a mãe chamavam à minha irmã Atanaska por Nada. Por outro lado, tenho uma avó Ivanka, uma prima Ivanka e uma madrinha Ivanka. Todas já morreram. O afilhado que morreu num acidente de carro está registado na certidão de nascimento como Nikola, mas eu não sabia. Estava convencida de que era Nikolay, e todos o chamavam Koko. A minha filha chama-se Maria, todos a tratavam por Mashka, mas Koko, a brincar, chamava-lhe

Mashiku. Os dois gostavam muito um do outro. Eu sabia que o dia da Santa Mãe de Deus é vinte e oito de agosto pelo calendário antigo, por isso nunca celebráramos o aniversário da filha a quinze de agosto — pelo novo calendário.

Por mais difícil que seja falar das circunstâncias da morte do afilhado, ainda assim tentarei contá-las.

Vanga disse: — Nikola, Kolyo, Koko. Não morreu?! Bateu com a cabeça. Com um camião. Não. Com um carro de passeio... (noutra voz) ... Com um carro de passeio. Ááá, embateu numa árvore. Eram três. Um ficou vivo com um braço partido. Demasiado rápido... Não há ajuda... Fim...

A capacidade cognitiva de Vanga não era questionável. É verdade que não mencionou vários dos meus familiares, mas sobre aqueles com quem falou deu as informações mais precisas.

Profecias O anúncio prévio de acontecimentos próximos ou distantes e previsões em qualquer esfera da atividade humana sempre atraíram a atenção das pessoas. No caso de Vanga esta capacidade foi a mais comentada e também deu mais pretexto a interpretações várias. Dos mitos ao escárnio, dos ataques da imprensa às acusações de charlatanismo.

As capacidades de previsão de Vanga cedo lhe valeram o título de profetisa e a fé inabalável das pessoas no que dizia. Diziam: afinal és Vanga! Estes fatores são significativos para a ciência, porque tocam nas premissas do processo e nas fontes de informação não só sobre acontecimentos do passado e do presente que deixaram marcas na memória das pessoas que contactaram com a vidente. Mais importantes, porém, são as profecias sobre o futuro, ou seja, sobre o que ainda não aconteceu e não está fixado em nenhuma estrutura cerebral conhecida.

Estes processos são difíceis de compreender. Exigem tempo e estudo prolongado dos acontecimentos profetizados. Dou alguns fragmentos das minhas conversas com Vanga.

— Ocupas-te de ciência, de medicina, mas também de política... Porque também de política? Trabalhas muito e durante muito tempo... tão cedo não te reformarás... Escreveste livros, livros bonitos, mas o mais importante e o maior ainda não está escrito. Que livro será! Ááák, que livro! E tu escrevê-lo-ás...

— A tua filha é médica. Tratará doenças complicadas. Subirá. Superará provas. Tratará gente jovem... O teu filho lá, de onde veio, tão cedo não regressará, não regressará... Não, tão cedo não regressará. Lá está mal, e ficará pior... Ele sabe cinco línguas (noutra voz), mas porque todas para o Oriente e não para o Ocidente?

Sobre o livro mais importante mencionado por Vanga ainda hoje nada posso dizer. Depois do encontro com a vidente saiu-me mais um trabalho, mas não o considero grande nem importante. Talvez Vanga se referisse à minha participação na elaboração da constituição da Bulgária democrática, na qual participei como deputada do meu Estado no Parlamento?

As profecias de Vanga sobre os meus filhos cumpriram-se. A filha ganhou um concurso e tornou-se assistente do Instituto de Endocrinologia. Ocupava-se do tratamento de doenças complicadas, e os seus pacientes eram muitas vezes jovens. O caminho de vida do meu filho levou-o ao Afeganistão, e não sabíamos se algum dia regressaria, porque a situação lá piorava cada vez mais. Não voltou para casa, porque foi para dois países do Oriente...

A profecia de Vanga cumpriu-se também quanto ao meu companheiro. Depois de ser despedido do hospital governamental, começou a trabalhar no instituto médico da cidade de Pleven, onde dava aulas a estudantes e médicos. Há alguns anos uma nossa conhecida próxima fora ter com Vanga, e esta recomendara-lhe o meu marido para estabelecer o diagnóstico (ele era cardiologista). O marido descobriu à paciente uma doença difícil de detetar, e a sua opinião foi depois confirmada por aparelhos precisos.

São apenas alguns exemplos da minha experiência que mostram quão alto era o grau de fiabilidade das profecias de Vanga.

Mas logo surge a pergunta se houve exemplos que indicassem o contrário. Tenho de admitir que não me arrisco a julgar, porque lhe perguntei muito pouco. O que Vanga dizia era na sua maioria de natureza espontânea. Fazia perguntas e respondia ela própria. Não tenho a certeza de que ouvisse os meus intercalar confusos.

Na segunda vez que a vi não estava sozinha. Tinham acabado de realizar-se eleições parlamentares, eu estava em Petrič e fui cumprimentar

Vanga. Ainda hoje me lembro de que, ao despedir-me, disse que queria beijar-lhe a mão, mas ela respondeu:

— Também a ti beijarão a mão, porque fazes boas obras.

Ainda hoje não tenho a certeza de que, ao dedicar-me à política (tornara-me deputada), tenha realizado as boas obras previstas por Vanga...

Nessa altura fora ter com Vanga com outra mulher, e a vidente falou mais com ela. Não ouvi esta conversa, porque Vanga mandou-me ficar na outra sala. Só vi como apalpava cuidadosamente as flores que lhe trouxéramos.

O meu terceiro encontro com Vanga foi por causa da publicação de um manual de extrassensoriais. Na Bulgária discutia-se acaloradamente se era necessário tal livro, e mandaram-me perguntar a opinião da vidente.

Recebeu-me às três da tarde. Mal entrei na sala com os meus acompanhantes, Vanga perguntou-me em tom claramente zangado pelas horas. A princípio não entendi, porque dissera a palavra «horas» em macedónio.

— Que horas são agora? Olha quanto marcam! Pode-se fazer assim...?

Fiquei terrivelmente confusa, porque não marcara hora, apenas esperara que me chamassem. Expliquei o motivo da minha vinda e acrescentei que não queria que me lesse a sina, só queria a sua bênção.

Com isso Vanga não se aplacou. O que mais a irritava era a palavra «extrassensorial».

— Esses esperam que a mão da pessoa seque e depois mandam-na ao médico! Isso é correto? São charlatães! Tu, cientista, devias ocupar-te deles? O teu marido não te censura por isso?

E assim por diante, nesse tom. Fiquei completamente encolhida e disse timidamente:

— Tia Vanga, lembras-te de que, naqueles tempos em que te insultavam, também te chamavam charlatã? Mas agora em Inglaterra perguntaram-me por ti...

Interrompeu-me:

— Grande coisa que perguntaram!

(Na primeira vez que mencionei isso, Vanga mostrou interesse e perguntou exatamente o que fora perguntado e se em Inglaterra havia pessoas como ela.)

A situação tornava-se insuportável. Diante de mim estava uma mulher velha e nervosa. Quanto tempo precioso se perdera! E mal pensei que o tempo a ninguém perdoa no seu curso, Vanga perguntou:

— Quando chegaste? Porque não esperaste? De que vieste?

Disse:

— Hoje de manhã, de carro.

Nesse momento, pareceu-me, aconteceu algo.

— Ah, então de carro. E não foste tu que o conduziste. E o que aconteceu ao carro, hein...?

Sem eu perguntar, Vanga começou a falar rapidamente dos meus familiares e despejou uma série de nomes. Posso julgar que eram apelidos de muitos curandeiros incluídos no manual.

— O livro tem de ser publicado, mas estes curandeiros têm de aprender a colaborar com os médicos! — disse Vanga.

Tentativa de explicação... Sinto que o meu relato se torna cada vez mais pessoal e menos científico, mas de outra forma não é possível. Lamento muito o tempo que perdi tanto eu como a ciência búlgara. Que Vanga foi um fenómeno, disso já não tenho a menor dúvida. Foi uma figura brilhante na vida da Bulgária e permanecerá um enigma para a medicina, a filosofia, a religião e a sociologia.

As visões proféticas da cega Vanga foram um desafio pesado à ciência oficial marxista-dogmática. Se houvesse uma atitude investigativa séria em relação a ela, talvez se descobrisse algo desconhecido e se preenchessem os pontos brancos na teoria do conhecimento. Infelizmente essa oportunidade foi perdida.

Já os antigos cientistas procuraram a chave da visão interior ou clarividência. Agora voltaram a dedicar-se a ela escritores e literatura que estudam o mecanismo destas capacidades adormecidas do ser humano. Isso permite espreitar para além do conhecido e compreensível, com a força do pensamento e sentidos ocultos ultrapassar a barreira do tempo. Tanto os

antigos textos ocultos como os estudos mais recentes admitem que a informação pode ser recebida não só pelos cinco órgãos dos sentidos conhecidos, mas também por outros, recetores alternativos.

A designação «sexto sentido» não surgiu por acaso. O seu lugar é na fontanela, no chamado ponto «dzjan din» ou T 20 no meio da fontanela. Chama-se também sétima chakra. A energia informativa de natureza ondulatória ou corpuscular que entra por aí poderia ser o caminho direto que liga o ser humano e a sua bioenergia ao sistema energético informativo geral do Cosmos. Os psicotrónicos chamaram a este ponto «entrada da energia cósmica». Na antiga literatura oriental representa-se como uma flor de lótus de mil pétalas.

Muitos diziam que a fontanela de Vanga ficara aberta, e com isso explicavam as suas capacidades de contacto quase permanentes e inesgotáveis. O feixe de energia que entrava pela fontanela estimulava no seu caminho estruturas sensíveis, por exemplo, a fissura de Rolando, o hipotálamo e o hipocampo.

Na super-sensorial os psicotrónicos consideram geralmente dominante o hemisfério cerebral direito. Durante a profecia a atividade do hemisfério esquerdo é suprimida, ou seja, é bloqueada a atividade motora e verbal.

Parecia estar como que petrificada, com os olhos fechados ou virados para o vazio e uma pronúncia confusa, difícil de compreender. O que ela via era descrito como imagens caleidoscópicas a deslizar num ecrã.

Já mencionei que, por vezes — provavelmente quando Vanga recebia o maior número de visões —, a sua fala tornava-se muito rápida, entrecortada e até incompreensível. Lembro-me de que ela me apontou várias vezes para o lado direito da cabeça e afirmou que era ali que residia a sua capacidade clarividente.

O estudo exaustivo do cérebro humano revela que este tem uma estrutura infinitamente complexa e um funcionamento ainda mais complicado, que continua por decifrar completamente. A maior parte das unidades estruturais aparece aos pares, ou seja, duplicada, mas algumas não. Estas últimas costumam desempenhar funções que ligam, sincronizam e organizam as duas metades do cérebro. O hipocampo tem uma importância especial, pois sincroniza os sinais sensoriais que vão para o córtex cerebral e que dele saem. Os cientistas preveem a existência de

microcristais de silício nas células principais do hipocampo, as chamadas células piramidais. Esses microcristais funcionam como amplificadores e ressonadores da energia informativa captada no ponto T 20.

Quando os microcristais entram em estado de excitação, a onda de energia interna que geram é extremamente intensa e, se não tiver saída livre do crânio, não só pode perturbar as funções cerebrais como também provocar lesões estruturais graves nos centros cerebrais mais importantes e até a sua destruição total.

Talvez seja exatamente isso que acontece nos casos de doenças psíquicas graves. O caminho da onda para sair pelo chamado "terceiro olho" ou "chakra manas" no meio da testa passa pelos colículos superiores e pelo quiasma ótico — o local onde se cruzam os nervos óticos —, o que pode provocar sensações visuais em sentido inverso: das profundezas do cérebro para os olhos. Assim se explicaria a natureza tanto das visões como das alucinações.

O registo do sinal transportado pela onda na "fita magnética" da memória realiza-se quando a onda refletida flui para a zona occipital do cérebro, para a hipófise, considerada um repositório de memória extremamente importante.

Em resumo, a parte principal do fluxo energético-informativo ou da onda dirige-se para o "terceiro olho", protegendo o cérebro da sobrecarga, enquanto a parte restante deixa uma impressão na hipófise. Isso permite mais tarde reproduzir a informação recebida no passado.

Os psicotrónicos defendem que o facto de a hipófise e o "terceiro olho" se encontrarem no mesmo plano facilita o regresso ao Universo, durante o sono ou a meditação, do registo da informação acumulada durante o dia. Deste modo concretiza-se a ligação mútua alternativa, para além dos cinco sentidos entre o ser humano e o Cosmos. Se for mesmo assim, torna-se possível explicar logicamente muitas manifestações de super-sensibilidade humana: a clarividência, a profecia, as intuições geniais que muitas vezes surgem também durante o sono. Essa ligação permitiria acumular informação sobre determinados indivíduos, extraindo-a do banco cósmico de informação.

Como já referi, a onda energético-informativa, no seu trajeto de ida e volta entre o hipocampo e o "terceiro olho", segundo os psicotrónicos, liga

e desliga o analisador visual no ponto de cruzamento dos nervos óticos. Nesse instante, os olhos, inconscientemente, emitem para o Universo a imagem que se formou no cérebro.

Tanto eu como outros ficámos espantados com o facto de, em Vanga, os músculos dos globos oculares funcionarem, embora ela tivesse perdido quase completamente os próprios globos oculares. Lembro-me de como me senti perturbada ao ver as suas pálpebras contraírem-se. Nunca reparei nelas a abrirem-se.

O ser humano é uma criação genial da Natureza, mas nem o mistério da sua criação nem o dos seus contactos cósmicos estão totalmente desvendados. O acesso à informação sobre a vida privada e o futuro de um indivíduo está reservado apenas a alguns escolhidos. Não é por acaso que as lendas de muitos povos falam de livros sagrados, nem é por acaso que profetas e videntes em transe escrevem textos e desenham símbolos e cenas extraterrestres.

As capacidades proféticas de Vanga eram únicas e imensamente vastas. Basta imaginar quantas pessoas incontáveis ela encontrou, com quantos destinos se cruzou! De onde e como recebia ela a sua informação espantosamente incompreensível? Dos visitantes, em ressonância com a radiação cerebral deles? Da onda de energia mental deles? Talvez. Essa troca informativo-energética é totalmente possível e, em muitos aspetos, está comprovada.

Mas o que dizer dos prognósticos de Vanga que não se referiam ao futuro de um indivíduo, mas a acontecimentos de escala global? Devido à cegueira, a vidente não conseguia ler, e não sei se conhecia o sistema Braille. Quando, apenas ouvindo a rádio, previu o desfecho da Segunda Guerra Mundial, essa previsão não podia alterar nada. Logo, a informação vinha dali.

Mas dali onde?

A lógica leva a pensar que existe um centro de informação abrangente onde se acumulam dados sobre todos os habitantes da Terra, sobre todos os países e povos. Sobre a humanidade no seu todo. Vanga possuía um sistema fenomenalmente desenvolvido de receção e emissão de contactos cósmicos. É pena que, na época comunista, os mais importantes institutos mundiais de investigação cerebral não tenham podido participar nos

estudos para determinar até que ponto seria praticamente possível estabelecer tais contactos nas condições atuais...

E o contacto de Vanga com o mundo dos mortos? Essa capacidade da vidente impressionava até os céticos mais empedernidos, embora muitos a negassem. Então existe mesmo um Além?

Recentemente encontrei-me com um búlgaro, professor na Universidade de Columbia, nos EUA. Ele sublinhou com muita firmeza a existência de mundos paralelos e falou-me de investigações muito interessantes sobre partículas elementares, portadoras de informação cósmica. Essas partículas realizam a troca energético-informativa entre diferentes níveis do espaço.

Quantas perguntas a ciência deve à vidente Vanga, e quantas ela levou consigo...

Vanga foi uma nova forma de conhecimento do mundo.

STOJU STOJEV, INVESTIGADOR CIENTÍFICO SÉNIOR

Após o estudo das obras de Freud, o meu interesse voltou-se cada vez mais para os problemas da psicologia. Nessa altura, Vanga já era conhecida também fora das fronteiras da Bulgária.

Tendo crescido no campo, eu sabia desde criança que em todas as povoações há pessoas que sabem adivinhar, prever o futuro, curar doenças, avisar de desgraças e dizer algo sobre casamentos e sucesso na vida. Outras curavam com ventosas ou com ervas. A minha avó também o fazia.

Um dia, em 1972, quando ia pela primeira vez a Petrič para aí dar uma palestra, o caminho passou pela casa de Vanga. Um grupo de pessoas esperava que a vidente as recebesse. Nos portões havia uma placa com a inscrição "Colaborador científico". Fora o então diretor do Instituto de Sugestologia, doutor Georgi Lozanov, quem mandara colocá-la. Isso deu-me coragem e decidi conhecer aquela mulher extraordinária para tentar encontrar alguma explicação para o seu fenómeno.

Pernoitei no comité municipal do partido e pedi ajuda ao chefe local do partido. Eles, algo embaraçados, responderam:

— Estamos numa situação muito delicada. Por um lado, seguimos a linha oficial do partido, mas, por outro, como travar este fluxo de pessoas

da Bulgária e do estrangeiro? é um homem da ciência, fale com a Vanga e diga-nos o que devemos fazer!

A direção do partido mantinha uma posição neutra em relação à vidente, ao passo que o presidente do conselho popular e o chefe da milícia da cidade tinham relações próximas com ela. Dirigi-me a eles. Ambos se mostraram amáveis e prestáveis. Combinaram a minha visita com Vanga, avisaram os guardas, e eu fui recebido sem fila.

A vidente estava sentada num divã estreito junto de uma mesa pequena. Convidou-me a sentar-me do lado oposto. Comecei a dizer que não viera para que ela me "lesse", mas sim com fins científicos, mas ela interrompeu-me:

— Tua mãe está paralisada.

— Não está paralisada — objetei.

— Então por que está deitada na cama?

— Tem o coração doente, e os médicos recomendaram.

— Vejo-a deitada e pensei que estava paralisada — explicou Vanga. — Como te chamas? Ah! Leva a tua mãe para o Terceiro Hospital da cidade para se tratar, para que ainda viva mais algum tempo.

— Não vim para que me leias, não trouxe açúcar — reagi espontaneamente. Vanga disse:

— Não é preciso. O teu pai está bem, só o incomoda um pouco o reumatismo. Está agora a tratar-se nas termas?

— Sim. — Antes de partir para Petrič recebera um postal do meu pai da estância termal de Haskovo.

— Tens dois filhos — continuou a clarividente.

— Sim, dois — concordei.

— Espera, espera! Porque me estás a mentir? — Vanga zangou-se de repente. — Tens mais dois. Olha, olha onde estão!

— Não estou a mentir. Estava a pensar nos dois que vivem comigo. Os outros dois são do meu primeiro casamento e vivem com a mãe em Varna.

— Ah, por isso apareceram um pouco mais tarde. A mim não me enganas. Ouve, o que é que fazes na vida? Vejo que só tens livros e pessoas à tua volta.

— Sou investigador científico e dou palestras a estudantes e à população. Foi por isso que vim a Petrič. Se permitires, gostaria de te observar e estudar as tuas capacidades para as explicar.

— O que é que tu vais explicar! — riu-se Vanga. — São obras de Deus!

— Também houve outras coisas que eram atribuídas a Deus e que a ciência acabou por explicar — não desisti.

— Seja. És boa pessoa. Senta-te ali ao canto e ouve!

Foi assim que estabeleci contacto com Vanga, e até 1988, sempre que tinha um momento livre, ia a Petrič. Observava como ela recebia as pessoas e, quando as consultas terminavam, conversávamos sobre as suas capacidades.

OBSERVAÇÕES E FACTOS

Há muitos, e neles refletem-se os destinos das pessoas que Vanga recebia, com as suas preocupações e desgraças. Vinham ter com ela visitantes de todos os níveis sociais e culturais, razão pela qual as opiniões após o encontro com a vidente eram por vezes diametralmente opostas. Desde a adoração total até à negação completa, desde "ela disse-me tudo" até "não me viu nada". Havia também, até entre os meus colegas, quem afirmasse que Vanga tinha toda uma rede de espiões que lhe forneciam informações.

Considero isso um absurdo. Quem esperava era geralmente calado e reservado. Às vezes perguntava a alguém por que viera, mas depois Vanga dizia-lhe algo que o visitante nem sequer tinha na cabeça.

Numa das vezes em que assisti às consultas, entrou primeiro uma mulher já idosa, vestida de preto e muito abatida. Era de Vraca e queixava-se:

— Há dois anos o meu filho fugiu para Berlim Ocidental e desde então não há notícias dele. Todos os meus familiares já morreram. Diz-me: está vivo e vale a pena continuar a viver?

Vanga concentrou-se e respondeu:

— Vejo uma sepultura recente. A pessoa foi enterrada há quinze dias.

— Essa é a sepultura do meu filho mais novo. Morreu há duas semanas — disse a mulher. — Perguntei pelo outro, pelo mais velho.

— Vejo outra sepultura — continuou Vanga. A mulher ficou pálida. — Mas é muito antiga. — A vidente indicou os anos.

— É a sepultura do meu marido. Mas diz-me do filho mais velho...

— Ah! Aqui está ele! — exclamou Vanga. — Vejo-o. Está vivo e veste um fato cinzento.

A mulher caiu de joelhos diante da vidente e beijou-lhe as mãos.

— Só que ele não está em Berlim Ocidental, mas noutra cidade — Munique... Munique... E não está sozinho, tem mulher e filho.

A mulher chorava de alegria.

Entrou um oficial de Dimitrovgrad e entregou os torrões de açúcar da mulher. Ela não se sentia bem. Vanga apalpou o açúcar e exclamou:

— Tua mulher não está doente, está nervosa, foi vítima de mau-olhado! Doente és tu. Vai ao médico para examinarem os rins, estão em mau estado. Mas a tua mulher precisa de descanso.

Um jovem perguntou se devia aceitar a operação, pois o médico assim aconselhara.

— Sim — respondeu a vidente —, mas a tua verdadeira doença não está onde ele pensa. Há alguns anos caíste de mota, não foi? E magoaste uma vértebra. Na altura correu tudo bem, mas agora o teu problema vem daí. Diz ao médico que preste atenção à coluna vertebral.

Sobre o encontro de Vanga com o escritor russo Julian Semionov e o ator Viatcheslav Tikhonov, contou-me o antigo presidente da câmara de Petrič, que esteve presente. Semionov ficou espantado com a pergunta da clarividente sobre o motivo de o filme baseado no seu guião se chamar

«Dezassete Momentos de uma Primavera» se só tinha treze episódios. Vanga mencionara um facto que muito poucos conheciam. E o que deixou Semionov completamente atónito foi a vidente ter falado da sua profunda e bem escondida culpa. Em criança, Semionov tivera um irmão deficiente mental e os pais obrigavam-no a tomar conta dele. Uma vez, distraiu-se a brincar, deixou o irmãozinho sozinho e este morreu tragicamente.

— Tinha de acontecer assim — disse Vanga. — Não tens culpa nenhuma e atormentas-te em vão.

A Tikhonov, ela recebeu-o com a pergunta:

— Porque te envergonhas de te teres divorciado da tua primeira mulher? Ela é uma boa atriz. Olha que filho maravilhoso te deu! Ele também é ator e está agora a rodar um filme em Alma-Ata...

Vanga e a sua visão

Quando as consultas terminaram, ficámos sentados a conversar. Ela contou-me a sua infância pobre e a tempestade que lhe roubara a luz dos olhos. À pergunta sobre quando começara a receber pessoas e a profetizar, Vanga respondeu:

— Foi em 1941, durante a guerra, havia partisans e as pessoas começaram a desaparecer. Então vieram pedir-me ajuda. Mas a primeira visão foi em sonho. A vizinha queixava-se de que não encontrava o vestido, e eu vi-o dentro do baú. Fui a casa dos vizinhos e ouvi a mulher zangada. Perguntei o que se passava. O vestido desaparecera, não conseguia encontrá-lo! Já olhaste no baú? Ela levantou a tampa e o vestido estava lá. Uma vez previ uma coisa, duas vezes; começaram a falar de mim e a perguntar-me tudo. Sobretudo sobre pessoas desaparecidas. Pouco a pouco comecei a ver também quando estava acordada. Alguém vinha, perguntava, e eu via o lugar, a pessoa, a roupa, se estava viva e o que fazia. Era isso que contava.

— Mas como as vês — como numa fotografia ou em movimento?

— Em movimento. Quando a pessoa entra ou quando pego no açúcar em que ela dormiu, começam a aparecer-me imagens, e essas imagens movem-se da esquerda para a direita. São paisagens vivas, pessoas, acontecimentos e catástrofes. Às vezes são tantas e passam tão depressa que não consigo contar tudo nem consigo pará-las. Elas vão-se embora e

desaparecem. Por isso pergunto logo por que motivo a pessoa veio — doença, perda, trabalho, filhos — para dizer exatamente aquilo que lhe interessa. Senão pode escapar-me algo importante. E depois acusam-me de que andei a perguntar antes! Só digo o que vejo, não invento nada. Às vezes vem alguém e eu não vejo nada e mando-o embora. Digo-lhe claramente que não tenho nada para dizer, mas a pessoa zanga-se. Esperou meses, ainda por cima pagou! Mas se não vejo nada, hei de mentir?

— Como sabes os nomes dos vivos e dos mortos?

— Os mortos dizem-mos eles próprios. Chamam-me: sou o Petar, o Nikola, a Stojanka, perguntam por algo, procuram alguém, querem ver alguém... Às vezes só vejo a primeira letra do nome.

— E ouves vozes? Palavras, conversas, perguntas, respostas?

— Ouço-as dentro de mim. Às vezes são tão altas que me retinem na cabeça, parece que me vai rebentar. Sobretudo quando é algo terrível — morte, doença, catástrofe... Eu sei que não se deve dizer, mas a voz obriga-me: fala, fala! Então viro-me e, muito baixinho para a pessoa não ouvir, digo à voz — sai daqui! Senão eu expludo!

— Deves ficar muito cansada.

— Como não hei de ficar? Todos os dias recebo quarenta, cinquenta visitantes. Percebes tu próprio quanta desgraça tenho de ouvir!

— Mas não havia uma decisão de que só receberias vinte e cinco pessoas por dia?

— Havia, mas quem é que cumpre isso! Vêm ainda mais com recomendações! Eu definho ou morro. Trata tu também de que venha menos gente!

— Tia Vanga, vêm ter contigo americanos, gregos, russos e alemães. Tu não sabes as línguas deles. Como entendes o que dizem?

— Eles falam na língua deles, mas eu percebo o que dizem. Não as palavras, mas os pensamentos, e respondo na minha língua. Alguém traduz o que eu digo.

— Os mortos aparecem-te transparentes?

— Porque haviam de ser transparentes? Vejo-os exatamente como eram — com a altura, a roupa, a cor dos olhos e do cabelo, cicatrizes e outras marcas. Vejo-os a andar...

— E como vês o futuro? Aquilo que ainda não aconteceu?

— Vejo imagens — doença, morte, catástrofe, casamento, filhos, novo emprego... Não importa se é passado, presente ou futuro. Para mim tudo revive tudo do mesmo modo, e eu digo o que vejo, mas de forma a não assustar.

— Como acontece? És tu que chamas a imagem ou vêm sozinhas?

— Eu não chamo nada, vêm sozinhas. Mal a pessoa entra, elas aparecem. Já me aconteceu estar a dormir e uma voz acordar-me. Tenho sono, são duas da manhã, mas a voz manda: vai, vai! Levanto-me, vou, e de facto está alguém à porta. Digo-lhe que vá embora, porque só assim consigo voltar a dormir... Nos dias de festa lá fora tocava música e cantavam, as pessoas estavam alegres. Eu também queria estar no meio do povo, nem que fosse só para ouvir, mas passou alguém e de repente começaram a correr imagens à minha frente, e a voz gritava — diz-lhe isto, diz-lhe aquilo! Não me deixava em paz e eu corri a esconder-me em casa. A voz esgota-me, só em Rupite recupero as forças.

Vida fora da clarividência

Tive oportunidade de espreitar também a vida privada de Vanga.

Gostava de cozinhar e fazer doces. Mexia a comida com uma colher de pau já gasta, sem nunca parar a conversa. Pela casa movia-se com toda a liberdade, como se não fosse nada cega, tirava coisas dos armários da parede, deitava no tacho, mexia e voltava a sentar-se no seu lugar. A conversa às vezes tornava-se azeda, outras vezes brincalhona. Ora: quantas pessoas me mandaram hoje? Se têm assim tantos protegidos e favoritos, então tratem vocês deles! Porque hão de mo empurrar todos a mim?! Outras vezes Vanga queixava-se da idade, do cansaço e dos parentes dela ou do marido que a tinham deixado sozinha.

Como qualquer pessoa, também Vanga tinha as suas fraquezas. Era nervosa e rabugenta, sobretudo quando algum familiar a irritava, o que acontecia com frequência porque muitos abusavam dos laços de sangue. Já a vi, furiosa, de manhã cedo sair disparada para o quintal, agarrar na

vassoura ou no regador e começar a trabalhar no jardim. O tempo passava e as pessoas que esperavam na rua perguntavam timidamente aos guardas quando é que a vidente as ia receber. «Quando ela quiser», respondiam eles. «Ninguém manda nela, não é funcionária pública.»

Vanga não suportava que os guardas usassem o cargo para deixar passar alguém sem fila e repreendia-os à frente de toda a gente; eles, envergonhados, escondiam-se na guarita.

Como criança criada na pobreza, alegrava-se com qualquer presente, por mais pequeno que fosse. O dinheiro que cobrava pelas consultas ia para o orçamento do Estado, e a ela pagavam-lhe apenas um modesto salário. Mas as pessoas traziam-lhe presentes: tecido para uma blusa ou saia, uma toalha, uma caixa de rebuçados...

Uma vez levei-lhe de presente um punhal incrustado que um curandeiro russo lhe mandava. O curandeiro disse:

— A Vanga não sabe proteger-se, toma tudo a peito. Que o pendure na parede atrás das costas! Afasta os maus fluidos e deixa de lhe doer a cabeça.

A vidente aceitou o presente com gratidão. Mas mal tocou no punhal, afastou as mãos como se se tivesse queimado e exclamou:

— Ai, tem eletricidade!

Então expliquei-lhe a missão do punhal.

Vanga detestava que fizessem alarido à volta do seu nome e evitava entrevistas, imprensa e televisão. Depois de o professor Nikola Šipkovenski ter feito um documentário sobre ela, queixou-se:

— Puseram-me na cabeça uma coisa de ferro, acenderam luzes fortes e ligaram máquinas que faziam barulho. Começaram a faiscar luzes na minha cabeça, parecia que ia explodir! Nunca mais permito que façam experiências comigo, nem filmagens! Duas semanas sem conseguir recuperar.

A vidente sabia que era única e tinha uma forte consciência de si própria. Isso permitia-lhe tratar toda a gente por tu, independentemente do cargo ou posição social. Sentia que representava algo superior a todas as hierarquias deste mundo, mas não era vaidosa. Nunca a ouvi gabar-se das

suas capacidades, como fazem muitos que hoje se proclamam seus continuadores. Também nunca lhe ouvi uma palavra de inveja ou maldade quando lhe contavam os sucessos dos outros.

— Que trabalhem e ajudem também! — costumava dizer.

Aconteceu-me encontrar algumas pessoas que, para fazer publicidade, se apresentavam como continuadores da obra de Vanga nomeados por ela. Quando perguntei à vidente se era verdade, respondeu espantada:

— Não sou eu que decido isso. É obra de Deus!

Vanga tratava as pessoas com delicadeza. Vinham ter com ela representantes de várias nacionalidades, com diferentes convicções políticas e religiosas, e ela nunca repreendia ninguém.

Um colega meu da Sociedade Científica do Ateísmo também a visitou, e ela recebeu-o com simpatia:

— Sei que és meu inimigo, mas senta-te aqui e ouve!

Contou-lhe tudo em pormenor sobre a família e o trabalho dele, e o meu colega nem pia deu.

Aos crentes, a vidente mandava-os à igreja ou ao mosteiro rezar a Deus, fazer algum voto sagrado ou oferecer uma refeição de caridade.

Vanga era grande patriota. Não escondia a sua origem macedónia, mas considerava a Macedónia parte da Bulgária e do povo búlgaro. Se alguém perguntava se devia fugir para o estrangeiro, repreendia-o severamente e à frente de toda a gente. Não fez exceção nem com a mãe de Vraca cujo filho fugira para Berlim Ocidental. A essa levou bronca por ter educado mal o filho.

O fenómeno Vanga

Qual é a atitude da ciência perante Vanga e pessoas como ela?

Em geral — negativa. Não só por causa dos preconceitos ideológicos que dominavam na Bulgária, mas em todo o mundo. A base dessa posição é a incompatibilidade entre os métodos e instrumentos racionais de investigação estabelecidos na ciência e as capacidades específicas que Vanga e alguns outros possuíam. Incapaz de dar qualquer explicação, a

ciência recusava-se a reconhecer esses fenómenos como reais, classificava-os como misticismo e superstição e ignorava-os.

Na Antiguidade não era assim. Os sábios dos tempos antigos que se dedicavam à ciência eram ao mesmo tempo sacerdotes e investigadores, astrónomos e astrólogos, médicos e curandeiros da natureza, matemáticos e filósofos... Muitos deles possuíam também dons de supersensibilidade e usavam-nos na prática.

O conhecimento racional só ganhou preponderância depois do Renascimento. Ao obter sucessos vertiginosos nas ciências naturais e na técnica, eclipsou e marginalizou o lado espiritual e esotérico do conhecimento. Mas o conhecimento racional é limitado e unilateral. Procura descobrir o comum e o permanente, aquilo que se repete nas coisas e se reflete em conceitos, categorias, leis. Assim perde-se o único, o emocional e o irracional. As consequências destrutivas dessa unilateralidade tornam-se hoje cada vez mais visíveis.

As capacidades extraordinárias de Vanga tinham outra natureza e caráter. Nelas manifestava-se mais o poético, o musical, o imagético — em resumo, o princípio criador. Essas capacidades eram espontâneas e dinâmicas, não se repetiam nem se submetiam a observação, auto-observação ou análise. Não é por acaso que na Antiguidade eram atribuídas aos deuses e às musas. Vanga chamava-lhes obra de Deus.

Com o instrumental de que dispõe atualmente, a ciência não é capaz de penetrar nas capacidades e fenómenos de supersensibilidade nem de explicar a sua essência. Prova-o também o experimento do professor Šipkovenski. A técnica que usou para registar o encefalograma de Vanga revelou-se tão primitiva que perturbou o funcionamento cerebral da vidente durante duas semanas inteiras. Foi o mesmo que consertar equipamento eletrónico com um martelo. Bem ao estilo soviético!

Nos últimos anos, com o desenvolvimento da microeletrónica e da biologia molecular, começam porém a aparecer cada vez mais cientistas que tentam decifrar o fenómeno do tipo Vanga. Na base colocam a já conhecida interação corpuscular e energético-informativa dos objetos do Universo.

O antigo “éter” foi substituído na ciência moderna pelo “vácuo”. Mas este não é o vazio do senso comum, é um espaço cheio de enorme energia

onde micro-objetos materiais desse campo surgem e se desintegram espontaneamente. A hipótese dos cientistas russos A. Akhatrin e J. Takhtura sobre o gás microleptónico, que tem natureza corpuscular e ondulatória e cuja velocidade supera a da luz, abre a possibilidade de explicar a entrega de informação a pessoas com capacidades fenomenais.

São bem conhecidos os experimentos do cientista americano Bird com plantas. Foram-lhe colocados sensores super-sensíveis que permitiram descobrir que as plantas conseguem receber e emitir informação e reagir correspondentemente aos seres humanos e outros seres vivos.

Vale a pena mencionar também os experimentos do académico russo V. Kaznacheev com células, que demonstraram a troca de informação ao nível celular. Ora, todos os organismos vivos são feitos de células, logo possuem a capacidade de receber e emitir informação — e isso aplica-se também ao ser humano! Porque haveria então de se limitar a obtenção de informação apenas aos órgãos dos sentidos? Essa informação é formulada em palavras, chega à consciência, é clara e precisa, mas refere-se apenas à parte racional da mente. Já a informação obtida das células, armazenada por todo o organismo, é incomensuravelmente maior em volume e diversidade. Não é apreendida pela razão, mas é usada e manifesta-se como intuição e sexto sentido. Essa informação tem um papel especialmente importante em situações de crise e no processo criativo.

A capacidade de receber e usar informação extrassensorial existe em todos, apenas varia em intensidade e depende do grau de sensibilidade do indivíduo. Nos tempos antigos, quando o homem vivia mais perto da natureza, essa informação era-lhe vital. A tribo escolhia as crianças mais sensíveis, dava-lhes formação especial e elas tornavam-se xamãs e sacerdotes. Ainda hoje essas capacidades são mais frequentes entre pessoas próximas da natureza — pastores, marinheiros e habitantes de casas isoladas. Quem vive encerrado em blocos de betão contenta-se sobretudo com os cinco sentidos.

Não é de admirar que a perceção supersensível surja ou desperte após um forte choque. Para Vanga foi o tornado que a levantou no ar e a atirou contra o chão. É digno de nota que a capacidade clarividente se manifeste mais frequentemente em pessoas com baixo nível de instrução e pensamento lógico pouco desenvolvido.

A grande vantagem de Vanga era a enorme capacidade de adaptação. Permitia-lhe, mal o visitante entrava, sintonizar-se rapidamente com a radiação dele e receber informação sobre os problemas que o preocupavam.

Outra particularidade de Vanga era pedir torrões de açúcar. A ciência confirma que não só os seres vivos, mas também objetos inorgânicos emitem e armazenam informação, especialmente quando têm estrutura cristalina. É o caso do açúcar, dos metais nobres, das joias feitas com eles e outros artefactos. Guardam a informação da pessoa que com eles contactou. Por isso Vanga dizia que, mal o visitante entrava ou ela pegava no torrão de açúcar, começavam a aparecer-lhe as imagens.

Sobre os mortos dizia que não desaparecem, mas continuam a existir, aparecem-lhe e falam com ela. A preservação da alma após a morte é reconhecida não só pela religião e pelas doutrinas esotéricas, mas também por muitos cientistas. Hoje ganha cada vez mais força a ideia de que a psique não é apenas a imagem espiritual do homem, mas também uma estrutura energético-informativa relativamente autónoma e estável que não se desintegra imediatamente após a morte do corpo físico. O francês de Chardin e o académico russo Vernadski introduziram o conceito de "noosfera" ou esfera do espírito. É o meio no invólucro terrestre onde se preservam essas estruturas. É possível comunicar com elas, captando as ondas que emitem.

Sobre o futuro, aquilo que ainda não aconteceu, e também sobre o passado, Vanga dizia:

— Não existe passado nem futuro, tudo é um só. Eu vejo-o como se fosse agora.

Não lembra isso a visão do filósofo Immanuel Kant de que as noções de tempo e espaço são criações da mente para as necessidades práticas quotidianas do homem? Do ponto de vista do Universo não têm qualquer significado, pois lá tudo flui constantemente e se transforma.

Tempo e espaço são grandezas relativas também segundo a teoria de Einstein. Dependem da massa, da energia, da velocidade do objeto e da posição do observador. Em escala cósmica, essa compreensão seria considerada quotidiana, tal como a teoria de Newton em comparação com as leis da física quântica.

Foram acumulados factos científicos, observações, teorias e hipóteses suficientes para existir base para criar uma nova imagem do mundo em que haja lugar também para pessoas com capacidades aparentemente milagrosas e sobrenaturais. Refere-se à clarividência, profecia, telepatia, biodiagnóstico e manifestações semelhantes, que pouco a pouco perderiam a sua aura mística e passariam a ocupar o seu lugar entre outros fenómenos da natureza. Na vida quotidiana e nas representações comuns, Vanga era uma santa, mas a ciência via-a como um fenómeno verdadeiramente único, mas natural, que espera ser estudado e explicado.

A falecida Ludmila Zhivkova sugeriu uma vez a criação de um instituto especial da Academia de Ciências dedicado ao estudo desses fenómenos. Foram feitos trabalhos preparatórios, mas a sua morte pôs fim à ideia. Quero sublinhar que na Bulgária só uma ciência renascida, livre dos dogmas marxistas e com um instrumental completamente novo — métodos, meios e técnicas adequados a este tipo de fenómenos — poderia realizar tal projeto.

Estamos à porta de uma síntese entre o conhecimento científico e o esotérico, após a qual se abrirá um enriquecimento mútuo que permita abraçar melhor a inesgotável diversidade da vida. O fenómeno Vanga é um desafio à ciência, que a incita a mudar radicalmente a sua visão e explicação do mundo até agora.